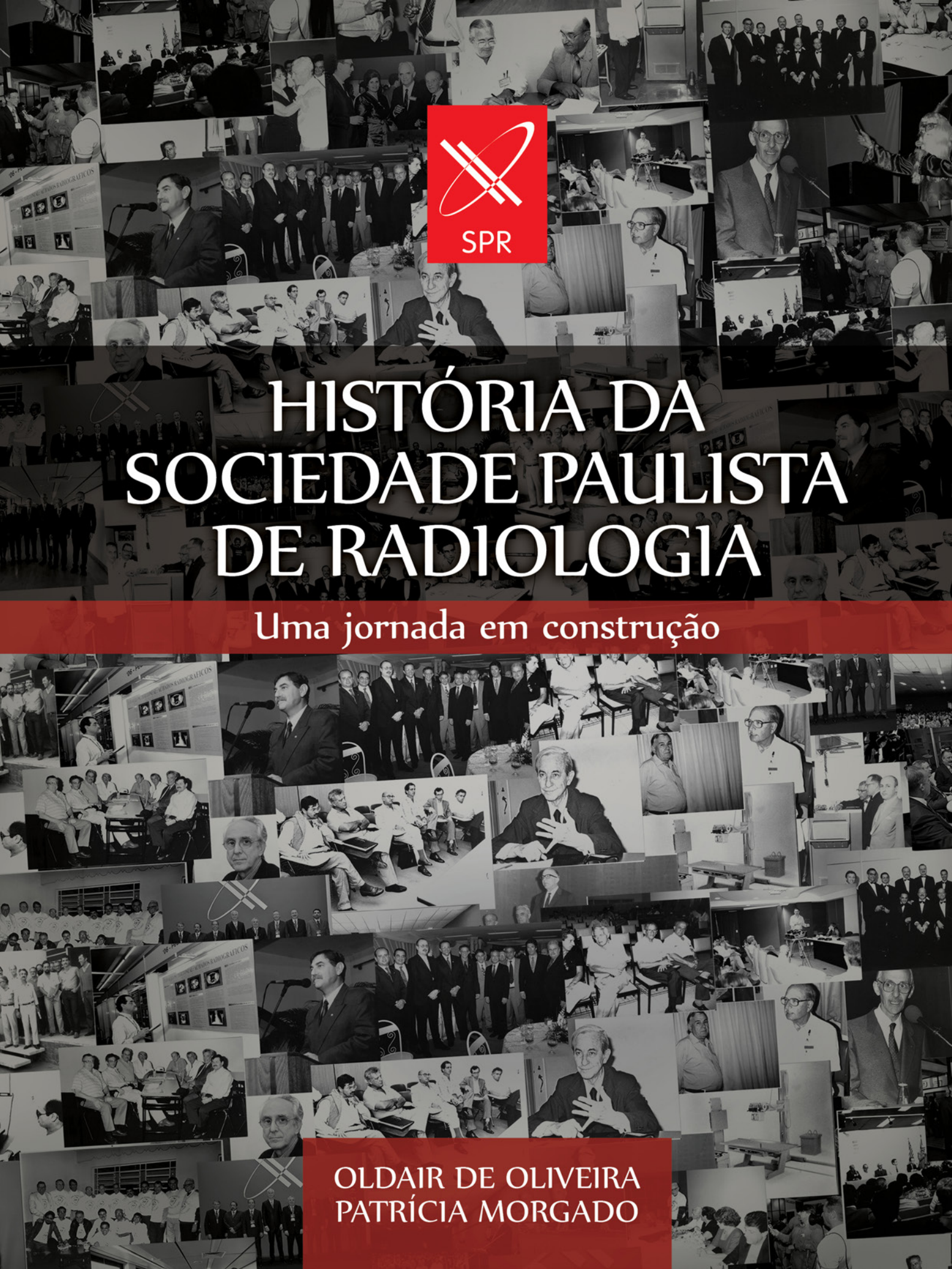


SPR

HISTÓRIA DA SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA

Uma jornada em construção

OLDAIR DE OLIVEIRA
PATRÍCIA MORGADO

HISTÓRIA DA SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA

Uma jornada em construção

Oldair de Oliveira ◈ Patrícia Morgado

São Paulo
2013

SPR

"O Brasil é um país considerado mundialmente como um lugar onde não se cultua a memória e a história. Os povos que souberam preservar sua memória, cultivando seus valores, são hoje os que têm melhor desempenho em cultura e educação. É gritante a diferença de comportamento de um povo com educação, cultura e respeito ao passado."

Luiz Karpovas, em artigo "Radiologia no Rio", no qual elogia um projeto editorial da Sociedade Brasileira de Radiologia voltado ao resgate de sua história.

Esta obra foi idealizada e concebida na gestão 2011-2013 da Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem – SPR

Dr. Ricardo Emile Baaklini – *Presidente*

Dr. Antonio José da Rocha – *Vice-Presidente*

Dr. Henrique Carrete Jr. – *Secretário-Geral*

Dr. Mauro José Brandão da Costa – *1º Secretário*

Dra. Eloísa M. de Mello S. Gebrim – *2ª Secretária*

Dr. Rubens Prado Schwartz – *Tesoureiro-Geral*

Dr. Arilton José dos Santos Carvalhal – *1º Tesoureiro*

Dr. Antonio Soares Souza – *2º Tesoureiro*

Dr. Renato Adam Mendonça – *Diretor científico*

Dr. Jaime Ribeiro Barbosa – *Diretor de Defesa Profissional*

Dr. Romeu José Santini – *Diretor de Patrimônio*

Dr. Carlos Homsi – *Diretor de Assuntos Culturais*

Dr. Osvaldo de Domenicis Jr. – *Diretor de Tecnologia da Informação*

Dr. Cyro Padilha Balsimelli – *Presidente do Clube Roentgen*

Dr. Tufik Bauab Jr. – *Presidente do Conselho Consultivo*

Dr. Nelson Bittencourt – *Presidente do Clube Manoel de Abreu*

Dr. Gustavo Kalaf – *Presidente SPR Jr.*

Diretores do *Jornal da Imagem* – Dr. Aldemir Humberto Soares, Dr. Celso Hiram de A. Freitas e Dr. Cássio Ruas de Moraes

Editores da *Revista da Imagem* – Dr. Jacob Szejnfeld e Dr. Tufik Bauab Jr.

Conselho Consultivo – Dr. Adelson André Martins, Dr. Aldemir Humberto Soares, Dr. André Scatigno, Dr. Celso Hiram de Araújo Freitas, Dr. Giovanni Guido Cerri, Dr. Jaime Ribeiro Barbosa, Dr. José Michel Kalaf, Dr. Luiz Antonio Nunes de Oliveira, Dr. Marcelo D'Andrea Rossi, Dr. Nestor de Barros, Dr. Renato Adam Mendonça e Dr. Tufik Bauab Jr.

Copyright © 2013 Oldair José de Oliveira Morgado. Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, mesmo que parcial, por qualquer meio e processo, sem a prévia autorização escrita dos autores.

ISBN: 978-85-913455-1-9

Editor: Oldair de Oliveira
Coordenação editorial: Patrícia Morgado
Revisão: Ederson Gomes Benedicto
Projeto gráfico e capa: Marco Murta
Editoração: Roberta Bassanetto
Tratamento de Imagens: Diego Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Oldair de
História da Sociedade Paulista de Radiologia : uma jornada em construção / Oldair de Oliveira, Patrícia Morgado. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2013.

Bibliografia
ISBN 978-85-913455-1-9

1. Sociedade Paulista de Radiologia – História 2. Radiologia – Medicina I. Morgado, Patrícia. II. Título.

13-04209 CDD-616.240608161

Índices para catálogo sistemático:
1. Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem : Medicina : História 616.240608161

Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR)

Av. Paulista, 491 – Conj. 41/42 – 01311-000 – São Paulo, SP
Tel. (11) 3284-3988 – Fax (11) 3284-3152
www.spr.org.br

Sumário

Apresentação
Prefácio

1. Certidão de nascimento
A mão generosa do benfeitor
A primeira diretoria
Jornada de Filiação

2. O Clube Roentgen
O grupo pioneiro

3. Clube Manoel de Abreu: os anos dourados da Radiologia
A força de Rio Preto
Expansão e formalização
O apoio das esposas

4. A era Sidney
A casa própria
As vozes da SPR
Vida que segue

5. As jornadas paulistas de radiologia
Jornadas nostálgicas do interior
A hora e a vez da capital
Tempo para crescer
Novos tempos no Transamérica

6. Os cariocas

7. Dos anos 1980 ao século XXI
A troca de guarda
Da profissionalização à internacionalização
Preferência pela educação científica

8. Eles deixaram saudades
As amizades do interior
Os supersinceros
Os letrados
Vida breve

9. Os passos em direção ao futuro

10. Os presidentes da SPR
Jarbas Gomes da Cunha
Feres Secaf
Romeu Santini
José Marcos Pires de Oliveira
Sidney de Souza Almeida
Luiz Karpovas
José Michel Kalaf
Giovanni Guido Cerri
Luiz Antonio Nunes de Oliveira
Jaime Ribeiro Barbosa
Nestor de Barros
Aldemir Humberto Soares
Celso Hiram de Araújo Freitas
Renato Adam Mendonça
Adelson André Martins
André Scatigno Neto
Marcelo D'Andrea Rossi
Tufik Bauab Júnior
Ricardo Emile Baaklini
Antonio José da Rocha

Cronologia
Bibliografia
Crédito das imagens
Sobre os autores

Sobre os autores

Oldair de Oliveira, jornalista e historiador

Mineiro de Umburatiba, é formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2000) e licenciado em História pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009). Entre os trabalhos mais recentes está a biografia *O Mestre das Sombras – um raio X histórico de Manoel de Abreu* (2012), sobre esse médico e radiologista paulistano. No currículo constam ainda passagens pelo antigo Diário Popular (hoje Diário de São Paulo); revista HOSP e Hotelaria, da Editora Suprimentos; MetrôNews; revistas Chiques&Famosos e Universo Masculino, da Editora Símbolo, na condição de editor e editor-chefe; além de colaborações para diversas publicações, incluindo Leituras da História, da Editora Escala.

Patrícia Morgado, jornalista e historiadora

É formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2002) e licenciada em História pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009). Tem passagens pelas redações do Diário Popular (atual Diário de São Paulo), Shopping News, DCI (Diário Comércio e Indústria), Revistas Chega Mais! e Chiques&Famosos, da Editora Símbolo, e revista Bom Gosto em Negócio. Foi a ganhadora, em 2003, 2004 e 2005, do 1º, 2º e 3º Prêmio Fecomercio de Jornalismo, promovido pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP), com as matérias "Alimentação já é 35% da receita dos cinemas", "O varejo invade as academias de ginástica" e "Varejo cria roteiros para vender a turistas", todas publicadas no DCI.

Apresentação

A história de uma entidade é mais que a narração de sua vida corporativa. O seu percurso é, antes de tudo, a trajetória pessoal e profissional daquelas pessoas que ajudaram na sua criação e desenvolvimento. E foi guiado por esse princípio que, aos poucos, foi se revelando a história da Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR), que, em 2013, completa 45 anos de fundação. Para resgatá-la, foi preciso percorrer quase todo o Estado de São Paulo, de Santos a São José do Rio Preto, de Americana a Ribeirão Preto, e ouvir as pessoas que direta e indiretamente contribuíram (e ainda contribuem) para a construção dessa vigorosa história, feita de sonhos, paixões, lutas e conquistas.

Foram cerca de 40 horas de conversas formais sobre o tema, além de tantas outras realizadas informalmente, das quais sempre surgia um elemento novo a ser acrescentado. A isso se somam três leituras, com repetidas consultas, de todo o acervo do *Jornal da Imagem*, veículo da SPR que guarda preciosos registros desde 1978, ano de sua primeira edição, até os dias presentes. Além disso, houve a apreciação dos editoriais da *Revista da Imagem*, de parte do acervo da *Revista Brasileira de Radiologia*, publicação do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR), que viria a ser rebatizada de *Radiologia Brasileira*, além da análise de atas, documentos e de outras referências bibliográficas.

E assim peças atraentes foram descobertas, conhecidas parcialmente por uns, mas que aqui se juntaram como num quebra-cabeça. No final, foi revelado um conjunto de magnífico valor, tanto para aqueles que fazem parte da SPR quanto para os que buscam conhecer um viés da história da Radiologia paulista ou que têm interesse em saber mais sobre um verdadeiro *case* de sucesso, como é a trajetória da Sociedade Paulista de Radiologia.

Nascida da união dos Clubes Roentgen (capital) e Manoel de Abreu (interior), em março de 1968, é o resultado das iniciativas visionárias de profissionais como Raphael Caccese, Rubens Marcondes Pereira, Francisco Lanari do Val, Droctóvio Estevam de Lima Filho, Seth-Hur Cardoso, Feres Secaf, Antônio Ferreira Filho e alguns outros que serão devidamente apresentados nas páginas a seguir. São figuras que, à época, estavam destinadas ao isolamento, seja físico (uma vez que ainda era o tempo dos radiologistas dos porões) seja geográfico, porém que viram numa aliança informal a saída para que não ficassem alijados do mundo.

Dessa forma foi plantada a semente que germinaria e daria origem a uma pujante sociedade científica e que contribuiria para o próprio fortalecimento da Radiologia local. Muitos dos nomes que aqui foram resgatados não são conhecidos da nova geração de profissionais, mas merecem ser dignamente apresentados e reverenciados. Daí a importância desse trabalho, pensado originalmente dentro do edifício Santa Emília, sede da SPR, e que ficou sob a responsabilidade dos jornalistas e historiadores

Oldair de Oliveira e Patrícia Morgado. No clássico *Dom Quixote*, o grande Miguel de Cervantes sentencia que "no hay memoria a quien el tiempo no acabe". Sendo assim, que esta obra sirva de antídoto a essa triste consequência da passagem dos meses, anos e décadas, e preserve incólume parte da história da SPR e daqueles que aqui figuram.

Prefácio

Sobre contar a história de muitas vidas

Desenvolver uma biografia é um trabalho enorme, que exige atenção, cuidado com detalhes e fidedignidade. Quando nós, profissionais da Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR), decidimos, em 2011, contar em livro a história do médico Manoel de Abreu, descobrimos, trabalhando ao lado do jornalista e historiador Oldair de Oliveira, os percalços e obstáculos que surgem diante de um desafio como esse.

Mas tudo indica que gostamos da brincadeira. Em 2012, ao vermos a obra lançada, o orgulho foi enorme e a satisfação com o trabalho realizado é ainda hoje indescritível. Naturalmente, surgiu a vontade, meio que coletiva, de ir além, e contar a história de nossa sociedade, da qual Manoel de Abreu foi e é parte. E ao nos darmos conta de que, em 2013, a instituição chegaria aos seus 45 anos, pensamos: que ótima forma de celebrarmos a data!

Assim, demos início aos trabalhos, mais uma vez contando com o talento de apuração minuciosa e "contação de causos" do Oldair. Demo-nos conta de que essa seria uma tarefa grandiosa, em todos os aspectos – quantidade de pessoas a falar, número de documentos a pesquisar, volume de informações a conferir. Quarenta e cinco anos é um tempo considerável, e as mudanças pelas quais a SPR passou nesses anos foram muitas. Soma-se a isso o fato de vivermos uma era de transformações muito rápidas e incríveis, em que a comunicação e a tecnologia se tornaram ferramentas de todos para informar absolutamente tudo.

E foi assim que compreendemos o que até então nos era desconhecido: contar a história da SPR é contar a história de muita gente, de diversos profissionais do diagnóstico por imagem, não apenas da cidade e do Estado de São Paulo, mas até de médicos espalhados pelo mundo. Foram e são muitos os profissionais que influenciam o modo como a entidade é conduzida, que trabalham juntos para conquistar avanços, que tanto nos orgulham, e que também juntos se unem para superar as dificuldades.

Contar a história da SPR é contar a história de muitas, mas muitas vidas. São centenas, milhares de biografias que se cruzam, se encontram de forma não planejada, às vezes até surpreendente,

e seus resultados vão costurando o enredo da instituição, como em um balé não ensaiado, mas perfeitamente dentro de seu ritmo.

Percebemos também que se tratou de um trabalho perigosamente infinito. Na medida em que se iniciavam as entrevistas, as pesquisas, as sondagens, ficava a dúvida: até onde devemos ir? Quem é a última pessoa neste trecho de história que deve ser ouvida? Onde termina este tema e começa o próximo?

Juntamos forças, contatos, documentos, memórias e buscamos o máximo de interação entre nossa diretoria, ex-presidentes, familiares de profissionais que já não estão conosco, mas que são de profunda importância para essa história, e os, agora, dois redatores envolvidos no trabalho: além do Oldair, a jornalista Patrícia Morgado foi contratada para que o trabalho se concluísse no prazo e com a qualidade alcançada na biografia de Manoel de Abreu. Foram telefonemas, cartas, e-mails, viagens e muita atenção e dedicação deles à nossa causa!

O resultado está agora em suas mãos. São os 45 anos desta sociedade que tanto orgulho e honra nos traz, com muitas imagens e detalhes destrinchados. Mais do que isso, são quatro décadas e meia de histórias de pessoas que acreditaram e acreditam na profissão da radiologia e do diagnóstico por imagem, e que por meio de constante estudo e atualização científica, buscaram e buscam o melhor a seus pacientes, fazendo da especialidade paulista uma das melhores e mais desenvolvidas do mundo.

Mais do que a vida de uma instituição, aqui estão contados trechos de muitas vidas, de profissionais incansáveis e de pessoas firmes em seus propósitos e apaixonadas por suas convicções. Por isso, pedimos mais do que sua atenção com esta obra: pedimos seu carinho e respeito. Aqui estão os 45 primeiros anos de nossa sociedade!

Boa leitura!

Dr. Ricardo Emile Baaklini

Presidente da SPR (2011-2013)

Capítulo 1
Certidão de nascimento

"Não sei se isso chamou a atenção do pessoal de São Paulo, só sei que a partir dessa ideia, que não chegou a ser concretizada, começaram as negociações entre o pessoal do interior e da Capital para a criação do que seria a SPR."

Clóvis Simão Trad, analisando a tentativa do dr. José Marcos Pires de Oliveira de registrar e criar uma sociedade de radiologia para o interior do Estado.

Pedro de Paula Brandão, carinhosamente apelidado de Professor Pardal, foi quem organizou a reunião na cidade de Jaú, onde nasceu a SPR

O salão nobre do Centro Médico da cidade de Jaú, a cerca de 300 quilômetros de São Paulo, estava tomado de radiologistas naquele domingo, 3 de março de 1968. Vindos de lugares diferentes, eles iam, a convite do médico Pedro de Paula Brandão, participar da 27ª reunião do Clube Manoel de Abreu (CMA), como ficou conhecido o grupo de radiologistas que, periodicamente, se reunia no interior do Estado para discutir casos científicos, assistir a palestras e falar sobre os percalços da profissão. Mas, naquele dia, não eram só os médicos do interior que ali estavam. Vários colegas da capital paulista, oriundos do Clube Roentgen (associação similar ao CMA que reunia os profissionais da capital formalmente desde 1959), também marcavam presença. Isto porque aquela não seria uma reunião comum. Naquela data seria oficializado o nascimento da Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR).

Da esquerda para a direita: drs. Romeu Santini, Seth-Hur Cardoso (centro), Jarbas Gomes da Cunha, José Marcos Pires de Oliveira e Feres Secaf no Congresso Brasileiro de Radiologia em Nova Friburgo (RJ), no ano de 1971

No já distante ano de 1968, o Estado de São Paulo contava com pouco mais de 50 radiologistas. E, em momentos diferentes, parte deste montante sentiu necessidade de se unir. Na capital paulista isso aconteceu em 1959, com o nascimento do Clube Roentgen, liderado pelos médicos Raphael Caccese, Rubens Marcondes Pereira e Francisco Lanari do Val. Já no interior, um grupo começou a se formar em 1961, sob iniciativa dos médicos Droctóvio Estevam de Lima Filho, de Tupã, e Seth-Hur Cardoso, de Araraquara. Até aquele domingo de março eram grupos isolados, entretanto já fazia quase dois anos que a distância entre ambos vinha se encurtando, mais precisamente, desde 11 de agosto de 1966, quando os médicos Feres Secaf, Antônio Ferreira Filho e Francisco Lanari do Val, representantes da capital, deram o ar da graça em uma reunião realizada no Instituto Agronômico de Campinas. Tinham uma missão: o estreitamento de laços na busca de fortalecer uma categoria ainda insípida. Sem perder tempo, naquele mesmo dia, Ferreira Filho aproveitou para propor, para fins políticos, a união dos Clubes Manoel de Abreu e Roentgen. "Isso vai dar mais força ao Departamento de Radiologia na APM" – Associação Paulista de Medicina – disse à época. E ele sabia o que dizia. Já era igualmente experiente em função administrativa, tendo inclusive ocupado o posto de presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR), no biênio 1965-1967[1].

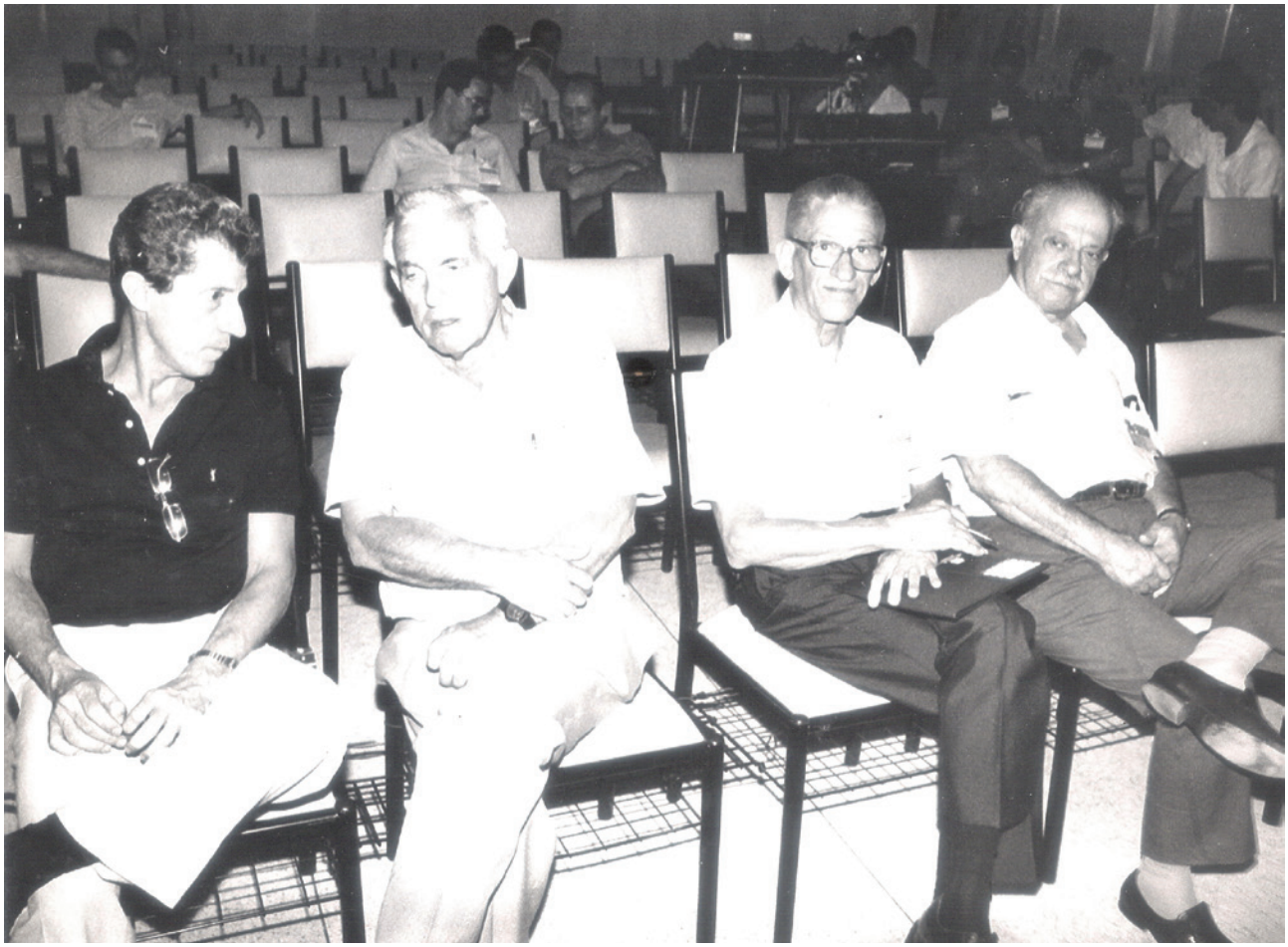
Voltando a 1968, quase dois anos depois daquela reunião, a sugestão de Ferreira Filho finalmente se concretizaria. Naquele encontro de março, ela ganharia a realidade. Contando com

1. No mesmo ano de 1968, Antônio Ferreira Filho, junto com outros colegas, também fundou a Associação Médica Espírita do Estado de São Paulo, da qual também seria presidente.

Dependências da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, por onde passaram alguns dos fundadores da SPR

o anfitrião, o médico Pedro de Paula Brandão, compareceram 25 profissionais de 14 cidades: Seth-Hur Cardoso (Araraquara), Abraham Rothberg (Bauru), Geraldo Uchôa (Catanduva), Lavoisier de França Silveira (Jundiaí), Francisco Trentini (Marília), Arthur Campanhã Affonso (Piracicaba), Paulo Marsiglio (Pirassununga), José Marcos Pires de Oliveira (Rio Claro), Romeu Santini (São Carlos), Gilson Soares de Faria (Ribeirão Preto); Santos foi representada por Jarbas Gomes da Cunha, Caetano Sorrentino e Virgílio Tusi; de São Paulo estiveram presentes Feres Secaf, Francisco Lanari do Val, Marman Lopes Guimarães e Raul Aleixo de Souza; e Campinas, que levou o maior número de participantes, contou com a representação de Altair José Câmera, Hélio Pupo, João Sbragia Neto, José Michel Kalaf, José Ribeiro de Menezes Netto, Renato Rossi e Rubens Marcondes Pereira.

De todos os presentes, o mais novo do grupo era José Michel Kalaf. Mineiro de Araguari, Kalaf pertencia à turma de 1963 da igualmente jovem Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), que, por ocasião do encontro de Jaú, tinha apenas 16 anos de atividade. Mas, a despeito dessa jovialidade, a instituição já se encontrava muito bem consolidada e era respeitada por sua elevada categoria técnico-científica. O mesmo poderia dizer do radiologista, que seria escolhido na



Da esquerda para a direita: Clóvis Simão Trad, Romeu Santini, Pedro Brandão e Apparício de Mello em uma das reuniões do Clube Manoel de Abreu

reunião como primeiro-secretário da nova sociedade, a qual nascia hasteando a bandeira da defesa da profissão e do apoio ao desenvolvimento científico e da dinamização da especialidade.

Kalaf lembra muito bem daquele domingo e do grupo que cortou as estradas paulistas para se encontrar em Jaú. "Poucos eram professores de ciência ou luminares acadêmicos, mas todos tinham capacidade e eram docentes na arte de ensinar Radiologia com autenticidade. Transmitiam seu entusiasmo e despertavam a consciência, motivando e integrando os jovens que lá estavam", conta o médico com certo saudosismo.

Coube a Pedro de Paula Brandão dar as boas-vindas e, embora fosse de conhecimento de todos, explicar o motivo daquela reunião. Dono de uma personalidade dinâmica, este especialista se tornaria, tempos depois, um dos mais conhecidos e queridos radiologistas de outrora. E ficaria conhecido carinhosamente como "Professor Pardal", por ora criar ora modificar acessórios que facilitavam a

rotina da profissão. Em um tempo em que era difícil ter acesso a tais equipamentos, Brandão utilizava-se de sua criatividade desprovido de qualquer interesse comercial, uma vez que usava muitas das reuniões para presentear os amigos e colegas com as suas criações.

Sem mais delongas, Brandão abriu a reunião e expôs aos colegas sobre a necessidade da criação da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), antiga aspiração dos radiologistas de São Paulo. Entretanto, seu discurso apenas ressaltava o que todos sabiam: que aquele seria apenas um evento de formalização, uma vez que, em encontros anteriores entre os membros dos dois clubes (capital e interior) já se havia decidido pela união de forças. Por outro lado, a iniciativa atendia igualmente à solicitação do respeitado médico Abércio Arantes Pereira, do Rio de Janeiro, que, como presidente do CBR, fomentou a ideia de que os Estados da federação criassem suas próprias sociedades regionais e que essas se filiassem ao Colégio. Naquela altura, já passados 20 anos de sua criação, o CBR tinha apenas como filiadas as Sociedades do Estado da Guanabara (Rio de Janeiro), Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará. Daí a necessidade de ampliar sua abrangência nacional.

Diante desses antecedentes, sem maiores cerimônias, foi lido e aprovado aos presentes em Jaú os termos estatutários da SPR[2], passando em seguida para a eleição de sua primeira diretoria. Era de entendimento de todos que ao colega Feres Secaf ficasse reservado o cargo de presidente. Mas ele gentilmente abriu mão dessa prerrogativa.

A mão generosa do benfeitor

Às vésperas da criação da SPR, Feres Secaf já era um ícone entre os colegas. Seu nome estava grafado entre os fundadores do Colégio Brasileiro de Radiologia, se destacava como profissional e era admirado como um empresário de mão cheia, cuja visão de futuro parecia inconcebível a muitos de seus contemporâneos. Prova disso é que, quando o Serviço de Radiodiagnóstico da Escola Paulista de Medicina foi transformado em disciplina do Departamento de Medicina, em 1965, ele se torna seu primeiro chefe e, ao lado do sócio, Antonio dos Santos Clemente Filho, é conduzido à condição de responsável pelo serviço de raios X deste departamento.

O médico era admirado e tido como uma espécie de mecenas da radiologia. Quando, em 1967, o CBR deixou as dependências do consultório do doutor Mathias Octávio Roxo Nobre foi de Secaf a iniciativa de instalar a entidade nacional no número 1.009 da Avenida Paulista. No mesmo prédio, no 14º andar, estava uma de suas empresas, a Dínamo Corretora de Câmbio e Valores Imobiliários.

---

2. Somente em 25 de outubro de 2002, durante assembleia que aconteceu dentro do XXXI Congresso Brasileiro de Radiologia, é que a entidade mudou sua razão social para Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, mantendo a mesma sigla que a caracteriza desde sua fundação.

1.º Registro de Títulos e Documentos
Cartório "Dr. Arruda"

ATA DA REUNIÃO DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA

No dia 03 (treis) de março de 1968 reuniram-se na cidade de Jaú numa das dependências do Centro Médico Local os radiologistas abaixo assinalados para a criação de uma sociedade civil de âmbito estadual representativa da especialidade e filiada ao Colégio Brasileiro de Radiologia orientando-se de acôrdo com suas normas.

Presentes os seguintes rediologistas: Vergilio, Jarbas, Trentini Brandão, Menezes, Raul, Marsiglio, Campanha, Vehôa, Abrão, Marman, Pupo, Lavoisier, Santini, Altair, Pires, Rubens, Pereira, Sbraggia, Seth-Hur, Lanari, Kalaf, Gilson, Pupo e Rossi.

Inicialmente falou o Dr Brandão sobre a necessidade de criação da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) antiga aspiração dos Radiologistas do Estado de São Paulo cujos nucleos o Club Manoel de Abreu e o Club Roentgen estariam assim definitivamente enquadrados nas normas de filiação do Colégio Brasileiro de Radiologia, filiação esta que fará na proxima Jornada Fluminense de Radiologia na cidade de Petrópolis em Abril proximo.

A SPR entidade representativa do Estado de São Paulo junto ao CBR terá suas diretrizes de acôrdo com o CBR e seus estatutos similares ao do CBR caracterizam suas finalidades que são: dinamização da especialidade radiológica com reuniões mensais, promoção e divulgação da Radiologia estadual, estandes de metôdos de exame especializados, elevação e defesa da especialidade de acôrdo com o código de ética, profissional.

A SPR congregará em seu seio todas as demais entidades de classe especializada no estado e será o porta-voz e legitimo representante do CBR.

Uma vez feita a leitura dos estatutos foram os mesmos aprovados por maioria absoluta tendo sido, eleita a sua primeira diretoria assim constituida:

Presidente: Dr Jarbas Gomes da Cunha
Vice-Presid: Dr Antonio Ferreira Fo
Secretário: Dr José Michel Kalaf
2º Secretário: Dr Francisco Trentini
Tesoureiro: Dr Feres Secaf
2º Tesoureiro: Dr Francisco Lanari do Val.

Ficou decidido que a SPR promoverá a impressão de seus estatutos que serão distribuidos aos varios colegas e entidades de classe dentro de um menor prazo possível a SPR terá vida jurídica com registro e documentação oficial.

ADENDO: No dia 12 de abril de 1968, numa das salas da Quitandinha em Petrópolis, reuniram-se os membros da Diretoria da SPR que decidiram realizar a primeira rodada da SPR nos dias 18 e 19 de maio proximo com a seguinte progamação: Dia 18 às 17:00 horas, " Erros em diagnostico na Radiologia Toraxica", Dr Amarino de Oliveira, Dia 19 pela manhã reunião habitual do Club Manoel de Abreu, ficou decidido também que a primeira jornada da Sociedade Paulista Radiologia deverá se realizar em meados de Novembro deste ano em São Paulo, para tal se fará comunicação oficial ao CBR.

Fica, pois claramente estabelecido e definido nesta ata, que os radiologistas assinalados anteriormente estabelecem uma Sociedade Paulista de Radiologia, elegem sua primeira Diretoria e aprovam em sua intrega os estatutos apresentados sendo que fica a disposição dos interessados uma cópia com a Rubrica dos presentes.

A presente diretoria tomou posse imediatamente dando início aos trabalhos regulamentares de natureza cientifica, a presente diretoria, exercerá seu mandato por 01 (hum) ano de acôrdo com os estatutos.

Qualificação dos membros da diretoria:

Presidente: Dr Jarbas Gomes da Cunha, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em Santos, Av. Ana Costa 361

Raro documento que registra o instante de nascimento da entidade paulista, em 3 de março de 1968

1.º Registro de Títulos e Documentos
Cartório "Dr. Arruda"

Vice Presidente: Dr Antonio Ferreira Fo, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em São Paulo, Viaduto Nove de Julho 181_3º Andar.

Secretário : Dr José Michel Kalaf, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em Campinas Rua Riachuelo 200 apto 702.

2º Secretário Dr Francisco Trentini, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em Marília, Av Rio Branco nº 686

Tesoureiro: Dr Feres Secaf, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em São Paulo-Av. Paulista 491_ 1º Andar.

2º Tesoureiro: Dr Francisco Lanari do Val, casado, médico radiologista, brasileiro, com residencia em São Paulo a Rua Itacolomi 601 Cj 23

Nada mais havendo a relatar, eu secretário encerro a presente ata que deverá ser lida e aprovada por todos.

A presente é copia fiel da "ATA DA REUNIÃO DA SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA" Lavrada no Livro de Ata nº. 1 fôlhas nº 1 à 3.

DR. SIDNEY DE SOUZA ALMEIDA PRESIDENTE

Sidney de Souza Almeida

São Paulo, 21 SET. 78

Em Testemunho da verdade.

Encontro entre os drs. Feres Secaf (à esquerda) e Nicola Caminha (de óculos), ícones da Radiologia nacional

Pouco tempo depois, ajudou a levar a sede do Colégio para o nono andar do número 491 do mesmo logradouro. Era ali que funcionaria inicialmente a SPR, dentro das instalações do Colégio. E assim, como um adendo da entidade nacional, esta filiada permaneceria por uma década, até que tivesse condições de ter uma casa própria.

O empreendedorismo e o pioneirismo eram algumas das características mais marcantes de Secaf. Nascido em 20 de abril de 1916, era filho de imigrantes libaneses, que chegaram ao Brasil no início do século XX. Natural em Ribeirão Preto (SP), só mudou para a capital paulista em 1939, quando começou a sua graduação na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Sua relação com a radiologia inicialmente se deu no consultório do tio, Nagib Khalil Scaff[3] (1887-1955), o primeiro médico libanês a se estabelecer em São Paulo e que, ao lado de Walter Seng e Raphael de Barros, tem seu nome escrito entre os pioneiros da especialidade paulistana.

Depois de se formar em Beirute e se especializar em Paris, Scaff chegou a São Paulo, onde, em 1917, prestou os exames necessários e se habilitou para clinicar. Coube a ele montar o primeiro consultório de radiologia da cidade. Para isso, entrou ele próprio em contato com empresas francesas e contratou a importação dos equipamentos, cuja montagem e instalação cuidou de supervisionar.

Com esse histórico familiar, parecia natural que Secaf optasse pela radiologia. Mas, foi na condição de clínico – uma vez que, à época, a Radiologia era parte da Clínica Médica – que, em 1952, a convite do professor Jairo de Almeida Ramos, iniciou seu trabalho na Escola Paulista de Medicina (EPM) como professor adjunto do Departamento de Medicina, vínculo que manteria até a sua morte. Naquele mesmo ano, firmou outra parceria para a vida inteira, ao se casar com Lur Sadi Secaf.

Dois anos depois abriu com o amigo Antonio dos Santos Clemente Filho uma clínica, a Unidade Radiológica Paulista (URP), na Rua Barão de Itapetininga, o endereço dos médicos na São Paulo de outrora. No entanto, quando o fluxo econômico da cidade começou a migrar do centro para a região da Avenida Paulista, foi um dos primeiros a levar seu consultório para a parte mais alta da cidade.

"Meu pai era um visionário. Muito tempo antes ele dizia que a Radiologia ia ser a especialidade médica mais importante do futuro e que nenhum médico ia conseguir fazer o diagnóstico sem ela", afirma o médico Marcelo Secaf, lembrando do dia em que o pai apresentou a ele uma tomografia do abdome de um suíno. Segundo Marcelo, que também optou pela área, Feres percebeu precocemente que a tecnologia avançava muito mais rápido a favor da Radiologia e soube sempre acompanhar essas mudanças.

---

3. Por um problema de transliteração do idioma árabe, os sobrenomes de Feres e Nagib foram grafados de forma diferente, embora, originalmente, tenham o mesmo nome de família.

"Meu pai era um visionário. Muito tempo antes ele dizia que a Radiologia ia ser a especialidade médica mais importante do futuro e que nenhum médico ia conseguir fazer o diagnóstico sem ela."

Marcelo Secaf, sobre a percepção que o pai, Feres Secaf, tinha da Radiologia.

Feres Secaf após cerimônia de entrega da comenda da Ordem do Mérito Médico, em 18 de outubro de 1988. Na foto, o especialista se encontra entre o então Ministro da Saúde Luiz Carlos Borges da Silveira e Walter Messa

Antonio dos Santos Clemente Filho, formando da turma de 1945 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e um dos fundadores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de São Paulo

A primeira diretoria

Ao abrir mão da presidência, Feres Secaf deixou claro quem era o seu favorito para assumir a presidência: o mineiro de Uberaba, Jarbas Gomes da Cunha. E a escolha não foi aleatória. O médico, que desde 1947 trabalhava em Santos, era um dos mais experientes entre aqueles que estavam reunidos em Jaú. Havia se formado em 1934 pela Universidade Federal de Minas Gerais (com apenas 22 anos), atuado por dez anos como clínico e cirurgião geral na cidade de Teófilo Otoni (MG) e se especializado em Radiologia na Santa Casa de São Paulo, no serviço do professor Manoel de Abreu Campanário.

Depois de estágios periódicos em São Paulo, o uberabense mudou-se para a capital, em 1945, com o objetivo de se aperfeiçoar em radiologia, no mesmo serviço do professor Campanário. Dois anos mais tarde, desceu a serra em direção à Baixada Santista, depois que o amigo Alípio Correia Neto o indicou para o então diretor clínico da Santa Casa local, o médico José Carlos de Azevedo, mais conhecido como João Português. Aos 35 anos e com experiência comprovada, tinha outro convite para voltar à sua cidade natal, mas achou mais interessante a possibilidade de se mudar para Santos.

Ali abriria, pouco tempo depois, seu modesto consultório, na Rua Amador Bueno, até se mudar em definitivo para o primeiro prédio construído na Avenida Ana Costa, local onde o consultório ainda existe e é comandado pelo genro, o também médico Mário João Ferrario Porto. Para fazer companhia ao dr. Jarbas no comando da SPR, foi eleito o médico Antônio Ferreira Filho, que, embora fosse um dos mais atuantes, não estava presente naquele encontro de formalização.

No entanto, muito antes mesmo do sonho de uma Sociedade Paulista de Radiologia já existia um projeto embrionário no interior do Estado de São Paulo. A ideia, segundo Clóvis Simão Trad, de Ribeirão Preto, vinha sendo defendida por José Marcos Pires de Oliveira, de Rio Claro. "Doutor Pires fez uma tentativa para registrar o clube e criar uma entidade, uma sociedade para o interior do Estado, pois não havia nenhuma oficial em São Paulo. Não sei se isso chamou a atenção do pessoal da capital, só sei que a partir dessa ideia, que não chegou a ser concretizada, começaram as negociações entre eles e o grupo do interior para a criação do que seria a SPR", salientou.

Radiologista da escola de Nicola Caminha e político por natureza, Pires, como era chamado pelos colegas, nasceu em São Paulo e era da sétima turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Formou-se em 1963 e, naquele mesmo ano, viajou para o Rio de Janeiro com a esposa Maria Helena, onde se especializou com o grande professor da época. Trabalhava no Hospital Universitário Pedro Ernesto e no Hospital Geral do Rio de Janeiro. Neste último, uma instituição do Exército Brasileiro, conquistou a patente de tenente. O período da noite era reservado para o seu curso. "O dr. Caminha abria o consultório dele à noite para o José Marcos ver as imagens e estudar. Meu marido fazia isso

Pioneiros e fundadores: a partir da esquerda, na primeira fileira, os drs. Antônio Ferreira Filho, José Marcos Pires de Oliveira, Geraldo Uchôa, Pedro Brandão; na segunda fileira, os drs. Jarbas Gomes da Cunha, Francisco Lanari do Val, José Michel Kalaf e Francisco Trentini

sozinho, de forma autodidata. Quando podia, Caminha ficava com ele, mas na maior parte do tempo estudava sozinho", lembrou Maria Helena.

Em um congresso de radiologia realizado na Cidade Maravilhosa, no Hotel Glória, Pires conheceu Rubens Savastano, que o convidou para ir trabalhar em São José dos Campos. Aceitou o convite e, em 1965, já estava atuando na cidade do Vale do Paraíba. Ali ficou por dois anos, até que, durante uma viagem para São Simão (onde morava a família), resolveu entrar em Rio Claro. Gostou da cidade. Procurou a Santa Casa local e descobriu que não tinha nenhum radiologista no município. Naquele mesmo dia o provedor lhe fez uma proposta de emprego, que imediatamente foi aceita. "Ele vinha de uma família de fotógrafos e brincava que não fugiu de tal sina, uma vez que se tornou fotógrafo do corpo humano", relembrou a viúva[4]. Na sua jornada profissional, acabaria presidente do Clube Manoel de Abreu (1971-1972), da SPR (por dois mandatos, entre 1972 e 1975) e secretário-geral do CBR (1973-1975). Além disso se tornaria o vereador mais votado de Rio Claro no pleito de 1976 e conquistaria 32.027 votos como candidato a deputado estadual na eleição de 1982.

4. José Marcos Pires de Oliveira faleceu em 30 de janeiro de 2001, aos 63 anos, depois de ter sido vítima de um acidente doméstico.

Se a ideia de Pires não prevaleceu, serviu pelo menos para aproximar interior e capital e dar lugar a um projeto maior. De acordo com o médico Celso Hiram de Araújo Freitas, depois que começaram os entendimentos para juntar os Clubes Roentgen e Manoel de Abreu, os colegas Secaf e Ferreira Filho passaram a aparecer com frequência às reuniões no interior. "Lembro-me de uma reunião em Araraquara, com a presença dos dois, quando praticamente foi lançada a pedra fundamental da SPR", diz o ex-presidente da entidade, no biênio 1997-1999. "Essas pessoas, e incluo também o professor Apparício de Mello, estavam mais ligadas a nós. O interior dava aquele eleitorado de prestígio e eles tinham a cátedra", completou Hiram. Ao lado deles, vale completar, trabalharam ainda outros médicos célebres, com destaque para Paulo de Almeida Toledo (da Faculdade de Medicina da USP), José Maria Cabello Campos (Santa Casa de São Paulo) e o próprio Pedro de Paula Brandão[5].

A Jarbas e Ferreira Filho se juntaram ainda, na direção da SPR, o já mencionado Kalaf, como primeiro-secretário; Francisco Trentini, o dr. Chiquinho, de Marília, como segundo-secretário; Feres Secaf, a quem foi dado o cargo de primeiro-tesoureiro de uma entidade pequena e sem verbas; e Francisco Lanari do Val, de São Paulo, na condição de segundo-tesoureiro. A esse grupo de seis pessoas, que em Jaú mesmo tomou posse, foi dada a missão de zelar paternalmente por um ente que, como todo recém-nascido, era frágil e dispensava uma série de cuidados. Eleita para um período de um ano, aquela diretoria seria reeleita por igual período, em reunião do Clube Manoel de Abreu de 3 março de 1969, realizada em Campinas. A solicitação, feita e defendida pelo professor Cabello Campos, foi aceita de forma unânime.

Jornada de Filiação

Fundada a SPR, era o momento de atender ao pedido do dr. Abércio e filiar-se oficialmente ao Colégio Brasileiro de Radiologia. O encontro foi marcado para a cidade de Petrópolis (RJ), dentro de uma Jornada Brasileira de Radiologia, como era então denominado o principal evento científico promovido pelo CBR. O palco para a cerimônia foi o imponente Hotel Quitandinha.

O Quitandinha, que ainda hoje pode ser visto e apreciado na cidade, foi inaugurado em fevereiro de 1944, destinado a ser o maior hotel-cassino da América do Sul. Com fachada externa na qual predomina o estilo germânico e ambientes internos decorados por Dorothy Draper, famosa *designer* de interiores norte-americana, foi durante algum tempo o preferido de políticos e celebridades. No entanto, o som de suas roletas e das fichas havia se calado desde 31 de janeiro de 1946, quando o

5. Paulo de Almeida Toledo e José Maria Cabello Campos foram homenageados na 10ª JPR, de 1980, quando o primeiro recebeu o título de sócio honorário e o segundo foi escolhido como patrono do evento.

governo do general Eurico Gaspar Dutra proibiu o jogo no Brasil. Desde então, seus proprietários procuraram apostar também nos eventos para manter o estabelecimento funcionando.

Foi ali, nos amplos salões do Quitandinha, que se reuniram centenas de radiologistas para aquela que ficou conhecida como a "Jornada de Filiação". Naquela oportunidade, dez novas regionais se integraram ao Colégio. Além da Sociedade Paulista, juntaram-se também ao CBR as de Alagoas, Bahia, Brasília, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná e Rio de Janeiro. Era 12 de abril de 1968, exatos 40 dias passados desde a reunião de Jaú.

Naquele mesmo dia, os diretores paulistas reunidos em Petrópolis deliberaram pela realização de uma primeira rodada científica da SPR, reservando inclusive uma data para tal. Tinham urgência de organizar algo em nome da nova entidade. Julgaram que seis semanas seriam suficientes e agendaram o encontro para 18 e 19 de maio (sexta-feira e sábado), na cidade de Santos. O primeiro dia ficou reservado para o médico Amarino de Oliveira, que, às 17h, começou a sua palestra sobre "Erros em diagnóstico na radiologia torácica". Na manhã do dia seguinte, ainda dentro dos eventos daquela rodada, aconteceu uma reunião do Clube Manoel de Abreu, que, tradicionalmente, já se congregava mensalmente desde a primeira metade da década de 1960, em alguma cidade do interior de São Paulo.

Em Petrópolis, conforme adendo à ata de reunião da fundação da SPR, ficou igualmente decidido pela realização de uma Jornada Paulista de Radiologia ainda naquele mesmo ano de 1968. Acabou acontecendo de fato entre os dias 13 e 17 de novembro, no salão nobre da Faculdade de Medicina da USP. Para supervisionar o evento, que contou inclusive com exposição de produtos de empresas nacionais e estrangeiras, foram escolhidos os professores Cabello Campos, Paulo de Almeida Toledo, Walter Bonfim Pontes e Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães.

Um dos destaques foi o colóquio inaugural do professor Euryclides de Jesus Zerbini, que, às 21h do dia 13, falou sobre o "Uso da radiologia na avaliação das moléstias cardiovasculares". O cardiologista estava no auge de sua glória por ter se tornado, em maio daquele mesmo ano, o primeiro médico do Brasil (e o quinto do mundo) a realizar um transplante de coração. Outro bom momento daquela jornada foi o Curso Oficial, cujo tema foi "Radiologia do Coração", e que ficou sob a responsabilidade de Darcy de Oliveira Ilha, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul (atual UFRGS), de Porto Alegre. Graduado em 1946 e com duas passagens (1954 a 1965 e 1962 a 1963), pelo Hospital Karolinska, de Estocolmo (Suécia), o médico já era uma dos mais destacados radiologistas nacionais, tendo, entre outros feitos, introduzidos no Brasil a angiopneumografia e a angiocardiografia intravenosa.

O resultado geral foi extremamente satisfatório. Aquela primeira jornada contou com a participação de 130 profissionais, inclusive de outras regiões do País, e gerando um saldo positivo de NCr$

Jarbas Gomes da Cunha (centro) é homenageado, em 1978, com a medalha do Mérito Médico, no Paço Municipal de Santos. Ao lado, a esposa Tarsila, companheira de toda a vida

10.000,00 (dez mil cruzeiros novos[6]), algo próximo a R$ 13 mil (ou cerca de US$ 6,85 mil)[7]. Era um *début* animador e uma demonstração de que aqueles pioneiros estavam no caminho certo. Estava plantada ali uma semente que germinaria tempos mais tarde, cujos resultados se dariam na forma de eventos tão interessantes quanto indispensáveis por agregar um alto valor científico. Contudo, a jornada estava apenas no início.

---

6. O Cruzeiro Novo (NCr$) foi a moeda oficial do Brasil entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970. Substituiu o Cruzeiro, àquela altura depreciado por conta da inflação.

7. A correção foi feita com base na Tabela de Atualização de Valores da Receita Federal (disponível em www.receita.fazenda.gov.br/aliquotas/tabAtuBensDir.htm) e com o auxílio da Calculadora do Cidadão, ferramenta do Banco Central do Brasil (disponível em https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores).

A partir da esquerda: Geraldo Guerreiro, Paulo Eugenio de Souza Lobo, Juracyr do Amaral (Kodak), Feres Secaf, Manços Chastinet Filho e Rafael Lima Filho, durante encontro na URP

O estudante José Marcos Pires de Oliveira e a mãe, Iracy Zerbetto, em evento na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

O libanês Nagib Khalil Scaff, tio de Feres Secaf, e o paulistano Raphael de Barros: dois dos pioneiros da Radiologia em São Paulo

A partir da esquerda: José Michel Kalaf, Tarsila e Jarbas Gomes da Cunha e José Maria Cabello Campos, durante a JPR de 1968

Capítulo 2
O Clube Roentgen

"Foi tudo meio na brincadeira, mas todos aderimos à ideia e nos lançamos ao trabalho de atrair os colegas mais próximos para o clube. E eu fui nomeado presidente por mim mesmo!"

Francisco Lanari do Val, criador dos estatutos do Clube e seu primeiro presidente.

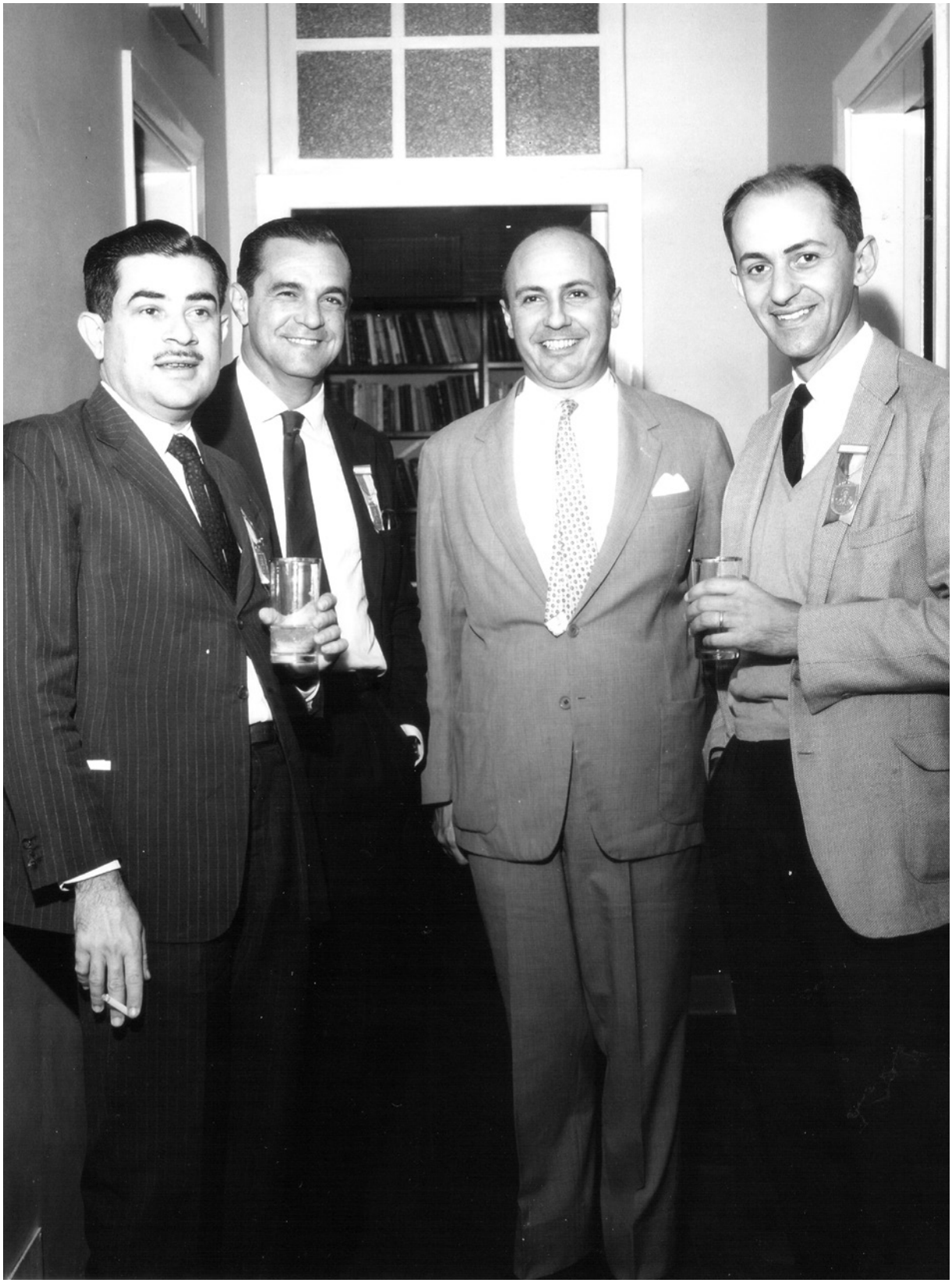
"O Apparício chegava, sentava em um canto e ficava tomando a cerveja e o chope dele, que eram sempre bem gelados, isso era algo que ele exigia. E ali ele ficava dando os chutes e palpites dele."

Gentil Isidoro Nepomuceno, representante comercial que, desde o início dos anos 1970, acompanhou todas as reuniões do Clube Roentgen.

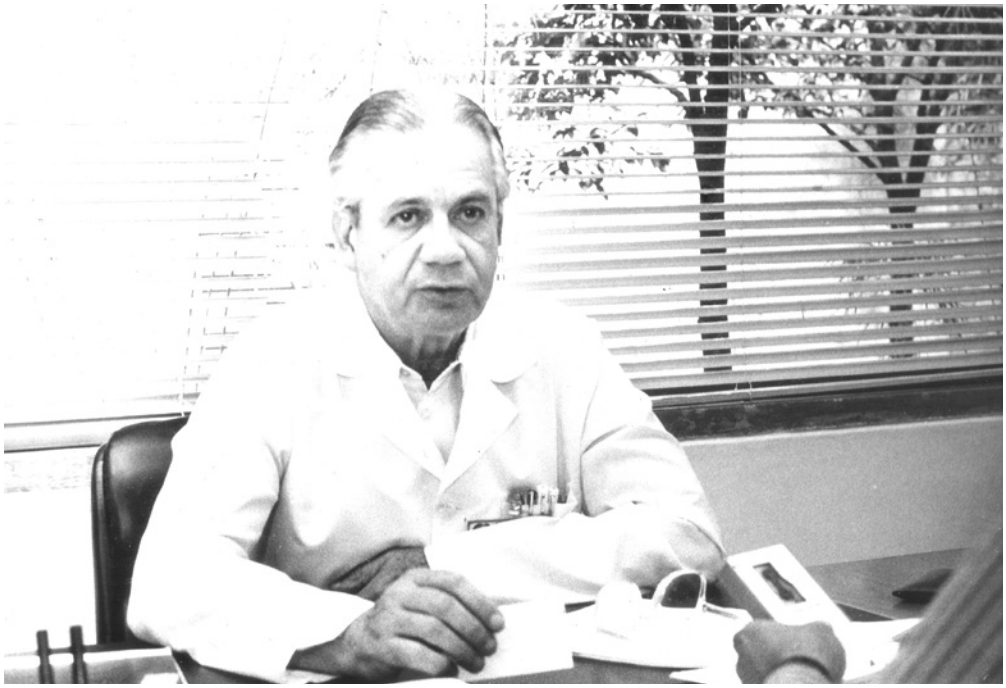
A experiência de Rubens Marcondes Pereira (à esquerda) e Raphael Caccese nos Estados Unidos foi essencial para a fundação do Clube Roentgen

No início de 1958, os radiologistas Rubens Marcondes Pereira e Raphael Caccese se reuniram informalmente com alguns amigos em um barzinho próximo à sede da Associação Paulista de Medicina (APM), em São Paulo. Após passarem quatro anos em Buffalo, nos Estados Unidos, ambos tinham muitos casos e histórias para contar. E assunto era a única coisa certa que não faltaria. Residentes do cirurgião e professor Edmundo Vasconcellos (1905-1992), conseguiram, em 1953, bolsa de estudos para cirurgia na Universidade de Buffalo. Chegando lá, porém, descobriram a Radiologia e mudaram, por conta própria, os planos previamente traçados dentro da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Ficaram em terras estrangeiras até 1957, onde também passaram um período no General Buffalo Hospital. E agora, de volta ao Brasil, estavam, aos poucos, dando um novo rumo para as suas vidas.

Rubens – ou Rubico para os mais próximos – nasceu em 1º de fevereiro de 1929 em Campinas. Depois de voltar da residência nos Estados Unidos, ficou apenas dois meses no Hospital das Clínicas (HC) da FMUSP. Ao mesmo tempo, atendia no Instituto de Gastroenterologia de São Paulo. Em 1960 deixou a capital e rumou para sua cidade natal, onde, inicialmente, trabalhou na Clínica Santo Antônio, Clínica Eduardo Lane e no Centro Médico de Campinas. Em 1968, foi convidado para organizar o Serviço de Radiologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Naquele ano, foram instalados dois aparelhos de raios X para exames das extremidades no antigo Pavilhão de Isolamento da Santa Casa. Aquele espaço, inicialmente vinculado à Clínica Médica, seria o seu novo endereço de trabalho.



Climério, José Hermílio Guerreiro, Carlos Cassinelli e Francisco Lanari do Val durante apresentação da reveladora automática Kodak, na Unidade Radiológica Paulista



O prof. dr. Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães foi eleito secretário na primeira diretoria do Clube Roentgen

Já o paulistano Caccese, nascido em 12 de fevereiro de 1926, depois de trabalhar no Hospital Samaritano, Santa Edwiges e com o próprio Francisco Lanari do Val, acabaria voltando para Buffalo, onde casou com uma americana, que era divorciada e tinha uma filha. Acabou se fixando por um curto período de tempo com a família em Barretos, depois que um deputado local e colega de turma lhe fez o convite para ir para lá. "A mulher de Raphael não se adaptou ao nosso País e então eles voltaram para os Estados Unidos, dessa vez em definitivo. No entanto, ele visitava todos os anos o Brasil e, nestas vindas, sempre almoçava em casa", salienta André Scatigno Neto, médico e primo de Caccese.

Naquele ano de 1958, faziam companhia a Caccese e a Rubens, à mesa daquele barzinho, os médicos Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães (este último, anos depois, fundaria o Instituto de Radiologia do HC e nele implantaria o Setor de Radioterapia), e os paulistanos Afonso Vitule Filho e Francisco Lanari do Val. E foi entre assuntos corriqueiros e amenidades que os recém-chegados perguntaram:

— Escuta Lanari, não tem clube de Radiologia aqui? Nos Estados Unidos todo mundo pertence a um clube; aqui não tem nada? Vamos fundar um clube?

Até aquele momento, ainda não existia em São Paulo uma associação na linha de um clube, que congregasse os radiologistas locais, embora já estivessem estabelecidos a Sociedade Brasileira de

Os drs. Francisco Lanari do Val (esquerda) e Feres Secaf (último à direita) se encontram em evento promovido pela SPR, em julho de 1979

Radiologia e Eletrologia, fundada no Rio de Janeiro em 1929; o Colégio Brasileiro de Radiologia, ativo desde maio de 1948, e o Departamento de Radiologia e Eletricidade Médica da APM, criado segundo o modelo academista francês. Entretanto, o que aqueles dois "americanizados" estavam propondo soava diferente, por fundir parte científica com momentos de confraternização e lazer. Parecia bom, tão bom que decidiram ali mesmo, de maneira totalmente informal e improvisada, criar um clube com aquelas características e batizá-lo com o nome do descobridor dos raios X.

"Foi tudo meio na brincadeira, mas todos aderimos à ideia e nos lançamos ao trabalho de atrair os colegas mais próximos para o clube. E eu fui nomeado presidente por mim mesmo!", conta Francisco Lanari do Val, a quem foi dada a incumbência de criar os estatutos da nova entidade.

Filho de italianos e nascido na cidade de São Paulo, em 1923, Lanari era um clínico formado em 1948 pela Escola Paulista de Medicina (EPM) e que, como muitos outros, foi fisgado pela Radiologia. Quem indicou a ele essa especialidade foi o ilustre cirurgião José Ayres Netto, que, durante uma punção de cirrose biliar em uma tia de Lanari, perguntou ao jovem que caminho desejava seguir na medicina. Ao saber, aconselhou o jovem e deu as coordenadas:

Lanari (centro) era o responsável por levar o negastoscópio nas primitivas reuniões do Roentgen, que eram regadas a cervejas e caipirinhas

— Presta atenção, Francisco! Se você for clínico vai precisar de pelo menos uns dez anos para conseguir uma carteira de pacientes. Por que não faz Radiologia? Estamos precisando de radiologistas na Santa Casa e não há profissionais nesta área.

O conselho foi aceito. Assim, o jovem que tinha medo de injeção e suava frio ao assistir a uma cirurgia encontrou na decodificação das imagens o seu porto seguro. Na época em que conheceu Rubens e Caccese, Lanari já havia deixado a Santa Casa de Misericórdia e atuava no HC. E agora, em companhia dos dois, participava do nascimento da ideia de um clube destinado à congregação dos radiologistas paulistanos. "Bem no começo das atividades eu convidei uma porção de pessoas,

como os médicos Apparício de Mello, Franco Franchini, Feres Secaf... brinco que o Rubens e o Caccese foram os engenheiros e eu fui o mestre de obras", recorda Lanari.

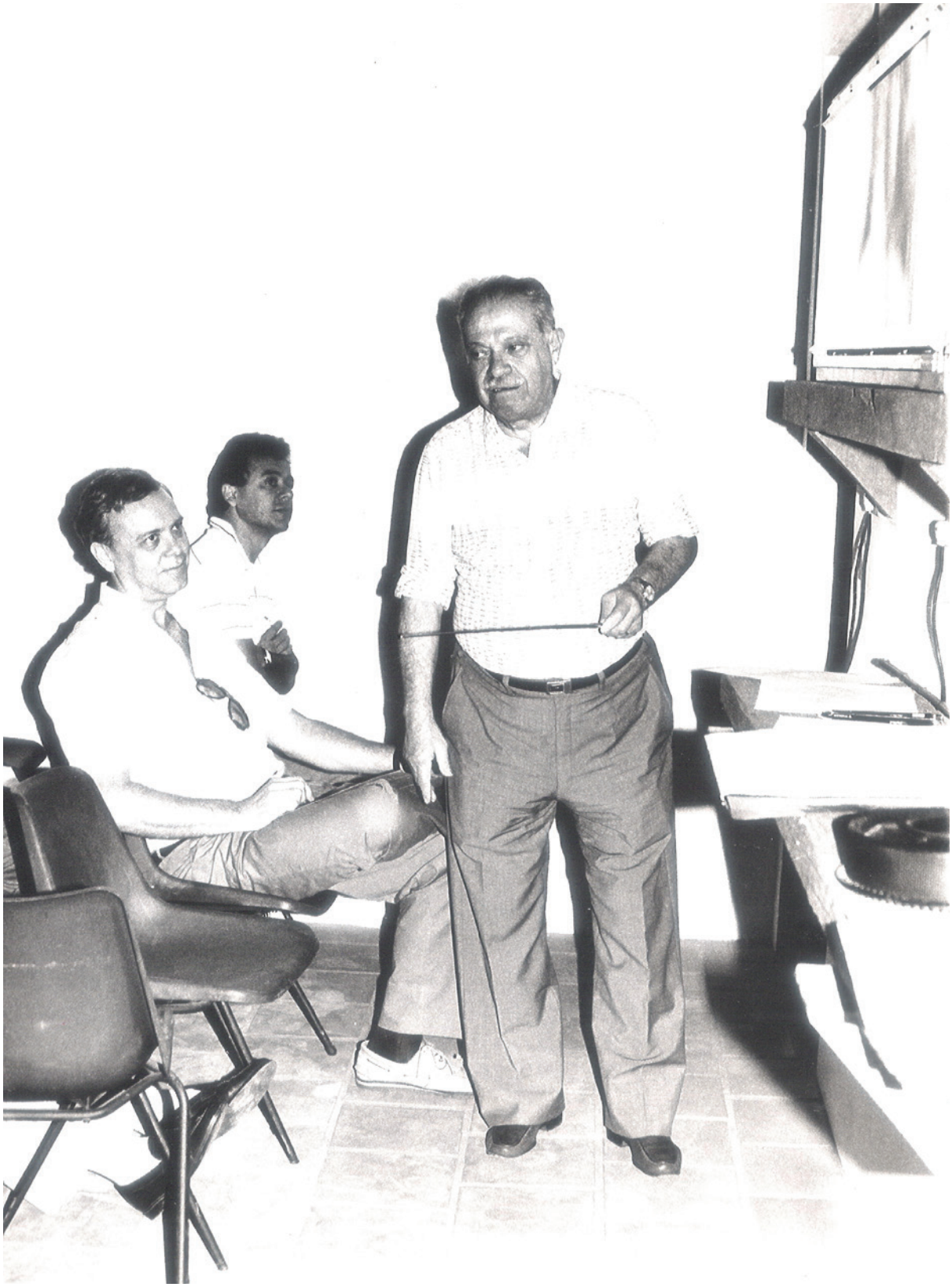
O grupo pioneiro

Aos poucos, outros radiologistas foram se incorporando àquele grupo inicial de cinco. Em 4 de dezembro de 1959, foram dez os amigos que se reuniram na Cantina Piemontese, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, e aprovaram os estatutos do que foi batizado como Clube Roentgen. Agora, além do grupo inicial, composto por Rubens, Caccese, Lanari, Vitule e Álvaro Magalhães, faziam-se presentes também os doutores Benedito Costa Lima, Feres Secaf, Francisco Martinez Dias, Franco Franchini e Mário D'Ávila. Na oportunidade foi eleita a primeira diretoria do clube, sendo escolhidos Lanari, como presidente; Álvaro Magalhães, como secretário; e Franchini, como tesoureiro. Naquele momento, o grupo apenas formalizou as reuniões mensais que vinham acontecendo há cerca de um ano, quando buscaram um convívio científico, no formato de apresentação de casos clínicos relacionados à rotina da especialidade. Dessa forma dividiam novidades e dúvidas e aprendiam juntos, em um tempo que o conhecimento radiológico era ainda muito escasso.

Esses encontros, que sempre aconteciam em um restaurante, eram muito divertidos e renderam algumas boas histórias a seus participantes. Cada um deles tinha de levar um caso para ser apresentado e debatido e Lanari levava o seu negatoscópio, que pendurava na parede mais próxima. E assim, de forma bem rústica, os participantes se reuniam em torno de uma mesa simples do estabelecimento e faziam as exposições. "Eu levava o negatoscópio no banco de trás do carro e o colocava nos locais da reunião para a gente discutir os casos. Todo mundo levava radiografias, não tinha cerimônia nenhuma. Depois, como o número de pessoas foi aumentando e precisávamos de mais negatoscópios, outras pessoas foram ajudando. E tudo isso era regado com umas boas cervejinhas e caipirinhas no meio", relembra Lanari.

O grupo seguiu crescendo gradualmente, como demonstram as atas dos encontros do clube. Na reunião de 27 de maio de 1960, por exemplo, foram as vezes dos médicos Murilo Leite Chaves, Durval de Paula e Silva, Raul Aleixo de Souza e José Ribeiro de Menezes Netto se tornarem sócios efetivos. Depois, em 30 de setembro, durante uma assembleia geral especial, foi concedido ao professor Raphael Penteado de Barros o título de sócio honorário. Naquela oportunidade, coube ao dr. Apparício de Mello fazer as devidas saudações ao notável homenageado.

Figura carimbada nas reuniões do Roentgen, Apparício de Mello viria a se tornar um dos ícones daquele clube. Era impossível ficar indiferente à sua presença. "O Apparício chegava, sentava em um canto e ficava tomando a cerveja e o chope dele, que eram sempre bem gelados, isso era algo que



Dr. Apparício de Mello era presença constante tanto nas reuniões do Clube Roentgen quanto nos encontros do Clube Manoel de Abreu. Na foto, ele expõe seus casos sob o olhar atento de Paulo Wiermann

O dr. Paulo Arruda era um ativo debatedor nas reuniões do clube, o que tornava os encontros ainda mais interessantes

ele exigia. E ali ele ficava dando chutes e palpites", conta o representante comercial Gentil Isidoro Nepomuceno, que acompanhou todos os encontros desde o início da década de 1970 e atualmente trabalha para a Konimagem. "Às vezes aparecia um novato (não residente) que falava alguma coisa e o Apparício virava e dizia: 'O que você entende disso rapaz? Cala a boca, você não entende nada...' Essa era uma das atitudes dele. Tinha também o Paulo Arruda, que debatia muito com o Paulo Wiermann, e o Feres Secaf, que, geralmente, ficava quietinho lá, só assistindo a tudo", rememora Gentil.

No início, simultaneamente aos debates, fazia parte do processo a passagem dos garçons servindo caipirinhas (que tempos depois seriam substituídas por chopes), o que tornava os debates mais acalorados e animados. "No final, as radiografias estavam sujas e meladas, porque os médicos entravam, pegavam a bebida e as radiografias e não tomavam cuidado", lembrou Lanari durante uma entrevista ao *Jornal da Imagem*, da SPR. Mas, em pelo menos uma das vezes, o "lazer científico" cedeu lugar a uma pequena confusão. Em uma reunião no bairro da Consolação, em que o jantar compreendeu camarão à paulista e vinho, um dos garçons quis tirar proveito da provável desatenção dos participantes com o valor final da conta e cobrou cifras indevidas. No entanto, apesar do grande consumo de vinho da maioria dos presentes, coube ao médico Antônio Ferreira Filho perceber a jogada. A esperteza acabou sendo o estopim para uma acirrada discussão. O clima esquentou e por pouco não se chegou às vias de fato. Tal animosidade desagradou parte dos sócios e, depois daquele incidente, decidiu-se pelo fim do Clube Roentgen.

As reuniões foram interrompidas durante quase um ano. Finalmente, após este período de hibernação, coube mais uma vez a Lanari o papel de buscar reunir os antigos associados para, de novo, colocar o clube na ativa. E conseguiu. Passados 55 anos desde os primeiros encontros na cantina Piemontese, seguidos pela Porta D'Oro, Tropeiro, Paulino, Zia Rosa, Senac, Livorno, Paulista Wall Street até o formato atual, com encontros mensais no Golden Tulip Paulista Plaza, o Roentgen segue seu importante papel de formação e aproximação dos radiologistas. Desde então, mudou algumas vezes de formato, o que vem garantindo seu sucesso e frescor. Atualmente, consiste de aula expositiva acompanhada de sessão de Correlação Clínico-Radiológico-Patológico (CCRP), durante a qual são discutidos quatro casos de áreas diferentes.

E, por cada lugar que passou, formando e reunindo centenas de radiologistas em todo este período, o Clube Roentgen deixou registradas nas memórias das pessoas muitas histórias inusitadas. O nível das acomodações de hoje, por exemplo, em muito difere daquele do Roentgen dos tempos românticos. "No Livorno pagamos todos os nossos pecados", brinca Gentil Isidoro, que naquele momento auxiliava na organização das reuniões paulistanas. Segundo ele, no andar superior da pizzaria, local das reuniões, havia goteiras e, por falta de espaço, o negatoscópio tinha de ficar bem próximo ao banheiro. "Era um sofrimento tremendo, mas mesmo assim chegamos a ficar por ali por quase 17 anos", relata.

Outro episódio que ficou marcado em suas lembranças envolveu o eminente Feres Secaf. Como o radiologista não perdia um encontro e havia acabado de fazer uma cirurgia, a secretária da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) pediu que Gentil arranjasse uma cadeira melhor para o dr. Secaf, visto que as cadeiras do Livorno eram duras e desconfortáveis. O pedido foi rapidamente atendido, mas, para espanto de todos, a "regalia" foi rejeitada pelo beneficiado, apesar de seu estado de saúde. "Coloquei a cadeira na primeira fileira. Ele chegou, sempre com a mão para trás, olhou e disse: 'Por que tem uma cadeira assim? Estou olhando que não têm outras cadeiras iguais a esta. Ou tem para todos ou não tem para ninguém'. Ele era a simplicidade em pessoa", reafirma Gentil.

Assim como o representante comercial, Ilsa Coelho Duarte, secretária do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e, posteriormente, primeira secretária de fato da SPR, também tem boas recordações dessa época. Naqueles primeiros tempos, era ela quem organizava as reuniões, convidando médicos, reservando os locais para as reuniões e cuidando para que tudo saísse de forma adequada. Durante muito tempo, ficou sob sua responsabilidade convidar os médicos da capital e do interior para as reuniões. "Eu ligava e pedia para os médicos levarem uma chapa com casos. E eram muito interessantes as discussões. Vinham muitos residentes do Hospital das Clínicas e da Santa Casa, e, como alguns médicos levavam as esposas, eu comprava todo mês uma lembrancinha, algo simpático para distribuir entre as senhoras", explica Ilsa.

Ilsa Coelho Duarte: foi a primeira secretária a cuidar dos interesses da SPR, em um tempo que a entidade paulista ainda não tinha sede

Dez anos depois de sua fundação, o Roentgen se uniu ao Clube Manoel de Abreu formando daí o embrião da própria Sociedade Paulista de Radiologia. Em 1979, durante a gestão de Sidney de Souza Almeida, ambos foram transformados em departamentos científicos desta entidade. Desde sua origem, o clube de Lanari, Marcondes e Caccese foi o farol que orientou toda uma geração, pregando sempre uma prática ética da profissão. Esse é um legado que vem dos seus fundadores e que permanece vivo a cada reunião mensal.

Homenagem ao professor Raphael Penteado de Barros na APM, em outubro de 1958

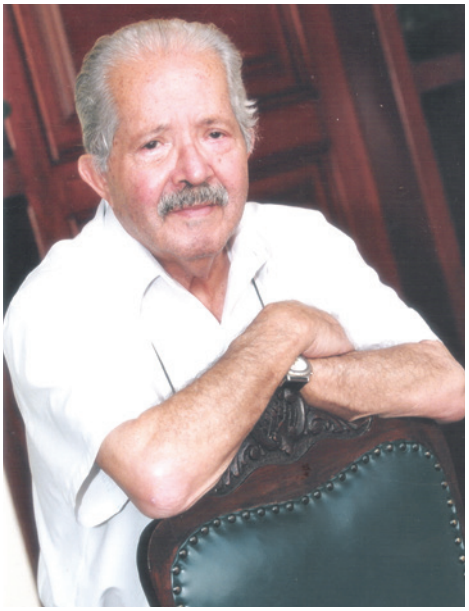
Da esquerda para a direita, sentados: 1. Apparício de Mello, 2. Aristóteles Orsini, 3. Raphael de Barros, 4. Eduardo Cotrim, 5. Waldo Rolim Moraes, 6. José Moretzsohn de Castro. Em pé: 7. Marcelo Soares, 8. Walter Pontes, 9. Feres Secaf, 10. Miguel Cêntola, 11. Camilo Gaspar de Almeida, 12. Rafael Lima Filho, 13. Afonso Vitule Filho, 14. Francisco Martinez Dias, 15. Franco Franchini, 16. Francisco Lanari do Val, 17. Antônio Ferreira Filho

Jantar em homenagem ao prof. Raphael de Barros. Da esquerda para a direita: Afonso Vitule Filho, Francisco Martinez Dias, Antônio Ferreira Filho, José Moretzsohn de Castro, Feres Secaf, Walter Bonfim Pontes, Aristóteles Orsini, Raphael de Barros. Na direita, Marcello, Francisco Lanari do Val e Rafael Lima Filho e Camillo (parcialmente visíveis)

Capítulo 3
Clube Manoel de Abreu: os anos dourados da Radiologia

"Estamos muito isolados. Vamos nos reunir periodicamente. Cada um traz os casos mais interessantes do mês e vamos discuti-los. Assim não será uma opinião só, mas de todo mundo. Vamos ler, vamos estudar. Vamos fazer uma reunião mensal aos domingos, a cada mês em uma de nossas cidades."

Droctóvio Estevam de Lima Filho, durante a 1ª Jornada de Radiologia Paulista do Interior de São Paulo (1962), defendendo a necessidade de união dos radiologistas paulistas.



Seth-Hur Cardoso

ERA PARA SER MAIS um passeio casual. Depois de uma semana intensa de trabalho no Serviço de Radiologia da Santa Casa da cidade de Tupã, o radiologista Droctóvio Estevam de Lima Filho colocou a família dentro de uma caminhonete e partiu rumo a Araraquara. O destino? A casa do colega e amigo Seth-Hur Cardoso, com quem havia trabalhado durante muitos anos no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSE) e com quem sempre tinha muitas histórias para relembrar. Afinal, além de parte do currículo profissional em comum, ambos também haviam deixado às terras fluminenses e partido em busca da sorte no interior paulista, em municípios onde o serviço de radiologia não existia ou ainda engatinhava.

A "migração médica" era uma constante entre os anos de 1952 e 1953, quando muitos profissionais de várias partes do País acabaram deixando o Rio de Janeiro em busca de melhores salários e condições de trabalho. Enquanto Droctóvio instalou-se em Tupã, Seth-Hur pensou em Presidente Prudente (SP), Caratinga (MG), Itaperuna (RJ), Goiânia (GO) e Ituverava (SP). Por fim, optou por fixar-se em Araraquara em setembro de 1953. Apresentado pelos colegas Nicolino Lia e Syrthes de Lorenzo ao diretor da Santa Casa de Misericórdia da cidade, dr. Giuseppe Aufiero Sobrinho, ele passou a trabalhar no Serviço de Radiologia do hospital, que havia acabado de adquirir um novo aparelho da General Eletric e precisava de alguém para ficar no departamento.

Naquela época, além da Santa Casa de Misericórdia, Araraquara contava com os serviços de radiologia da Beneficência Portuguesa e da clínica particular do húngaro José Tibério Miskey, um autodidata que, tempos depois, venderia para o próprio Seth-Hur Cardoso o local de trabalho que havia montado com muito esforço e dedicação: o Instituto de Raios X e Radioterapia. Esse, como relembrou o próprio

Seth-Hur em uma série de textos publicados no *Jornal da Imagem*, era repleto de contrastes. Isso porque enquanto de um lado estava instalado um antigo aparelho de rede aérea e retificação mecânica, do outro havia os modernos aparelhos da Siemens de radiodiagnóstico (com seriógrafo Allbrecht) e radioterapia (Bombix). E, junto com toda esta modernidade, havia um problema que tinha de ser driblado diariamente: o precário abastecimento de energia elétrica na cidade. "O Tibério instalou no consultório um gerador para fornecimento da energia necessária durante todo o dia. Assim, pela manhã, antes de iniciarmos os trabalhos, tínhamos de fazer funcionar o gerador, um verdadeiro sacrifício", contava Seth-Hur aos amigos, sempre que relembrava os primeiros tempos.

E eram estas e outras histórias do gênero que o pernambucano Droctóvio – ou Lima, como era conhecido pelos mais próximos – gostava de escutar[1]. Vindo de uma família de médicos (sendo o pai, Droctóvio, preparador de peças anatômicas para a Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro, e o tio, Ermírio de Lima, precursor da Otorrinolaringologia moderna no Rio de Janeiro), coube a Droctóvio Filho fundar o serviço de radiologia da Santa Casa de Tupã e, posteriormente, ajudar na criação de uma faculdade na cidade. Falante, brincalhão e bastante extrovertido, ele deixava a irreverência de lado quando se voltava para o trabalho. Recolhido nos porões que cheiravam a ozônio da Santa Casa tupãense, chegava cedo para prescrever os laudos e realizar os exames do dia. Só saía de lá no final do seu turno. Tamanho isolamento deixava-o bastante inquieto, pois a distância entre os radiologistas da região e a falta de melhores meios de comunicação tornava a vida do profissional bastante solitária. E este era um dos motivos que o impulsionava a, cada vez mais, participar de congressos e jornadas que aconteciam pelo Brasil. Também era este tipo de pensamento que o fazia, sazonalmente, pegar a estrada e visitar os amigos distantes.

Mas, sair da cidade não era algo tão fácil. Por ser o único radiologista de Tupã, Lima só conseguia fazer qualquer tipo de viagem com muito planejamento e sacrifício. E, brincalhão como era, sempre tinha uma resposta pronta quando lhe perguntavam quantos radiologistas existiam na cidade. "Em Tupã somos três: eu, Deus e o diabo[2]."

Duzentos e noventa e sete quilômetros depois, cerca de quatro horas de viagem, o clã Lima Filho chega ao seu destino final. Enquanto as famílias se cumprimentam e acomodam os seus pertences, Seth-Hur e Lima iniciam um longo papo nostálgico, regados à cachaça pernambucana Serra Grande e muitas risadas. Seth-Hur lembrou-se do convívio com o Nicola Caminha, médico que chefiava o serviço de radiologia do HSE do Rio de Janeiro, e de seu dia a dia com o australiano Ernest Mayer, que durante um ano e meio acompanhou o serviço daquele hospital e trouxe grande contribuição no que se refere à radiologia craniana. Lima, por sua vez, falou de seu período de recém-formado e aproveitou para contar ao amigo de sua participação em uma reunião do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR),

---

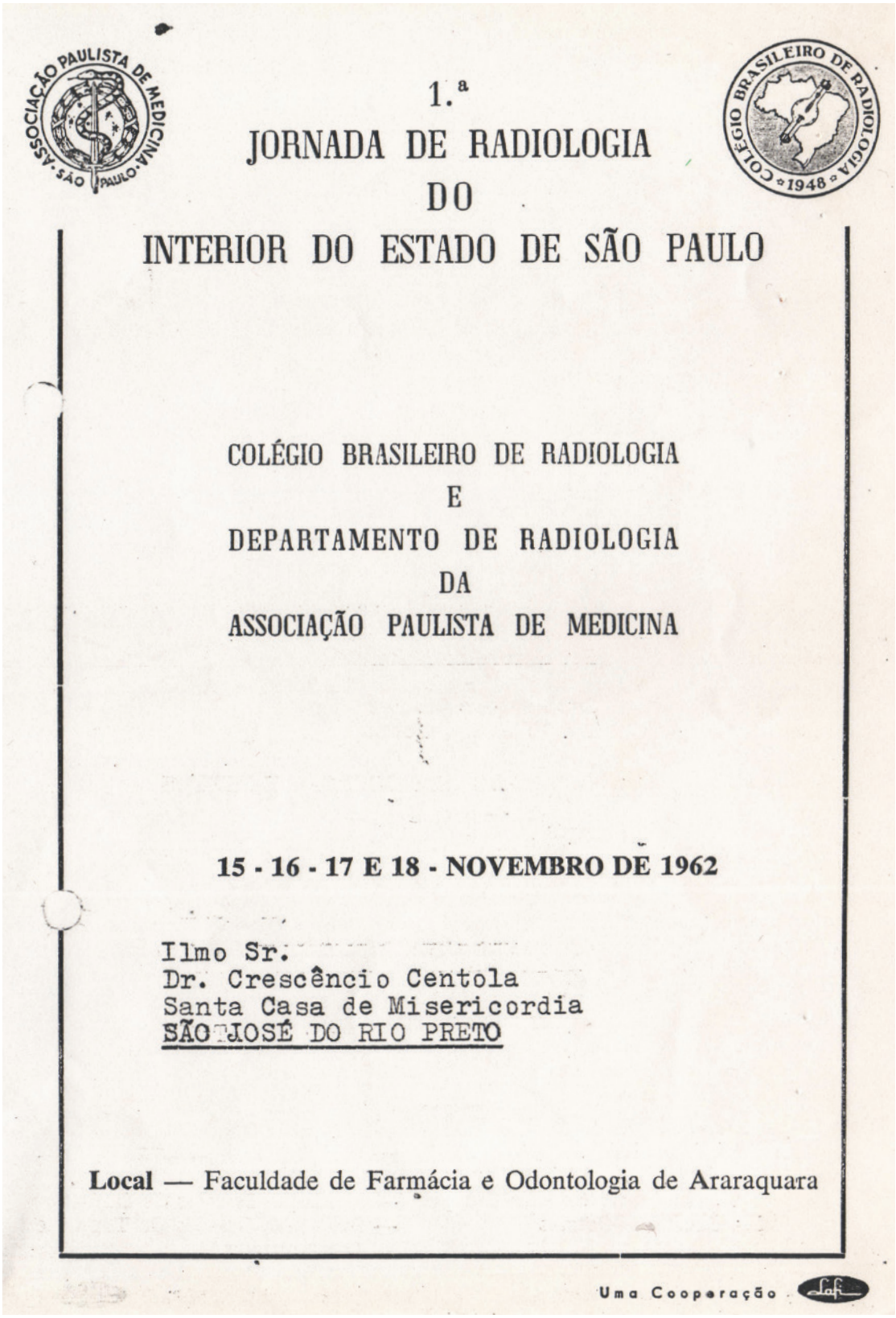
1. CARDOSO, Seth-Hur. Ficamos sem o Lima. *Jornal da Imagem*, edição nº 2, outubro de 1978, p. 6
2. AMARAL, Max. 3 amigos. In: *Estórias de Radiologistas*, 1º volume p. 9. Sociedade Brasileira de Radiologia: Rio de Janeiro, 1990.

onde conheceu os colegas de profissão Raphael Caccese (Barretos) e os amigos Crescêncio Centola e Leonardo Lania (São José do Rio Preto). E é neste momento que Lima apresenta a Seth-Hur uma ideia que mudaria para sempre a rotina dos radiologistas paulistas. "Em meados de 1961, veio a ideia de nos reunirmos, nós, radiologistas de São Paulo, periodicamente, para troca de informações e apresentação de casos. O isolamento em que vivíamos não tinha razão de ser, já que muitos de nós nos conhecíamos do Rio de Janeiro ou de São Paulo", relembrou o próprio Seth-Hur Cardoso, em uma das reuniões do Clube Manoel de Abreu de 1983.

A ideia, surgida como um lampejo, logo foi colocada em prática e a dupla tratou de convidar todos os radiologistas que conhecia. Raphael Caccese, que havia passado uma temporada de quatro anos (1953-1957) em Buffalo (EUA) e que, naquele momento, vivia em Barretos, era o que mais reclamava da ausência dos encontros científicos. Afinal, no exterior este tipo de iniciativa era comum e extremamente proveitosa. Por isso, quando Lima e Seth-Hur falaram a Caccese sobre a novidade, também fizeram questão de homenagear o amigo, marcando a primeira reunião científica do grupo para a cidade daquele médico, no extremo Oeste paulista. Além do trio, estiveram presentes naquele histórico primeiro encontro Ulysses Menezes (Barretos), Pedro de Paula Brandão (Jaú), Romeu Santini (São Carlos), Geraldo Uchôa (Catanduva), Crescêncio Centola (São José do Rio Preto), Júlio Dante Risso e Arthur César Soares (Ribeirão Preto) e Claudio de Jesus Curti (Araraquara). Após aquele encontro, o pequeno grupo passou a se reunir mensalmente, cada vez em um município do Estado. E ganhou força e corpo quando a ideia foi difundida durante aquela que foi a 1ª Jornada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo, que ocorreu na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, entre os dias 15 e 18 de novembro de 1962.

Apoiada pelo Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e pelo Departamento de Radiologia da Associação Paulista de Medicina (APM), a reunião contou com as participações de José Maria Cabello Campos, Eduardo Cotrim, Nicola Caminha e Antônio Ferreira Filho. Foi ali, durante este grande encontro, que Lima aproveitou para expor a sua ideia. "Estamos muito isolados. Vamos nos reunir periodicamente. Cada um traz os casos mais interessantes do mês e vamos discuti-los. Assim não será uma opinião só, mas de todo mundo. Vamos ler, vamos estudar. Vamos fazer uma reunião mensal aos domingos, a cada mês em uma de nossas cidades", disse à época, segundo recordações de Leonardo Lania, de São José do Rio Preto.

Em Araraquara ficou acertada a realização das Rodadas de Radiologia (a cada quatro meses) e das Jornadas (a cada dois anos), conceitos que tiveram aceitação maciça dos profissionais presentes. O encontro seguinte foi marcado para os dias 30 e 31 de março de 1963, na Sociedade de Medicina e Cirurgia São José do Rio Preto, e chamado de Primeira Rodada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo.



1.ª
JORNADA DE RADIOLOGIA
DO
INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIOLOGIA
E
DEPARTAMENTO DE RADIOLOGIA
DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

15 - 16 - 17 E 18 - NOVEMBRO DE 1962

Ilmo Sr.
Dr. Crescêncio Centola
Santa Casa de Misericordia
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Local — Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara

Uma Cooperação

Programa da 1ª Jornada de Radiologia realizada no Interior, resultado dos trabalhos capitaneados por Droctóvio Estevam de Lima Filho, Seth-Hur Cardoso e companhia

1.ª JORNADA DE RADIOLOGIA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO — ARARAQUARA

DE 15 A 18 DE NOVEMBRO DE 1.962

DIRETORIA DA APM

Prof. Henrique Mélega
Dr. Emir Boturão
Dr. Ruy de Souza Pacheco
Dr. Luiz Edgard Puech Leão
Dr. Heribaldo Loverso
Dr. Humberto Cerruti
Dr. Feliciano Bicuto Neto

DIRETORIA DO CBR

Dr. Javert Barros
Dr. Antonio Ferreira Filho
Dr. Tede Eston de Eston
Dr. Clovis Vilela Junqueira
Dr. Francisco Lanari Do Val

DIRETORIA DA REGIONAL DE ARARAQUARA

Dr. Aryovaldo Mazzi
Dr. Amaury P. de Castro Monteiro
Dr. Eduardo Lauand
Dr. Yuahanna Sabbag

COMISSÃO DE RECEPÇÃO E FESTAS

Dr. José Barbieri Neto
Dr. Humberto Morábito
Dr. Syrthes De Lorenzo
Dr. Ruy Soares

COMISSÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

Dr. Seth-Hur Cardoso
Dr. Ruy de Toledo
Dr. Henrique Couto Cesar
Dr. Luiz Vilela

PRESIDENTES DA JORNADA

Prof. Rafael de Barros — Presidente de Honra
Dr. Julio Dante Risso Nunes — Presidente
Dr. José Maria Cabello Campos — Pres. das Sessões de Cursos
Dr. Eduardo Cotrim — Pres. das Sessões de Temas e Conferências.

Uma Cooperação

1.ª JORNADA DE RADIOLOGIA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO — ARARAQUARA

SOB OS AUSPÍCIOS DO DEPARTAMENTO DE RADIOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA E DO COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIOLOGIA

DE 15 A 18 DE NOVEMBRO DE 1.962

DIA 15 — 5.ª feira

8,00 horas — Sessão inaugural.

CURSOS — Sob a presidência do **Dr. José Maria Cabello Campos.**

9,00 horas — Radiologia do Crânio
Prof. Dr. Nicola Caminha

11,00 horas — Radiologia do aparêlho digestivo
Dr. Antonio Ferreira Filho

CONFERÊNCIAS — Sob a presidência do **Dr. Eduardo Cotrim.** (30 minutos).

14,00 horas — 1 — Pneumonia estafilocócica
Dr. Rodolfo Roca
2 — Cardiopatias Congênitas cianóticas
Dr. Hortêncio Medeiros
3 — Neuro-radiologia dos traumatismos cranianos
Dr. José Zaclis
4 — Megas
Dr. Luiz Carlos Fonseca
5 — Coluna cervical e transição crânio-cervical
Dr. Domingos Peres Furletti
6 — Malformações congênitas orteoarticulares
Dr. Paulo de Almeida Toledo
7 — **TEMAS LIVRES** (10 minutos cada).

DIA 16 — 6.ª Feira

CURSOS — Sob a presidência do **Dr. José Maria Cabello Campos.**

8,00 horas — Radiologia do crânio
Prof. Dr. Nicola Caminha

10 horas — Radiologia do aparêlho digestivo (término)
Dr. Antonio Ferreira Filho

CONFERÊNCIAS — Sob a presidência do **Dr. Eduardo Cotrim.** (30 minutos)

14,00 horas — 1 — Patologia pulmonar de origem cardíaca.
Dr. Toshizu Fujioka
2 — Radiologia obstetrícia e problemas irradiatórios.
Dr. Antonio S. Clemente Filho
3 — Patologia renal (Necrose papilar e anomalias vasculares)
Dr. Roberto Rocha Brito
4 — Fisiopatologia da síndrome de mal absorção
Dr. José Vicente Martins Campos
5 — Radiologia contrastada da vesícula e vias biliares.
Prof. Dr. Walter Bonfim Pontes — José M. de Castro
6 — Malformações congênitas orteoarticulares.
Dr. Paulo de Almeida Toledo
7 — **TEMAS LIVRES** (10 minutos cada).

Uma cooperação

Programa e foto da 1º Jornada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo, realizada em novembro de 1962. De branco, na primeira fileira, Pedro de Paula Brandão

"SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE RIO PRETO"
(FUNDADA EM 4 DE MARÇO DE 1926)
CONSIDERADA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI MUNICIPAL Nº 285, DE 24 DE MARÇO DE 1954
FILIADA À ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA
RUA MARECHAL DEODORO, 3118 - CAIXA POSTAL, 409
S. JOSÉ DO RIO PRETO - S. PAULO

PRIMEIRA RODADA DE RADIOLOGIA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

São José do Rio Preto, 30 e 31 de Março de 1963

PROGRAMA

Local: Sociedade de Medicina e Cirurgia de S.J. do Rio Preto.

30 - 3 - 63 - Sábado

10 às 12 horas: Inscrição na Secretaria da Sociedade.
13,50 às 14 horas: Abertura da Rodada.
14 às 15 horas: TEMAS LIVRES: (duração 10 minutos).
15 às 15,50 horas: CONFERÊNCIA - Estado atual da radiologia, eletrônica - Cineradiografia: - TV. médica - Roentgenfotografia - Estudo crítico do método e seu valor social.
DR: JOSÉ MORETZSHON DE CASTRO - S.P.
16 às 18 horas: TEMA OFICIAL - DOENÇAS DO PÂNCRÊAS - 1ª parte.
DR. ABÉRCIO ARANTES PEREIRA - radiologista - G.B.
DR; JOSÉ R. PIMENTEL - radiologista - G.B.
DR. JULIO DE MORAIS - clínico - G.B.
DR. GUILHERME FIGUEIREDO - patologista - G.B.
20,30 às 22,30 horas: TEMA OFICIAL - DOENÇAS DO PÂNCRÊAS. 2ª parte
DR. ABÉRCIO ARANTES PEREIRA - DR. JOSÉ PIMENTEL
DR. JULIO DE MORAIS - Dr. GUILHERME FIGUEIREDO
22,40 às 24 horas: TEMA OFICIAL - DOENÇAS DO PÂNCRÊAS + 3ª parte.
DR. PLINIO BOVE - Cirurgião - S.P.

31 - 3 - 63 - Domingo

9 às 9,50 horas - RÁDIO - ISÓTOPOS + DR. NELSON DE CARVALHO - S.P.
10 às 10,50 horas: ANGIOGRAFIA RENAL + DR. GILBERTO DE GOIS - S.P.
11 às 12,30 horas: Sessão Clínico-Radiológico-Patológica Cirurgica. (Serão apresentados casos relacionados ao Pâncreas para discussões
12,30 às 13 horas: Encerramento e sessão do Colégio e do Departamento de Radiologia da A.P.M.

FICHA DE INSCRIÇÃO À PRIMEIRA RODADA DE RADIOLOGIA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

São José do Rio Prêto 30 e 31 de Março de 1963

NOME.....
RUA.....Tel.....
CIDADE.....Estado.....
ESPECIALIDADE.....
TRABALHO A SER APRESENTADO NA SESSÃO DE TEMAS LIVRES.....
.....
Nº DE ACOMPANHANTES.....
.....
.....
DIA E HORA PROVÁVEIS DA CHEGADA.....
.....
MEIO DE LOCOMOÇÃO.....
ACOMODAÇÕES A SEREM RESERVADAS.....Aptº.....
.....
CHEQUE Nº.....no valor de CR$2.000,00 correspondente a taxa de Inscrição em nome do DR. CRESCÊNCIO CENTOLA, contra o Banco.....

Assinatura.

Programa e ficha de inscrição da I Rodada de Radiologia do Interior, sediada em São José do Rio Preto, em março de 1963; ao lado, notas de alguns itens que foram consumidos pelos participantes

Industrias Reunidas Irmãos Maluf
Fabrica de Bebidas «IRMA»
Rua General Glicério, 2560 - Fone, 2610 - Caixa, 291 - S. José do Rio Preto
Inscrição de Bebidas Alcoólicas e NOTA FISCAL
SÉRIE C SUCESSORES Venda a Consumidor
O imposto devido foi pago por verba
Nº 17300
S. J. do Rio Preto, 29 de 3 de 1963
Ilmo. Sr. Dr. Crescencio
Rua Rua Pinto N. 865
Nesta

Quant.	Discriminação	Preço Unit.	TOTAL
2	Dos Pilsen		1.800,00
4	" Guar. champ.		960,00
1	" Soda Limonada		240,00
			3.000,00

NÃO VALE COMO RECIBO SOMA CR$
Albert-Graficos Ltda. - Insc. 3138 R. J. Tibiriçá, 2854 - Rio Preto - 4/60 - 10.001 a 25.000 - 6-60

Churrascaria GAUCHA
ANTONIO CONTE
Rua Prudente de Morais, 3108 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - Est. de S. Paulo
Inscrição N. 5.681 - 1.a VIA - Série A
NOTA FISCAL - Venda a Consumidor
Em 30 de 3 de 1963 Nº 106983
Ilmo. Snr. Dr. Leonaldo Sanine ou Dr. Crescencio Centola

70	Churrasco completo	26.600 =
	» simples	
	Linguiça Calabreza completa	
35	Arroz	2800 =
1	~~Extra~~ esgoto	70 =
158	Chopps	11.060 =
3	~~Aperitivos~~ coca	60 =
21	Refrigerantes	840 =
	Cervejas	
7	Aguas Minerais	280 =
55	Sobremesa	7700 =
		49.410 =

O Imposto de Vendas e Consignações foi pago por Verba
NÃO VALE COMO RECIBO
Tip. Paulista - R. B. de Campos, 3156 - S. J. do Rio Preto - Insc. 6233 - 97501 a 107500-7-62

Patrocinada pelo CBR, pelo Departamento de Radiologia e Eletricidade Médica da Associação Paulista de Medicina (APM) e pela Sociedade de São José do Rio Preto, contou com quatro sessões plenárias, com inscrição ao custo de Cr$ 2 mil, equivalente a R$ 37 (ou cerca de US$ 19,50)[3]. Como a meta era unir e integrar os radiologistas do interior paulista e os meios de comunicação ainda eram muito precários, coube ao médico Leonardo Lania fazer o chamado oficial, indo de consultório em consultório entregar o convite pessoalmente. O detalhe é que Lania havia acabado de sofrer um acidente de carro que lhe rendera uma perna quebrada, três cirurgias e seis meses de gesso. Por isso, para ir de um lugar a outro teve de contar com a ajuda do sogro. E foram muitas visitas, em muitas cidades diferentes. A maratona era desconfortável, mas gerou algumas situações engraçadas. Em Tupã, o sarcástico Lima ao ver o colega com gesso até uma das coxas, soltou uma de suas pérolas: "Ih, este deve ser mais um cara que veio pedir para eu fazer radiografia de graça..."

A força de Rio Preto

A cidade de São José do Rio Preto não havia sido escolhida aleatoriamente para sediar a I Rodada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo. Era ali que estava instalado o Instituto de Radiodiagnostico do município (hoje conhecido como Ultra-X). Fundado em 1955 pelos médicos Crescêncio Centola e José Custódio Correia, o local ganhou em 1957 um outro sócio: Leonardo Lania. Recém-chegado àquela cidade, em janeiro de 1955, Lania formou-se em Medicina na Faculdade da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, e especializou-se em Pediatria. "Quando saí do Rio procurando onde trabalhar, iria para Votuporanga, pois sabia que precisavam de um pediatra lá. Porém, chegando a São José do Rio Preto e conversando com o dr. Crescêncio, que eu já conhecia, ele disse: 'Isso aqui já é o fim do mundo, você não vai sair daqui, de jeito nenhum'", relembra o ribeirão-pretano, filho de pais italianos.

Mineiro de Monte Santo, nascido em 14 de setembro de 1916 e formado em 1944 na Faculdade Nacional de Medicina (do Rio de Janeiro), Crescêncio havia entrado na Radiologia pelas mãos do médico José Moretzsohn de Castro, depois de fazer residência na Santa Casa. Em 1957, partiu dele o convite para que Lania participasse de uma reunião científica do CBR em Belo Horizonte (MG). Na volta, com a saída de José Custódio do negócio, procurou um sócio para o Instituto de Radiodiagnóstico, sem sucesso. Foi nesta condição que o então pediatra foi convidado a se tornar sócio do radiologista experimentado, um dos pioneiros do interior paulista. Porém, antes, Lania foi enviado para um ano de especialização no Uruguai, considerada na ocasião a Suécia da América do

3. A correção foi feita com base na Tabela de Atualização de Valores da Receita Federal (disponível em www.receita.fazenda.gov.br/aliquotas /tabAtuBensDir.htm) e com o auxílio da Calculadora do Cidadão, ferramenta do Banco Central do Brasil(disponível em https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores.

Corpo clínico da Ultra-X. De pé, da esquerda para a direita: Arthur Soares Souza Júnior, Paulo César Bonadio, Flávio Lania, Leonardo Lania, Crescêncio Alberto Centola, Osvanir Simonato, Milton Kakudate, Durval Franco Vilela, Tufik Bauab Júnior, Ivo Crosera, Antonio Soares Souza. Sentados: Bárbara Lania, Selma Bauab, Elisabeth Corrêa, Patrícia Centola e Flávio Rossi

Sul em termos de radiologia. E o melhor, com todos os custos bancados pelo amigo, que tempos antes já havia feito aquele mesmo caminho.

Na volta ao Brasil, Lania e Crescêncio ajudariam a tornar aquele espaço um local respeitado e conhecido. Teriam ainda a ajuda do "Murilo" José de Seixas[4], que entra nesta história em 1962. Irmão gêmeo do cirurgião Nelson de Carvalho Seixas, José de Seixas formou-se em Medicina pela Universidade do Brasil, em 1959, no Rio de Janeiro, muitos anos após a graduação do irmão. Antes, havia feito o curso de Mecânica na Escola Técnica Getúlio Vargas. Agora, com uma nova carreira profissional, buscava uma oportunidade para fixar-se na área médica e crescer. Nelson então não teve dúvidas. Pensando no futuro do irmão, o cirurgião procurou Crescêncio e perguntou se existia alguma possibilidade de trabalho para José de Seixas no instituto. Não só existia como o novato passou a ser o terceiro sócio do instituto.

---

4. Murilo José de Seixas era conhecido por este duplo nome porque a mãe queria que ele se chamasse Murilo, mas o pai, ao registrá-lo, deu-lhe o nome José de Seixas. A mãe só ficou sabendo da mudança de nome quando o filho entrou para o ginásio. Como já havia se acostumado a chamá-lo de Murilo, não mudou a forma de se dirigir ao filho.

Àquela altura Zé de Seixas já estava ciente da ideia de união dos amigos Droctóvio e Seth-Hur e não mediu esforços para que o encontro de São José do Rio Preto fosse um sucesso. Ao lado de Lania e Crescêncio, trabalhou arduamente para que a rodada fosse bem-sucedida. Na programação, que ia do sábado à tarde ao domingo de manhã, aulas com os doutores Abércio Arantes Pereira, José Raimundo de Lima Pimentel, Júlio de Morais, Guilherme Figueiredo, Plínio Bove, Nelson de Carvalho e Gilberto Góes. E muitos radiologistas de vários cantos do Estado compareceram. A descontração e o bate-papo informal eram guardados para a hora do almoço. "Eu lembro que, no final da rodada, a gente foi almoçar na casa do Crescêncio e ele tinha acabado de ganhar trigêmeas. Então a coisa mais interessante, mais fotografada e comentada do almoço, foi aquele carrinho com três bebezinhos", rememora Lania.

O saldo desse encontro foi tão positivo que outros foram agendados. A reunião, que ganhou o nome de Clube Manoel de Abreu, em homenagem ao grande nome da Radiologia brasileira, falecido em 30 de janeiro de 1962, logo ganhou forma e fama. As reuniões regulares aconteciam mensalmente durante os finais de semana, preferencialmente aos domingos. Quadrimestralmente também havia as rodadas e, bienalmente, as jornadas. E era comum que muitos participantes levassem esposa e filhos. Enquanto os radiologistas passavam parte do dia estudando e analisando casos, as mulheres aproveitavam para conhecer a região, fazer compras e colocar o papo em dia. Também era de praxe que o casal anfitrião promovesse um almoço após o término das explanações e que houvesse sorteio de filmes e equipamentos radiológicos para médicos e brindes como calçados, tecidos e perfumes às esposas.

Na opinião de José Michel Kalaf, de Campinas, o Clube Manoel de Abreu foi uma iniciativa dos radiologistas do interior do Estado de São Paulo, que sentiram a necessidade de estabelecer conclaves em cada uma das cidades da região, no sentido de trocar experiências de aprendizado contínuo. Segundo ele, eram pessoas que tinham interesse de estabelecer contatos científicos permanentes, de discutir assuntos relacionados ao diagnóstico radiológico e motivados a participar dos encontros. E o segredo desta motivação, revela, não era apenas pelo aspecto científico. "O sucesso das reuniões não só decorria da capacidade e do interesse de cada um, mas também pela amizade sólida que se estabeleceu ao longo daquela atividade inicial de formalização dessa entidade que recebeu o nome de Clube Manoel de Abreu", enfatiza Kalaf, que, naqueles primeiros tempos, era residente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Formado em 1963, ele fez residência na mesma faculdade em que o chefe do serviço era o médico Clarimundo Alves de Souza Filho; o subchefe, dr. Kanji Kamata; e o chefe de residência, Clóvis Simão Trad. O último, aliás, foi o responsável por levar Kalaf à primeira reunião do Clube Manoel de Abreu de São José do Rio Preto, em 1963. "Eu era residente de Radiologia do segundo ano e o Clóvis Simão Trad era o nosso chefe. Então, fomos eu, o dr. Clóvis e mais um ou outro colega radiologista", relembra.

Camilo (representante), Gentil Isidoro Nepomuceno e Nakamura, em Bauru, quando foi feito pela primeira vez o porco no rolete

Expansão e formalização

Com o crescente número de participantes e a difusão do Clube Manoel de Abreu em todo o Estado, não era mais possível tratar o encontro de maneira informal. Era necessário formalizar, criar uma diretoria, colocar no papel suas finalidades e prioridades. Afinal, inicialmente, ficava a cargo do anfitrião todo o processo de convidar colegas e possíveis palestrantes, montar o programa científico, conseguir locais para hospedagem e organizar o sempre tão esperado jantar ou almoço que finalizava o encontro. Foi neste momento que os pioneiros chegaram a um impasse. Para alguns, a criação da diretoria era algo eminente. Para outros, como o próprio Droctóvio, trilhar esse caminho era algo desnecessário. O médico José da Luz (Ourinhos), presidente do Manoel de Abreu no biênio 1983-1985, registrou em um texto sobre a história deste clube o debate entre o médico de Tupã e o grupo a favor da formalização.

— O Manoel de Abreu foi concebido num momento de inspiração informal, não foi Seth-Hur? E, a ideia foi esta e está funcionando muito bem —, defende-se Droctóvio, ao passo que uma voz se opõe, pontuando:

— Mas Lima está ficando muito pesado para o anfitrião. Vamos amadurecer a ideia. Éramos poucos. Hoje já temos muitos colegas que frequentam e trazem bons casos e formação atualizada.

Ao final, Droctóvio percebe que era voto vencido e se rende a uma maioria. Ainda assim, faz uma última recomendação:

— Tudo bem, mas que todos sejam iguais, nada de ter que pedir permissão ao presidente para apresentar o seu caso, nem para opinar. A bronca tem que ser livre.[5]

Por isso, em 2 de maio de 1965, na sala de laudos do Instituto de Radiodiagnóstico de São José do Rio Preto, foi fundado oficialmente o Clube Manoel de Abreu. De acordo com a ata de fundação, a primeira diretoria, aclamada e eleita até maio de 1966, foi composta pelos seguintes nomes: Crescêncio Centola (São José do Rio Preto), presidente; Seth-Hur Cardoso (Araraquara), vice-presidente; Arthur César Soares (Ribeirão Preto), primeiro-secretário; Pedro de Paula Brandão (Jaú), segundo-secretário; Leonardo Lania (São José do Rio Preto), primeiro-tesoureiro; Geraldo Uchôa (Catanduva), segundo-tesoureiro; e "Murilo" José de Seixas (São José do Rio Preto), como editor. Entre as finalidades do clube foram listadas a dinamização da especialidade radiológica, com reuniões mensais e apresentação de casos inusitados; estudos de métodos de exames; apresentação das aquisições mais recentes em publicações de revistas internacionais; promoção e divulgação da radiologia estadual; e, por fim, defesa da especialidade autêntica de acordo com o código de ética.

Além da primeira diretoria, que contava com sete pessoas, todos os presentes foram considerados sócios-fundadores do Clube Manoel de Abreu. E o número de participantes era grande: Droctóvio Estevam de Lima Filho (Tupã); Cláudio de Jesus Curti (Araraquara); Romeu Santini (São Carlos); Abraham Rothberg (Bauru); Francisco Trentini (Marília); Paulo Marsiglio (Pirassununga); Armindo Mastrocola (Catanduva); Renato Rossi (Campinas), Rubens Marcondes Pereira (Campinas). Ribeirão Preto trazia o maior número de participantes: Kanji Kamata, Júlio Dante Risso, Amadeu Borelly, Clóvis Simão Trad, José Michel Kalaf, Joaquim Francisco Neto, Fernando Jorge Roselino, Silvio Contart e Dolermando Pagnanos.

Mas o Clube Manoel de Abreu não era apenas uma reunião de médicos. Em torno destes protagonistas gravitavam desde há muitos anos os representantes das empresas do setor radiológico, que colaboravam, apoiavam e trabalhavam por aquele grupo, seja auxiliando seus membros ou

5. LUZ, José da. Fatos e Histórias do Clube Manoel de Abreu. *Jornal de Imagem*, edição 350, outubro de 2007, p. 18.

fazendo a comunicação entre os diversos profissionais. Há nomes de importância imprescindível, como Praciano, Odilon, André José Camargo (Med-X) e Miguel Biagioni Garcia. Este último, que àquela altura era vendedor do laboratório Maurício Vilella, seria, tempos depois, o primeiro a receber da Sociedade Paulista de Radiologia o título de sócio benemérito. Era um reconhecimento de seu trabalho em favor da entidade.

A ele se junta o português Jayme Miranda, da Spitzer do Brasil, que começou a frequentar as reuniões do interior em 1966. "Ele fabricava e vendia aparelhos de raios X. Todas as clínicas do interior tinham aparelho do Miranda. Era uma figura extraordinária e estava presente em todas as reuniões do Manoel de Abreu", destaca Celso Hiram de Araújo Freitas. "O Miranda era um grande amigo meu e vinha a Ribeirão Preto com frequência. Ele começou a fabricar a mesa, só a mesa. O transformador ele comprava e montava o equipamento", completa o médico Clóvis Simão Trad.

Também faz parte dessa trupe o representante comercial Gentil Isidoro Nepomuceno, que até hoje é conhecido como Dr. Manoel de Abreu. Já na década de 1970, Gentil, que atualmente é representante comercial da Konimagem, começou a firmar os laços profissionais e de amizade com os médicos da capital e do interior. Orgulha-se ao destacar que desde que começou a participar das reuniões, só perdeu uma, realizada em Catanduva, e dos vínculos de amizade que fez ao longo de tantos anos de atuação. "Naquela época, quando chegávamos às clínicas, os médicos nos recebiam de portas abertas, queriam que participássemos de tudo. Neste convívio de mais tempo é que foram surgindo confiança e amizade. Quando a gente chegava, eles paravam com o serviço, colocavam duas cadeiras uma de frente para a outra e ficávamos conversando. Muitos médicos não queriam que eu dormisse em hotel e me convidavam para pernoitar na casa deles", afirma.

O Clube Manoel de Abreu também não se restringia ao debate científico. Vários outros assuntos de interesse para os radiologistas eram apresentados e discutidos durante as reuniões, como a própria fundação da Sociedade Paulista. Na agenda, recebiam destaques temas como a reivindicação nos descontos das contas para o imposto de renda, tabelas de honorários e o fato de muitos médicos estarem utilizando o serviço de raios X mesmo sem serem radiologistas. O formato do clube, após a formalização, em 1965, também passou por algumas reformulações. Em 30 de abril de 1967, o então presidente Pedro de Paula Brandão falou sobre a necessidade de mudar o sistema de funcionamento e defendeu que todas as futuras reuniões fossem realizadas em uma cidade-sede, que seria São Carlos. A proposta causou muita controvérsia entre os presentes e o médico Francisco Trentini foi o que mais discordou da sugestão. Para chegarem a um meio-termo, ficou decidido que São Carlos centralizaria o maior número de reuniões. Brandão também instituiu que se cobrasse um valor simbólico dos participantes, quantia esta que ajudaria na realização das reuniões.

Durante o Clube Manoel de Abreu em Americana, em 1989, na gestão de Giovanni Guido Cerri, Gentil Isidoro Nepomuceno foi homenageado com uma placa comemorativa pelos serviços prestados à classe radiológica

Em 25 de abril de 1971, sob o comando de José Marcos Pires de Oliveira, ficou acordado que, durante os encontros, seriam realizadas miniconferências que teriam duração de 15 minutos. E o médico Cássio Ruas de Moraes, de Ribeirão Preto, foi o primeiro a experimentar a novidade, ao apresentar para os colegas o tema "Localização das hemorragias do trato gastrointestinal pela arteriografia seletiva".

E assim, respaldado sob uma base que combinava intercâmbio do conhecimento e amizade, o clube foi crescendo e vários nomes hoje conhecidos foram se associando a ele. O próprio Pires, presidente do CMA entre 1971 e 1972 e da SPR entre 1972 e 1975, só se associou em abril de 1966. Em abril de 1967, é a vez de Virgílio Tusi, Antonio Moura Gagliano, José Pinto Nogueira, Mario João Ferrario Porto (todos de Santos) solicitarem o seu ingresso, juntamente com José Vilela (Araçatuba), Fernando Chammas (São Paulo), Arthur Affonso Campanhã (Piracicaba), Manoel Nogueira Soares e Nelson Olavo de Mello, ambos de Sorocaba.

Graduado com a primeira turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba, em 1956, a primeira de medicina do interior do Estado de São Paulo, Nelson Olavo bebeu da fonte de Walter Bonfim Pontes. Ao dr. Pontes credita a sua entrada ao mundo da radiologia, ter conseguido finalizar a sua tese de mestrado e o fato de ter feito um ano de estágio no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP), onde aprendeu ao lado de Eduardo Cotrim.

Um dos atuantes participantes do Clube Manoel de Abreu, dr. Cássio Ruas de Moraes colabora desde a década de 1980 com o Jornal da Imagem

"Saía de Sorocaba e ía todos os dias para São Paulo de trem. Naquela época, eu era assistente das cadeiras de Cirurgia Torácica e Radiologia. Depois, fiquei só com a Radiologia", comenta. Seu contato com o Clube Manoel de Abreu aconteceu após conhecer alguns colegas no Congresso Brasileiro de Radiologia e durante alguns congressos internacionais. Convidado para participar das reuniões do interior paulista, logo se tornou assíduo frequentador e, posteriormente, presidente do clube (entre 1979 e 1981). "No encontro de Sorocaba, que eu organizei, o dr. Jarbas (Gomes da Cunha) dormiu na minha casa. Nós tínhamos uma grande amizade", rememora Nelson Olavo.

Quem também relembra os primeiros tempos é o médico Celso Hiram, atualmente em Franca. "Uma vez, teve uma reunião em São Carlos na igrejinha da esquina da casa do doutor Romeu Santini. Nós sentamos nos bancos e o negatoscópio foi posto no altar da igrejinha." Dessa forma, muitas reuniões deixaram sua marca histórica e cada uma tinha as suas peculiaridades. São lembradas com saudosismo, por exemplo, as peixadas dos encontros organizados pelo dr. Paulo Marsiglio (Pirassununga); o carneiro preparado com a ajuda de Praciano nas reuniões de Jaú, de responsabilidade do dr. Pedro de Paula Brandão; e dos encontros na chácara do dr. Sidney, em Americana.

De fato, as assembleias na Chácara Tutameia[6], nome dado à propriedade, eram bastante prestigiadas pelos associados. Sidney de Souza Almeida Júnior, filho do saudoso radiologista, lembra que as reuniões das quais tem lembrança sempre foram pautadas pela descontração. "Antes tínhamos um sitiozinho e fazíamos lá. Tempos depois compramos uma chácara à beira da represa de Americana e meu pai construiu um anfiteatro – que ele batizou de Feres Secaf – só para fazer as reuniões do Manoel de Abreu. Durante muito tempo, toda a eleição da diretoria da SPR era feita lá", ressalta.

Outra lembrança destacada por Sidney Júnior foi o período de racionamento de combustível, vivido pelo Brasil em meados da década de 1980, em que os postos fechavam nos finais de semana. "Meu pai estocava galões e galões de gasolina para o pessoal poder ir à reunião e depois poder abastecer para ir embora", comenta o também radiologista.

Quem também lembra muito bem deste período difícil é o médico Clóvis Simão Trad. De acordo com seu relato, alguns levavam gasolina no carro, mas, geralmente, cabia ao anfitrião da cidade reservar o combustível para os participantes. "Aqueles que precisavam falavam mais ou menos quanto gastavam e o anfitrião reservava. Quando a reunião era em Catanduva, por exemplo, eu sempre solicitava ao meu amigo Armindo Filho, que foi nosso residente, para armazenar a gasolina a fim de que eu pudesse voltar depois", disse.

Enfim, não seria a crise do petróleo, que levou ao racionamento de combustível, que impediria a realização dos encontros do Clube Manoel de Abreu. Depois de vencer as distâncias, o isolamento, as diferenças individuais, a precariedade da radiologia, a dificuldade de formação e de informação, as crises políticas e econômicas, aquele grupo sabia o quanto era bom se reunir e o quanto era essencial manter-se unidos. E cinco décadas de existência provam o tamanho dessa força. Do grupo nascido da feliz ideia de Droctóvio dividida com o amigo Seth-Hur, em 1961, saíram alguns dos homens que ajudaram a conduzir a Radiologia paulista para um papel de protagonista no cenário nacional: Jarbas, Santini, Pires e a estrela da companhia, Sidney de Souza Almeida. Com este último, uma nova era teria início.

O apoio das esposas

Mais do que a discussão de casos científicos, as reuniões do Clube Manoel de Abreu eram um grande momento de confraternização junto aos radiologistas e suas famílias, visto que boa parte deles levava mulheres e filhos. E muitas esposas e filhos ainda guardam com carinho lembranças

6. Nome da obra de Guimarães Rosa, publicada em 1967, com 40 curtas histórias. Pode ter como sinônimo ninharia, quase nada, preço irrisório.

"Uma vez teve uma reunião em São Carlos na igrejinha da esquina da casa do dr. Romeu Santini. Nós sentamos nos bancos e o negatoscópio foi posto no altar da igrejinha."

Celso Hiram de Araújo Freitas, sobre uma das situações inusitadas vividas no Clube Manoel de Abreu.

desses primeiros tempos. "Fui a muitos encontros e tenho vínculos até hoje com as esposas de alguns radiologistas. Claro que o tempo vai nos afastando porque eu não participo mais. Mas quando a gente se encontra, conversa, pergunta dos filhos e agora também dos netos", afirma a médica Mina Karpovas, esposa de Luiz Karpovas, que acompanhou sempre o marido nas reuniões no interior.

Segundo ela, enquanto os maridos ficavam nas palestras, as mulheres aproveitavam para conversar e colocar os assuntos em dia. A filha do casal, a hoje radiologista Bety Spilberg Karpovas, também vivenciou parte daquelas experiências junto dos pais. "Eu era muito pequena quando ia aos clubes. Lembro que sempre frequentei e várias pessoas, que se tornaram meus professores na época em que cursei Medicina, eu já conhecia da infância, desses encontros", frisa Bety.

Quem também participou de muitas reuniões no papel de filha foi Maria Luíza Gomes Porto, filha de Jarbas Gomes da Cunha, o primeiro presidente da SPR e que também presidiu clube entre 1972 e 1973. "Viajávamos para várias cidades do Estado e era muito gostoso. Minha mãe, Tarsila, acabou fazendo amizade com as outras senhoras. Ela gostava demais de ir porque era uma maneira de ter uma convivência muito agradável com as outras esposas dos radiologistas", rememora.

O saudosismo também toma conta de dona Maria Helena Pires de Oliveira, esposa do médico José Marcos Pires de Oliveira, quando o assunto é Clube Manoel de Abreu. Segundo ela, nos dias das reuniões era combinado o lugar da chegada e, enquanto os médicos iam para a reunião científica, mulheres e crianças ficavam na casa da senhora do médico organizador. Para a anfitriã ficava a tarefa de oferecer lazer às convidadas, como passeio aos pontos turísticos da cidade, visita ao centro de compras e várias outras atividades que antecediam ao almoço. "A Nair, esposa do Romeu Santini, era uma senhora muito agradável e simpática, que nos recebia muito bem em São Carlos. A Maria

"Meu pai estocava galões e galões de gasolina para o pessoal poder ir à reunião e depois poder abastecer para ir embora."

Sidney de Souza Almeida Júnior, sobre o racionamento de combustível vivido no início dos anos 1980, em que os postos fechavam nos finais de semana.

Inês, esposa de Nelson Olavo de Mello, de Sorocaba, alegrava todo mundo; Maria Helena, mulher do Geraldo Uchôa, de Catanduva, era chiquérrima e a Zaida, do José Michel Kalaf, de Campinas, muito amiga. Sem contar a Clarinha, do dr. Sidney, de quem me aproximei bastante. Nós tínhamos muitos papos. Era muito bonito e, por sinal, muito bom!", atestou dona Maria Helena.

Ao piano, Maria Helena Pires comanda a animação no Grande Hotel São Pedro, em reunião do Clube Manoel de Abreu, de outubro de 1997; na primeira foto à direita, tem a companhia da amiga Zaida Kalaf

Esposas de radiologistas prestigiam a reunião do Clube Manoel de Abreu em Águas de São Pedro, em outubro de 1997

Na primeira fileira, Nelson Olavo de Mello, Pedro Brandão, Nair Santini (de azul e óculos), Ema Brandão e Tarsila Gomes da Cunha. Na fileira seguinte, Romeu Santini (de branco) ao lado de Jarbas Gomes da Cunha; atrás, José Marcos Pires de Oliveira com a esposa, Maria Helena

Os drs. Romeu Santini, Jarbas Gomes da Cunha (de óculos) à direita, e Pedro Brandão (em primeiro plano, à esquerda) colocam a conversa em dia durante um dos encontros do CMA

Os drs. José da Luz, Antônio Ferreira Filho, Pedro Brandão e Apparício de Mello: após discussão de casos, descontração entre amigos

Dr. Clóvis Simão Trad (de costas) durante apresentação de casos do Clube Manoel de Abreu

A partir da direita os drs. Celso Hiram de Araújo Freitas, Adelson André Martins, Renato Adam Mendonça e Jaime Ribeiro Barbosa; em primeiro plano, de óculos, o dr. Romeu José Santini

Da esquerda para a direita: Nelson Olavo de Mello, Itamar Gagliard e Gladston Oliveira Machado

O dr. Cássio Ruas de Moraes (à direita) conversa com o dr. Clóvis Simão Trad, logo após apresentar, em reunião do CMA, em São Carlos, o caso "Calcificação Mictastica do Coração e Pulmão"

Os amigos José Michel Kalaf, José Marcos Pires de Oliveira e Nelson Barbosa durante as comemorações de 30 anos da SPR, ocorridas em outubro de 1997 em Águas de São Pedro

Leonardo Lania, de São José do Rio Preto: um dos fundadores do Clube Manoel de Abreu

Dr. Tufik Bauab Júnior, de São José do Rio Preto, antes de comandar a SPR, no biênio 2009-2011, presidiu também o Clube Manoel de Abreu, entre 2002 e 2005

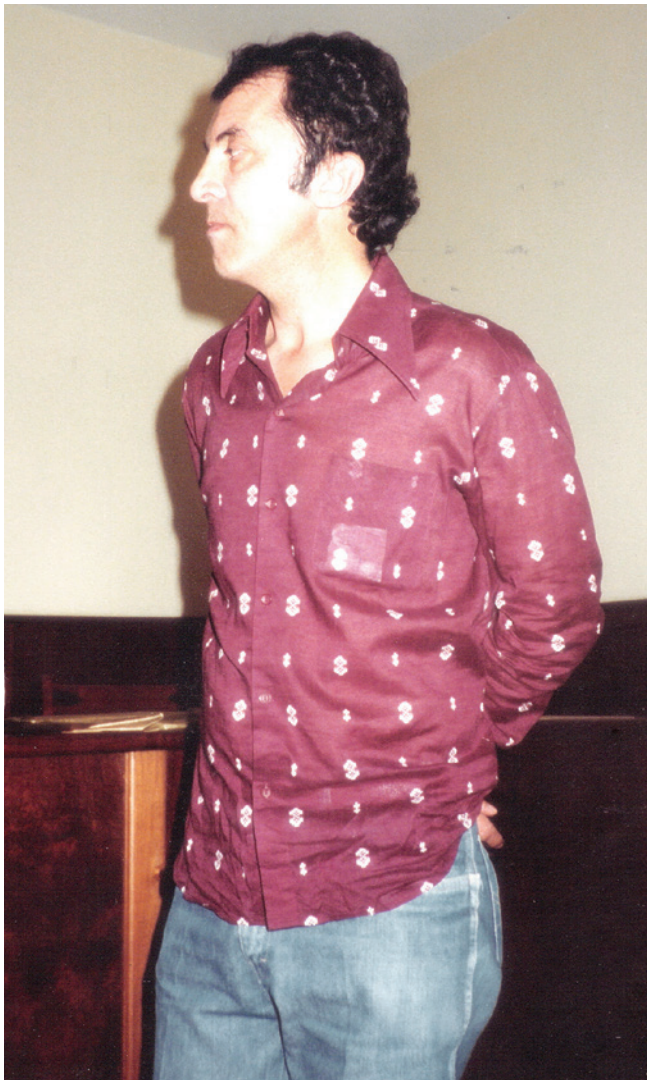
Amigos se reúnem em Jaú, em maio de 1992, para homenagear Pedro Brandão. Da direita para a esquerda os drs. Jarbas Gomes da Cunha, Celso Hiram de Araújo Freitas, José da Luz, Jaime Ribeiro Barbosa, não identificado, Feres Secaf, Pedro Brandão, Henrique Lederman, Ricardo Brandão e José Michel Kalaf. Agachados: Jorge Kavakama, Sidney de Almeida Júnior, Elisabete de Almeida, Seth-Hur Cardoso, Romeu José Santini, Alberto Barbosa, Gilson Soares de Faria, Adelson André Martins e William Pederneiras

O anfitrião Pedro Brandão se diverte na companhia da esposa, Ema

Os drs. Jarbas Gomes da Cunha, Pedro Brandão, Seth-Hur Cardoso e Feres Secaf

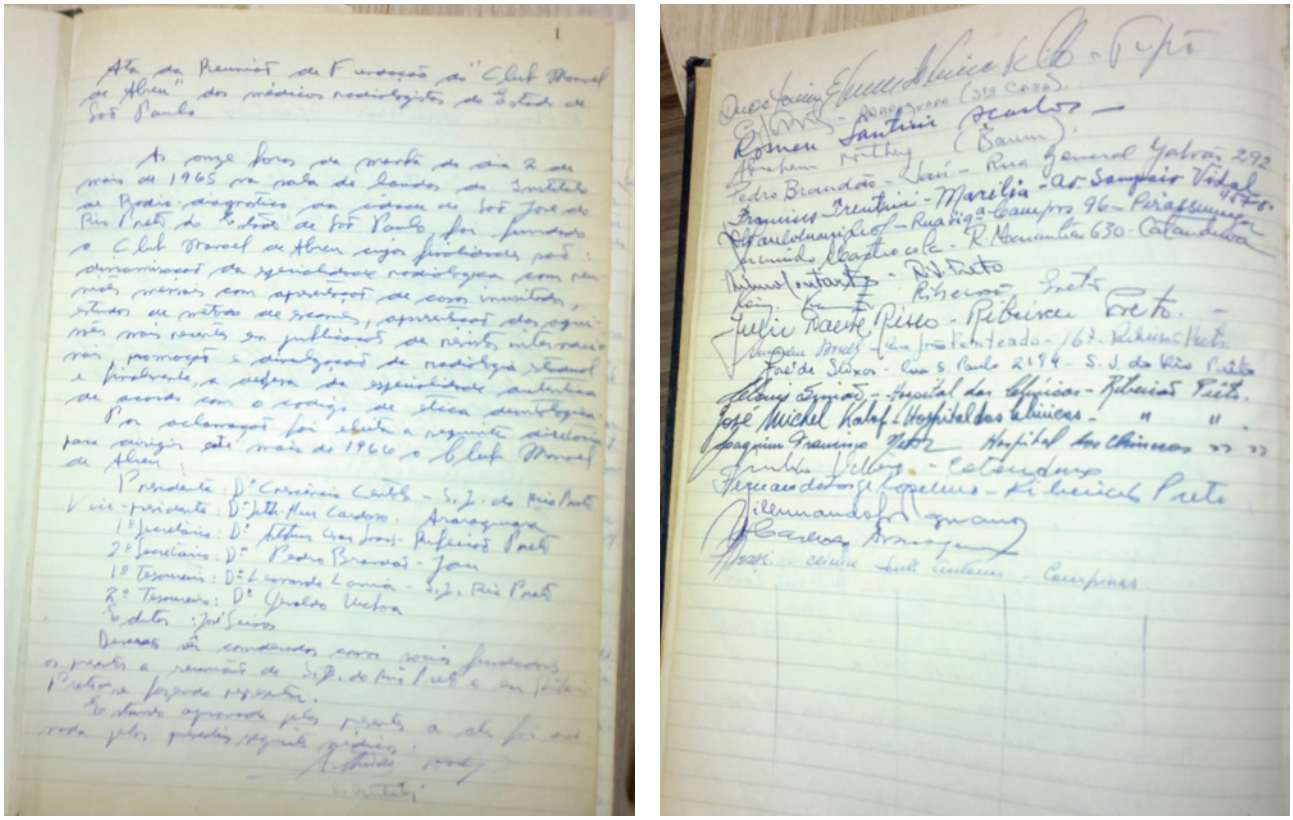
Miguel Biagioni Garcia recebe das mãos de Aldemir Humberto Soares o título de sócio benemérito

O primeiro futechope foi realizado na cidade de Ourinhos, com barril à beira do gramado

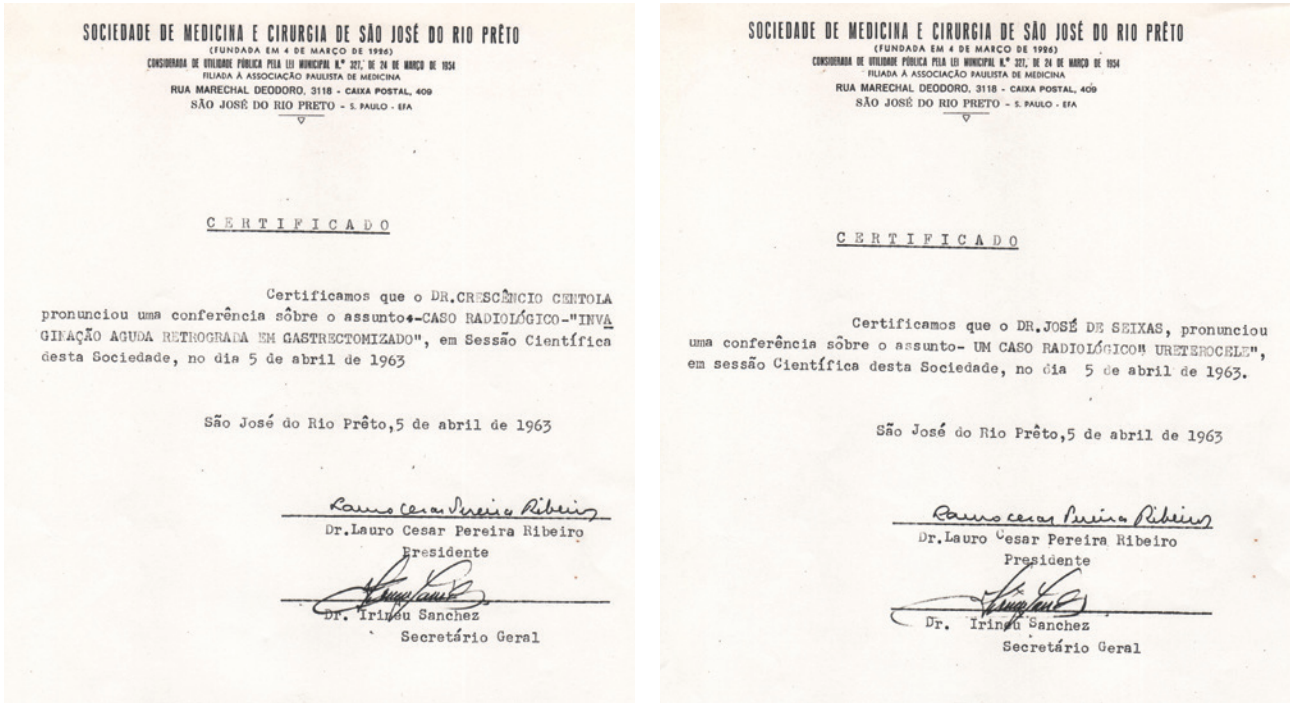


O dr. José da Luz foi presidente do Clube Manoel de Abreu no biênio 1983-1985

Pedro Brandão na companhia do amigo Jarbas Gomes da Cunha



Reprodução da ata de oficialização do Clube Manoel de Abreu, datada de 2 de maio de 1965. Informalmente, as reuniões já aconteciam desde 1961, cada vez em uma cidade



SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO
(FUNDADA EM 4 DE MARÇO DE 1956)
CONSIDERADA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI MUNICIPAL N.º 327, DE 24 DE MARÇO DE 1954
FILIADA À ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA
RUA MARECHAL DEODORO, 3118 - CAIXA POSTAL, 409
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - S. PAULO - EFA

CERTIFICADO

Certificamos que o DR.CRESCÊNCIO CENTOLA pronunciou uma conferência sôbre o assunto-CASO RADIOLÓGICO-"INVAGINAÇÃO AGUDA RETROGRADA EM GASTRECTOMIZADO", em Sessão Científica desta Sociedade, no dia 5 de abril de 1963

São José do Rio Prêto,5 de abril de 1963

Dr.Lauro Cesar Pereira Ribeiro
Presidente

Dr. Irineu Sanchez
Secretário Geral

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO
(FUNDADA EM 4 DE MARÇO DE 1956)
CONSIDERADA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI MUNICIPAL N.º 327, DE 24 DE MARÇO DE 1954
FILIADA À ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA
RUA MARECHAL DEODORO, 3118 - CAIXA POSTAL, 409
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - S. PAULO - EFA

CERTIFICADO

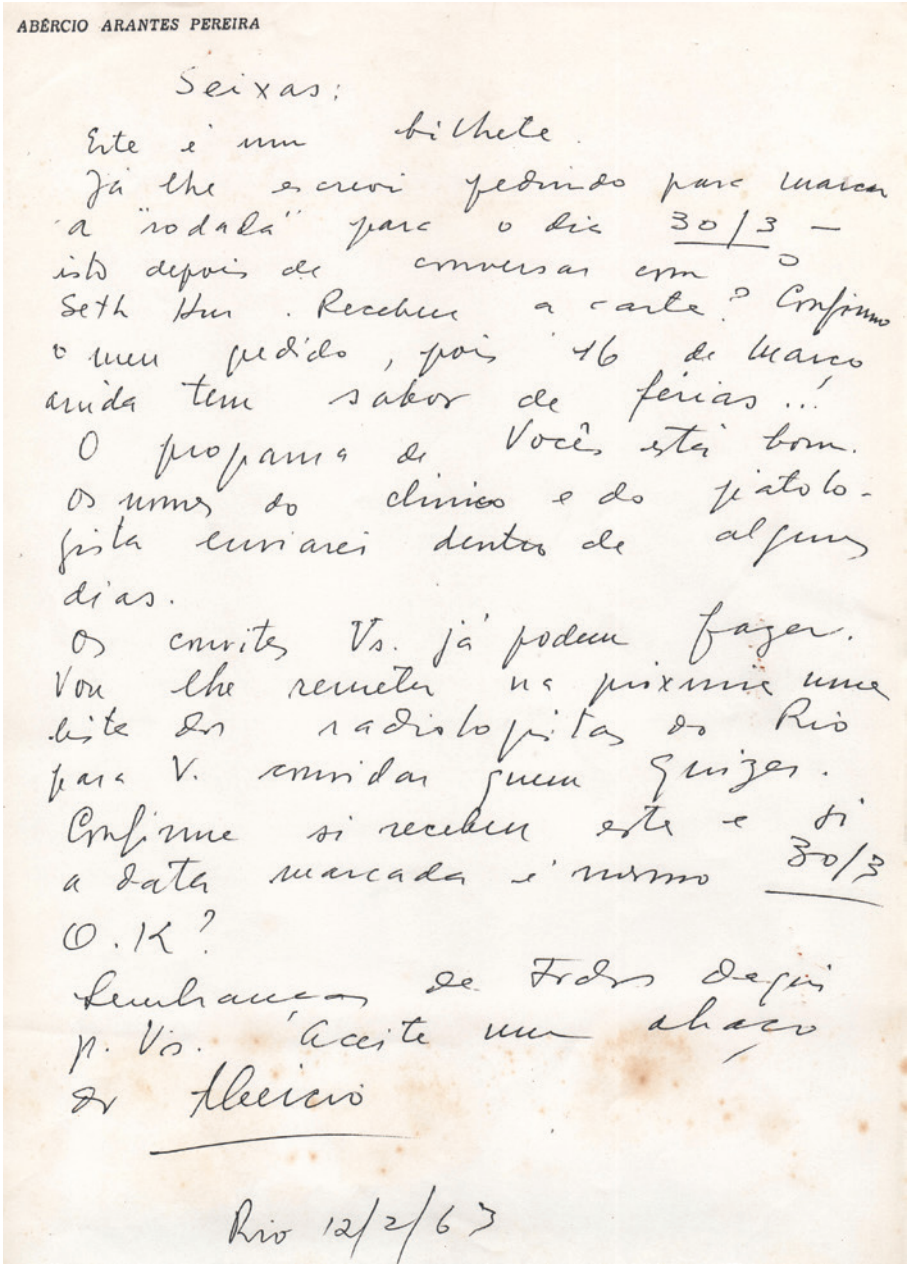
Certificamos que o DR.JOSÉ DE SEIXAS, pronunciou uma conferência sôbre o assunto- UM CASO RADIOLÓGICO" URETEROCELE", em sessão Científica desta Sociedade, no dia 5 de abril de 1963.

São José do Rio Prêto,5 de abril de 1963

Dr.Lauro Cesar Pereira Ribeiro
Presidente

Dr. Irineu Sanchez
Secretário Geral

Modelo de certificado concedido aos conferencistas nos primeiros tempos do clube



ABÉRCIO ARANTES PEREIRA

Seixas:

Este é um bilhete.
Já lhe escrevi pedindo para marcar a "rodada" para o dia 30/3 — isto depois de conversar com o Seth Hur. Recebeu a carta? Confirmo o meu pedido, pois 16 de março ainda tem sabor de férias...!
O programa de Vocês está bom. Os nomes do clínico e do patologista enviarei dentro de alguns dias.
Os convites Vs. já podem fazer. Vou lhe remeter na próxima uma lista dos radiologistas do Rio para V. convidar quem quiser.
Confirme si recebeu este e si a data marcada é mesmo 30/3 O.K?
Lembranças de todos depois p. Vs. Aceite um abraço do Abércio

Rio 12/2/63

Mensagem do dr. Abércio Arantes Pereira para o dr. "Murilo" José de Seixas, de São José do Rio Preto, solicitando mudança de data da I Rodada de Radiologia do Interior:

"Seixas:

Este é um bilhete. Já lhe escrevi pedindo para marcar a "rodada" para o dia 30/3 – isto depois de conversar com o Seth-Hur. Recebeu a carta? Confirmo o meu pedido, pois 16 de março ainda tem sabor de férias...! O programa de vocês está bom. Os nomes do clínico e do patologista enviarei dentro de alguns dias. Os convites vocês já podem fazer. Vou lhe remeter na próxima uma lista dos radiologistas do Rio para você convidar quem quiser. Confirme se recebeu e se a data marcada é mesmo 30/3, ok?

Lembrança de todos depois para você 'aceite um abraço" do Abércio.

Rio, 12/2/63"

FILIAL:
RUA SÃO BENTO N.º 220
C. Postal 1508 - Tel. 33-2[illegible]5/6/7
SÃO PAULO

CASA LOHNER
S. A. MÉDICO - TÉCNICA
Endereço Telegráfico: "RENOL"

MATRIZ:
A V. RIO BRANCO N.º 133
C. Postal 1901 - Tel. 52-2110
RIO DE JANEIRO

RAIOS X ELETRICIDADE MEDICA | EQUIPOS E RAIOS X DENTARIO | INSTRUMENTAL CIRURGICO | ARTIGOS DE LABORATORIO

São Paulo, 23 de Julho de 1954

SIEMENS

Ilmo Snr.
DR. C. CENTOLA
Rua Delegado Pinto Toledo, 25-68
RIO PRETO.
Est. de Sao Paulo

ORÇAMENTO N.º 116/54
SECÇÃO: Elmed/IL/
VENDEDOR: MOSCHELLA

QUANT.	N.º	DESCRIÇÃO DO MATERIAL	CRUZEIROS
Um		DISPOSITIVO DE EXAME, MODÊLO "TELE-PANTOSCOPIO" para dois tubos de raios X, consistindo de: a) Mesa de exame com inclinação motor eletrico 220 Volts, em todas as posições, desde a vertical até a de Trendelenburg; de braço duplo, com suporte para compressao, contra-balançado, comandos centralizados de freios; banco de assento; cone localizador de 13 cm; e diafragma de fenda com teleregulação. b) Estativa vertical com coluna fixada em pé universal correndo sobre 2 trilhos de chao, com: braço horizontal contrabalançado e giratório; oalha para cabos; conjugavel com a mesa, para radioscopia, por meio de acoplamento, e adequada para trabalhar em combinaçao com um aparelho de roentgenfotografia ou outra mesa auxiliar. c) Suspensão de teto, de 3 metros de comprimento, para contrabalançar o écran. Acabento em branco "standard", com partes niqueladas.	
Um		SERIOGRAFO SEGUNDO "ALBRECHT" para 4 seriografias de 10 x 15, intercaladas com radioscopias, num filme de 15 x 40 cm. Com: caixilho movel para um chassis de 15 x 40 cm., com um chassis deste formato e écrans reforçadores respectivos; diafragma antidifo	-segue-

Os preços acima entendem-se para o material posto nesta capital, para pagamento _____
e são considerados firmes por _____ dias a contar da presente data, sendo depois sujeitos a confirmação ou revisão.

CASA LOHNER - S. A. MÉDICO-TÉCNICA

16 - 2000 - 2-54

CASA LOHNER
S. A. MÉDICO-TÉCNICA
Rua São Bento, 220
SÃO PAULO

-2-

ORÇAMENTO N.º 116/54
SECÇÃO: Elmed/IL/
VENDEDOR: MOSCHELLA

QUANT.	N.º	DESCRIÇÃO DO MATERIAL	CRUZEIROS
		ser finissimo de 40 x 40 cm., com telecomando eletroautomático ou para ser afastado completamente quando nao for preciso; dispositivo movel para exames do duodeno, estomago e esofago e para fixar localizadores de compressao; localizador redondo; avental tripartido de proteçao; chave comutadora; caixilho universal para chassis de 13 x 18 até 24 x 30 cm.; e peça de ligaçao para a suspensao do Telepantoscopio; um dispositivo para fixar o segundo tubo de raio X junto com o diafragma acima mencionado atráz da mesa.	
		P r e ç o do aparelho como descriminado .. (Cento e vinte e cinco mil cruzeiros)	Cr$ 125.000,00
		OBS.- O material deste orçamento é usado, porem em perfeito estado.	
Um	568.025/ 569.004.	Chassis de metal com um par de écrans reforçadores formato 30 x 40 cm.	Cr$ 3.152,00
Um	568.004/ 569.003.	Idem, idem formato 24 x 30 cm.	Cr$ 1.935,00
Um	568.003/ 569.002.	Idem, idem 18 x 24 cm.	Cr$ 1.450,00
			6 547 00
		OBSERVAÇÕES:- 1. OS PREÇOS estão sujeitos à confirmação no áto do pedido. 2. OS PREÇOS entendem-se posto nosso deposito Sao Paulo. 3. CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:- 10% no áto do pedido, 20% na entrega do material e restante em 10 pagamentos mensais com despesas de financiamento.	

Os preços acima entendem-se para o material posto nesta capital, para pagamento vide acima
e são considerados firmes por vide acima dias a contar da presente data, sendo depois sujeitos a confirmação ou revisão.

CASA LOHNER - S. A. MÉDICO-TÉCNICA

Hugo Goetze - Gerente

13 - 2000 - 9-52

Orçamento solicitado por Crescêncio Centola, de São José do Rio Preto, à Casa Lohner, do Rio de Janeiro, representante da Siemens no Brasil

CLÍNICA
Dr. ROMEU SANTINI
RAIOS X e ELECTROCARDIOGRAFIA
SÃO CARLOS

RECIBO Cr$20.000,00

Recebi do Snr. Dr.Crescencio Centola, por intermedio do Banco do Estado de São Paulo S.A. s/O.P.877, a importancia de Cr$20.000,00 (vinte mil cruzeiros) referente a compra de um aparelho de " RAIO X "

São Carlos, 12 de Dezembro de 1953

Comprovante de uma operação, realizada em dezembro de 1953, em que o dr. Romeu Santini, de São Carlos, vendeu um aparelho de raios X ao colega Crescêncio Centola, de São José do Rio Preto

O anfitrião Romeu Santini (terceiro da direita para a esquerda) dá as boas-vindas aos participantes da reunião de 1983 do Clube Manoel de Abreu, na cidade de São Carlos

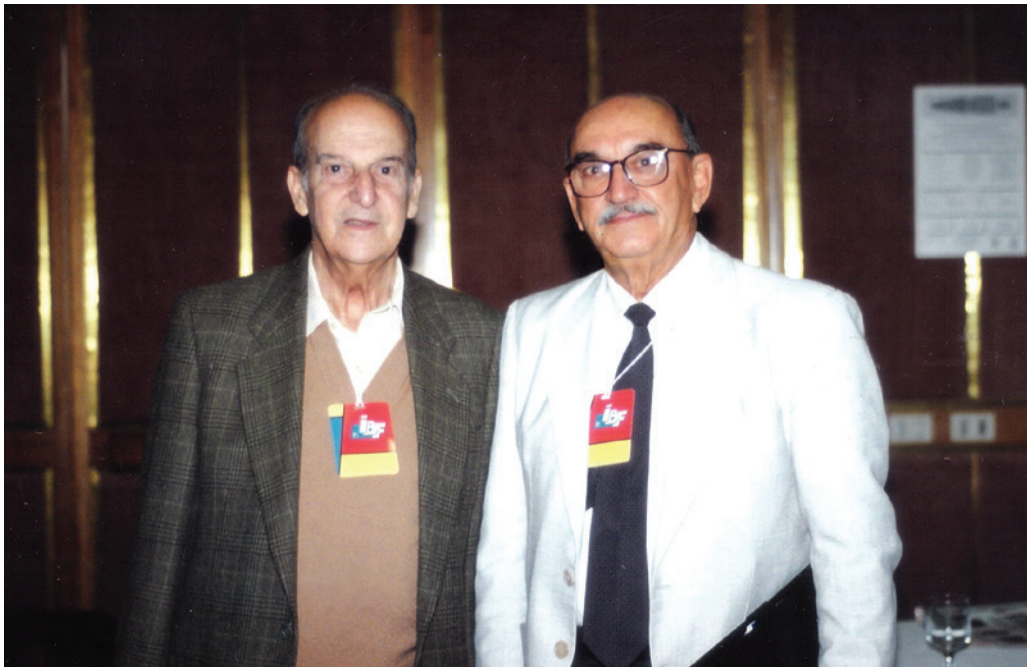
Capítulo 4
A era Sidney

"A Sociedade Paulista de Radiologia era apenas uma prateleira onde se encontravam alguns papéis e documentos."

Ilsa Coelho Duarte, secretária do CBR de 1963 a 1993, sobre a SPR antes de sua sede própria.

Foi em uma reunião do Clube Manoel de Abreu, realizada no anfiteatro da Sociedade de Medicina de Campinas, em 2 de abril de 1978, que o benfeitor e então presidente da SPR, Feres Secaf, indicou aquele que seria o seu sucessor. O espanto foi geral, inclusive para o indicado, o dr. Sidney de Souza Almeida, que há pouco mais de seis anos havia conseguido o título de radiologista, e apenas na sua segunda tentativa de fazer o exame de suficiência do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR). E a indicação vinha de alguém de peso, uma personalidade de extrema importância no meio radiológico nacional e internacional. Àquela altura, Secaf terminava sua segunda passagem (1975-1978) à frente da SPR (foi também o segundo presidente, sucedendo Jarbas Gomes da Cunha, em 1970) e já tinha assegurado a presidência do CBR. Dessa forma, sua palavra não se tratava de mera sugestão, mas de uma sentença.

Sidney, que desde 1965 havia fincado sua base na cidade de Americana, chegava ao topo da hierarquia da SPR, para a primeira de duas gestões seguidas, ficando no comando de 1978 a 1981. Era tempo suficiente para marcar a sua passagem, promovendo conquistas que introduziriam a entidade em sua "era moderna". Com ele foram construídos os pilares que permitiriam a profissionalização e o crescimento desta associação. São desta época a compra da sede própria, os lançamentos do *Jornal da Imagem* e da *Revista da Imagem* e o estabelecimento das reuniões semanais às quartas-feiras, tornando obrigatória a presença dos diretores efetivos.



Sidney de Souza Almeida (à direita) chegou à presidência da SPR apenas seis anos depois de se especializar em Radiologia, graças ao apoio de Feres Secaf

Com Sidney, jovens radiologistas ganharam espaço na diretoria da SPR, como Luiz Karpovas (acima, recebendo o diploma), que o sucederia em 1981

Além disso, trabalhou para atrair as empresas do setor, para abrir espaço a uma geração de novos profissionais (incluindo Luiz Karpovas, Nestor de Barros e Antônio Furtado de Albuquerque Cavalcanti) e aproximar a SPR dos radiologistas e das demais entidades. Com ele, a sociedade também ganhou cunho oficial, com o registro nos diversos órgãos municipais, estaduais e federais, e começou a ter organização contábil e musculatura financeira.

A história do dr. Sidney começa em 5 de fevereiro de 1927, data do seu nascimento, na Fazenda Belém, localizada no município fluminense de Bom Jesus do Itabapoana, que faz divisa com o Espírito Santo. Tempos depois, a família muda para Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro, onde se encontrava a Faculdade Fluminense de Medicina, cuja primeira turma de médicos se formou em 1931. Seria ali que o filho de Catão Arouquela de Almeida e Edeltrudes de Souza Almeida se graduaria tempos depois, em dezembro de 1952.

Logo que se formou, o jovem médico conseguiu um emprego em São Paulo, no Serviço Estadual de Vacinação contra a Febre Amarela. Como prêmio, o recém-formado foi enviado ao interior paulista chefiando 20 equipes de profissionais. Esse pequeno exército tinha a importante missão de promover a imunização em todos os municípios localizados acima do Rio Tietê (já que a parte de cima era de responsabilidade do governo federal). Para comandar, coordenar e auxiliar essas equipes, Sidney contava com um jipe e tinha dois motoristas à disposição. Nessas andanças, acabou passando por Nova Odessa, na época, um pequeno distrito da cidade de Americana, que assim como outros lugarejos paulistas, era carente em profissionais da saúde. Convenceram-no a ficar. Ainda era 1953, quando Sidney resolveu fixar lugar. Depois de estabelecido, voltou para Niterói apenas para casar com Clara Fernandes, que ali havia deixado e com quem já mantinha um relacionamento de oito anos.

Naquela Nova Odessa, cercada de canaviais, alugou o casarão de Herman Jankovitz, no número 253 da Avenida João Pessoa. Ficaria ali por cerca de uma década. Tempo suficiente para ver os dois filhos nascerem, Sidney Júnior e Elisabeth, e ajudar na emancipação do distrito, já com 5 mil habitantes. Também será justamente uma questão política que fará com que ele saia dali em direção à vizinha Americana. Uma divergência com o então amigo Artur Azenha, que viria a se tornar o segundo prefeito da cidade, faz com que o pacífico médico tema pela sua segurança, vindo inclusive a andar armado pela cidade. Daí a justificativa, em 1964, para mudar de ares.

Por essa época, Sidney atuava como clínico geral, pediatra e mesmo como cirurgião. No seu novo endereço, ele encontrou as condições certas para progredir. A cidade crescia alavancada, principalmente, pela força de sua indústria têxtil. Pouco tempo depois, nascia ali a Clínica São Lucas, um hospital particular edificado pelos esforços do dr. Sidney em parceria com os colegas Omar Benedito de Carvalho (ginecologista e obstetra), José Roberto Iemini (cirurgião geral) e Geraldo Sampaio (dentista).

A falta de dinheiro próprio não foi obstáculo para esse grupo, que idealizou um engenhoso sistema de venda de títulos a "sócios-proprietários" e "beneficiários", que teriam vantagens, como descontos e gratuidade no uso dos serviços prestados pelo futuro estabelecimento. A soma arrecadada com esse processo permitiu o início das obras e levar a cabo o projeto, que iniciou suas atividades em 1965.

As instalações ainda eram modestas e faltavam muitos especialistas. Um deles era o radiologista. Foi tentando sanar esse problema que, em 1967, Sidney, já com 40 anos, resolve renegar suas outras atividades como clínico e cirurgião e adentrar na imagenologia. Neste momento, foi amparado pelo especialista médico José Marcos Pires de Oliveira, a quem coube revelar a ele os segredos e macetes por trás da profissão, dentro do serviço da Santa Casa de Rio Claro. Em, 1972, finalmente entraria para o CBR como membro titular, durante a Jornada de Radiologia realizada em São Carlos. "Durante este período, meu pai ia todos os dias para Rio Claro e passava lá a

manhã ou a tarde, aprendendo radiologia com o Pires. Acabaram amigos, de um frequentar a casa do outro nos finais de semana", lembra o médico Sidney de Souza Almeida Júnior, que continua os passos do pai em Americana.

De acordo com Sidney Júnior, foi o mesmo José Marcos que apresentou ao pai o Clube Manoel de Abreu, onde fez os primeiros contatos com Pedro Brandão, Romeu Santini, Jarbas Gomes da Cunha, Seth-Hur Cardoso, José Michel Kalaf, Geraldo Uchôa e Feres Secaf. Naquele clube do interior paulista, o velho Sidney começaria em um curto espaço de tempo seu aprendizado administrativo, sendo secretário, vice-presidente e presidente (1976-1978). Mas sua capacidade o levaria muito mais longe. Em 1978, é aclamado presidente da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) e, muitos anos depois, chegaria à presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia (1985-1987) e à do Colégio Interamericano de Radiologia (1990-1992), desta vez com o apoio do decano José Maria Cabello Campos. Neste último posto, ajudaria a aproximar os países da América Latina e a fortalecer a Radiologia brasileira. Graças a seu trabalho no CIR, os especialistas do País passaram a ser convidados para participarem dos eventos latino-americanos. Com Sidney, novas portas se abriram aos radiologistas brasileiros.

A casa própria

Quando Sidney assumiu a presidência da SPR, a entidade se abrigava dentro da sede do CBR, à época localizada no 13º andar do edifício Santa Emília. Na definição de Ilsa Coelho Duarte, secretária do Colégio de 1963 a 1993, "a Sociedade era apenas uma prateleira onde se encontravam alguns papéis e documentos". E cabia a essa sul-mato-grossense, desde os primeiros tempos do Clube Roentgen, colaborar nas atividades administrativas, inclusive ajudar na organização dos eventos e ligar para os médicos cobrando suas participações.

A falta de uma casa era um obstáculo ao crescimento e incomodava seriamente o novo presidente. Sendo assim, causou *frisson*, já em seu discurso de posse, a solene promessa da compra de um imóvel para abrigar a SPR. Apesar de bastante aplaudido, para alguns dos que estavam naquela Assembleia Geral de Campinas, aquele juramento parecia tão intempestivo quanto prematuro. Entretanto, bastariam apenas cinco meses de gestão e trabalho para que ele se cumprisse. "Éramos de parecer que, enquanto acolhidos e abrigados na sede do Colégio Brasileiro de Radiologia, embora paternalmente, nos faltava, no entanto, o desembaraço, a liberdade de certas ações, enfim, a independência para se alçar a voos mais altos", lembrou Sidney, em artigo publicado na edição número 2 do *Jornal da Imagem*, de outubro de 1978. Assim, com a ajuda de Feres Secaf, que passou a ser diretor de patrimônio da SPR, deu-se início à busca por um local para a futura sede. E não foi preciso ir muito longe, uma vez que a proprietária do apartamento 32, do mesmo edifício Santa Emília, onde além do CBR se encontrava no primeiro andar a clínica radiológica de Secaf,

A trajetória bem-sucedida de Sidney o levaria à presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia (1985-1987) e, posteriormente, ao comando do Colégio Interamericano de Radiologia (1990-1992)

queria vender o imóvel. Negociações feitas, chegou-se ao valor de Cr$ 530 mil (aproximadamente R$ 80 mil ou cerca de US$ 42 mil)[1], devendo 10% deste montante ser pago no ato da assinatura do Contrato Particular de Promessa de Cessão e Transferência de Direitos. Isso aconteceria em 27 de setembro daquele mesmo ano. O restante seria pago no dia da assinatura da escritura definitiva, em 24 de janeiro de 1979, já dentro das dependências do bem adquirido.

Para se conseguir tal soma, contou-se inclusive com a doação de Cr$ 100 mil (cerca de R$ 15 mil ou US$ 8 mil) oriundos da Secretaria da Ciência, Cultura e Tecnologia, cuja pasta estava sob a responsabilidade de Max Feffer. A SPR ainda tinha em caixa o saldo positivo transferido da gestão anterior (Feres Secaf), o montante gerado com a 7ª Jornada Paulista de Radiologia, realizada em Águas de

1. A correção foi feita com base na Tabela de Atualização de Valores da Receita Federal (disponível em www.receita.fazenda.gov.br/aliquotas /tabAtuBensDir.htm) e com o auxílio da Calculadora do Cidadão, ferramenta do Banco Central do Brasil(disponível em https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores.

Sidney e a esposa Clara Fernandes: animados anfitriões nas tradicionais reuniões do Clube Manoel de Abreu, na cidade de Americana

Lindoia, e os pagamentos das anuidades dos cerca de 300 sócios ativos na época. Apesar das diversas fontes de renda, Cr$ 530 mil era muito dinheiro. Dessa forma, o presidente, na companhia de Secaf, não se intimidou em bater à porta das empresas do segmento radiológico solicitando ajuda financeira. Graças mais uma vez à influência de Secaf (que na ocasião mantinha dentro da SPR o cargo de diretor de patrimônio) foi recebido por pelo menos uma delas: a Sakura, de Cristovam Lysandro de Albernaz, que deu significativa contribuição para que aquele sonho se tornasse possível. "A sede própria foi um elemento importante para a SPR. Acredito que era a única sociedade naquele momento que tinha esse privilégio. Mostrava a pujança de São Paulo em relação às similares de outros Estados", analisa o dr. Marcelo Secaf.

Quatro meses antes da assinatura da escritura, aconteceu a inauguração da sede, com um coquetel oferecido pela Med-X, representante da Companhia Brasileira de Filmes Sakura. Além desta empresa, outras seis colaboraram para montá-la e mobiliá-la: Eletromédica Brasileira, EMI, Imex, Spitzer do Brasil, Tapetes São Carlos e Toshiba Medical.

Do final de setembro até aquela sexta-feira, 10 de novembro de 1978, grande foi a correria para que tudo ficasse pronto em tão pouco tempo. O próprio Sidney e Miguel Biagioni Garcia, responsável pela parte comercial da SPR, trabalharam até os últimos momentos para finalizar a montagem dos ambientes. Eram acompanhados de Arlete Almeida, que ficou responsável pela decoração. Ela foi a primeira secretária da SPR em sua nova casa, depois de trabalhar por um curto período na Unidade Radiológica Paulista, a clínica dos doutores Secaf e Antonio Clemente, que era a mais bem equipada da época.

Enfim, às 19h, tudo parecia impecável e a casa cheia de radiologistas, radioterapeutas e médicos nucleares para prestigiar aquela conquista que, segundo Sidney, foi a sua mais importante à frente da SPR. Em meio a amigos, como Cabello Campos e Apparício de Mello, o presidente lamentou publicamente a falta de Secaf, que, naquele momento, estava em viagem pela França e Estados Unidos, onde participou de um Congresso de Tomografia Computadorizada, em Montpellier, e do 64º Congresso da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA), em Chicago. Lembrou aos presentes que foi graças à interferência de Secaf junto à antiga proprietária daquele apartamento, de quem também era amigo, que foi possível fechar o negócio. "Sem a ajuda dele, hoje não estaríamos lhes entregando esta obra", sentenciou no discurso proferido durante a inauguração.

As vozes da SPR

Dotado de visão empresarial ímpar e de personalidade agregadora, Sidney teve a percepção da necessidade de criar um meio de comunicação eficaz e voltado para os radiologistas. Idealizou o

projeto, que nada mais era que uma tentativa de aproximar a SPR do seu público-alvo. Para sanar essa necessidade, sairiam do prelo, pouco tempo depois, o *Jornal* e a *Revista da Imagem*. Enfim, a sociedade ganhava voz e, edição após edição, mostrava que tinha o que dizer para um grupo até certo ponto disperso. "Foi a partir daí que a SPR começou a se comportar como uma entidade realmente representativa para a radiologia paulista", assegura o médico José Michel Kalaf, um dos que presenciaram aquele movimento inovador.

A primeira publicação a ser apresentada foi o *Jornal da Imagem*, cuja edição inaugural chegou gratuitamente a todos os sócios e profissionais do setor em agosto de 1978. Com oito páginas e tiragem de 3 mil exemplares, trazia como destaque principal a cobertura da 8ª Jornada Paulista de Radiologia, que levou 165 médicos a Águas de São Pedro, dois meses antes.

Nascia pequeno e com pouco apelo comercial. Apenas três empresas aceitaram anunciar suas marcas e produtos. Quando Miguel Garcia confirmou a informação de que havia vendido o primeiro anúncio para a Toshiba, a alegria foi geral. Depois deste bom sinal, o experiente vendedor, que durante anos trabalhou no laboratório Maurício Villela, teve de suar a camisa para conseguir outros dois: um pequeno espaço para a Spitzer do Brasil divulgar seus "aparelhos de raios X com ou sem televisão de 500 e 1.000 mA", e quase uma página inteira para a Kodak falar de seus filmes e écrans.

Outros personagens são importantes na história desse jornal. Um deles é Tadao Ono, editor de ascendência nipônica que criou o logotipo e todo projeto gráfico. Ao grupo se juntou o médico Marcelo de Almeida Toledo (1937-2001), então presidente da Comissão Científica e de Publicação e que, na publicação, cumpria o papel de diretor responsável. Filho de Paulo de Almeida Toledo e neto de Antonio de Almeida Prado, ambos ex-diretores da Faculdade de Medicina da USP, Marcelo pertencia à Santa Casa de São Paulo. Além de grande profissional era também conhecido por sua habilidade com as letras, deixando uma profícua produção de contos, crônicas e poemas. Foi dele a ideia de colar a palavra "imagem" ao nome do jornal, o que garantiria à publicação um caráter mais abrangente e a protegeria de possíveis inovações tecnológicas no setor. À frente do JI ficaria até a décima edição (junho de 1979), quando, devido à falta de tempo causada pelo seu excesso de afazeres, pediu seu desligamento daquela atividade. O próprio Sidney ocuparia o lugar.

Mais tempo ficou no cargo o jornalista Luiz Carlos de Almeida, que durante 22 anos foi o editor. O responsável por sua contratação foi o dr. Antonio dos Santos Clemente Filho, que o apresentou ao então presidente da SPR. Aos 36 anos, já era um profissional conhecido do meio médico por estar à frente do jornal da Associação Paulista de Medicina (APM), desde a presidência de Aldo Fazzi (1971-1973), sendo posteriormente assessor dos professores Henrique Arouche de Toledo e Aloysio Geraldo Ferreira de Camargo. Além disso, acumulava participações em veículos de outras entidades, como as revistas do Instituto de Gastroenterologia e da Sociedade de Psiquiatria. "Começamos do zero, mas conseguimos

tornar o projeto viável economicamente e até dar lucro. Posso dizer que, no início, o *Jornal da Imagem* mantinha a sociedade", destacou Luiz Carlos. Para o jornalista, outro legado do projeto idealizado por Sidney foi ter ajudado a criar a cultura do anúncio nas empresas do segmento radiológico, que até então, não tinham despertado para a mídia impressa. E um dos fatores que permitiram isso foi o fato de não ter se focado apenas na radiologia paulista, mas em todo mercado brasileiro. "Desde o seu primeiro número, nunca foi um jornal provinciano", escreveu o próprio idealizador, no artigo "O antecessor e inspirador do Jornal da Imagem", publicado em 1996. Em seguida completou: "nasceu em São Paulo, com o coração do tamanho do Brasil. Sempre procurou informar todos os especialistas brasileiros".

jornal da imagem

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA

Nº 1 — São Paulo, agosto de 1978

Jornada de Radiologia em Águas de S. Pedro

Veja na pág. 8 mais detalhes sobre esse importante evento científico.

Defesas de tese

Três dos mais brilhantes colegas, orgulhosos da Radiologia Paulista e Brasileira, estarão em breve defendendo tese.

DOCÊNCIA

Um deles, o prof. dr. José Ribeiro Menezes Neto, de Campinas, defenderá em fins de agosto ou início de setembro, concurso para docência na Faculdade de Ciências Médicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sobre o tema: "Contribuição à Radiologia da fossa jugular".

TITULAR

Também o prof. dr. Feres Secaf, presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia fará, em 12 de setembro, um concurso para professor titular da Escola Paulista de Medicina, versando sobre "Tomografia Computatorizada: métodos e aplicações".

DOUTORAMENTO

Ainda a drª Rosa Maria Paulini defenderá tese de doutoramento na Escola Paulista de Medicina, sobre o tema: "O espasmo arterial em cateterismo percutâneo da artéria femural?"

Especialista americano estará em Rio Preto para conferências

Nos dias 16 e 17 de setembro, estará em São José do Rio Preto, o prof. Robert Frazer, chefe do Departamento de Radiologia Diagnóstica do Centro Médico da Universidade de Alabama, USA, que irá proferir conferência sobre Radiologia Pulmonar, cujos tópicos serão posteriormente divulgados.

A visita do prof. Frazer foi possibilitada graças aos esforços dos médicos do Instituto de Radiodiagnóstico de Rio Preto, e contará com o patrocínio conjunto da Sociedade Paulista de Radiologia e do Clube Manoel de Abreu, que já marcou sua reunião de setembro para aquela data. No sábado, dia 16, haverá a palestra do prof. Frazer e, domingo, dia 17, com sua participação, a reunião normal do Clube Manoel de Abreu.

Serão fornecidos certificados para os presentes. As reuniões serão realizadas no anfiteatro do próprio Instituto, à rua 15 de novembro, 3.170, Hotel recomendado: Vila Real.

Velho sonho da Revista de Radiologia

O velho sonho da edição de uma revista de radiologia começa a tornar-se uma realidade. Os estudos já foram iniciados, e encontram-se bem adiantados os entendimentos com o dr. Walter Pontes para que a Sociedade Paulista de Radiologia encampe sua revista. Trata-se de um grande empreendimento, decisivo para a veiculação da produção científica dos colegas radiologistas.

Estudos visam a modificação do estatuto

A modificação dos estatutos da Sociedade Paulista de Radiologia começa a ser estudada com vistas à sua atualização e melhor adequação ao momento atual. Além da necessidade de adaptá-lo aos estatutos do Colégio Brasileiro de Radiologia, com a celebração de convênio com a Associação Paulista de Medicina, este documento tornar-se-á obsoleto, motivo pelo qual realiza-se um criterioso estudo das exigências, e considera-se também os avanços da especialidade, hoje já chamada nos centros mais adiantados de "imagenologia".

Outra preocupação da Sociedade Paulista de Radiologia ao reformar seus estatutos é a de elaborar um documento completo, a fim de que não se torne obsoleto em pouco tempo. Nesses estudos já se prevê a criação de Departamentos Científicos, como de Medicina Nuclear, Radioterapia, Ultrassonografia, Radiodiagnóstico, Tomografia Computorizada, etc.

Seguindo as linhas gerais que norteiam outras entidades, nessa reforma de estatuto, serão criadas novas categorias de sócios, como sócios residentes, sócios acadêmicos, efetivos, provisórios, jubilados, correspondentes nacionais, correspondentes estrangeiros, honorários, beneméritos e afins.

A propósito, médicos da área de medicina nuclear, entre os quais o colega David Serson vem realizando reuniões com a nossa diretoria, visando associar-se a SPR.

Curso de atualização para Técnicos

Visando o aprimoramento do pessoal técnico da área de radiologia, estão sendo mantidos entendimentos com a ATRESP (Associação dos Técnicos de Radiologia do Estado de São Paulo), através de seu presidente, sr. Aristides Negreti, para preparação de cursos de atualização e aperfeiçoamento. Esses cursos, que se destinam a técnicos de radiologia, serão ministrados em diversas cidades do Interior.

A Sociedade Paulista de Radiologia comunica que os médicos interessados em realizar tais cursos em suas cidades, podem entrar em contato com a mesma. O objetivo básico da nossa entidade é possibilitar o aprimoramento do pessoal técnico, contribuindo decisivamente para a melhoria e elevação do nível de trabalho na especialidade, nos diversos centros médicos de São Paulo.

Capa da primeira edição do *Jornal da Imagem*, editada em agosto de 1978

"Começamos do zero, mas conseguimos tornar o projeto viável economicamente e até dar lucro. Posso dizer que, no início, o Jornal da Imagem mantinha a sociedade."

Luiz Carlos de Almeida, editor do jornal por 22 anos, sobre a importância do veículo de comunicação nos primeiros anos da SPR.

Neste mesmo texto, Sidney credita ao *Jornal de Radiologia*, órgão oficial do Clube Manoel de Abreu, a fonte de inspiração para o que seria o *Jornal da Imagem*. O veículo ao qual se refere ganhou vida sete anos antes e só sobreviveu por três edições: julho, agosto e setembro-outubro de 1971. A ideia da publicação, pioneira no interior, foi de José Marcos Pires de Oliveira, que, na época, ocupava o cargo de presidente do Clube, tendo Jarbas Gomes da Cunha como seu vice.

O trabalho era dos mais modestos, mas já contava com o patrocínio do laboratório Maurício Villela. Restringia-se à divulgação dos casos apresentados no Manoel de Abreu, com algumas notas noticiosas do universo radiológico. O terceiro número, por exemplo, destacou o XIII Congresso Brasileiro de Radiologia, ocorrido em Nova Friburgo.

A coleta das informações era centralizada no próprio Pires, que se encarregava de datilografar os textos e organizá-los. Ainda que trabalhando em um formato totalmente amador, o médico de Rio Claro já tinha um admirador e observador do seu trabalho. Nesta ocasião, já havia dois anos que Sidney fazia sua residência voluntária na Santa Casa rio-clarense, cujo serviço era chefiado por Pires. "Ficava que nem a coruja, só apreciando e aprendendo", escreveria. Aprendeu bem. E quando chegou à presidência da SPR, pensou no amigo, no projeto abortado e se propôs a realizar aquele ideal, porém, dessa vez, destinado a sobreviver.

E conseguiu. Graças aos esforços de cada nova diretoria que sucedeu àquela encabeçada por Sidney, o jornal se tornou o principal porta-voz da SPR. Na gestão de Jaime Ribeiro Barbosa (1991-1993), por exemplo, ganhou tratamento especial, tendo aumentada sua tiragem e abrangência. É dessa época o encarte especial "Caderno Dois", de cunho científico, que inicialmente foi

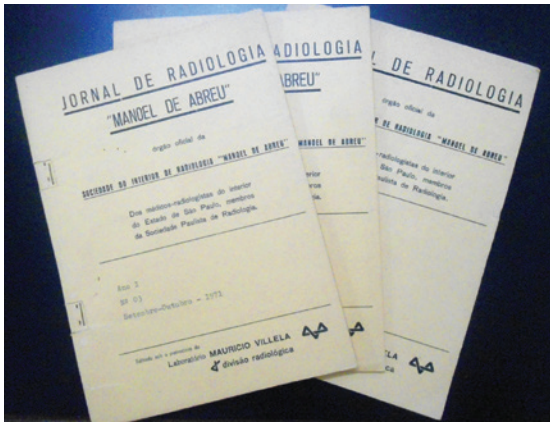
coordenado pelo professor Waldir Maymone. Na presidência do dr. Aldemir Humberto Soares (1995-1997) deixou de ser impresso em preto e branco e ganhou cores em todas as suas páginas.

Bem antes disso, já na primeira edição de agosto de 1978, o jornal trazia estampado em sua primeira página a notícia de que "o velho sonho da revista de radiologia" seria apenas uma questão de tempo. Dizia o texto: "Os estudos já foram iniciados e encontram-se bem adiantados os entendimentos com o dr. Walter Bonfim Pontes para que a Sociedade Paulista de Radiologia encampe sua revista."

A publicação ao qual o texto se refere é o *Jornal de Radiologia*, que nasceu em 1966, mas que, sem obedecer a qualquer periodicidade, chegaria àquele ano de 1978, com apenas 13 edições. Seu fundador foi o respeitado Walter Bonfim Pontes, da Faculdade de Medicina de Sorocaba e, depois de 1981, também da FMUSP. Ele foi o responsável pelo primeiro curso de formação de técnicos em radiologia do Brasil e, de 1958 a 1967, o editor da *Revista Brasileira de Radiologia*, órgão oficial do CBR que seria rebatizado, a partir de 1968, de *Radiologia Brasileira*.

As negociações frutificaram e, de fato, foram adquiridos por doação os direitos autorais da publicação científica de Walter Bonfim Pontes, que passaria a se chamar *Revista da Imagem*. O cargo de editor continuaria com o antigo proprietário e a revista seria lançada em abril de 1979 em Águas de São Pedro, durante a IX jornada. Na visão do então presidente da SPR, a revista deveria ser mensal e sempre batalhou para cumprir aquele compromisso. "Ele costumava dizer: 'vai sair todo mês, nem que seja apenas com duas páginas, mas vai sair'. E conseguiu. Com isso, começou a mostrar ao Brasil inteiro que tinha uma sociedade paulista organizada, forte e atuante", ressaltou Sidney Júnior.

Mas, antes mesmo que a publicação chegasse aos seus leitores, já era, nos bastidores, alvo de uma polêmica, que desestimulava, inicialmente, seu nascimento e, posteriormente, sua continuidade. A primeira delas data de 25 de outubro de 1978, quando Sidney recebeu uma carta-protesto de Rodolfo Roca, então editor da *Radiologia Brasileira*, na qual considerava um "despropósito" criar uma segunda revista de radiologia no Brasil. "Deus sabe o quanto é difícil reunir colaboração nacional de interesse radiológico para publicação regular. E, também, não é fácil obter o numerário suficiente", escreveu.



JORNAL DE RADIOLOGIA "MANOEL DE ABREU"

Redação e expediente: Dr. J.M. Pires de Oliveira
Caixa Postal nº 183
Rio Claro - Est. de S. P.

Redatores: José Marcos Pires de Oliveira
Antonio Cortinhas Júnior
José Ribeiro de Menezes Netto

Colaboradores: Todos os associados da S.I.R.M.A.
- Sòmente serão publicados trabalhos assinados.

SOCIEDADE PAULISTA DE RADIOLOGIA
Diretoria 1971-1972

Presidente: Romeu Santini
Vice Presidente: Pedro Brandão
1º Secretário: Clovis Simão
2º Secretário: Hélio Puppo
1º Tesoureiro: Fernando Godinho
2º Tesoureiro: Pedro Cordeiro

SOCIEDADE DO INTERIOR DE RADIOLOGIA "MANOEL DE ABREU" - S.I.R.M.A.
Diretoria 1971-1972

Presidente: J.M. Pires de Oliveira (Rio Claro)
Vice Presidente: Jarbas Gomes da Cunha (Santos)
1º Secretário: Antonio Cortinhas Jr. (R.Claro)
2º Secretário: Leonardo Lania (S.J. Rio Preto)
1º Tesoureiro: Juvenal Wagner Calixto (Bauru)
2º Tesoureiro: Hélio Puppo (Campinas)

Comissão Científica

Presidente: J. Ribeiro de Menezes Netto

Comissão de Defesa de Classe

Presidente: José de Seixas

Expediente do primeiro jornal de Radiologia do interior de São Paulo, iniciativa do dr. José Marcos Pires de Oliveira, de Rio Claro

Mas o obstinado Sidney tinha os seus propósitos. O projeto seguiu em frente, e foi o centro de pelo menos três reuniões entre SPR e CBR em que, de forma direta, foi proposto o fechamento da revista. Uma delas durante o Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em Blumenau (SC), em 1979. Em todas as vezes, tal sugestão foi veemente recusada. "Respondemos que, embora respeitássemos as opiniões de tantos eminentes profissionais, lamentavelmente não podíamos acatá-las por se tratar de uma exigência estatutária, a qual, como presidente, apenas cabia-nos cumpri-la", registrou 20 anos depois, em um editorial da própria *Revista da Imagem*, intitulado "De um nascimento polêmico a uma vida eterna".

No século XXI, a publicação passaria por inovações e mudanças. Em março de 2003, seu conteúdo se tornou disponível também na Internet, com acesso pelo *site* da SPR, ativo desde fevereiro de 2001. A ideia de aproveitar a potencialidade da rede mundial de computadores partiu do dr. Jacob Szejnfeld, editor científico da revista. Já em 2007, no início da presidência do dr. Marcelo D'Andrea Rossi, outra grande mudança: quase três décadas após seu nascimento, deixou de ser apresentada no formato impresso e entrou em definitivo na era digital, ficando disponível apenas pela web.

Vida que segue

Aos amigos mais próximos, Sidney de Souza Almeida não teve pudor de confessar sua inexperiência inicial para o cargo de presidente da SPR. Mas confiava no poder de discernimento de Feres Secaf, a quem sempre nutriu um misto de amizade e admiração. A confiança no grande médico de ascendência libanesa era sintetizada em uma frase que usava corriqueiramente em tom de brincadeira: "Se o professor Secaf pular da janela eu pulo atrás, pois deve ser um bom negócio". Além disso, se sentia seguro no comando da entidade diante das figuras que o cercavam. "O meu sucesso à frente da diretora da SPR está garantido, pois conto estrategicamente na diretoria com a participação de um 'turco' (Secaf) e um judeu (Luiz Karpovas)", costumava dizer.

Com nomes tão caros à radiologia paulista e brasileira, Sidney marcou com tintas vibrantes sua passagem pela presidência. Por ter deflagrado um processo tão dinâmico e inovador, Luiz Carlos de Almeida não hesita ao dizer que a SPR pode ser considerada existente somente a partir da posse do médico de Americana. "Até aquela data, a Sociedade Paulista era apenas uma entidade constituída de dois clubes, que, sozinhos, eram mais fortes que a SPR", afirma.

E assim, com o mesmo espírito agregador e capacidade associativa, o dr. Sidney foi se preparando para caminhadas mais longas. Tempos depois, em 1985, no Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em Belo Horizonte (MG), foi guinado à presidência do CBR, mais uma vez, com o apoio de Secaf. Nesta condição ficou até 1987. E, em um tempo difícil, pontuado por brigas com o então Instituto Nacional da Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), convênios e empresas, não perdeu a

chance de igualmente deixar o seu legado. Em sua gestão, foi reformada e ampliada a sede do Colégio e adquirido um novo imóvel.

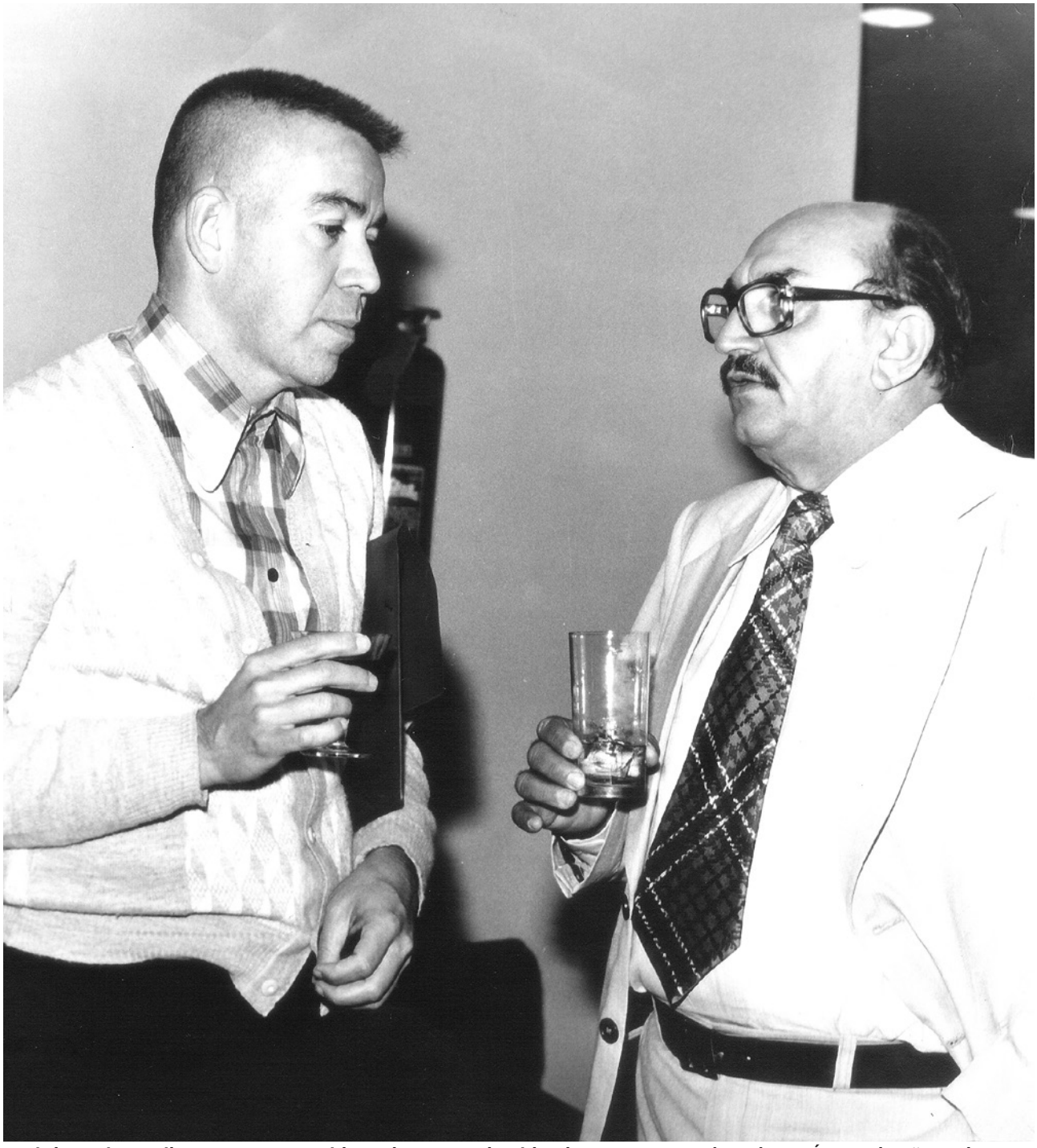
Seus últimos passos à frente de uma associação foram dados no Colégio Interamericano de Radiologia (CIR), que presidiu de 1990 a 1992. Ali criou o *Boletim do CIR* e buscou se aproximar dos colegas latinos e influenciar para que os profissionais brasileiros tivessem assentos nos diversos comitês. "Ele sempre pensou na evolução da Radiologia. Não somente a brasileira como também a latino-americana e mundial. Em todos os seus mandatos ficou bem claro o que pretendia: unir todos os radiologistas", escreveu o médico Aldemir Humberto Soares, no artigo denominado "Adeus Sidney", publicado na edição especial do *Boletim do CBR*, de janeiro de 2002, que destacava a morte do amigo, ocorrida no dia 29 de dezembro de 2001. Era o fim de uma era.

Durante o jantar promovido pela Kodak, na JPR de 1984, uma das atrações foi a réplica da Taça Jules Rimet, que havia sido roubada em 20 de dezembro de 1983 e derretida em seguida

De mentor, José Marcos Pires de Oliveira (primeiro plano) se tornou um grande amigo de Sidney (centro). Na foto ainda se vê Maria Helena (esposa de José Marcos) e Giovanni Guido Cerri

Radiologistas paulistas prestigiam o 23º Congresso Brasileiro de Radiologia, que aconteceu em outubro, no Anhembi, em São Paulo

O sócio benemérito Cristovam Lysandro de Albernaz (à esquerda) é homenageado no Maranhão, sob o olhar atento de Sidney e Feres Secaf



José de Assis Brasil Neto, o Zeca, e Sidney de Souza Almeida, durante a 8ª JPR (1978), em Águas de São Pedro

A partir da esquerda: Luiz Antonio Nunes de Oliveira, Celso Hiram de Araújo Freitas, Sidney de Souza Almeida, Adelson André Martins, Ricardo Pires e Edson Iglesias

Capítulo 5
As jornadas paulistas de radiologia

"O isolamento é mortal. Mesmo que o radiologista consiga vencer por sua capacidade e dedicação ao trabalho, haverá sempre um sentimento de distância, frieza, aridez, que, para o espírito gregário do homem, é fatal."

Seth-Hur Cardoso, um dos fundadores do Clube Manoel de Abreu, durante sessão solene de abertura da JPR de 1982, no Hilton Hotel.

A PRIMEIRA JORNADA DE RADIOLOGIA realizada depois da fundação da SPR foi organizada em pouco mais de sete meses, depois que a ideia surgiu em abril de 1968, durante o evento de filiação no Hotel Quitandinha. Ainda assim, em tempos de comunicação e transporte precários e número reduzido de especialistas, tudo ficou pronto até aquele 13 de novembro, quando, às 21h, o professor Euryclides de Jesus Zerbini abriu solenemente o encontro, com uma palestra no salão nobre da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) [1]. O cardiologista estava no auge de sua glória por ter se tornado, em maio daquele mesmo ano, o primeiro médico do Brasil (e o quinto do mundo) a realizar um transplante de coração. Naquela oportunidade falou sobre o "Uso da radiologia na avaliação das moléstias cardiovasculares".

Quem também marcou presença na JPR de 1968 foi Darcy de Oliveira Ilha, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul (hoje UFRGS). Já era também uma das referências da especialidade graças aos seus estudos e realizações. Sua formação se deu, em parte, dentro do Hospital Karolinska, na capital sueca, Estocolmo, na época, uma das praças mais respeitadas quando o assunto era imagenologia. Com tal histórico, estava à altura para assumir a condução do curso oficial da jornada, que teve como tema "Radiologia e Coração".

Entre os presentes no anfiteatro estava o médico José Michel Kalaf, que encontrou ali professores de diversas universidades, como da própria FMUSP, da Escola Paulista de Medicina, de Ribeirão Preto e especialistas de outros Estados. "Foi um evento com uma participação bastante expressiva para a época, porque os radiologistas sentiam a necessidade de se organizar do ponto de vista científico e de intercâmbio", relata.

O encontro, que transcorreu até o dia 17, contou com a supervisão dos professores José Maria Cabello Campos, Paulo de Almeida Toledo, Walter Bonfim Pontes e Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães. Apesar dos números tímidos para os padrões atuais, o resultado geral daquela jornada foi extremamente satisfatório, por atrair a participação de 130 médicos de todo o Brasil e contar com a exposição de produtos de empresas nacionais e estrangeiras. Gerou inclusive um saldo positivo de NCr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros novos)[2], cerca de US$ 6,85 mil.

A partir desta jornada, a próxima só voltou a acontecer em São Carlos, durante a Semana Santa de 1972. Esta foi a segunda pós-fundação da SPR, mas, oficialmente foi registrada e é tida, para efeito de ordenamento sequencial, como a quinta. Isso se deve ao fato de terem sido reconhecidas como "jornadas paulistas" as "jornadas do interior paulista" organizadas pelo grupo que viria a se oficializar como Clube Manoel de Abreu (CMA). Esses eventos eram patrocinados pelo Colégio

---

1. Conforme informações da ata do Clube Manoel de Abreu, de 9 de março de 1969.

2. O Cruzeiro Novo foi a moeda oficial do Brasil entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970, em substituição ao Cruzeiro, que depreciara com a inflação.

Brasileiro de Radiologia, o Departamento de Radiologia da Associação Paulista de Medicina e, geralmente, por uma entidade médica do lugar onde era realizada.

A cidade de Araraquara foi a primeira a receber um desses encontros, entre 15 e 18 de novembro de 1962, antes mesmo da formalização do CMA. Foi registrado, na época, como I Jornada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo e serviu de palco para as negociações de formatação do futuro clube, que, apesar de já existir de fato desde 1961, só seria oficializado em 1965. Neste encontro, por exemplo, foi decidido pela realização dos eventos a cada dois anos e rodadas, jornadas menores, a cada quatro meses.

Obedecendo a essas prerrogativas, a I Rodada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo se deu em São José do Rio Preto, entre os dias 30 e 31 de março de 1963. As estrelas da vez nas dependências da Sociedade de Medicina e Cirurgia da cidade foram os professores Abércio Arantes Pereira, José Raimundo de Lima Pimentel, Júlio de Morais e João Guilherme de Figueiredo, vindos especialmente do Rio de Janeiro para aquele encontro. A eles foi dada a responsabilidade de falar sobre o tema oficial do encontro, que foi discorrido em quatro horas de aula, divididas entre sábado e domingo: as doenças de pâncreas. Foram acompanhados por uma plateia de 76 colegas, provenientes de 14 municípios paulistas.

Cinco meses depois, entre os dias 2 e 4 de agosto, foi a vez de Ribeirão Preto sediar o encontro. A edição seguinte, a terceira, aconteceu em São José dos Campos, e contou com as presenças dos médicos Amarino de Oliveira e Waldir Maymone. Já para os acompanhantes, foi elaborada uma agenda agitada, que incluiu visitas à Cerâmica Weiss e à Tecelagem Parahyba, filme no Cine Palácio e chá das cinco na Cantina do Mário. Aquela que seria a quarta rodada da série aconteceu em Santos, de 1º a 3 de maio de 1964. Foi presidida por Jarbas Gomes da Cunha e teve como destaques as presenças dos professores Darcy de Oliveira Ilha (Porto Alegre), Eduardo Cotrim, da FMUSP, e Amarino Carvalho de Oliveira, Emílio Christovam de Amorim e Nicola Caminha, do Rio de Janeiro. No entanto, essa última foi elevada ao *status* de jornada (a segunda, já que a primeira foi a de Araraquara). Depois dela, outra ainda aconteceu em novembro de 1966, ainda sob o signo da "jornada de radiologia do interior". São esses três encontros maiores que foram considerados no momento de ordenar o que viria a ser a Jornada Paulista de Radiologia, fazendo com que o evento realizado em novembro de 1968 na FMUSP fosse reconhecido como a quarta JPR e o seguinte, de São Carlos, como a quinta.

Jornadas nostálgicas do interior

Depois daquela primeira experiência na capital paulista, já sob a chancela da SPR, os grandes encontros científicos passaram a ter sua casa no interior do Estado. Seria assim por uma década, até

A partir da esquerda: Walter Bonfim Pontes, Cabello Campos, Jarbas Gomes da Cunha, Paulo de Almeida Toledo e José Michel Kalaf, na sessão de abertura da Jornada de 1968

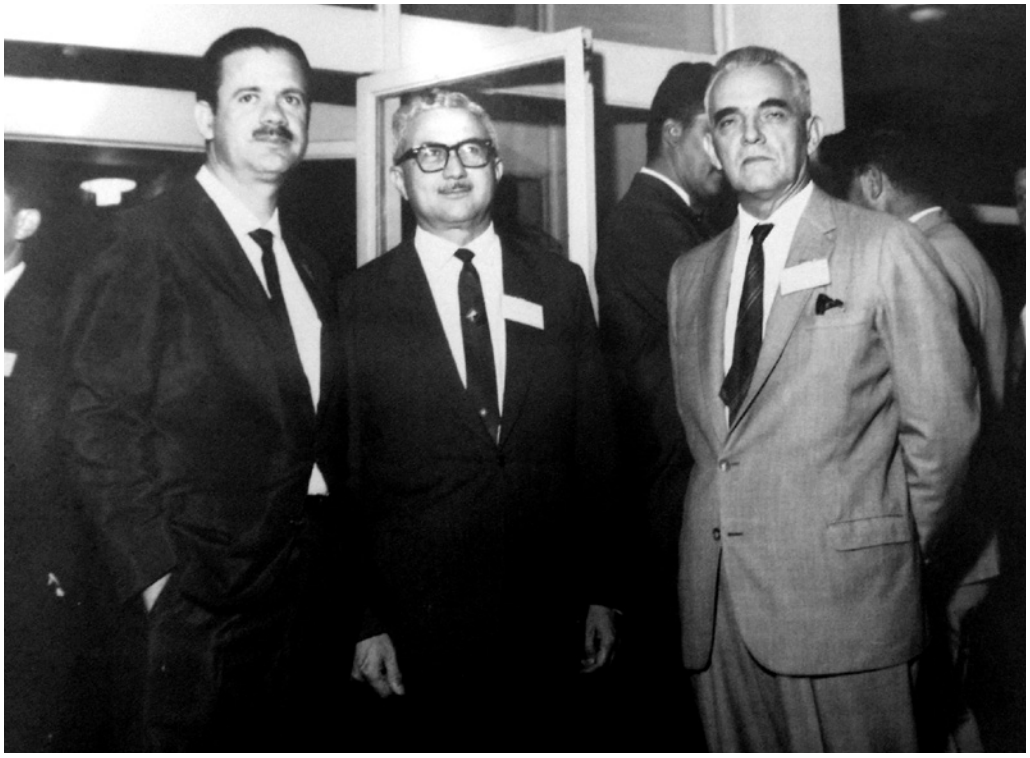
que voltasse em definitivo para a cidade de São Paulo, no início dos anos 1980. O município de São Carlos, de Romeu Santini, então presidente da Sociedade, foi escolhido para receber a quinta jornada, entre os dias 29 de março e 1º de abril de 1972, depois de uma lacuna de mais de três anos preenchida por eventos pontuais, pequenos e menos formais.

Alguns dos homens que ajudaram a escrever a história da radiologia paulista fizeram a sua estreia exatamente no encontro de São Carlos, como Sidney de Souza Almeida e José Alves da Luz. É deste último a lembrança do quanto o evento foi bem-sucedido, desencadeando a superlotação dos principais hotéis da cidade. Isso acabou gerando um problema gastronômico. Em um tempo em que a abstinência à carne era uma regra durante a Semana Santa, o grande número de pessoas presentes fez esgotar o estoque de peixe dos hotéis e restaurantes locais. Segundo José da Luz, em artigo publicado na edição de agosto de 2007 do *Jornal da Imagem*, diante do lamúrio generalizado, com muitos médicos pedindo a liberação dos pratos com carne vermelha, até então proibidos, coube a Santini intervir. "Foi preciso que o dr. Santini, muito religioso, mas com a responsabilidade do evento, pedir aos amigos da gastronomia que providenciassem as refeições aos congressistas – do frango à picanha"[3], escreveu.

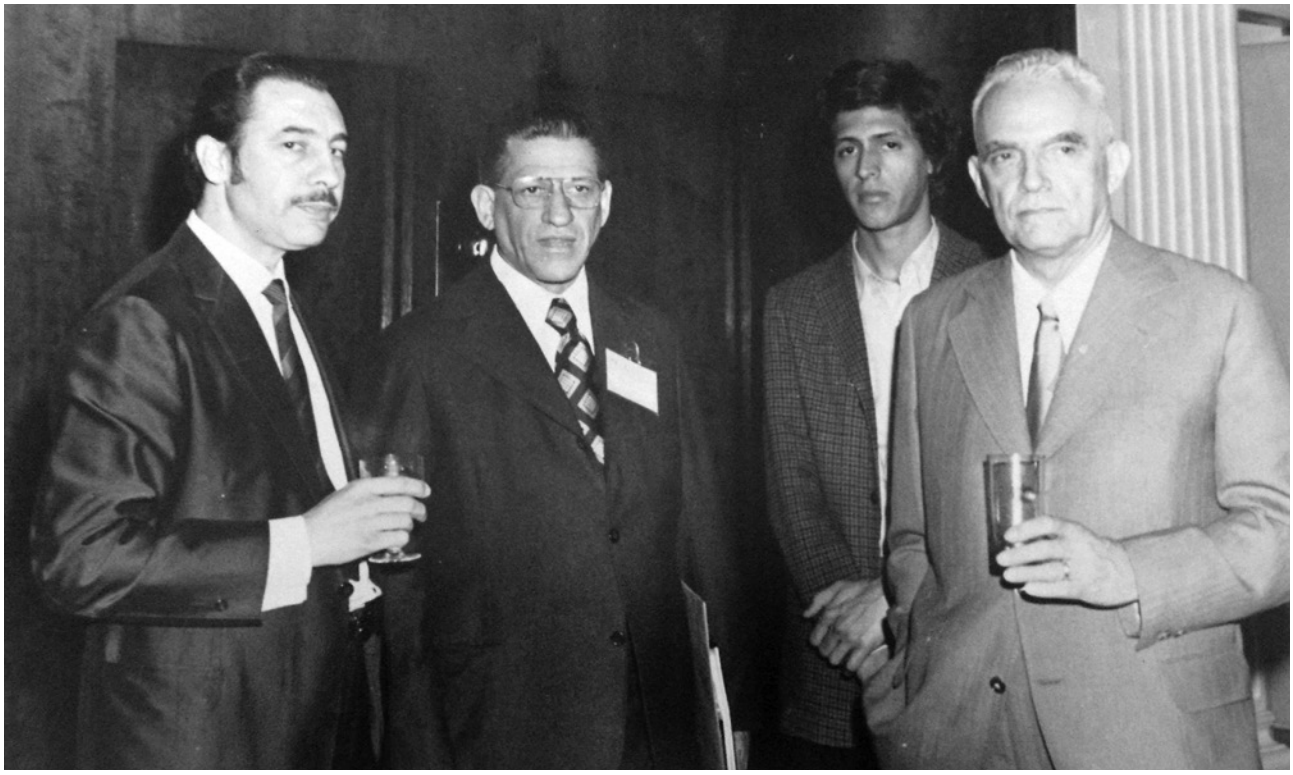
3. LUZ, José Alves da. Fatos e histórias: Clube Manoel de Abreu. *Jornal da Imagem*, n. 348, p.13, ago. 2007.

Os drs. Feres Secaf (terceiro a partir da direita) e Walter Bonfim Pontes (primeiro à esquerda) no estande da Merck Brasil, durante Jornada de 1968

De pé, o dr. Jarbas Gomes da Cunha inicia os trabalhos da 4ª JPR, a primeira pós-fundação da SPR, entre os drs. Cabello Campos (à esquerda) e Paulo de Almeida Toledo (à direita). No outro extremo, da esquerda para a direita, os drs. Abércio Arantes e Walter Bonfim Pontes



O então presidente da SPR, Jarbas Gomes da Cunha, ao lado de Nicola Caminha, na JPR de 1968



Pedro Brandão e Jarbas Gomes da Cunha eram presenças constantes nos congressos científicos espalhados pelo Brasil. Ao lado, o prof. dr. Paulo de Almeida Toledo discursa durante a 4ª JPR

Depois da quinta jornada, uma nova lacuna se abriria, dando a impressão de que seria o fim daqueles grandes encontros de amigos. Voltaria quatro anos depois, em 1976 (entre 29 e 31 de março), na mesma São Carlos, mas agora sob a presidência de Feres Secaf, em sua segunda gestão à frente da SPR. Neste espaço de tempo, os profissionais mais antenados teriam acompanhado, ainda que à distância, o surgimento da primeira geração de tomógrafos, criados por Godfrey Newbold Hounsfield, em 1972; a segunda, lançada em 1974, pela Ohio Nuclear; a terceira, apresentada pela GE em 1975; e, já em abril de 1976, a AS&E introduziria a concepção de tomógrafo de quarta geração.

Em fevereiro do ano seguinte foi inaugurado o primeiro tomógrafo do Brasil, dentro das instalações do Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, ficando sob os cuidados dos drs. Nélio Garcia de Barros e José Zaclis. Em outubro, foi a vez do Hospital Nove de Julho e, em janeiro de 1978, o equipamento chegava ao Hospital Sírio-Libanês. Para se capacitar aos novos tempos, alguns radiologistas começaram a buscar formação fora. É o caso de José Ribeiro de Menezes Netto, de Campinas, e Giovanni Guido Cerri, que voltaram dos Estados Unidos, em 1979; o primeiro, depois de fazer um estágio em tomografia computadorizada, no serviço do respeitado professor Alexander R. Margulis, da Universidade da Califórnia; o outro, com o título de especialista em ultrassom e tomografia da Universidade do Alabama. Os sinais eram claros de que a Radiologia estava mudando.

Maria Helena Pires (primeira à esquerda), esposa do dr. José Marcos Pires de Oliveira, entre amigos, na histórica 5ª Jornada, realizada em São Carlos, em 1972

Mas as jornadas, diferente dos dias atuais, ainda não eram o farol para o qual convergiam tais inovações e a programação científica ainda não estava em sintonia com o novo. Depois de 1976, o evento sai em definitivo de São Carlos e passa a obedecer religiosamente a uma periodicidade anual. Nas cinco edições seguintes, de 1977 a 1981, alterna entre as estâncias hidrominerais de Águas de Lindoia (que recebeu a sétima e décima edições) e Águas de São Pedro (8ª, 9ª e 11ª). Foi nesta última que, em 1978, 165 congressistas presenciaram a primeira modificação estatutária da entidade, aprovada durante a 8ª JPR. Nesta ocasião, os Clubes Roentgen e Manoel de Abreu, até então isolados e dispersos, foram finalmente aninhados dentro da SPR como departamentos científicos. Essa jornada também contou com a presença de dois estrangeiros: Rogelio Moncada e Ramon Ruenes Fernandes, mexicanos radicados nos Estados Unidos.

A presença internacional seguiu na edição seguinte (a nona, de 1979), com a participação do conferencista americano Donald H. Altman e do argentino Jorge Rossi, convidado especial[4]. Nesta oportunidade, 11 Estados, além de São Paulo, foram representados por mais de 400 radiologistas, sendo sete mulheres. Entre elas, as professoras Cláudia Lamego (São Paulo) e Maria Inês B. Boechat (Minas Gerais).

O próximo congresso deveria acontecer em Serra Negra, uma vez que os próprios participantes apelaram para que o evento fosse uma oportunidade de conhecer outras estâncias turísticas de São Paulo. No entanto, de última hora, devido a divergências de ordem econômica, a diretoria da SPR se viu obrigada a transferir o local da décima jornada para o Hotel Tamoyo, em Águas de Lindoia. Devido à alteração inesperada, houve mudança de data e enxugamento da programação. As sessões de correlação clínico-radiológico-patológica (CCRP) dos professores Feres Secaf e Álvaro de Almeida Magalhães foram canceladas. A do dr. Jacyr Quadros foi mantida, mas as aulas que daria, não. Destacadas também foram as passagens do cubano Luiz O. Martinez, que já havia marcado presença na JPR de 1977, e do colombiano Gastón Morillo, ambos radicados em Miami (EUA). Outra presença ilustre foi a do argentino Carlos Bruguera, que ministrou o curso de ultrassom. Sua aula foi tão impactante que influenciou o então presidente da SPR, Sidney de Souza Almeida, a embarcar para Buenos Aires no mês de junho para um período de aprendizado de 30 dias com esse médico.

As jornadas se despediram definitivamente do interior com mais um encontro em São Pedro, em 1981, quando o então governador Paulo Maluf foi escolhido como presidente de honra[5] e Apparício de Mello foi o patrono. Na grade científica, as estrelas foram Rogelio Moncada, professor da Universidade de Chicago, e Ricardo Corona, da Argentina. Assim, complementada por uma

---

4. Rossi seria eleito em seguida, presidente da Sociedade Interamericana de Radiologia Pediátrica, tendo Vanildo José Ozelame (Santa Catarina), como vice, durante o XII Congresso Interamericano de Radiologia, no Equador.

5. Maluf não compareceu a Águas de São Pedro e foi representado à mesa por Walter Bonfim Pontes.

Programada inicialmente para Serra Negra, a 10ª JPR (1980) foi transferida em cima da hora para o Hotel Tamoyo, de Águas de Lindoia. Na sessão solene de abertura, o então presidente, Sidney de Souza Almeida (em pé), dá as boas-vindas

agenda social que incluiu passeio pela eclusa de Barra Bonita, churrasco no Bela Vista Nauti Clube e bingo, chegava ao fim a era da inocência, a fase dos improvisos, os tempos românticos da Jornada e da própria Radiologia paulista. A infância estava ficando para trás. Na cidade de São Paulo, estava destinada a crescer e atingir, finalmente, a maioridade.

A hora e a vez da capital

Na última jornada do interior, também foram costuradas as negociações para a eleição da nova diretoria, que sucederia aquela encabeçada por Sidney de Almeida. Quando chegou novembro de 1981, na Assembleia Geral Ordinária realizada em 6 de novembro na chácara Tutameia, em Americana, pertencente ao próprio Sidney, confirmou-se por aclamação o nome de Luiz Karpovas como presidente. Afinal, o paulistano de ascendência judaica preenchia dois importantes requisitos: estava entrosado e familiarizado com os trabalhos daquela diretoria e tinha capacidade para levá-los adiante. "Com a ida de Karpovas para a SPR a amizade dos dois se fortaleceu. O dr. Sidney confiava muito no trabalho do meu marido e por isso o levou também para o Colégio Brasileiro de Radiologia e para o Colégio Interamericano de Radiologia, e ele acabou também presidente dessas duas entidades", destacou a viúva Mina Karpovas.

Empossado ali mesmo, como era até então a praxe (eleição seguida de posse)[6], caberia a Karpovas conduzir a SPR pelos próximos quatros anos. Sua primeira missão seria guiar a jornada para sua nova casa, o Hotel Hilton. O tradicional estabelecimento, localizado na Avenida Ipiranga, 165, no Centro de São Paulo, fora inaugurado em 1971 e se tornara um dos mais importantes da cidade[7]. Mas ali, a JPR ficaria por apenas duas edições.

A de número 12, de 1982, contou com a participação de apenas 300 radiologistas. Consistiu de 18 aulas ao longo de três dias de programação científica, que ficaram sob a responsabilidade dos professores David Feigin (Universidade de San Diego), Mozart Tavares de Lima (Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo), Vanildo José Ozelame (Universidade Federal de Santa Catarina), Octávio Ribeiro Ratto (Universidade Federal de São Paulo) e Clóvis Simão Trad (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto). Nesta ocasião, foi escolhido o então deputado estadual Fauze Carlos, ex-secretário estadual da Saúde, como presidente de honra, e o velho Seth-Hur Cardoso, de Araraquara, como patrono.

Este último, um dos idealizadores e fundadores do Clube Manoel de Abreu, foi um dos pioneiros na luta pela união dos radiologistas do Estado de São Paulo. Em seu discurso, durante a sessão solene de abertura, em 28 de abril, Seth-Hur não perdeu a chance de falar dos velhos tempos e lembrou como a jornada foi um antídoto ao isolamento que marcou os desbravadores da especialidade. "O isolamento é mortal. Mesmo que o radiologista consiga vencer por sua capacidade e dedicação ao trabalho, haverá sempre um sentimento de distância, frieza, aridez, que, para o espírito gregário do homem, é fatal", destacou à ocasião.

Na edição seguinte (13ª, de 1983), o escolhido como patrono foi Crescêncio Centola, de São José do Rio Preto. Era o mesmo que quase duas décadas antes havia sido escolhido como primeiro presidente do Clube Manoel de Abreu, quando finalmente foi formalizado o que já existia na prática. Naquele ano, foram também prestadas homenagens pelas mortes de Cabello Campos e Paulo Marsiglio, de Pirassununga.

Já a parte científica, que deu ênfase à radiologia pediátrica, ficou por conta dos americanos Scott Dunbar e Richard Towbin, do Children's Hospital Medical Center (de Ciccinatti, Ohio), além dos brasileiros Vanildo José Ozelame e Rubens Marcondes Pereira, da Universidade de Campinas (Unicamp). A última passagem da jornada pelo Hilton foi prestigiada por 400 médicos, entre eles o convidado especial Ricardo Corona, da Argentina.

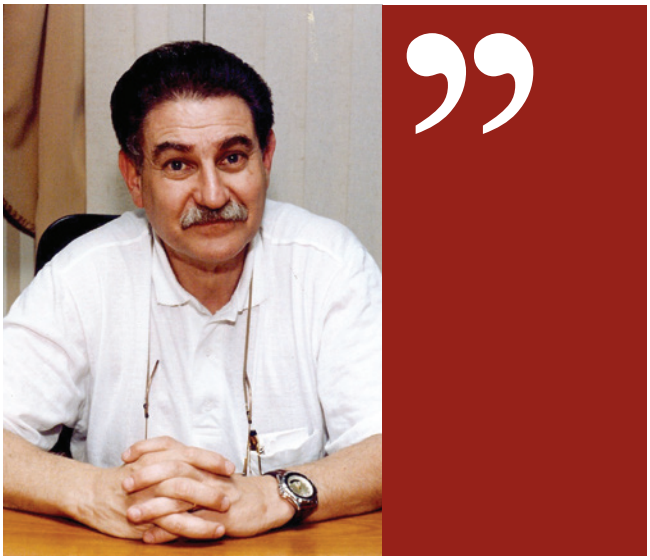
---

6. Houve mudança estatutária deste formato apenas na gestão do dr. Adelson André Martins (2003-2005), quando a posse passou a ser feita na JPR seguinte à eleição. A primeira diretoria a se sujeitar a essa mudança foi a encabeçada pelo dr. André Scatigno (2005-2007).

7. O Hilton deixou o Edifício Ipiranga 165 em 2004, quando foi transferido para a região do Brooklin.

"Insistíamos com os empresários que a participação deles (na JPR) deveria ser mais efetiva, pois tínhamos a convicção de que isto lhes daria um retorno garantido em termos de negócios realizados. Não fomos ouvidos, mas o tempo mostrou que tínhamos razão."

Luiz Karpovas, sobre a resistência das empresas na década de 1980 em levar os equipamentos para serem expostos na JPR.



A segunda casa da JPR na capital paulista foi o Maksoud, que durante muito tempo foi o símbolo máximo de elegância e luxo. A primeira inscrição para essa 14ª edição (abril de 1984) foi do folclórico José de Assis Brasil Neto, conhecido pelos colegas de outrora como Zeca. Gaúcho de São Gabriel, ele se fez notório por sua presença assídua nas jornadas. Nestas ocasiões, cruzava parte do País em seu automóvel, trazendo a tiracolo a esposa, os filhos e o sogro.

Como em ocasiões anteriores, a opção pelo Maksoud foi feita em cima da hora, apenas quatro meses antes da data acertada para a realização do evento, durante a Semana Santa[8]. Ainda na edição do *Jornal da Imagem* de dezembro de 1983 constava a informação de que o encontro permaneceria no Hilton. A mudança de endereço, apesar de ter representado uma elevação de *status,* não significou, inicialmente, aumento de audiência. O quórum de 400 médicos, o mesmo da edição anterior, foi atingido. Mas esse número não representava as pretensões daquela diretoria da SPR, que já aspirava a um evento com envergadura maior.

Só para efeito de comparações, o Curso de Diagnóstico por Imagem, realizado quatro meses antes, em dezembro, pela Unidade Radiológica Paulista, em parceria com o Loyola University Medical Center, havia registrado a presença de igual número de profissionais. Esse curso havia sido realizado pela primeira vez em 1981, graças a uma parceria firmada entre Feres Secaf e o médico Rogelio Moncada, da Loyola University. Em 1994, a pedido do próprio Secaf, a SPR também assumiria a responsabilidade pela realização do evento, que foi rebatizado em homenagem ao professor paulista[9].

---

8. A 14ª JPR aconteceu entre os dias 18 e 21 de abril de 1984.
9. Trata-se do atual Curso de Atualização em Imagem Prof. Dr. Feres Secaf.

O Maksoud seria a casa da Jornada por uma década e oito encontros. Somente em 1993, depois da passagem de cinco diretorias pela SPR, o evento mudaria para o Anhembi. Antes disso, foram vividos ali alguns grandes momentos da história da radiologia paulista. Das solenes cerimônias de abertura, ficaram os registros das homenagens prestadas a ilustres personalidades da especialidade, como Pedro Brandão, Francisco Lanari do Val, Sidney de Souza Almeida, Rubens Savastano, Waldir Maymone e Clóvis Simão Trad, a quem couberam, cada um a seu tempo, o papel de patrono daqueles encontros.

Em termos de tamanho, número de participantes (cerca de 400) e presença de professores estrangeiros (dois ou três) pouca coisa mudou na Jornada durante a gestão de Luiz Karpovas, que, graças à reeleição em novembro de 1983, pôde seguir no comando por mais dois anos. Nem mesmo a parte comercial, um dos atrativos das atuais JPRs, funcionava a contento. Naquele momento, já havia a percepção por parte da diretoria da SPR de que eventos com uma rica exposição de produtos eram mais bem-sucedidos. No entanto, de acordo com o próprio Karpovas, apesar das reivindicações, muitas empresas ainda se recusavam a levar os equipamentos até o local da jornada, se contentando em, basicamente, apresentar folhetos ilustrativos. "Insistíamos com os empresários que a participação deles deveria ser mais efetiva, pois tínhamos a convicção de que isto lhe daria um retorno garantido em termos de negócios realizados. Não fomos ouvidos, mas o tempo mostrou que tínhamos razão", escreveria o ex-presidente tempos depois, em texto publicado no *Jornal da Imagem* de maio de 1993.

Na 16ª edição da JPR, que aconteceu entre 17 e 21 de abril de 1986 e já tendo José Michel Kalaf como presidente, foram percebidos sinais de que algo estava mudando, com a inscrição de 714 médicos. Em seu discurso de posse, na cidade de Americana, Kalaf dava as coordenadas de sua gestão, cujos reflexos também seriam sentidos no principal evento organizado pela entidade paulista. "Atualmente não há mais lugar para amadorismo e, muito menos, para improvisações", alertou o mineiro de Araguari[10].

Naquela edição, foram programadas 90 aulas, número bem superior às 22 do ano anterior. Foi a primeira vez também que a área de radioterapia teve participação ativa, com palestras e mesas-redondas, abordando temas como a evolução do tratamento do câncer de mama, com o dr. Ivo Roesler, e radioterapia nos tumores de infância, com o dr. Alexandre Agostini. As mudanças surtiram efeito e, pela primeira vez, os auditórios Central, São Paulo e Brasil, do Maksoud, pareceram pequenos perante o tamanho do público.

De fato, a Kalaf só foi dada aquela chance de estar em uma jornada como presidente da SPR. A seguinte aconteceu dentro do XXI Congresso Brasileiro de Radiologia, no Palácio de convenções do Anhembi, em outubro. A essa altura, o presidente da SPR já era Giovanni Guido Cerri, que fora eleito na última semana de setembro de 1987, no já tradicional encontro na chácara do dr. Sidney. Com apenas 34 anos, Cerri se tornaria o profissional mais jovem a ser confiado o comando da entidade.

---

10. Kalaf foi eleito em 26 de outubro de 1985, durante encontro do Clube Manoel de Abreu, realizado na Chácara Tutameia.

Criador, em parceria com a Loyola University, do tradicional Curso de Diagnóstico por Imagem, Feres Secaf transferiria para a SPR, em 1994, a responsabilidade pela realização do evento

No entanto, já na jornada de 1986, coube a Kalaf defender e apresentar as bases que norteariam o evento dali para frente: aperfeiçoamento constante, dinamização das atividades propostas e a oferta a cada ano de novos atrativos de atualização científica. "Essa ideia foi expressa e defendida por Michel Kalaf por ocasião da 16ª JPR e ainda reflete os objetivos da diretoria da SPR e das comissões científicas do evento", escreveu Renato Adam Mendonça, em março de 2002, quando era presidente da entidade.

E assim, finalmente com dr. Guido à frente da diretoria, uma JPR superaria a barreira de mil congressistas, na 19ª edição, realizada em 1989. Ao bater essa meta há muito almejada, os organizadores se encontraram diante de um novo problema a resolver, pois perceberam que Maksoud estava pequeno para acomodar adequadamente o evento. Nas edições seguintes, aquele espaço acabou sendo um limitador ao crescimento da jornada, fazendo com que ela mantivesse um desempenho parecido, tanto em número de inscritos (acima de mil) e de empresas expositoras (cerca de 50).

Ao passar o bastão para o médico Luiz Antonio Nunes de Oliveira[11], dr. Giovanni sentenciou: "Nós superamos um número de mil radiologistas inscritos, que foi um marco importante, tanto que já começamos a discutir onde serão realizadas as jornadas do futuro, pela dificuldade de achar um lugar adequado". Essa missão ficaria para as diretorias futuras. O então chefe do Setor de Ultrassonografia da Divisão de Radiologia do HC-FMUSP estava saindo da SPR para assumir pouco tempo depois a presidência do CBR. Mas, antes de fazer a transição, deixou a sua marca, dando em definitivo um caráter multidisciplinar ao principal evento da Sociedade.

---

11. Como se tornara uma tradição, a eleição e posse da nova diretoria aconteceram na Chácara Tutameia, em 22 de outubro de 1989.

E ao dr. Luiz Antonio e sua diretoria caberiam lidar com o maior desafio que a SPR enfrentou até hoje para realizar uma jornada: o Plano Collor. O famigerado programa econômico foi instituído em 16 de março de 1990, um dia após Fernando Collor de Mello assumir a presidência da República, e ficaria marcado pelo "confisco" das contas correntes e das cadernetas de poupança. Desde aquele dia, cada usuário do sistema bancário brasileiro só poderia retirar no máximo NCz$ 50 mil dos valores que tinha aplicados. Na época, a quantia era equivalente a irrisórios US$ 1,3 mil. A jornada estava agendada para começar em 28 de abril.

"Este foi o único evento que a gente teve dúvidas sobre sua realização. Tivemos de sentar todo mundo e discutir: faz ou não faz, cancela ou não cancela? E foi uma decisão muito dividida", rememora Aldemir Humberto Soares, que estreava na diretoria da SPR no difícil papel de tesoureiro geral. "Foi uma data que ficou marcada para todo mundo que participou daquela situação. E foi uma decisão acertada porque estava naquela fase da tomografia 'explodindo' no País e o pessoal precisava de informação", completou.

Tomada a decisão de fazer a 20ª JPR começou um ciclo de negociações com os diversos atores envolvidos nos diferentes processos. Um dos primeiros a ser procurado foi o pessoal do Maksoud, com quem foi acordado o parcelamento do valor do aluguel do seu centro de convenções e da hospedagem dos conferencistas convidados. O mesmo foi proposto à Quality, empresa que preparava o evento, e outros prestadores de serviço. Na mesma direção, foi comunicado e permitido aos radiologistas o parcelamento das inscrições e, assim, toda jornada estava sendo feita financiada e paga em prestações.

Ainda assim, era preciso resolver o problema das passagens dos 11 professores estrangeiros, todos americanos. Nesta altura dos acontecimentos, bateu-se à porta da GE, que havia se instalado há pouco tempo no Brasil. "A subsidiária nacional, como qualquer outra, havia igualmente sido atingida pelo programa, mas, felizmente, não haviam implantado nenhum Plano Collor nos Estados Unidos. Então, depois de uma negociação, conseguimos que a GE americana pagasse as passagens. E o melhor: não precisaríamos ressarcir", lembrou Aldemir. E, no fim de toda aquela turbulência, o evento superou as expectativas, com a presença de mais de mil médicos, entre inscritos e convidados. "Adotamos a filosofia do governo empossado, procuramos economizar e reduzir custos, dispensando as atividades sociais e diminuindo em um dia a programação" [12], afirmou dr. Luiz Antonio, referindo-se também ao fato de o evento ter sido encerrado em 30 de abril, e não mais em 1º de maio, como planejado originalmente.

No ano seguinte, tudo estava muito mais tranquilo. Mais uma vez, com Luiz Antonio ainda na presidência, uma JPR aconteceu simultaneamente a um Congresso Brasileiro de

12. JORNAL DA IMAGEM. São Paulo: SPR, n. 139, mar. 1990.

Radiologia, realizado entre os dias 11 e 15 de outubro de 1991, no Anhembi. Além do trabalho da Sociedade, que permitiu que fossem convidados alguns dos principais nomes presentes ao congresso da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA), outro destaque foi a eleição e posse da nova diretoria, encabeçada pelo médico Jaime Ribeiro Barbosa, no dia 14.

Testemunha privilegiada daqueles tempos do Plano Collor, como vice-presidente, dr. Jaime capitaneou o início dos trabalhos para que a SPR obtivesse fundos suficientes para tocar uma jornada sozinha, sem precisar de patrocinadores ou da venda de espaços na feira comercial. A meta só seria alcançada duas gestões à frente. Caberia a ele também acompanhar o crepúsculo da Era Maksoud (nas jornadas de 1992 e 1993) e comandar os trabalhos para a busca de uma nova casa para a jornada.

Até aquele momento, o hotel tinha se revelado um grande parceiro, prontificando-se a atender todas as demandas, muitas de última hora, que um evento como a jornada proporciona. Mas a falta de espaço físico na área do congresso estava gerando desconforto para os participantes, que muitas vezes ficavam em pé ou sem lugar para assistir às aulas. Além disso, em um momento em que a Radiologia dava sinais de sua pujança, aumentou igualmente o número de empresas interessadas em expor na JPR. Como no Maksoud não havia lugares para todas, muitas estavam ficando de fora.

Com Giovanni Guido Cerri na presidência da SPR, a JPR ultrapassou pela primeira vez, em 1989, a marca de 1.000 congressistas

"Este foi o único evento que a gente teve dúvidas sobre sua realização. Tivemos de sentar todo mundo e discutir: faz ou não faz, cancela ou não cancela? E foi uma decisão muito dividida."

Aldemir Humberto Soares, a respeito do impacto do Plano Collor sobre a JPR de 1990.

Tempo para crescer

Mais uma vez, era hora de mudar. E a escolha caiu sobre o tradicional Palácio das Convenções do Parque Anhembi. O salto era significativo, proporcional ao êxodo do interior para a capital. Diante do espaço e dos múltiplos ambientes oferecidos pelo Anhembi, a JPR se preparava para números bem mais grandiosos. Naquele momento, só o auditório principal, o Elis Regina, tinha capacidade para 987 lugares. A ele se juntavam outros menores, aptos para receber entre 80 e 377 pessoas. As expectativas eram as melhores possíveis para o ano de 1994 e o público não decepcionou, saltando para 2 mil o número de médicos inscritos, contra 1,2 mil do ano anterior, e 3 mil em 1995. Esta jornada, a 25ª (1995), teve direito pela primeira e única vez a sessão solene de abertura fora da área de congresso e exposição, no Parlamento Latino-Americano. Localizado dentro do Memorial da América Latina, o edifício arredondado é um dos legados do gênio criativo de Oscar Niemeyer.

Naquele dia, 28 de abril, foram homenageados os doutores Ênio César Pereira, como patrono, e Rubens Marcondes Pereira (Campinas), como presidente de honra. Mas o campineiro não pôde comparecer e foi representado pelo médico Adilson Prando à mesa solene, tendo as companhias de Giovanni Guido Cerri, Renato Adam Mendonça, Nestor de Barros, Luiz Karpovas, Mário Cardoso, Luiz Alberto de Luca e Itazil Benício dos Santos. Coube ao baiano Itazil abrir as atividades com uma palestra sobre a vida e obra de William Conrad Roentgen. Naquele ano fazia um século da descoberta dos raios X por este cientista alemão. Já na parte científica, participaram 40 professores palestrantes, sendo 11 estrangeiros. Mas, desta jornada, o que muitos lembram até hoje foi a participação do dr. José Michel Kalaf na coordenação da Ginkana de Casos, que roubou a cena com uma fantasia do mago Merlim.

A gincana foi idealizada em 1992[13] pelo presidente da SPR, dr. Jaime Ribeiro Barbosa, que convidou o médico Jorge Issamu Kavakama (1952-2005), que deu um show à parte. A ideia era unir ciência e diversão na análise dos casos, fazendo com que duas equipes de radiologistas experientes fossem colocadas à prova de uma forma muito peculiar. A percepção da plateia era que a disputa mais parecia um programa de humor do que de estudo das imagens. E era exatamente esse o objetivo. Não era à toa que, na sua vez, Kavakama estava vestido de samurai. Depois dele, quem também causou *frisson* na edição de 1993 foi o dr. Décio Prando, que ousou se apresentar com sua fantasia de galinha e portando uma cesta com ovos e um pintinho. Ver professores sérios nestas condições era, no mínimo, inusitado. Isso ajudou a fazer com que a sessões se tornassem um sucesso, atraindo grande número de pessoas aos auditórios onde eram realizadas.

E assim, com ideias novas, investimento farto e espaço, a jornada crescia, colocando mais uma vez em xeque a infraestrutura que o Anhembi oferecia, como lembra Celso Hiram de Araújo Freitas, presidente da SPR no biênio 1997-1999: "Na 28ª JPR, de 1998, tivemos 7.200 pessoas dentro do Anhembi. Como se diz popularmente, 'tinha gente saindo pelo ladrão', algo absurdo. Então, já a partir daí começou mais uma vez a se pensar em buscar outro lugar, pois aquele já não nos acomodava mais". Assim, no ano 2001, já com Renato Adam Mendonça na presidência, o projeto se realizaria. Depois de receber sete edições do evento, o Palácio das Convenções daria a vez para o ITM-Expo, um empreendimento concebido para ser um shopping, mas que, naquele momento, se redefiniu como espaço de exposição. "Na gestão do dr. Renato como presidente fomos procurados pelo ITM, antigo centro têxtil, por uma pessoa chamada Fernando Amaral. Ele era o superintendente lá e nos fez uma boa proposta", acrescenta Marcelo D'Andrea Rossi, o segundo-tesoureiro daquela diretoria.

O lugar tinha as suas vantagens. Localizado nas conjunções das Marginais Tietê e Pinheiros, facilitava o acesso de quem vinha do interior pelas rodovias Anhanguera, Bandeirantes e Castello Branco. Especialmente para os radiologistas de cidades mais próximas, como Campinas, Sorocaba e Jundiaí, o novo endereço permitia a ida e a volta no mesmo dia, sem necessidade de gastos com hospedagem. O lugar seria perfeito se não fosse a proximidade com o Cadeião de Pinheiros, principalmente em 14 de abril de 2001 (a jornada aconteceu entre os dias 12 e 15).

Naquele sábado, mais de 100 presos (entre 120 e 150 dependendo da fonte) conseguiram fugir da unidade prisional depois de uma ação cinematográfica[14]. Para os participantes da jornada chegavam informações que os fugitivos estavam parando os motoristas na Marginal e roubando os carros. O clima ficou tenso dentro do ITM levando a um misto de preocupação, para alguns, e pânico, para outros. Pensou-se inclusive em acionar o deputado Eleuses Paiva, na época presidente da Associação

---

13. Em 1992, também aconteceu pela primeira vez a sessão de interpretação de imagens, sob a coordenação do dr. Adilson Prando.

14. Segundo edição digital do *Diário do Grande ABC* de 14 de abril de 2001, dezoito homens disfarçados de policiais civis entraram na Unidade 3 do Cadeião em três carros e renderam quatro agentes penitenciários que estavam de plantão na guarita. Em seguida, liberaram os encarcerados, que saíram pelo portão principal.

Médica Brasileira (AMB) e já influente junto ao governo estadual, para que ele intercedesse por mais policiamento na região.

Mas, apesar do receio de que algo pudesse acontecer, nada de errado ocorreu e a 31ª JPR foi um sucesso, assumindo em definitivo um papel de protagonista entres os principais e maiores eventos do segmento radiológico. Destacou-se pelo grande número de expositores (75), de professores estrangeiros convidados (70), de congressistas inscritos (2,7 mil), de pessoas circulando pelo local do evento (7 mil), de trabalhos inscritos para a sessão de painéis (348) e por reunir cursos de excelência, como os do Armed Forces Institute of Pathology (Afip), do Estados Unidos, do Instituto Nicer, com sede em Oslo (Noruega), do Congresso Comum Germe-Getroa-GEL[15] e o 1º Curso de Atualização em Tomografia por Emissão de Pósitrons (PET).

Nesta jornada de 2001 começou a solidificar o processo de internacionalização do evento, que já engatinhava há algum tempo. Os casos do Afip, Nicer e, principalmente do Congresso Comum dão uma boa dimensão disso. Só este último contou com a participação de 50 conferencistas (apenas 22 deles brasileiros), tendo na sua plateia 100 congressistas estrangeiros. Mas o principal legado do congresso, coordenado pelo dr. Xavier Stump, foi o aprofundamento do intercâmbio entre a radiologia brasileira e francesa, cujo ápice se daria em 2009, quando, simultaneamente à 39ª JPR, aconteceria o grande Congresso Franco-Latino-Americano.

"O dr. Xavier é belga e morou no Congo Belga, quando teve de sair fugido por causa da luta pela independência (1960). Como é fluente em francês e tem alguns contatos na França, ele acionou essas pessoas e, enfim, contribuiu para essa afinidade com a Sociedade de Radiologia Francesa", pondera o médico André Scatigno Neto. O dr. Renato Mendonça também credita a Xavier um papel de destaque no avizinhamento dos paulistas com os franceses. "Ele foi uma pessoa importantíssima neste processo de aproximação, sendo o responsável direto pela parceria com os grupos Getroa e GEL", destaca.

E a Jornada seguiu no ITM-Expo com passos cada vez mais firmes. O ano 2002 foi marcado pela presença de Nick Bryan, presidente da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA), que, inclusive proferiu a palestra "A evolução digital na Radiologia". Mais importante que a própria visita ilustre foi a reunião de cerca de 40 profissionais brasileiros com membros da diretoria da entidade americana. O encontro significou um novo passo na aproximação da SPR com a RSNA. Entre os protagonistas daquela reunião estavam Aldemir Humberto Soares (na condição de presidente do CBR), além dos doutores Renato Adam Mendonça (presidente da SPR), Adelson André Martins (vice-presidente da SPR), Celso Hiram (diretor do *Jornal da Imagem*) e Luiz Karpovas

15. O Germe é o Grupo de Estudo em Radiologia Musculoesquelética, da SPR; o Getroa é o Grupo de Estudo e Trabalho em Radiologia Osteoarticular, enquanto GEL é a sigla francesa para Grupo de Ultrassom Musculoesquelético. Esses dois últimos se fundiram em 15 de outubro de 2005, dando origem à Sociedade de Imagem Musculoesquelética (Sims).

(como presidente do Colégio Interamericano de Radiologia). Os resultados foram extremamente positivos e renderiam frutos em um futuro próximo.

No entanto, vale destacar que esse "namoro" começou gradualmente na gestão do dr. Aldemir (1995-1997) à frente da Sociedade. Isso porque no RSNA'95 foi a primeira vez que aconteceu um encontro oficial entre as diretorias da entidade americana, do CBR e da SPR. Com ele também estavam Jaime Barbosa (presidente do Colégio), Adilson Prando (presidente da Comissão Científica das duas entidades) e, mais uma vez, Luiz Karpovas[16]. "Foi a primeira vez que conseguimos ser recebidos pelo *board* da RSNA. Estávamos ficando importantes dentro do contexto do congresso deles e, dessa forma, começaram a enxergar o Brasil", explica Aldemir, referindo-se ao fato de que, naquele momento, o Brasil já era a terceira maior delegação no McCormick Place, em Chicago, atrás apenas dos Estados Unidos e do Canadá. Em 1997, o evento recebeu 480 brasileiros. Já no RSNA'96, o encontro foi com representantes do Departamento de Radiologia do Afip, de Washington (EUA). Nesta reunião foi selado o acordo para que professores americanos viessem anualmente promover um curso de radiologia patológica na Jornada, fato que se concretizou a partir da edição de 1998[17].

---

16. O RSNA foi representado por Douglas Maynard (secretário-tesoureiro) e David B. Fraser (diretor de publicações).

17. No evento do Afip de 1998, dois dos residentes que fizeram o curso (Alessandra Vanessa de Albuquerque, da Med Imagem; e Rubens Dario de Moura, do IRHPA) ganharam um estágio de seis semanas na sede da instituição.

Sessão solene de abertura da 22ª JPR, no Maksoud Plaza, com o dr. Jaime Ribeiro Barbosa (centro) no comando

A JPR de 1994 marcou a mudança em definitivo para o Anhembi, depois de mais de uma década no Maksoud Plaza

E ainda antes que Adelson André Martins (presidente entre 2002 e 2005) concebesse um projeto de internacionalização da Jornada, pensou-se primeiro – na segunda metade da década de 1990 – na sua nacionalização. O objetivo era fazer com que a Jornada rompesse em definitivo o território paulista e assim atraísse mais visitantes de outros Estados. Passou-se inclusive a valorizar a marca "JPR" em detrimento do seu nome, "Jornada Paulista de Radiologia". "Quando fizemos a preferência por fixar o nome JPR queríamos, na verdade, destacar que aquele era um evento para todo mundo. A intenção era nacionalizar o evento, fazer dele um canalizador da Radiologia nacional", explica Aldemir. Em função deste artifício ou não, já em 1996, uma jornada conseguiu pela primeira vez reunir profissionais de todos os Estados da federação, de Rondônia (com um representante) ao Rio de Janeiro (com 254); do Acre (dois) a Minas Gerais (199). O trabalho estava dando certo.

Depois deste primeiro passo, o desafio seguinte era superar as fronteiras nacionais. Embora o processo já viesse em um crescente de gestões anteriores, foi articulado um projeto com este fim e coube a Adelson formatá-lo e apresentá-lo. "O Adelson, que era de Presidente Prudente, veio com uma ideia de internacionalização da JPR. Nós tínhamos de crescer, crescer fora do País", afirmou dr. Marcelo D'Andrea Rossi sobre a postura de um dos seus antecessores. Movidos por esse princípio, já em 2005, os médicos Renato Mendonça, Marcelo D'Andrea e André Scatigno Neto embarcaram em uma inusitada viagem ao Chile. Tornar-se-iam os três primeiros brasileiros a aparecer em um Congresso Chileno de Radiologia, sem que tivessem sido convidados ou feito inscrições prévias. Mas,

O "mágico" dr. José Michel Kalaf animando a Gincana de Casos da JPR de 1995

se faltavam conterrâneos, encontraram ali representantes de quase todos os países da América do Sul. Assim, na altitude das Cordilheiras dos Andes, começava a ser tecida uma importante rede de contatos, principalmente com os anfitriões, que viriam a se tornar grandes parceiros da Sociedade.

Novos tempos no Transamérica

Enfim, chegaria a edição de 2006, marcada por recordes e pelo encerramento do curto ciclo da jornada no ITM. Foram 10 mil pessoas circulando pelo centro de convenções e participações de diretores da RSNA, do CIR e da Sociedade Internacional de Radiologia (ISR). Na opinião do dr. André Scatigno Neto, ali ainda oferecia condições para continuar a receber a Jornada por mais alguns anos. No entanto, de uma hora para outra, a diretoria da SPR se viu obrigada a encontrar um novo lugar para acomodar seu principal evento. "O Fernando Amaral, do ITM, nos informou que não seria

possível realizarmos a Jornada no ano seguinte. O gestor havia alugado uma área enorme para servir de *telemarketing* para um grande banco e nós ficaríamos sem espaço", diz Scatigno Neto. Dali ele levaria algumas boas lembranças. Uma delas é o fato de ter feito história ao se tornar, um ano antes, o primeiro presidente, desde as mudanças estatutárias promovidas por Adelson, a ser empossado dentro de uma Jornada[18]. E, no ITM, seria o único. Afinal, em 2007, a JPR estrearia no Transamérica Expo Center, e ali seria a vez dele passar o comando para o colega Marcelo D'Andrea Rossi.

Segundo Rossi, com a saída precoce do ITM, o que poderia significar um problema acabou se tornando uma ferramenta para alavancar o crescimento da Jornada. "Quando viemos para o Transamérica, fizemos mais um super-*upgrade*, por ter como parceiro um hotel cinco-estrelas que dá todo suporte para nós. Além disso, o ar condicionado funciona, o pé-direito é alto, que permite montar, eventualmente, estandes com mezanino, e o dono não é uma massa falida ou uma prefeitura", destaca o campineiro, que, naquele momento, com 43 anos, era o segundo radiologista mais jovem a assumir a SPR.

Por esta época começaram a ser promovidos alguns almoços da diretoria da SPR com altos executivos das principais empresas do setor de radiodiagnóstico que atuam no Brasil. Não era segredo para nenhum dos lados que a Jornada já havia se tornado a grande vitrine comercial na América Latina, com a vantagem de vir pouco tempo depois do RSNA. Enquanto os americanos promovem seu congresso no fim do ano, geralmente em dezembro, a Jornada Paulista acontece na maior parte das vezes em maio. Dessa forma, a maioria dos equipamentos lançados lá é primeiramente apresentada

18. Em uma situação diferente, dr. Jaime Ribeiro Barbosa também foi eleito e empossado dentro de uma Jornada, na 21ª edição, que aconteceu em outubro de 1991, no Anhembi, simultaneamente ao XXIII Congresso do Colégio Brasileiro de Radiologia.

O dr. Jorge Kavakama (página anterior) surpreendeu ao aparecer vestido de samurai na Gincana de Casos da JPR de 1992; no ano seguinte, foi a vez do dr. Décio Prando (foto acima) causar frisson e atrair grande número de pessoas ao evento

Coordenada pelo prof. dr. Clóvis Simão Trad (no centro, de preto), a Gincana de 1994 opôs as equipes Azul (drs. Luiz Antonio Nunes de Oliveira, Paulo Villar do Valle, Lázaro Amaral e Adelson André Martins) e Amarela (drs. José Michel Kalaf, Paulo Wiermann, Augusto César Villani e Milton Nóbrega). Abaixo, Kalaf transforma-se em Merlim na JPR de 1995

ao mercado latino-americano na JPR. "Recebíamos esses profissionais, destacávamos o processo de internacionalização do nosso evento e questionávamos: 'por que levar um argentino, colombiano ou chileno para ver determinado aparelho em Chicago, algo mais caro, se poderiam trazê-los para São Paulo?'", afirma dr. Scatigno Neto.

O argumento era baseado no fato de que no RSNA não se vendem os produtos, que apenas ficam expostos. Em oposição, a Jornada tem como característica o fato de que muitos dos presentes estão ali para comprar, fazer negócio. De acordo com Scatigno Neto, as empresas demoraram um pouco para assimilar essa ideia. No entanto, tal estratégia é cada vez mais utilizada entre elas, o que ajuda no processo de fazer da Jornada Paulista de Radiologia uma referência na América Latina. Mas que ainda tem muito a crescer.

E assim, sob os auspícios destas ações, chega abril de 2007 e o que se vê no Transamérica é uma grande celebração da Radiologia nacional, com convidados da América Latina, Europa, Estados Unidos e Ásia. No todo, o encontro recebeu um público de 10 mil pessoas, sendo metade delas congressistas, 30 professores estrangeiros e 438 painéis. Na parte comercial, foram 52 estantes, que, somados ao espaço restante, ocupou 16 mil m^2 de área. Era um começo animador para um evento que estava apenas se acomodando e conhecendo a nova casa.

A partir de 2009, a SPR inicia uma série de grandes parcerias internacionais tendo a Jornada como palco, cujos rastros se estendem pelo menos até 2018. A primeira delas foi com a Sociedade Francesa de Radiologia, seguida por Sociedade Italiana de Radiologia Médica (2010), Sociedade Chilena de Radiologia (2011), Sociedade Internacional de Radiologia (2012), Federação Mundial de Ultrassom em Medicina e Biologia (WFUMB) e Federação Latino-Americana de Sociedades de Ultrassom em Medicina e Biologia (Flaus) (2013) e Sociedade Norte-Americana de Radiologia (2014, 2016 e 2018).

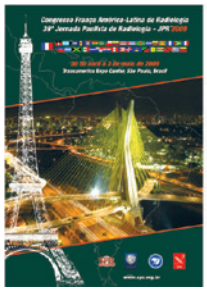
Nesta busca dos paulistas para estreitar suas relações internacionais, um dos que tem papel fundamental é o médico Renato Adam Mendonça. Ao concorrer e conquistar uma posição dentro da Sociedade Internacional de Radiologia (ISR), ele acabou se aproximando de pessoas importantes, tanto cientificamente quanto politicamente. E, na condição de membro do comitê executivo da ISR, acabaria sendo bem-sucedido no trabalho voltado a trazer o Congresso Internacional de Radiologia (ICR) para São Paulo, casando-o com a Jornada. Originalmente, este evento, um dos mais importantes do mundo e que é realizado a cada dois anos, foi programado para ocorrer em 2014, na capital paulista. Mas, em 2010, devido a problemas com Dubai (que o receberia em 2012), o ISR precisou buscar às pressas um novo local. Foi então que em uma reunião perguntaram para dr. Renato:

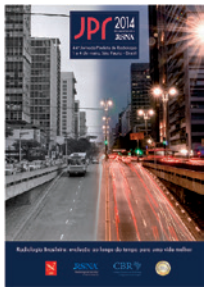
– Dá para antecipar o congresso que acontecerá no Brasil?
– Acho que podemos fazer, sim!

A resposta foi tão direta quanto a pergunta. Muitos dos que ali estavam não acreditavam que pudesse dar certo, pois nunca haviam estado em um evento organizado pela SPR nem sabiam no que havia se tornado a Jornada. Indiferente a tais comentários, pouco tempo depois daquele diálogo, dr. Renato embarcou para a China, que estava recebendo o ICR 2010. Neste país asiático aconteceriam os primeiros encontros do pessoal da SPR com o da ISR visando à preparação do congresso seguinte. No final, números grandiosos, a ponto de Jan Labuscagne, então presidente da ISR, não se conter em sua avaliação: "Eu imaginava que seria um ótimo evento – e foi ainda melhor que isso! É tudo o que posso dizer. Quando eu olhava em qualquer sala de aula, tudo o que eu podia pensar era 'fantástico!'".

O entusiasmo se justificava. Em 2012, o Transamérica recebeu 5,5 mil médicos inscritos e teve 18 mil pessoas circulando por seus corredores. A parte científica ficou sob a responsabilidade de 530 professores, sendo 130 deles do exterior, enquanto a feira comercial recebeu 110 expositores. E as perspectivas para o futuro do evento são ainda promissoras. Em novembro de 2012, A SPR e a RSNA fecharam uma acordo para planejamento conjunto para as JPRs de 2014, 2016 e 2018. Graças a essa parceria, a sociedade norte-americana vai colaborar estreitamente no planejamento do conteúdo científico do evento, fornecer palestrantes e ajudar no desenvolvimento de materiais e cursos que não são normalmente oferecidos na Jornada. "Além da parceria científica significativa, teremos um intercâmbio cultural entre os dois países, o que eu acredito que é extremamente importante para a radiologia brasileira e nossa sociedade", enfatiza o médico Ricardo Emile Baaklini, presidente da SPR no biênio 2011-2013.

Em suma, são ações como essa que fazem com que uma realidade, como aquela que impressionou Labuscagne, felizmente, não pare de crescer e que recordes não durem mais do que uma edição. É o resultado do trabalho de pessoas que souberam vislumbrar as oportunidades, agarrá-las e se superar diante dos obstáculos. E assim, dessa forma, conseguiriam fazer do seu congresso o maior da América Latina, uma referência mundial e um cartão de visitas dos mais atraentes no mundo da Radiologia.





Na 31ª JPR, de abril de 2001, comandada na época dr. Renato Adam Mendonça, o processo de internacionalização da Jornada começa a se solidificar

O dr. Aldemir Humberto Soares é entrevistado por equipe do SBT durante a JPR de 1997

O ano de 2006 marcou a despedida da JPR do ITM-Expo; a partir dali, uma nova era teria início no Transamerica Expo Center (foto ao lado)

Número cada vez crescente de congressistas e conferencistas evidencia o sucesso da Jornada

Marcelo D'Andrea Rossi e André Scatigno Neto: grandes parceiros na defesa dos interesses da SPR

Os drs. Tufik Bauab Júnior e Alfredo Siani assinam acordo de cooperação entre as Sociedades Paulista e Italiana de Radiologia, durante a JPR de 2010

Renato Adam Mendonça: peça fundamental para trazer o Congresso Internacional de Radiologia (ICR) para São Paulo

Ricardo Emile Baaklini, presidente no biênio 2011-2013, foi responsável por mudanças administrativas e organizacionais para manter a SPR no rumo certo

Casa cheia para receber alguns dos principais nomes da radiologia mundial, entre os quais, os drs. James Thrall, dos EUA, e Hans Ringertz, da Suécia, laureados na JPR de 2012 com a Béclère Medal, honraria conferida pela Sociedade Internacional de Radiologia (ISR). Na foto abaixo, dr. Thrall discorre sobre "Imagem na era da Medicina precisa"

Dra. Minerva Becker, da Suíça, expõe caso de Cabeça e Pescoço na concorrida Sessão de Interpretação de Imagens, na JPR de 2012

Capítulo 6
Os cariocas

"Só vá para a Radiologia depois de formado. Aprenda tudo o que você puder aprender, aprenda Medicina e deixe os raios X, que você conhece muito bem, para quando se formar."

Waldir Maymone, aconselhando o amigo José Raimundo de Lima Pimentel.

Até os anos finais da década de 1970 a Radiologia do Rio de Janeiro era seguramente a mais avançada do País. Para efeito de comparação era tão significativo fazer a especialização em um dos serviços da Cidade Maravilhosa (leia-se o "curso do Caminha" ou o "curso do Amorim") quanto é hoje sair do Brasil para aprofundar os estudos da especialidade na Europa ou nos Estados Unidos.

A longa tradição carioca, iniciada nas primeiras décadas do século XX, incluía profissionais do porte de Roberto Duque Estrada e Manoel de Abreu. Depois desses nomes sagrados, outros também tiveram seu lugar ao Sol, como Emílio Christovam de Amorim, Abércio Arantes Pereira, Armando Amoedo, José Raimundo de Lima Pimentel, Amarino Carvalho de Oliveira, Waldir Maymone e Nicola Caminha. Esse último, por justas razões, é o nome mais venerado deste grupo, por ser o elo entre os radiologistas pioneiros e aqueles da nova geração. Mas todos eles foram peças fundamentais no desenvolvimento da especialidade em São Paulo. Estiveram presentes desde a 1ª Jornada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo, realizada em novembro de 1962, em Araraquara, e mantiveram-se sempre próximos, criando vínculos estreitos com os colegas que atuavam nas cidades paulistas. O encontro de Araraquara, por exemplo, foi abrilhantado justamente pelo mais ilustre deles. No programa científico daquele evento foram reservadas seis horas (distribuídas em três dias) para Caminha, que discorreu sobre "Radiologia do Crânio".

Assim como Geraldo Uchôa, Seth-Hur Cardoso e Droctóvio Estevam de Lima Filho, Armando Amoedo (foto) foi discípulo do prof. Nicola Caminha e se tornou uma importante referência da Radiologia nacional

Como presidente do CBR, na década de 1960, o dr. Abércio Arantes Pereira fomentou a ideia de que os Estados brasileiros tivessem suas próprias sociedades regionais, o que levaria à criação da SPR

Nascido em 6 de dezembro de 1910, em Campo Grande (MS), Nicola Caminha é o "pai" de um grande número de profissionais que se especializaram em Radiologia a partir da década de 1930, chegando a treinar mais de 1.000 residentes em todo o Brasil[1]. Formado pela Faculdade Nacional de Medicina (atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), teve como mestre Roberto Duque Estrada, de quem foi assistente de ensino e com quem aprendeu a especialidade dentro do Serviço da Santa Casa. A Radiologia fez parte da prática diária de Caminha desde o segundo ano de faculdade, um período complicado, por conta das dificuldades financeiras, mas recompensador, devido ao nível de aprendizado científico que obteve na época. Com o diploma em mãos, manteria uma rotina atribulada, porém gratificante, atuando na Santa Casa, na Clínica Oscar Clark e no Hospital Nossa Senhora do Socorro. O ano era 1934 e ele estava com apenas 24 anos.

E é em setembro deste mesmo ano que aceita ensinar, a pedido do amigo Victor Rosa (que era chefe de serviço da Clínica Oscar Clark), o pouco que já sabia ao médico mineiro Francisco de Assis Leal. Esse primeiro discípulo era candidato a uma vaga de radiologista disponível no serviço médico da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Central do Brasil e tinha apenas seis meses para aprender.

Leal conseguiu a nova ocupação e Caminha descobriu sua aptidão para o ensino da profissão. Depois disso, um curso foi formatado e outros médicos começaram a procurá-lo. Entre eles, Waldir Maymone, Amarino, Abércio, Amoedo, Pimentel e o próprio Amorim. Todos se fixariam no Rio, mas participariam de grande número de eventos em São Paulo. Outros, como Seth-Hur Cardoso, Geraldo Uchôa e Droctóvio Estevão de Lima Filho, preferiram migrar para São Paulo, onde se estabeleceram, respectivamente, nas cidades de Araraquara, Catanduva e Tupã. Estes três últimos inclusive fizeram parte do serviço chefiado por Caminha no Hospital do Servidor Estadual (HSE). Ali foi o lugar escolhido por Caminha para implementar o primeiro programa de residência médica em Radiologia do País.

Em 1950, o curso se torna a primeira pós-graduação na área no Brasil e tem a emissão de diploma oficializada pelo Serviço de Fiscalização de Medicina. Dez anos depois, é integrado à Escola de Aperfeiçoamento Médico da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Caminha assume o cargo de professor de radiodiagnóstico. Na década de 1970, organiza o Departamento de Radiologia da Faculdade Nacional de Medicina (Fundão), assumindo sua chefia em 1972 e, posteriormente, seria o presidente da International Society of Radiology (ISR), por quatro anos.

Quem também começou a despontar na Cidade Maravilhosa foi Emílio Amorim. Formado pela mesma Faculdade de Medicina da UFRJ, em 1937, ele acabaria montando posteriormente, em parceria com Abércio, um consultório na Rua Senador Dantas, no Centro do Rio de Janeiro.

---

1. RODRIGUES, João Maurício. *A radiologia no Rio*, p. 20.

Os velhos amigos Waldir Maymone, José Marcos Pires de Oliveira e Nelson Ribeiro Barbosa se confraternizam na JPR de 1998

Por este serviço passariam grandes profissionais, incluindo Pimentel e Amarino. Neste estabelecimento, Amorim dá início à residência radiológica, a primeira em clínica particular, privilegiando profissionais de outros Estados. Inclusive, seu primeiro aluno é o Dirceu Rodrigues, do Paraná. "Ele queria levar o padrão da Radiologia carioca para os locais mais distantes do Brasil", afirmou José Pimentel[2]. Amorim também foi um dos conferencistas que estiveram na jornada de Araraquara e depois, em agosto de 1963, na II Rodada de Radiologia do Interior, em Ribeirão Preto.

Na década de 1960, com a chegada de um bom número de profissionais formados no Rio de Janeiro ao Estado de São Paulo, os vínculos entre os radiologistas dos dois Estados se tornaram extremamente próximos.

Neste período, figuras como os médicos José Marcos Pires de Oliveira e "Murilo" José de Seixas estão entre os que se especializaram no Rio de Janeiro. A esta altura, começa a brilhar o nome do dr. Abércio Arantes Pereira, que seria alçado à condição de diretor do Instituto Estadual de Radiologia Manoel de Abreu (IERMN), a partir de sua fundação, em dezembro de 1968.

---

2. RODRIGUES, João Maurício. *A radiologia no Rio*, p.30.

Durante muito tempo, Abércio foi presença cativa nas rodadas e jornadas realizadas em solo paulista, assim como Amarino, o chefe do serviço de Radiologia do hospital do Instituto de Aposentadorias e Pensão dos Comerciários (IAPC) e Armando Amoedo, que se tornaria o chefe do serviço do Hospital Jesus. Juntos, formavam uma invejável seleção profissional e eram disputados para participar de diversas atividades científicas em todo o Brasil.

Esse time de radiologistas se completa com os "sargentos" Pimentel e Maymone. O primeiro, nascido em 1930 na cidade cearense de Quixeramobim, teve infância difícil e depois de rodar por Fortaleza, chegou ao Rio de Janeiro para cursar Farmácia na Escola de Saúde do Exército. Depois de ser aprovado em primeiro lugar no concurso, foi desencorajado pelo oficial médico, o radiologista Lauro Coutinho, que o aconselhou a fazer o curso de técnico em raios X. Convencido por Coutinho, Pimentel forma-se em 1951, como o melhor aluno da turma.

"Quando soldado e já fazendo o curso de técnico, fui morar em uma pensão, onde já morava o futuro médico Waldir Maymone, na época, segundo-sargento do Exército. Ele já havia seguido o mesmo caminho que eu estava iniciando e tornara-se técnico em Radiologia", lembrou Pimentel em entrevista para o *Jornal da Imagem*. Ali, vivenciando as mesmas dificuldades e partilhando dos mesmos sonhos, os dois criariam uma grande amizade e um roteiro de vida muito parecido. Ambos, cada um a seu tempo, passariam por processos de transferência: Maymone, durante a Segunda Guerra, seguiria para Salvador (BA), onde faria a Faculdade de Medicina da Bahia; o cearense rumaria para Bagé (RS), de onde retornaria para o Rio, com o desejo de fazer Medicina. Acabaria realizando seu sonho na antiga Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, onde se formou em 1959. "Já na faculdade, sempre procurei seguir os conselhos do Waldir. Ele dizia: 'Só vá para a Radiologia depois de formado. Aprenda tudo o que você puder aprender, aprenda Medicina e deixe os raios X, que você conhece muito bem, para quando se formar.' Segui esses conselhos e não me arrependo de tê-lo feito", afirmou Pimentel, que acabaria presidente da Sociedade Brasileira de Radiologia (SBRad), entre 1974 e 1975.

Já Maymone era oito anos mais velho que o colega. Nascera em 2 de dezembro de 1921 na cidade de Santos (SP), logo se transferindo com a família para Campo Grande (MS), onde passou sua juventude. Viajou para o Rio de Janeiro sonhando em fazer Engenharia. Mas foi servindo ao Exército que descobriu a Radiologia. Ao ser transferido para a Bahia e entrar para a Faculdade de Medicina, acabaria sendo apresentado pelo professor Cobas ao dr. Nicola Caminha. Assim, em 1949, quando voltou para a então Capital Federal, Maymone conseguiu um estágio de três meses no Hospital dos Servidores, que havia sido inaugurado dois anos antes. Acabaria ficando ali até sua aposentadoria.

Waldir Maymone colaborou com o *Jornal da Imagem* entre os anos de 1992 e 1997. No ano seguinte, foi indicado para a Academia Nacional de Medicina

Terminado o estágio, foi convidado para trabalhar em diversas cidades do interior paulista, tais como Ribeirão Preto, Bauru e Tupã. Entretanto, o fato de estar em um dos melhores serviços de radiologia do País na época, sempre pesou mais que o fator financeiro. Neste ínterim, acabou fazendo também um estágio de aperfeiçoamento de um ano e meio (de 1967 a 1968) na Jefferson Medical School (Filadélfia), em pesquisa e ensino. E assim começou a trabalhar na formação dos residentes, tornando-se uma referência na área. "Me dediquei aos residentes durante os 30 anos que eu passei no Hospital dos Servidores. Eles dizem ter aprendido comigo, mas não sabem o quanto eu aprendi com eles", diria mais tarde.

Dois desses residentes foram os irmãos Nelson e Jaime Ribeiro Barbosa, que depois de fazerem a especialização no hospital pertencente ao Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores Estaduais (Ipase), voltaram para São Paulo e se fixaram em Presidente Prudente. Nelson, o mais velho, foi primeiro e, em 1968, se associou a Domingos Milano Filho, no que viria a ser o Instituto de Radiologia de Presidente Prudente (IRPP). Depois dele foi a vez do dr. Jaime, que, entre 1972 e 1973, se aperfeiçoou nas dependências da respeitada instituição, sob os cuidados de um atencioso Maymone. "É uma figura extraordinária, grande nome da Radiologia nacional, o mestre dos mestres.

"Tive a sorte de pegar um serviço bem organizado e com grandes radiologistas, como o dr. Waldir Maymone, uma pessoa importante na minha formação. Além de ser um grande médico era um grande amigo e um ser humano fantástico."

Jaime Ribeiro Barbosa, sobre o Hospital do Servidor do Estado do Rio de Janeiro e a amizade com Waldir Maymone.

Por suas mãos passaram os maiores profissionais"[3], disse dr. Nelson, em discurso durante as comemorações de 35 anos do IRPP e da inauguração do Centro de Estudos e Diagnóstico por Imagens, que os pupilos batizaram com o nome do seu eterno professor. Outra homenagem ao antigo colaborador do "Caderno Dois" do *Jornal da Imagem* (de 1992 a 1997) foi a eleição para a Academia Nacional de Medicina (ANM). A indicação foi feita pelo professor Waldemar Kischinhevsky[4], ex-presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (1970-1971), e foi prontamente aceita em 5 de novembro de 1998.

Dessa forma, foram com esses mestres "cariocas", alguns deles com acentuado sotaque nordestino, que a Radiologia paulista começou a se fortalecer. A lista é maior, incluindo nomes como do clínico Júlio de Morais e do patologista Guilherme Figueiredo, que igualmente se dispunham a cruzar centenas de quilômetros de carro para ensinar em alguma cidade do interior, geralmente vista como um distante rincão. Ali se encontravam alunos aplicados, como Cláudio Curti (Araraquara), Oswaldo Salvestro (Marília), Caetano Serventino Neto (São José dos Campos), Nagib Nassif (São José do Rio Preto), Luiz Gustavo Wertheimer (Sorocaba) e tantos outros de Bauru, Campinas, Franca, Ribeirão Preto e da capital paulista. Uma turma pequena, disposta a ouvir e aprender e que cresceu em estatura e envergadura. Ao serem erguidos sobre os ombros daqueles gigantes do Rio, aqueles residentes e médicos sedentos de formação foram alçados a um outro nível e, ao se fixarem em São Paulo, ajudaram igualmente a elevar o *status* da própria Radiologia paulista, fazendo dela uma referência nacional.

---

3. HOMENAGEM MARCA OS 35 ANOS DO IRPP. Disponível em www.sinomar.com.br/sa_insrad.asp. Acesso em 31 jan. 2013.

4. Brigadeiro-médico reformado, o Dr. Waldemar Kischinhevsky morreu em 30 de abril de 2003, aos 77 anos. Era membro da Academia Nacional de Medicina e foi o primeiro oficial general judeu da história da Aeronáutica brasileira. Dirigiu o Hospital Central da Aeronáutica (HCA) e o Centro de Medicina Aeroespacial, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

Waldir Maymone e Armando Amoedo na JPR 2002

Da esquerda para a direita, os drs. Abércio Arantes Pereira e José Marcos Pires de Oliveira, no 14º Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em setembro de 1973 no Casa Grande Hotel, no Guarujá (SP)

Da direita para a esquerda os drs. José Michel Kalaf e José Marcos Pires de Oliveira. Na foto ainda aparecem os drs. Waldir Maymone (segundo a partir da esquerda) e João Carlos Cabral (blazer preto), na 10ª Jornada de Radiologia da Guanabara, em setembro de 1972, no Hotel Glória (RJ)

Os professores do Rio de Janeiro sempre colaboraram na formação dos profissionais paulistas, como mostra a imagem da turma do 8º Curso de Aperfeiçoamento em Radiologia. Sentados da esquerda para a direita os profs. Nicola Caminha, Eduardo Cotrim, Raphael de Barros, Roberto Duque Estrada e João Baptista Pulchério Filho. De pé, na primeira fileira: o representante do laboratório Raul Leite, não identificado, Telles e Polisini; na segunda fileira: Geraldo Pedroso, Botto, José Finochiaro, dra. Hansi, Polatto, Walter Bonfim Pontes, Manoel Soares, Shizuo Ozoe e Franco Franchini; na terceira fila, da esquerda para a direita: Fernando Chammas e Antônio Ferreira Filho

Capítulo 7
Dos anos 1980 ao século XXI

"Porque havemos de querer, nós da velha guarda, continuar eternamente olhando sobre o ombro da jovem guarda, vigiando e julgando seus atos? Sem querer, inconscientemente nos colocamos nesta posição."

Antonio dos Santos Clemente Filho, durante discurso na 28ª JPR (1988), da qual foi presidente de honra, sobre o momento em que uma geração mais jovem começava a assumir o comando da SPR.

Os anos **1980** marcaram a história da Radiologia nacional e da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR). Se no cenário geral fazia-se a transição da imagem analógica para a digital, graças ao surgimento e evolução dos computadores pessoais, internamente a SPR vivia o seu amadurecimento como representante de uma classe, e os seus pioneiros começavam a dar lugar para uma nova geração de médicos.

Financeiramente, a SPR inicia a década de 1980 pedindo ajuda à Associação Paulista de Medicina (APM), da qual já era, desde 1978, um departamento científico[1]. No entanto, o socorro econômico foi negado. Ainda assim, politicamente, a Sociedade vivia seu grande momento desde sua fundação em 1968, ao trabalhar ativamente ao lado do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) na campanha pelo reembolso do valor do filme radiográfico por parte do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Depois de valorizar cerca de 400% em um período de um ano, chegou-se ao ponto de que o custo de um mero filme ser superior ao valor

1. A SPR enviou ofício, assinado pelo seu presidente Sidney de Souza Almeida, à APM em 6 de fevereiro de 1980 solicitando ajuda financeira no valor de Cr$ 150 mil para cobrir parte dos gastos com o movimento da classe e Cr$ 30 mil como auxílio mensal para cobrir parte dos gastos com o Jornal e a Revista da Imagem. A resposta veio em 25 de março, com a negativa às duas solicitações.

pago pelo instituto por um exame de tórax. A luta era para que o governo aceitasse pagar à parte o preço da película. Do contrário, seria paralisado o atendimento aos pacientes do Inamps, algo que, de fato, chegou a acontecer, em 1º de fevereiro de 1980. E foi exatamente por trabalhar ativamente nesta campanha que a entidade se viu descapitalizada no final do processo.

Pudera! Com pouco mais de 300 sócios (muitos inadimplentes) e elevadas despesas fixas (manutenção da sede própria, pagamento de pessoal e publicação de um jornal mensal e uma revista trimestral) a Sociedade ainda se viu diante de gastos inesperados. Para que fosse mantido em alerta o comando de paralisação do movimento, um grande esquema tinha de ser acionado diariamente: contatos permanentes com assessores e redatores da imprensa, circulares diversas pelo correio a todos os associados, tiragem extra do *Jornal da Imagem*, 160 telefonemas interurbanos e interestaduais para todas as grandes cidades paulistas e de vários Estados, horas extras do funcionalismo, despesas com convocação de três assembleias gerais extraordinárias, passagens e estadias.

No final, apesar do desfalque financeiro, valeu a pena. O governo cedeu, ainda que parcialmente. Dessa forma, a remuneração dos serviços passaria a ser feita separadamente para filmes e outros custos, sendo que o valor pago pelos filmes corresponderia a 90% dos preços vigentes de mercado. Se a decisão não atendia completamente aos anseios da classe, pela primeira vez houve uma movimentação de âmbito nacional e, para muitos, a maior e mais importante. Para a SPR, mais do que a vitória, a campanha serviu para dar legitimidade à entidade como representante dos radiologistas paulistas, algo que nenhum dinheiro investido em *marketing* poderia assegurar.

O clima de animosidade entre Inamps e radiologistas persistiria na gestão de Luiz Karpovas, que sucede à de Sidney de Souza Almeida, em 1981. No entanto, surgem a essa altura novos complicadores e protagonistas: os convênios, a inflação galopante e a desvalorização contínua da moeda. Isso somado à dificuldade de união da categoria leva a uma constante pauperização da tabela de honorários. Diante desse cenário, a SPR acabou assumindo o papel de um "Dom Quixote" diante dos grandes problemas político-econômicos que estavam à sua volta.

À margem destas questões, o primeiro mandato da gestão Karpovas significou a manutenção das conquistas do período anterior. Não houve acréscimo de patrimônio ou perda. Com a sua reeleição, em novembro de 1983, durante reunião do Clube Manoel de Abreu (CMA) em São José do Rio Preto, dá-se início a uma fase de novidades. A primeira, ainda no final daquele mesmo ano, é a declaração de utilidade pública da SPR. Com isso, foi aberto um leque para se conseguir incentivos para ensino e pesquisa com dotação de verbas e oficialização de eventos. Para essa conquista foi destacado o trabalho do deputado Fauze Carlos, que encampou a bandeira, levando os anseios da Sociedade aos gabinetes públicos.

Feres (em pé), na reunião de Americana, em 1981, quando ocorreu a Assembleia Geral que elegeu Luiz Karpovas presidente

Em março de 1984 foi a vez de se anunciar a compra do apartamento 42 do Edifício Santa Emília com vistas à ampliação da sede da SPR. Na ocasião da assinatura do contrato, estiveram presentes, além do próprio Karpovas, os médicos Décio Prando (então segundo-tesoureiro), Sidney de Souza Almeida e Feres Secaf. O projeto só seria concluído mais de um ano depois, quando, em 4 de outubro de 1985, foi inaugurada a nova sede, a poucos dias da passagem do bastão para o dr. José Michel Kalaf. Naquele momento, a Sociedade tinha 750 associados.

O nome de Kalaf foi lançado na reunião do CMA de Ourinhos (18 e 19 de maio de 1985), quando se comemorava os 20 anos do clube que reunia os radiologistas do interior. Sob nova direção, inicia-se um processo de transição, em que se soma à meta de valorização profissional a busca por aprimoramento técnico-científico do associado. Mas, a passagem desta diretoria será caracterizada mesmo é pela intensa luta pela aceitação da tabela de honorários da Associação Médica Brasileira (AMB), que adentraria por outras gestões. De acordo com Kalaf, naquela época já existia dentro da entidade a opção pela meritocracia, pela valorização daqueles que já conheciam os trâmites da SPR, o que fez com que chegasse à presidência. "A minha forma de dirigir a SPR teve uma expressão natural, ordenada, em que procuramos dar segmento a tudo aquilo que

"Não tenho medo da morte. Tenho medo que, no após, não encontre pessoas como Luiz Karpovas. Pessoas que fazem com que viver valha a pena."

Tufik Bauab Júnior, em artigo publicado na edição de maio de 2005 do *Jornal da Imagem*, em que, entre outras coisas, fala sobre a amizade com Karpovas (caricatura).

vinha sendo feito, sempre com incentivo, no sentido de preservação do patrimônio econômico-financeiro e cultural da sociedade", resume assim sua gestão, no biênio 1985-1987.

A essa altura, há muito ficaram para trás os tempos heroicos da Radiologia, com seus tubos primitivos, aparelhos sem proteção contra choque e tubos a gás. A partir da segunda metade da década de 1980, a Radiologia brasileira, tendo à frente São Paulo, passava por mudança de perfil. Saíam de cena os consultórios que dispunham apenas de um equipamento de abreugrafia e que faziam as extremidades ou, quando muito, o exame do aparelho digestivo, para dar lugar a clínicas dotadas de tecnologia mais avançada.

Neste período, se vivia também no País o momento em que o computador deixava de ser apenas uma realidade dos grandes hospitais – onde já era usado para agendamento de consultas, controle da ocupação dos leitos, cadastro de pacientes e serviços de escritório – chegando também aos consultórios e clínicas. A própria SPR fazia festa, em setembro de 1986, por ter adquirido sua primeira máquina, acompanhada de impressora. O equipamento da marca Scopus[2] serviria para aprimorar o relacionamento da entidade com seus mais de 800 associados, ajudando nas atividades de cobrança e preparação de malas-diretas.

E mala-direta era um artifício de propaganda e informação muito usado naqueles dias de luta contra os convênios. Giovanni Guido Cerri, eleito em setembro de 1987, já entrou em meio ao fogo cruzado em que os radiologistas batalhavam por uma remuneração mais digna, representada pela aceitação da tabela da AMB. Boa parte dos convênios já havia aceitado o documento, em vigor desde 1º de outubro, mas ainda havia ilhas de resistência. Uma delas era a Golden Cross. Em 12 de novembro o

2. A Scopus era uma empresa nacional e uma das principais da época no segmento de computação. Foi vendida para o Bradesco no final da década de 1990.

novo presidente já acompanhava uma assembleia geral na sede da SPR, que acontecia sob a liderança do inflamado Karpovas. Ali os radiologistas estabeleceram um prazo, 2 de dezembro, para a empresa dar um posicionamento sobre a implantação do índice. Diante do silêncio, interromperam no dia seguinte à data estipulada o atendimento aos conveniados da empresa. Depois de três semanas de paralisação, a gigante da medicina de grupo cedeu. Em seguida, entraram na mira Amil e Unimed, contra quem também se restringiu o atendimento, em 8 de fevereiro de 1988. Mais uma vez, acordos foram selados.

O ativismo classista seguia em voga naquela segunda metade da década de 1980 e, depois de um período de desânimo e descrédito dos principais interessados, o movimento foi reorganizado e cada vitória fazia com que os radiologistas ganhassem mais força. A partir daí, mirou-se novamente contra o velho Inamps. Em uma reunião do Clube Manoel de Abreu em Marília, com a presença de representantes do CBR, foi instituído o Dia Nacional de Paralisação, como forma de protesto contra o tratamento dispensado pelo instituto. Na data acertada, 15 de abril de 1988, a solicitação de fato foi atendida e, conforme combinado, a interrupção do serviço ficou restrita ao atendimento ambulatorial.

José Michel Kalaf, no papel de presidente da SPR, discursa na abertura da JPR de 1986

A troca de guarda

A chegada de Giovanni Guido Cerri à presidência da SPR marca o que o médico Antonio dos Santos Clemente Filho chamou de "troca de guarda". Segundo ele, as associações ao atingirem determinado grau de desenvolvimento, por volta dos 20 a 25 anos, passam por um processo em que a geração dos pioneiros e fundadores cede lugar aos colaboradores mais jovens. Enfim, a velha guarda cedia a uma nova geração as funções administrativas dentro da Sociedade Paulista de Radiologia. "É necessário renovar e os fundadores, de uma forma ou de outra, permanecem esses 20 ou 25 anos. Até que, pela política ou pela inexorabilidade da idade, vão se afastando e sobe a 'jovem guarda'", destacou dr. Clemente, durante um memorável discurso na 28ª JPR (1988), da qual foi presidente de honra[3]. Naquele dia, emocionou a muitos dos presentes no Maksoud Plaza, ao abordar com sensibilidade e inteligência o momento de transição por qual passava a entidade que ajudara a criar 20 anos antes.

A diretoria liderada pelo dr. Giovanni, que tinha ainda os médicos Luiz Antonio Nunes de Oliveira (1º vice-presidente), João Zeferino Velloso (2º vice-presidente), Jorge Kavakama (2º secretário), Nestor de Barros (tesoureiro geral) e Xavier Stump (2º tesoureiro), deixaria como legado a compra do apartamento 51 do mesmo edifício que sediava a SPR, onde, em junho de 1989, foi instalada uma videoteca em parceria com o CBR. Naquele mesmo ano, o jovem presidente entrega o cargo para o seu vice (Luiz Antonio) e tem seu nome indicado por Sidney de Almeida para comandar o CBR. Por sua vez, Sidney foi a pessoa escolhida para capitanear o Colégio Interamericano de Radiologia (CIR), sendo sua candidatura lançada no Congresso Internacional de Radiologia, que aconteceu em julho em Paris (França).

Com o dr. Luiz Antonio, a defesa da classe voltou a ser a tônica da SPR, sendo sua gestão marcada por assembleias, idas a Brasília, reuniões com o então secretário da Saúde José Aristodemo Pinnoti e circulares visando à defesa dos interesses dos radiologistas paulistas. O roteiro pouco mudaria com o seu sucessor, o médico Jaime Ribeiro Barbosa, com a diferença que este não teve de sobreviver aos planos econômicos do governo Fernando Collor de Mello, apenas à instabilidade política e à inflação galopante.

Na presidência do dr. Jaime, iniciou-se em 1993 a batalha de 17 anos junto à Assembleia Legislativa de São Paulo para obter a isenção de ICMS para a importação de equipamentos médico-hospitalares sem similares nacionais, que inclui aparelhos de tomografia, mamografia e ressonância magnética. Com este último ainda foi feita a reforma gráfica e editorial do *Jornal da Imagem*, que ganhou o "Caderno Dois", seu suplemento científico, e novos colaboradores, como os doutores Waldir Maymone (Rio de Janeiro), Adilson Prando e José Michel Kalaf

3. JORNAL DA IMAGEM. Junho de 1988, n. 118, p.17.

Em setembro de 1987, com apenas 34 anos, Giovanni Guido Cerri se tornaria o presidente mais jovem da história da SPR, ao ser eleito na Chácara Tutameia, em Americana

(Campinas), Renato Adam Mendonça (São Paulo) entre outros. E, para dividir a responsabilidade sobre a linha editorial do veículo, Luiz Karpovas ganhou a companhia de Celso Hiram de Araújo Freitas, que chegaria à presidência três gestões depois. É desta diretoria também o Curso de Radiologia para Residentes, criado com a importante colaboração dos também doutores Jorge Kavakama e Ricardo Pires de Souza.

Apesar dos percalços político-econômicos, os anos 1990 iniciariam com a Radiologia dando sinais de crescimento. Esta década seria marcada pelo protagonismo da especialidade, pelo aumento da presença brasileira no congresso da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA) e por começar a chamar a atenção dos profissionais de fora do País, principalmente dos próprios americanos. Foi o tempo também da instalação do primeiro aparelho de ressonância magnética do País, na clínica radiológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP). Para receber o GE 1,5 tesla (T), a empresa Construbase fez um aparato anexo ao HC tornando possível a inauguração naquele 9 de setembro de 1990. Em dezembro, foi a vez do Instituto Nacional de Câncer (Inca), do Rio de Janeiro, inaugurar o seu, tendo o dr. Hilton Koch como supervisor do Serviço de Radiologia e a dra. Eliane Telles Boasquevisque como chefe do setor de Ressonância Magnética.

O Brasil já era, no mínimo, um importante mercado comprador, apesar das sucessivas crises econômicas, que começariam com Collor e se reinventariam nos governos de Fernando Henrique Cardoso. Nos princípios daquela década, por exemplo, o crédito brasileiro era restrito no exterior, o que dificultava a aquisição de equipamentos e distanciava a Radiologia nacional daquela do primeiro mundo. Para piorar, os mesmos aparelhos eram comercializados com preços mais altos aqui dentro se comparado com os valores praticados nos Estados Unidos e na Europa.

Se o País passava por mudanças, não era diferente na SPR. Na gestão de Nestor de Barros (1993-1995), a transferência da Jornada Paulista de Radiologia (JPR) do Maksoud para o Anhembi, em 1994, foi apenas uma delas. A entidade também se ajustou aos novos tempos de múltiplos mecanismos diagnósticos e passou a ser o Departamento de Diagnóstico por Imagem da Associação Paulista de Medicina e não mais simplesmente Departamento de Radiologia. Mais do que uma questão semântica, buscou-se defender os interesses da especialidade, ampliando seu raio de atuação, antes restrito à Radiologia convencional. Já em 1994 ocorre o encampamento do curso promovido pela Unidade Radiológica Paulista (URP) em parceria com a Universidade de Loyola (EUA). Ao assumir aquela responsabilidade, a Sociedade atendia a um pedido do próprio Feres Secaf que já não tinha condições de arcar com os custos do evento, que, por sugestão do dr. Nestor, foi rebatizado como o nome daquele respeitado profissional.

Com o dr. Luiz Antonio na presidência, a defesa da classe ganha destaque, sendo sua gestão marcada por assembleias e reuniões, como esta com o já presidente do CBR, Giovanni Guido Cerri. Na imagem, ainda se vê o então tesoureiro geral da SPR, Aldemir Humberto Soares (primeiro à esquerda)

Da profissionalização à internacionalização

Depois de um início de década turbulento, a SPR chegava à segunda metade dos anos 1990 navegando em águas mais tranquilas e tendo Aldemir Humberto Soares como seu capitão no biênio 1995-1997. O único susto talvez tenha sido a proibição por parte do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) do uso da tabela de honorários da AMB, em 14 de fevereiro de 1996. No entanto, rapidamente a própria AMB recorreu e conseguiu decisão favorável pouco mais de um mês depois.

Na parte internacional, a administração Aldemir deixou como legado o início da aproximação com os americanos da RSNA e do Armed Forces Institute of Pathology (Afip). Internamente, os associados viram o *Jornal da Imagem* chegar totalmente em cores às suas mãos, o *website* da SPR no ar a partir de 15 de março de 1997 e, desde setembro do mesmo ano, uma página eletrônica da SPR dentro do portal da RSNA, um sinal do prestígio da entidade paulista. Como contrapartida à receptividade da sociedade norte-americana, deu-se início a um processo de

incentivo à participação nacional no congresso realizado em Chicago. Dessa forma, a peregrinação de radiologistas brasileiros ao McCormick Place (palco do evento da RSNA) saltou de 136 (em 1992) para 350 (em 1996), atingindo o recorde até aquele momento de 480 (em 1997). E, para fechar em grande estilo, ainda foi feita a reforma e ampliação da sede da SPR, que passou a ocupar todo o 4º andar e parte do terceiro[4].

"Quando o Aldemir assumiu, ele fez a reforma da sede e aí a SPR ficou com outra cara, muito mais bonita. Então coube a mim fazer a reforma administrativa", salienta Celso Hiram de Araújo Freitas, que conduziu a entidade no biênio seguinte (1997-1999). Depois de crescer e se consolidar como uma marca entre as associações médicas do País, era hora de literalmente arrumar a casa. Esse importante papel caberia ao radiologista pernambucano, da cidade de Correntes. Com Celso Hiram, a Sociedade ganharia bases profissionais, sendo introduzidos elementos da gestão moderna. Assim, a entidade se preparava para os novos tempos e à sua nova condição. Já não era um corpo com poucos funcionários e com algumas dezenas de amigos associados. Além disso, era responsável por promover aquele que já era o principal evento científico e comercial da Radiologia nacional.

Ciente disso, 15 dias depois de sua eleição e posse, Celso Hiram contratou o auditor contábil Vanderley Aparecido Meleti e o consultor jurídico Jorge Luiz Fanan. "A partir daquele momento passei a não assinar nada sem antes ter passado pelas mãos dos dois. Não que tivesse algo ilegal, pois não tinha, mas havia processos que precisavam ser organizados, inclusive a parte de contratos. Antes, muito se fazia na base da confiança no outro", esclareceu o ex-presidente, radicado em Franca. Também foi contratada uma secretária que dominava os idiomas inglês e francês, facilitando assim a aproximação com as sociedades e radiologistas estrangeiros.

É desta época o encaminhamento de uma carta à RSNA solicitando o envio de uma missão comercial. Pedido aceito, tempos depois chegaria a São Paulo um grupo de quatro pessoas dispostas a conversar e orientar. É por essas e outras que o dr. André Scatigno Neto enaltece o trabalho de Celso Hiram, cuja gestão, segundo ele, mudou os rumos administrativos da SPR. "O Hiram trouxe o gestor da RSNA para falar com a gente por dois ou três dias. E esse gestor apresentou algumas informações que não fazíamos a menor ideia. Uma delas, que era preciso ter capital de reserva para pelo menos três jornadas. Ele dizia: 'Se não têm verbas próprias para nenhuma e der um furo, vocês acabam com a jornada. E, se ficar um ano sem fazer, esqueça, nunca mais!'", lembrou Scatigno Neto, que foi secretário geral naquela administração.

O processo de profissionalização se estendeu também para o Clube Roentgen, importante departamento científico da SPR. Um dos reflexos foi a transferência das reuniões mensais do grupo

---

4. Embora a reforma e ampliação da sede tenham sido feitas durante a presidência do dr. Aldemir, a inauguração oficial só aconteceu em fevereiro de 1998, já na gestão do dr. Celso Hiram.

da pizzaria Livorno para o Paulista Wall Street, um *flat* recém-inaugurado na Rua Itapeva. Dessa forma, saiu de cena a confraternização com pizza depois do evento dando lugar a um jantar no confortável Red Rose, restaurante localizado neste estabelecimento. A mudança estratégica ajudou a rejuvenescer o evento e torná-lo mais atraente, resultando no aumento do número de participantes.

No início de 1999, novamente elementos econômicos tiraram o sossego do setor de radiologia. No segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, o governo optou pela desvalorização da moeda, abrindo espaço para a flutuação para cima do dólar. A medida pegou de surpresa a área de diagnóstico por imagem, fazendo com que a Sociedade Paulista de Radiologia enviasse uma carta ao presidente da República, enfatizando o tamanho do impacto negativo que aquelas medidas teriam sobre o segmento. Na SPR, as consequências dessas mudanças teriam de ser enfrentadas pela diretoria encabeçada pelo paranaense Renato Adam Mendonça. Ele assumiu no final daquele ano e, por uma mudança estatutária, é o único na história da entidade a gozar de um mandato de três anos. Mais uma vez, assim como acontecera na gestão de Luiz Antonio Nunes de Oliveira, medidas federais impunham dificuldades a serem vencidas, principalmente com relação a uma Jornada Paulista de Radiologia. Em função do novo cenário, com dólar valorizado, houve problemas na hora de negociar os contratos com as empresas expositoras na JPR'2000. No fim, muitas reuniões, discussões e, enfim, um acordo.

No triênio do médico Renato Mendonça (1999-2002) ocorreu uma aproximação efetiva com lideranças da RSNA e a mudança da JPR do Anhembi para o ITM-Expo. No campo das parcerias, se intensificou o processo de aproximação com a RSNA, a sintonia com CBR, Associação Médica Brasileira (AMB) e Associação Paulista de Medicina (APM) e o estreitamento de laços com o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), graças às atuações dos drs. Jaime Ribeiro Barbosa e André Scatigno Neto, como, respectivamente, delegado e conselheiro daquela entidade.

As notas tristes da gestão Renato ficaram por conta das mortes de grandes homens, que ajudaram a construir a história da SPR, entre eles José Marcos Pires de Oliveira (29/01/01), Miguel Garcia (setembro/01), Sidney de Souza Almeida (29/12/01), Antônio Ferreira Filho, Benedito Pinheiro de Abreu Neto (02/09/02) e Jarbas Gomes da Cunha (04/09/02). Luiz Karpovas também entraria para esta lista, em 14 de fevereiro de 2005, no final da presidência de Adelson André Martins.

Eleita em 23 de novembro de 2002, na reunião do Clube Manoel de Abreu de São Carlos, a diretoria da SPR, encabeçada pelo dr. Adelson, assumiria durante mais um momento difícil da economia brasileira. No âmbito nacional está igualmente ocorrendo a transição política de FHC para Luiz Inácio Lula da Silva. Diante de uma mudança iminente, as incertezas surgem no horizonte sobre os rumos do País. O que ficou batizado como "Efeito Lula" era uma das justificativas para que o dólar atingisse, ainda

em 2002, o valor de R$ 3,80. O ano seguinte também não foi dos melhores, sendo seguido de arrocho financeiro e recessão. Com isso ficaram estagnadas as atividades econômicas e de investimento.

As sucessivas crises reacendem a luz de alerta na diretoria da SPR, que aprova na gestão Adelson a criação do fundo especial de reserva para a JPR. O objetivo era garantir a realização do evento, mesmo sem a total ou parcial venda de estandes ou apoio das empresas. Outras alterações estatutárias importantes são a redução do tempo de mandato, de três para dois anos, eleição da diretoria em março e posse durante a Jornada. É também idealizado um projeto de internacionalização da JPR visando a atrair participantes do Cone Sul. E assim, pela primeira vez no evento, foi oferecido o serviço de tradução simultânea do português para o inglês nas aulas ministradas por professores brasileiros nos cursos de Neurorradiologia e Musculoesquelético.

E, com a transição política, as inseguranças aos poucos dão lugar a um período de prosperidade nacional e a Sociedade Paulista de Radiologia "surfa" nesta mesma onda. O Brasil cresce e chama a atenção do mundo; a SPR, idem. É neste cenário que assume a presidência da Sociedade André Scatigno Neto. A diretoria eleita para o biênio 2005-2007 incluíam ainda os médicos Marcelo D'Andrea Rossi, Tufik Bauab Júnior, Ricardo Emile Baaklini e Antonio José da Rocha que, nesta mesma ordem, seriam os sucessores de Scatigno Neto no posto máximo da entidade.

Preferência pela educação científica

Com Scatigno Neto presidente, seguem os esforços rumo à internacionalização arquitetados em 2004, principalmente com divulgação do evento nos congressos realizados no exterior. Nesta mesma linha, se consolida a preferência da SPR pela promoção da educação científica dos radiologistas e residentes. Uma das medidas para assegurar essa meta é a realização pela primeira vez do Curso de Informática em Radiologia fora de uma Jornada. A reunião de estreia aconteceu no Hotel Paulista Plaza, em 10 de junho de 2006, e teve a coordenação dos médicos Carlos Alberto Matsumoto, Marcos Roberto de Menezes e Osvaldo de Domenicis Júnior, e também do engenheiro Antonio José Pereira. Em novembro daquele mesmo ano foi criado o Grupo de Estudos da Mama (Gema), que se juntava aos já existentes, de Abdome (Gera) e do Sistema Musculoesquelético (Germe). "No meu período de dois anos, não vou dizer que houve folga, mas foi uma gestão tranquila, sem dificuldades financeiras. Tive um grande parceiro que foi o Marcelo D'Andrea Rossi, de quem fiquei muito próximo", afirma Scatigno.

A família dos grupos de estudos aumentaria em 2007, já com Marcelo D'Andrea Rossi na presidência, quando surgem, em maio, o de Cardiovascular (Cardio), do Tórax (Geto) e de Neurorradiologia (Gene); e, em outubro, o de Ultrassonografia (Geus). Com o dr. Marcelo, cuja

gestão segue sob as mesmas bases da anterior, essas sete categorias de formação profissional se expandem e se consolidam, da mesma forma que é revitalizado o Curso de Atualização em Diagnóstico da SPR (Prof. Dr. Feres Secaf), que, em 2008, já contava com mais de mil participantes.

No aspecto tributário, a peleja iniciada em 1993, na gestão do dr. Jaime, continuou sendo travada: a batalha pela redução do ICMS sobre os equipamentos médicos importados, sem equivalentes nacionais. A atenção dada ao imbróglio é tanta que Marcelo D'Andrea já assume apresentando uma carta aberta ao então governador Geraldo Alckmin, reclamando da situação. Lembrava que enquanto nos aparelhos de diagnóstico por imagem vindos de fora incidia uma tributação de 18%, para aeronaves o índice era de 4%, sendo isentos os equipamentos voltados às empresas jornalísticas e de radiodifusão.

Quem organizou e comandou as ações da SPR nesta batalha foi o médico Rubens Prado Schwartz, que era o então diretor de Defesa Profissional. Foi ele quem acompanhou de perto a questão, participando de diversas reuniões e debates sobre o tema, inclusive com políticos e profissionais vinculados ao governo paulista. No entanto, a vitória só viria na gestão seguinte, do dr. Tufik Bauab Júnior (2009-2011), quando finalmente, em 12 de março de 2010, com José Serra governador, foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo o decreto 55.555, que, pelo caminho da permuta, assegurava também a isenção de ICMS aos equipamentos médico-hospitalares. O benefício ficou condicionado ao fato de a clínica ou hospital atender aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Enfim, o pagamento do imposto continuava só que, a partir daquela data, na forma de prestação de serviço à população atendida pelo SUS.

Presidente no biênio 1997-1999, coube ao pernambucano Celso Hiram de Araújo Freitas profissionalizar a administração da SPR

Esta não foi a única boa notícia na gestão do dr. Tufik. Além do sucesso na condução das parcerias já firmadas pelas diretorias anteriores e da assinatura de novas, viu o número de sócios da SPR saltar de 1,5 mil para 2,6 mil pessoas. Grande parte das novas adesões era formada por residentes. Estimativas da época apontavam, por exemplo, que entre 80% e 85% de todos os residentes do País mantinham vínculo associativo com a entidade paulista, um claro sinal de sua abrangência em território nacional.

E foi esta sociedade heterogênea, que mantinha sob suas asas profissionais experientes e reconhecidos ao lado da nova geração de radiologistas, que Tufik entregou ao dr. Ricardo Emile Baaklini. Heterogênea também era a própria diretoria que assumiu para o biênio 2011-2013, sendo que dos 14 diretores executivos, seis (mais de 40%) estreavam na vida associativa dentro da SPR. Embora o grupo de comando fosse diferente, mantiveram o discurso que vinha se repetindo desde a gestão de Luiz Karpovas e que se tornou praticamente um lema a partir de dr. André Scatigno Neto: "continuidade sem continuísmo".

Dessa forma, se por um lado foi um período complexo, devido aos sinais de uma crise econômica global, por outro se testemunhou o engrandecimento da SPR. Investiu-se pesadamente na parte educacional e batalhou-se para firmar novas parcerias. Uma delas, permitiu que dois residentes italianos frequentassem o serviço do Instituto de Radiologia (InRad) do HC, fato que ocorreu entre novembro/dezembro de 2011, e dois brasileiros fossem enviados para atuar em um serviço da Itália[5]. Outras foram firmadas com o Massachusetts General Hospital e com o John Hopkins Medicine, que possibilitam o envio de um residente brasileiro para um período de um ano de formação nestas entidades norte-americanas. Sem contar a principal delas, oficializada com a RSNA, que refere ao planejamento em conjunto das Jornadas Paulistas de Radiologia de 2014, 2016 e 2018. "Isso, evidentemente, é resultado de um trabalho de longo prazo que foi feito e viemos a colher os frutos agora", enfatiza Baaklini.

Em outras frentes, o período foi marcado pelo investimento no resgate da história da Radiologia nacional e da própria entidade. Entre as iniciativas estão o patrocínio da obra *O mestre das sombras – um raio X histórico de Manoel de Abreu*, biografia do grande médico paulista escrita pelo jornalista e historiador Oldair de Oliveira, e a inauguração de uma galeria com as imagens de todos os presidentes da entidade desde sua fundação. Já no plano interno, a Sociedade passou por um processo de enxugamento de custos e por mudanças administrativas e organizacionais que, segundo Baaklini, se refletirão positivamente no futuro. "Acho que encerramos um ciclo importante na Sociedade. Primeiro, a solidificação; depois, o crescimento da parte conjectural; em seguida, o crescimento da parte científica; o início da estabilização; e, por fim, o organograma da estabilização. A minha gestão chegou a esse ponto. Portanto, o que deve ser feito a partir de agora é apenas conduzir o que já está fechado", assegura. E esse papel de timoneiro caberá ao médico Antonio José da Rocha e sua diretoria, que assumem o destino da SPR no biênio 2013-2015. É deles agora a incumbência de escrever os próximos capítulos dessa bem-sucedida jornada que segue em construção.

---

5. O intercâmbio dos drs. Andrea Contiguliga e Maria Paola Belfiore no InRad durou 45 dias e foi resultado de uma parceria firmada em 2010 entre a SPR e a Sociedade Italiana de Radiologia Médica (Sirm).

Luiz Karpovas e a esposa, Mina, na fria Chicago (EUA), palco do congresso da RSNA

O início do século XXI foi marcado por perdas significativas, como a do mineiro radicado na cidade de Santos (SP) Jarbas Gomes da Cunha, o primeiro presidente da SPR

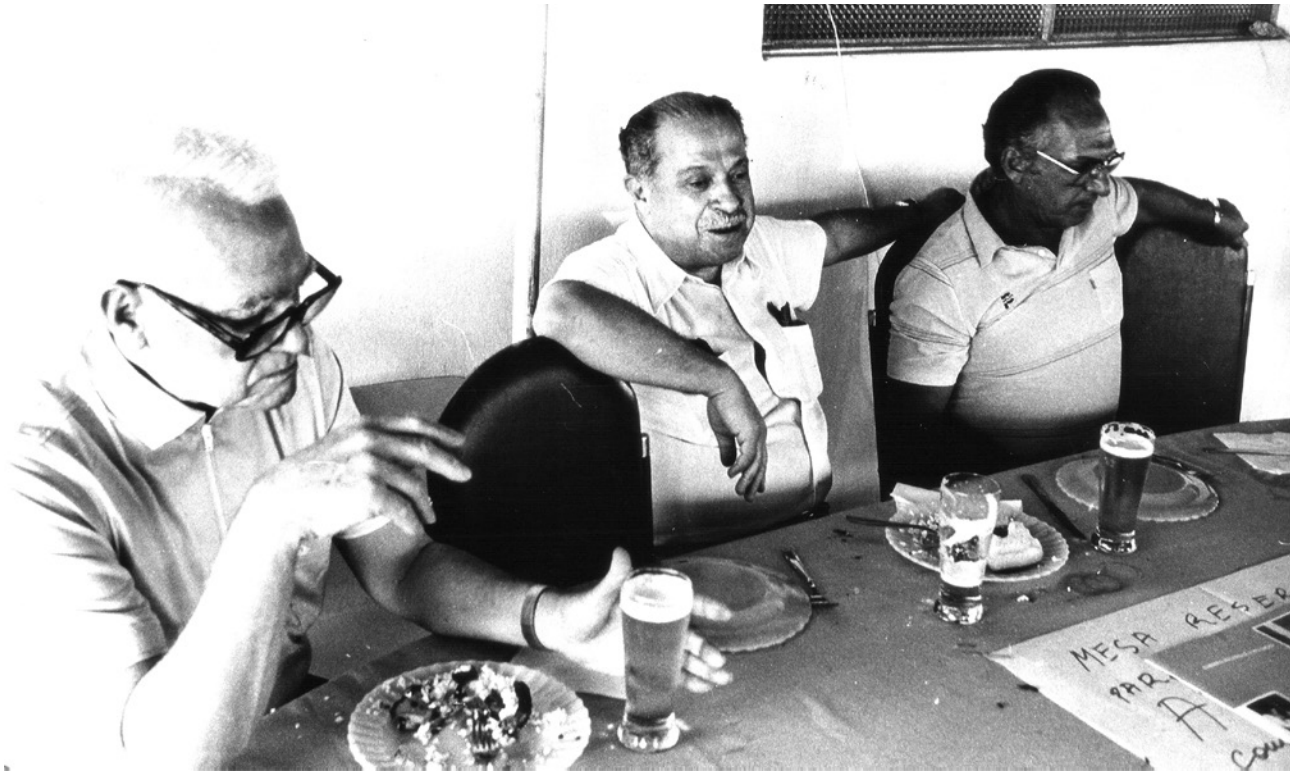
Da esquerda para a direita: Marcelo D'Andrea Rossi, André Scatigno Neto, Renato Adam Mendonça, Aldemir Humberto Soares (camisa azul), Luiz Karpovas, Fernando Moreira, Romeu José Santini, João Zeferino Velloso e Jaime Ribeiro Barbosa

Rubens Schwartz, no papel de diretor de Defesa Profissional, esteve à frente da batalha pela redução do ICMS sobre equipamentos importados

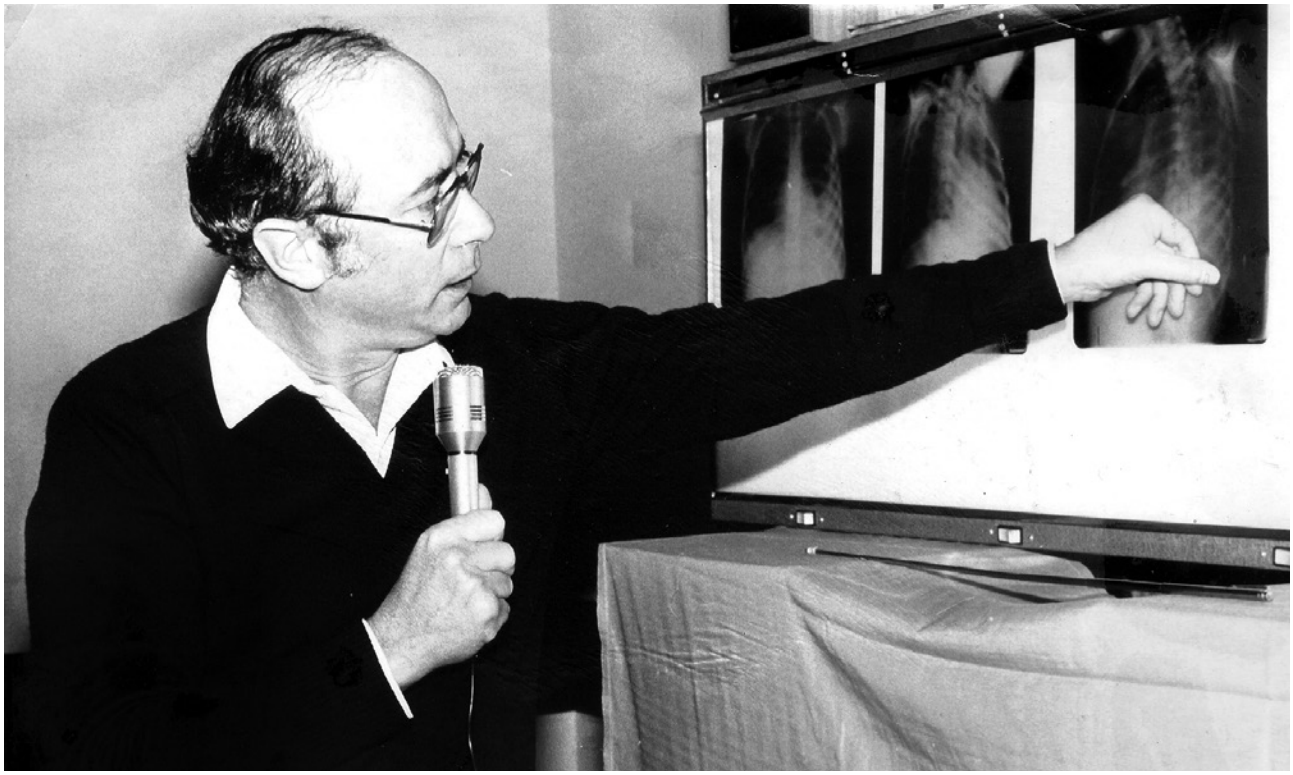
A mesa de reunião, onde radiologistas de diferentes gerações ajudam a tomar importantes decisões de forma colegiada

Presidentes de épocas diferentes se reúnem em outubro de 1997, em Águas de São Pedro para comemorar os 30 anos da SPR. À mesa (da esquerda para a direita), os drs. José Michel Kalaf, Aldemir Humberto Soares, Jaime Barbosa, Sidney de Souza Almeida, Giovanni Guido Cerri, José Marcos Pires de Oliveira, Celso Hiram de Araújo Freitas e Luiz Antonio Nunes de Oliveira

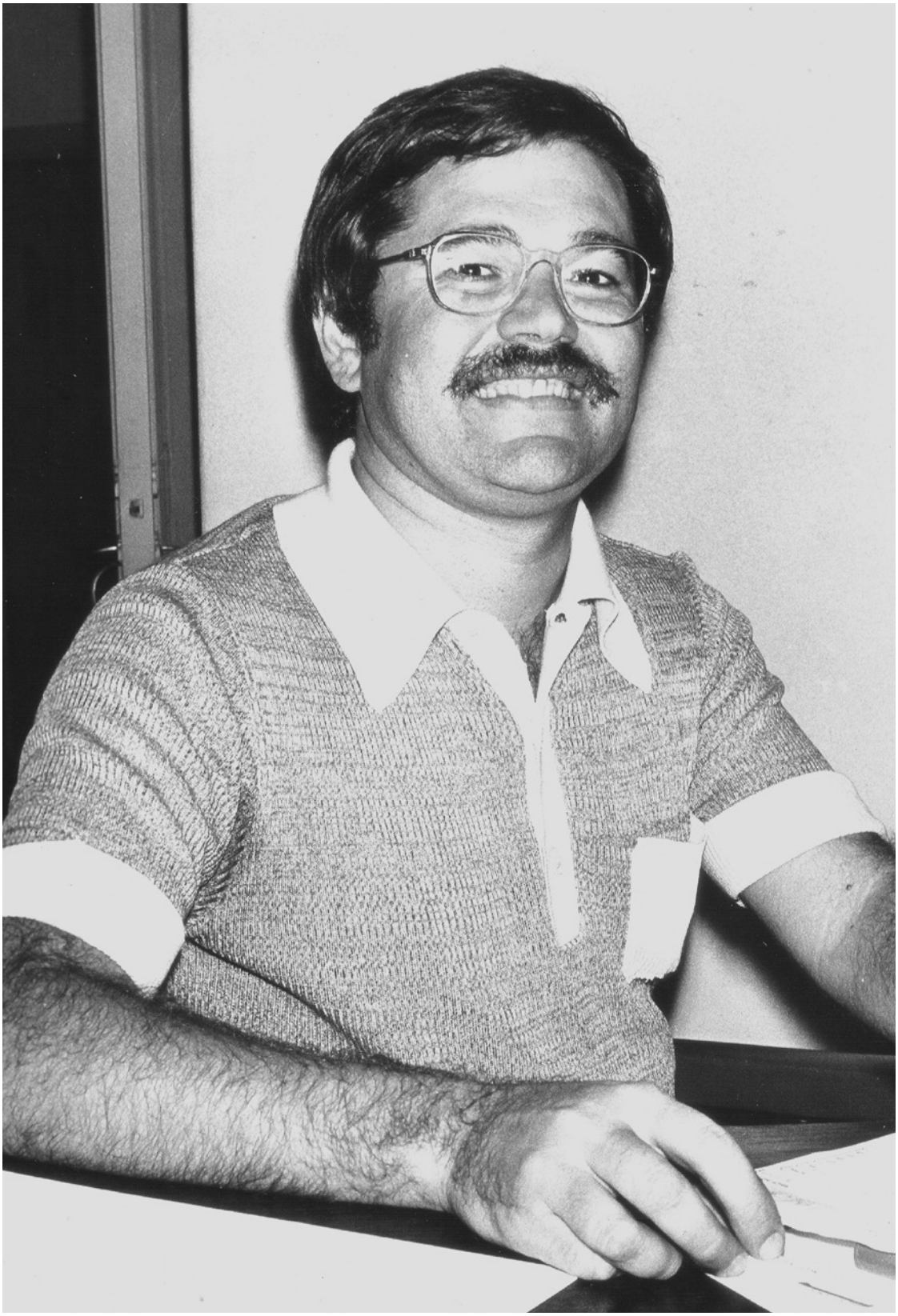
Da esquerda para direita: os drs. Sérgio Ajzen, Nestor de Barros, André Scatigno Neto, João Zeferino Velloso, Jacob Szejnfeld e Ricardo Pires, na JPR de 1997



Os amigos Jarbas Gomes da Cunha, Apparício de Mello e Virgílio Tusi, em Americana, na assembleia que elegeu Luiz Karpovas para presidente, em 1981



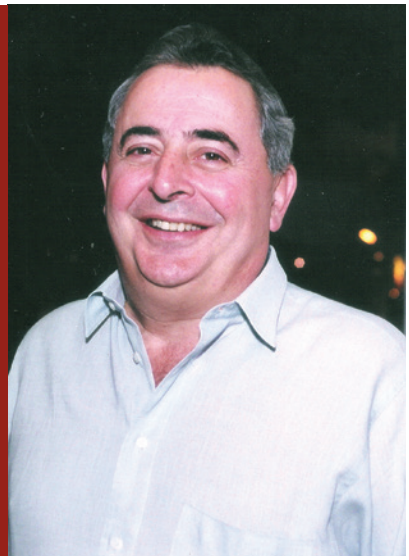
O dr. Vanildo José Ozelame, de Santa Catarina, foi um dos conferencistas da 12ª JPR, de 1982, que marcou o retorno em definitivo do evento para a capital paulista



Como presidente do Clube Roentgen, o paulistano Luiz Antonio Nunes de Oliveira ajudou a inovar e dar uma nova dinâmica ao tradicional encontro de radiologistas

Adilson Prando (no centro, de bigode) esteve presente no primeiro encontro oficial entre SPR, CBR e RSNA, durante o congresso da entidade americana, em 1995

Capítulo 8
Eles deixaram saudades



"O dr. Trentini tem uma importância grande na minha história, porque talvez ele tenha sido um dos responsáveis pela minha orientação. Era uma figura carismática, inteligente, alegre, um cara de bem com a vida."

Ricardo Emile Baaklini, sobre a influência de Francisco Trentini, um dos fundadores da SPR, na sua opção profissional.

QUANDO O TELEFONE TOCOU no consultório do dr. Francisco Trentini, localizado na cidade de Marília (SP), o radiologista jamais poderia imaginar quem estava do outro lado da linha. Atendeu de forma costumeira e bem-humorada, pensando se tratar de mais um paciente. Mas, em segundos, se surpreendeu ao ouvir o teor da conversa. A ligação era de um representante da Siemens, que informava que havia ocorrido um erro de cálculo na compra de um aparelho radiológico que Trentini havia adquirido dez anos antes. Além das desculpas formais, a novidade da vez era que a empresa estava se prontificando, a partir daquele momento, a ressarci-lo do dinheiro que havia sido pago a mais. "Eu estava na Faculdade de Medicina quando isso aconteceu. Lembro-me do meu pai contando o que eles disseram: 'Queremos disponibilizar este dinheiro com juros de mercado e o senhor escolhe a maneira como quer receber, se em cruzeiro ou dólar.' Então a Siemens, muitos anos depois, acabou fazendo a devolução de US$ 25 mil. Era um bom dinheiro! Isso mostra a seriedade por parte da empresa", recorda o cirurgião plástico Francisco Trentini Filho, o Kiko, herdeiro do radiologista.

Neto de imigrantes italianos, provenientes da região de Trentino, Norte da Itália, Francisco Trentini – ou dr. Chiquinho, como era conhecido – sabia, como poucos, dar valor ao dinheiro e à honestidade. Por isso, quando resolveu deixar a cidade de Amparo (SP), onde nasceu em 1914, e ingressou na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha[1], no final da década de 1920, tinha ciência de que sua decisão traria grande orgulho para toda a família. Formado, retornou à cidade natal e, já casado, iniciou a vida profissional como médico. Porém, como a clientela ainda era pequena, resolveu dar aula de Física em algumas instituições de ensino. E ali, entre uma aula e outra, acabou conhecendo um tradicional médico de Amparo, que deu a Trentini o conselho que iria mudar para sempre toda a sua trajetória: investir no estudo da Radiologia. A orientação foi aceita. Rapidamente, partiu para a capital paulista e embrenhou-se nos corredores da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde aprendeu a técnica em companhia do médico José Maria Cabello Campos, na época chefe do serviço daquela instituição.

1. A Faculdade de Medicina existiu como escola independente até 7 de setembro de 1920, quando passou a fazer parte da recém-criada Universidade do Rio de Janeiro. Com a criação da Universidade do Brasil, em 1937, passou a se chamar Faculdade Nacional de Medicina. Em 1965, a FNM muda de nome para Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, em 1973, a Faculdade de Medicina deixa o prédio da Praia Vermelha (onde estava desde 1918) e é transferida para o campus da Cidade Universitária na Ilha do Fundão, seu atual endereço.

Francisco Trentini se formou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1935. Nascido em Amparo, fez sua vida profissional em Marília

José Maria Cabello Campos, uma das principais referências da Radiologia em sua época

Com a especialização em Radiologia em mãos, Trentini retornou para Amparo cheio de planos. Depois de montar o consultório próprio, começou a trabalhar em um posto de saúde no combate à tuberculose onde, pouco tempo depois, foi convidado para comandar um dispensário em Catanduva (SP). E ali, na nova cidade, passaria pela situação mais delicada de sua vida. "O meu pai tinha um grande círculo de amigos, mas nunca foi político. Em 1950, porém, Prestes Maia[2], que era de Amparo e concorria ao cargo de governador do Estado de São Paulo, foi fazer campanha política em Catanduva e quis ver o amigo e xará Chiquinho Trentini. Isso foi interpretado como uma afronta por muitos, pois acharam que o meu pai era partidário do Prestes Maia. Quando Lucas Nogueira Garcez, que era apoiado por Adhemar de Barros, ganhou a eleição, o meu pai acabou sendo transferido para o dispensário de tuberculose de Marília, uma cidade que ainda estava surgindo", conta Trentini Filho, que, ao falar dessa viagem, relembra de duas coisas: da estrada de terra e da dificuldade de se transportar o aparelho "enorme" de raios X.

No final das contas, a transferência forçada para Marília acabou sendo uma promoção devido ao potencial que a florescente cidade apresentava. Diante disso, os adversários de Trentini não se deram por satisfeitos e recorreram ao chefe político local para que se enviasse o radiologista para trabalhar na divisa do Estado de Mato Grosso. "Veio um representante do partido do Adhemar, que por acaso era médico e se chamava Ademar de Toledo, e disse: 'Escuta, tem um pedido de Catanduva para

2. Francisco Prestes Maia foi prefeito da cidade de São Paulo em dois momentos: entre 1938 e 1945 (por nomeação) e entre 1961 e 1965 (eleito democraticamente). Morreu em 24 de abril de 1965, na Capital.

transferir você, mas não vou fazer isso desde que você não tome atitudes políticas'. Meu pai então garantiu que nunca se ligou em política e acabamos nos estabelecendo em Marília", recorda Kiko.

Com a vida começando a entrar nos eixos, Trentini tratou de investir no bom atendimento e na especialização constante. Por isso, sempre manteve um vínculo muito próximo com o núcleo da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo e, junto de outros colegas, tomou conhecimento de um embrião que estava prestes a nascer: o Clube Manoel de Abreu (CMA). Participou de todas as reuniões iniciais e chegou a ser segundo-secretário na primeira diretoria da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), em 1968, onde firmou, definitivamente, seus laços com o conhecimento científico até o seu falecimento, em 1985. "O dr. Trentini tem uma importância grande na minha história, porque talvez ele tenha sido um dos responsáveis pela minha orientação. Era uma figura carismática, inteligente, alegre, um cara de bem com a vida", resume o dr. Ricardo Emile Baaklini, que fez questão de convidar o ilustre radiologista para a inauguração do seu consultório na cidade de Marília, no final de 1984. "Quando montei o consultório, o dr. Trentini já estava aposentado, por sinal já em cadeira de rodas, locomoção difícil. Mas tive o prazer de buscá-lo e depois levá-lo para casa. Lembro que ele elogiou e se emocionou. Então isso me trouxe muita alegria!", ressalta Baaklini, que nasceu no município e mantinha contato próximo com Trentini, graças à amizade existente entre as famílias.

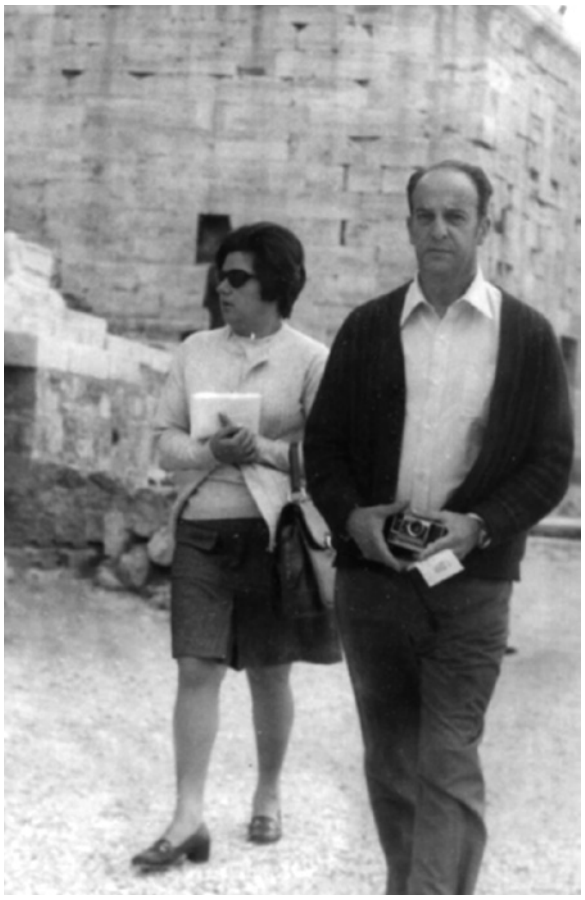
Quem também relembra de Trentini com saudades é Gentil Isidoro Nepomuceno que, há muito tempo, auxilia na realização das reuniões do Clube Manoel de Abreu (CMA). "Ele ficava no único prédio que tinha na cidade de Marília. Lembro que abria a janela e sempre ficávamos conversando por um bom tempo sobre a rádio Dirceu de Marília", recorda.

Mas a lembrança de Francisco Trentini não é a única que vem à memória de Gentil quando se lembra do time da Velha Guarda da Radiologia paulista. A humildade e simplicidade do dr. Feres Secaf também fazem parte de suas lembranças. "Uma vez o Feres voltou conosco de uma reunião do Manoel de Abreu e paramos para tomar um café. Na hora que fomos ligar o carro, um chevetinho, este não ligava. Então eu e o motorista fomos empurrar o veículo e o dr. Feres veio atrás. Eu então falei: 'Para, professor! Deixa disso!' e ele prontamente respondeu: 'Escuta aqui, o que vocês são mais do que eu?' Tive de ficar quieto. Ele realmente era de uma simplicidade que vocês não fazem ideia", ressalta Gentil.

Quando o assunto é Secaf, o médico Nelson Olavo de Mello, de Sorocaba, também tem boas histórias para contar. Como a que ocorreu em 1969, quando, com um grupo de radiologistas, foram para o Congresso Internacional de Tóquio e viajaram pela Europa por 40 dias. "Quando chegamos à capital do Japão alguém reservou um quarto no hotel oriental para o dr. Feres Secaf e a esposa, dona Lur. Eu, por outro lado, reservei um quarto em um estabelecimento ocidental porque não gosto do outro estilo. O problema é que a dona Lur não queria ficar em um hotel oriental e o único que poderia trocar era eu! Então tive que ceder, afinal o dr. Feres e a dona Lur mereciam", lembra dr. Nelson. Nesta

viagem também estavam presentes os médicos Francisco Trentini, Luiz Karpovas e Jarbas Gomes da Cunha. Aliás, este último, ao lado de Romeu Santini, foi o protagonista de outra história saída das recordações de Nelson Olavo de Mello. Desta vez, o pano de fundo é o Congresso Interamericano de Radiologia que aconteceu em Miami. "O Santini gostava muito de pescar e nos convidou para uma pescaria em alto mar. Eu não quis saber daquela aventura, pois, ao contrário do Santini, não era do ramo. Mas o Jarbas teve a infelicidade de aceitar e passou muito mal, se rendendo à ânsia e ao vômito. Acho que ele não voltou a pescar nunca mais", brinca o radiologista de Sorocaba.

Em outro momento, a pilhéria partiu do amigo Nelson Porto, do Rio Grande do Sul, que ao ver o colega de Santos cochilar acintosamente nas palestras da X Jornada Paulista de Radiologia disparou na ocasião: "Teve uma hora que vi o Jarbas dormir tanto que não é possível que ele vá dormir à noite", afirmou. Mas, ironias à parte, Jarbas, que foi o primeiro presidente da SPR, era visto pelos colegas como uma pessoa decidida, que gostava de uma boa conversa e que deu oportunidades a muitos radiologistas em sua clínica. Estudioso, participava ativamente de todos os congressos, jornadas e reuniões científicas que podia. Tudo isso sem deixar de atender à vasta clientela santista. Apaixonado pela Radiologia, exerceu a profissão por mais de 60 anos, até próximo do seu falecimento, em 4 de setembro de 2002, apenas três meses antes de completar 90 anos.



Dona Lur e Feres Secaf, em Jerusalém: sempre juntos em viagens e congressos

Feres Secaf se destacou por ser um profissional visionário e um empresário bem-sucedido

As amizades do interior

Donos de características únicas, os radiologistas que marcaram os primeiros anos da SPR e do CMA são, até hoje, lembrados com muita nostalgia e saudade. É o caso do Pedro de Paula Brandão e de seus aparelhos inovadores, que fizeram com que ele ganhasse dos colegas o apelido de "Professor Pardal"; e do dr. "Murilo" José de Seixas e suas frases entusiasmadas. Com elas, Seixas buscava a defesa da classe e apresentava, vez ou outra, novidades mais baratas do universo radiológico. Em 7 de novembro de 1965, por exemplo, durante a 5ª reunião do CMA, que aconteceu no salão de confraria do palácio que servia de sede episcopal da cidade de São Carlos, Seixas mostrou aos colegas dois aparelhos: o primeiro, que importado, custava 350 mil cruzeiros. E o seu, de 30 mil cruzeiros, que tinha as mesmas especificações técnicas. Em 6 de março de 1966, durante a 7ª Reunião do CMA, em São José do Rio Preto, mais uma novidade. Na ocasião, ele falou sobre a fabricação do 1º aparelho para mielografia e "vendeu" aos colegas interessados por 70 mil cruzeiros, sendo que o original custava quatro vezes mais.

A vida associativa do dr. "Murilo" José de Seixas foi marcada pela defesa da classe radiológica

Aniversário de 50 anos de formatura de Paulo Marsiglio (primeiro à esquerda); ao seu lado, a esposa Ester

Mais reservado, mas não menos importante, o doutor Paulo Marsiglio era carinhosamente chamado de "vô" pelos companheiros, por ser o mais velho do grupo. Formado desde 1922 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, firmou grande parte de sua vida de radiologista em Pirassununga, onde se casou com Ester Guena e teve dois filhos: Paulo Guena e Antônio Gilberto Marsiglio. A Radiologia entrou em sua vida em 1930, quando o professor Evangelista Ferreira dos Reis, então provedor da Santa Casa local, chamou-o para comandar o Setor de Raios X, visto que o hospital havia acabado de adquirir um aparelho e ainda não havia contratado ninguém para manuseá-lo. Tempos depois, passou a atender pacientes das cidades de Leme, Santa Cruz da Conceição, Porto Ferreira, Descalvado e, semanalmente, dedicava parte do seu tempo para atender gratuitamente. E foi assim, entre um atendimento e outro, que ficou sabendo dos encontros do Clube Manoel de Abreu e descobriu que poderia enriquecer muito profissionalmente se participasse daquelas reuniões. "O Marsiglio frequentava nossas reuniões já com 80 anos de idade e ia a todas elas com o chofer particular dele, que eu acho que era o genro. Ele sempre apresentava os casos dele também", relata Celso Hiram de Araújo Freitas, que faz menção a três personalidades que também deixaram sua marca na história da radiologia: Geraldo Mendonça Uchôa, Droctóvio Estevam de Lima Filho e Apparício de Mello.

As reuniões do Clube Manoel de Abreu eram compromisso certo para o dr. Geraldo Uchôa e a esposa, Maria Helena, que sempre comparecia aos encontros de maneira muito elegante

Natural da cidade de Mata Grande (AL) e filho de José Campos e Cecília Mendonça, Geraldo Mendonça Uchôa era de 25 de setembro de 1921 e ainda jovem se mudou para Maceió (AL), onde terminou seus estudos e trabalhou em uma farmácia. Ali, "pegou gosto" pela área da saúde e resolveu cursar Medicina na Universidade Estadual do Recife, formando-se em 8 de dezembro de 1951. Decidido a investir na área da imagem, ingressou na residência em Radiologia do Hospital do Servidor Público do Estado do Rio de Janeiro, com o professor Nicola Caminha, tornando-se membro efetivo da Sociedade de Radiologia Médica, em 10 de fevereiro de 1954. Aos 34 anos e já terminada a residência, encontrou por acaso um amigo que morava na cidade de Catanduva (SP) e trabalhava no Hospital Padre Albino. "Ele o avisou que existia uma vaga para radiologista nesta instituição e meu pai se interessou pela oportunidade. Assim, se mudou para Catanduva, onde constituiu família, com esposa e quatro filhos", conta o médico Roberto Salomão Uchôa, filho do saudoso radiologista. Atuante na área radiológica, Geraldo Uchôa teve seu nome ligado a várias frentes na cidade de Catanduva. Além da clínica particular, construiu, com uma equipe de médicos, o Hospital São Domingos e ministrou aulas na Faculdade de Medicina da cidade. De personalidade dinâmica, buscava participar de tudo o que agregasse conhecimento, desde as primeiras jornadas e rodadas do interior. Isso o acabou levando à presidência do Clube Manoel de Abreu, em 1968. Além disso, foi um dos 25 radiologistas que estiveram presentes em Jaú, no dia 3 de março daquele mesmo ano, quando foi oficializada a fundação da SPR. "Eu e minha mãe, Maria Helena Salomão Uchôa, frequentamos muitas reuniões do CMA em várias cidades do interior. Esses encontros eram de suma importância

para a cidade que os recebia, visto que lojas e fábricas abriam para que as senhoras, as esposas dos médicos, pudessem fazer compras", diz o dr. Roberto Salomão, que, assim como o pai, enveredou para a mesma área, após cursar a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, fazer residência médica na Ultra-X, de São José do Rio Preto, entre os anos de 1985 e 1987, e se especializar em Radiologia, Ultrassom, Tomografia e Ressonância na Universidade da Califórnia, em São Francisco (EUA). "Acompanhava muito meu pai, desde criança, em seu ambiente de trabalho. Ele sempre me perguntava: 'Esta posição está certa? O que é isso? O que você vê?' Eu, muito interessado, adorava acertar", recorda o radiologista Roberto Salomão, que, desde o ano passado, comemora a continuidade da tradição familiar, agora passada para o filho, o também médico Guilherme de Souza Uchôa, formado em 2012 pela Faculdade de Medicina Unicastelo. "Ele está iniciando sua residência médica, também em Imagenologia, no Hospital Padre Albino, em Catanduva, dando sequência a este trabalho de três gerações na área da imagem", diz.

Os supersinceros

Com eles não havia meias palavras. Droctóvio Estevam de Lima Filho e Apparício de Mello eram pessoas extrovertidas, diretas e comunicativas, que faziam questão de dizer o que pensavam a quem quer que fosse e nunca perdiam uma boa piada. O primeiro, conhecido apenas como Lima, atuava em Tupã e ajudou a dar forma junto com o dr. Seth-Hur Cardoso ao Clube Manoel de Abreu (CMA). Era do tipo que não se intimidava ante qualquer situação, nem durante os primeiros anos de profissão. Quando trabalhava no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, na época de recém-formado, sempre tinha uma resposta na ponta da língua para quem tentasse atemorizá-lo. Uma dessas situações, inclusive, chegou a ser presenciada pelo médico Antonio Carlos F. Santos, do Rio de Janeiro, que a descreveu com detalhes no livro *Estórias de Radiologistas*. Segundo ele, durante um dia extremamente quente, o dr. Lima foi indagado por um homem que batia impacientemente à porta sobre qual critério usava para chamar os pacientes. Obrigado a interromper o exame que fazia, não pensou duas vezes e soltou a máxima: "Meu chapa, aqui comigo não tem negócio de critério não, comigo é na base da esculhambação mesmo!" [3] A mesma sinceridade pôde ser presenciada muitos anos depois, quando foi homenageado durante as comemorações de dez anos do CMA, que aconteceu na cidade de Ribeirão Preto em 1975, na fazenda de Jamil Cury, parente do dr. Feres Secaf. Chamado para fazer um discurso logo após a palestra do elegante dr. Itazil Benício dos Santos, na época presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR), Lima, conforme descreveu José Alves da Luz, em artigo publicado no *Jornal da Imagem* de outubro de 2007, pega o microfone com a camisa de manga curta quase toda aberta e a barriga apoiada na mesa. Em seguida, inicia seu discurso:

3. HISTÓRIAS DE RADIOLOGISTAS, p. 10.

— Peço licença ao elegante mestre prof. Itazil para dar um puxão de orelha a essa turma da primeira fila que me conhece bem e sabe que não sei fazer discurso e sou avesso à formalidade. Mas, já que estou com o microfone, vou me apresentar: sou Droctóvio Lima Filho. Como veem, meu nome é um palavrão[4].

Assim, de maneira ímpar, Lima conduziu a plateia por 45 minutos, arrancou muitas gargalhadas de todos e finalizou a oratória convidando todos para o "*chopin*". Nem mesmo quando ficou doente, pouco antes de falecer, em 1978, deixou o bom humor de lado, fato que é constatado em cartas redigidas ao amigo Sidney de Souza Almeida. Uma delas, escrita em 23 de abril de 1977 e publicada no *Jornal da Imagem* de março de 1979, descreve um Droctóvio abatido, mas não menos pontual, quando se refere a seu estado de saúde. "Mais uma cólica nefrética, coisa corriqueira para mim. Porém, aquela não foi, o diabo da pedra não queria escorregar, opinião de pedra, foi-me proposta cirurgia e recusei, como aceitar, pois seria a 22ª ureteres de bom parideiro".

A mesma irreverência era notada na personalidade do dr. Apparício de Mello. Nascido em 25 de junho de 1918, soube, como poucos, lidar com situações extremas. Quando cursava a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), por exemplo, passou por uma delas. Depois de

4. JORNAL DA IMAGEM. Outubro de 2007, n. 350, p.18.

Em julho de 1989, dr. Apparício de Mello conseguiu realizar o sonho de participar do Congresso Internacional de Radiologia, que aconteceu em Paris. Morreria pouco tempo depois

escolher a Radiologia por se considerar dono de uma ótima memória visual, Apparício tinha em suas mãos um grande problema: encontrar um lugar para morar até o término da residência médica em São Paulo, visto que vinha de Nuporanga, cidade do interior paulista próxima a Ribeirão Preto. A solução foi, no mínimo, inusitada: chamou o administrador do Hospital das Clínicas (HC), Enéas de Carvalho Aguiar, e sugeriu algo inédito: "Eu dou os plantões de Radiologia para o senhor, já que não há técnico à noite, e em troca disso me dá cama e comida."[5] E, dessa maneira improvisada, Apparício iniciou a especialização, inicialmente no setor de raios X do HC, no 4º andar, junto de Flávio Bevilacqua, utilizando um aparelho simples doado pela Fundação de Combate ao Câncer, na época comandada pelo dr. Costa Pinto. Em 1948, ainda residente, tornou-se sócio fundador do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e, posteriormente, integrou o grupo que compõe a Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), sendo, tempos depois, figura central nas atividades dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu. Nestes, ensinou sobre radiologia pulmonar e fez grandes amizades com seu jeito alegre, bonachão, falante e ríspido, sem nunca abrir mão de um bom chope e do seu cachimbo. "Em qualquer roda de bate-papo a sua figura salientava pelo possante vozerio que se alcançava sobre as demais vozes. Parecia que estava brigando. E algumas vezes estava. Esse era seu modo de ser. E por isso conseguiu algumas antipatias e talvez alguns poucos inimigos" [6], recordou Sidney de Souza Almeida. Sidney, aliás, foi responsável pela realização de um dos últimos desejos de Apparício, de quem ficou bastante próximo. Sabendo de seu frágil estado de saúde e de seu desejo em participar do Congresso Internacional de Radiologia (ICR), que aconteceria entre os dia 1º e 8 de julho de 1989 em Paris, Sidney fez contatos com algumas empresas da área e a Kodak acabou patrocinando a viagem. Ali, em ares europeus, o amigo de longa data deparou-se com o Apparício dos velhos tempos, alegre e cheio de energia. E, por isso, apesar de ter ciência de sua enfermidade, tomou a liberdade de brincar com o nuporanguense:

— Apparício, não vá me decepcionar! Você garantiu que este era seu último congresso!"[7]

Sem pestanejar, Apparício respondeu de pronto:

— Deixa comigo, não manco com os meus amigos.[8]

E realmente não decepcionou. Apparício faleceu semanas depois, deixando um vácuo na radiologia paulista.

---

5. ALMEIDA, Sidney de Souza. *Radiografias do meu universo*, p. 221.
6. Idem, p. 221
7. ALMEIDA, Sidney de Souza. *Radiografias do meu universo*, p. 222
8. Idem, p. 222

Os letrados

Ele viveu da e para a Radiologia. Nascido em 1901 e formado em 1927 na FMUSP, José Maria Cabello Campos sabia, desde sempre, que estava diante da especialidade do futuro. Por isso, nunca deixou de estudar e unir a parte teórica à prática, sendo pioneiro em muitos aspectos. Em 1928, ao defender a primeira tese, falou sobre a colecistografia. Em 1946, após participar do Congresso Interamericano de Radiologia, em Havana, interessou-se pela angiocardiografia e, de volta no Brasil, iniciou um amplo trabalho de pesquisa, resultando na primeira angiocardiografia, feita no serviço do Hospital Matarazzo, onde trabalhava, e na conquista do Prêmio Honório Líbero, concedido pela Associação Paulista de Medicina (APM). Outros trabalhos de Cabello Campos que ganharam destaque internacional foram os que se referem à meningocele intratorácica, os que abordaram a localização de corpos estranhos intraoculares e os que esmiuçaram a colecistografia oral. Como professor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na condição de assistente do professor Raphael de Barros, se destacou no ensino da Radiologia, vindo a se tornar um dos pilares da especialidade no Estado de São Paulo.

Cabello Campos também é reconhecido por contribuir para o surgimento de importantes associações radiológicas, sendo um dos fundadores do Departamento de Radiologia da APM, em 1941; do Colégio Interamericano de Radiologia, em 1946; e do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR), em 1948 (entidade da qual foi presidente por três vezes). Quando a Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) foi fundada, em 1968, foi um dos primeiros a dar todo o apoio necessário para que a nova entidade se firmasse e pudesse crescer e lutar, juntamente com o CBR, pela melhoria da classe, ganhando, posteriormente, o título de sócio honorário. "A fundação do CBR se deve, principalmente, ao trabalho do professor Cabello Campos, que tinha um interesse muito grande pelo desenvolvimento da Radiologia e antevia que para a especialidade evoluir era preciso organizar os colegas em torno de uma entidade"[9]. Esta era a opinião do dr. Rubens Savastano, radiologista de São José dos Campos e um dos grandes admiradores do mestre da Santa Casa.

Savastano é um daqueles que desde criança sonhava em ser médico. Quando iniciou o curso na FMUSP, em 1950, optou pela Radiologia, graças ao encantamento que tinha pelos professores Raphael de Barros, Paulo de Almeida Toledo, Antônio Ferreira Filho e Eduardo Cotrim, pessoas com as quais conviveu durante toda a residência, feita no Hospital das Clínicas. De volta à terra natal, atuou no serviço de imagem da Santa Casa local, participou da fundação do CBR (onde foi secretário, presidente da Comissão de Ética e Defesa Profissional e editor da revista *Radiologia Brasileira*, entre

9. A MEDICINA POR UM SEMEADOR. Disponível em http://www.spr.org.br/noticias/a-medicina-por-um-semeador/?index=67. Acesso em 13 fev. 2013.

1980 e 1987), presenciou o nascimento dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu e, posteriormente, da própria SPR. O sinal de reconhecimento da importância de seu trabalho veio em 1989, quando foi escolhido patrono da 19ª Jornada Paulista de Radiologia (JPR).

O médico de São José dos Campos jamais quis deixar sua cidade. Sair, apenas para congressos e demais eventos científicos. Em um deles, no Rio de Janeiro, conheceu o recém-formado José Marcos Pires de Oliveira e o convidou para trabalhar em sua clínica. No mais, Savastano trabalhou pelo bem de sua cidade e região, não sendo à toa um dos nomes proeminentes do Vale do Paraíba. "O médico tem que participar de tudo aquilo que faz parte da comunidade, precisa utilizar seu conhecimento e prestígio em benefício da cidade e arregimentar a comunidade, participando da elevação de seu nível cultural e social. Ao longo desses anos de profissão, acho que cumpri esse objetivo"[10], defendia. Em São José dos Campos foi fundador da Unimed, vereador (1972-1976), presidente do Conselho Deliberativo da Associação Comercial e Industrial da cidade, sócio-fundador do Lions Clube local e professor da Faculdade de Odontologia da Unesp e da Escola de Enfermagem Dom Epaminondas. "O médico é um semeador", costumava dizer, ciente de que sempre buscou honrar a essa máxima, até os momentos finais de sua vida, encerrada em 15 de outubro de 2008.

---

10. A MEDICINA POR UM SEMEADOR. Disponível em http://www.spr.org.br/noticias/a-medicina-por-um-semeador/?index=67. Acesso em 13 fev. 2013.

Rubens Savastano (em pé) discursa durante homenagem ao dr. Raphael de Barros, em 1958. Na foto ainda aparecem Walter Bonfim Pontes e Cabello Campos (último à direita)

Vida breve

O paulistano Marcelo de Almeida Toledo (1937-2001) foi fotógrafo, poeta, cronista e também radiologista. Aliás, descende de uma linhagem de grandes médicos, sendo filho de Paulo de Almeida Toledo (1909-1990), natural de Serra Negra. Paulo foi professor catedrático de Radiologia, aposentando-se em 1980, e diretor da Faculdade de Medicina da USP. Foi um dos alunos do grande Antonio de Almeida Prado, nascido em Itu, que foi professor da recém-criada FMUSP, por convite de Arnaldo Vieira de Carvalho. Antonio também viria a se tornar diretor dessa importante instituição. O serra-negrense acabaria conquistando o professor Antonio e a filha do seu mestre, Beatriz, com quem viria a se casar.

É desse casamento que nasce Marcelo, mais um apóstolo da Medicina e que teria seu nome associado à secular Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Muito além da arte de Hipócrates, dedicou-se à fotografia e à produção de contos, crônicas e poesias com notável habilidade. Para ele, o cotidiano e o mundo à sua volta tinham sempre muito a dizer. Por isso, escreveu, descreveu e revelou, sempre de forma poética e bem-humorada, situações do dia a dia que passariam despercebidas para muitos, mas ficaram eternizadas em suas imagens e palavras, sempre muito bem manipuladas e colocadas. Entre os seus projetos mais audaciosos está o levantamento fotográfico gerado a partir dos passos de jagunços, cangaceiros e do beato Antonio Conselheiro. Parte desse material foi compilada na obra *Grande Sertão: Veredas – As trilhas de Amor e Guerra de Riobaldo Tatarana*.

Primeiro editor do *Jornal da Imagem*, dr. Marcelo de Almeida Toledo também se destacou como exímio cronista

Como autor, escreveu ainda *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo*, de 1975; *Contos, Crônicas e Poesias*, de 1996; e *Anatomia Topográfica*, de 1998. Colaborou ainda com o *Jornal da Imagem*, da SPR, o *Boletim da Santa Casa*, o *Jornal da Associação Médica Brasileira* (Jamb) e o *Jornal da APM*. Em todos deixou sua marca inteligente, revelando-se um profissional observador e sensível, conseguindo fazer com que seus leitores vissem o mundo clínico a partir dos olhos de um médico. "Ele foi o editor do *Jornal da Imagem* por vários anos. Escrevia muito bem, um dos melhores textos que já vi; ele era magnífico, uma figura maravilhosa", relembra o jornalista Luiz Carlos de Almeida, que trabalhou com o dr. Marcelo durante os primeiros anos do *Jornal da Imagem*.

Outro colaborador do *Jornal da Imagem* que também deixou saudades foi o médico Benedito Pinheiro de Abreu Neto, o Pinheirinho, que faleceu prematuramente, em 2 de setembro de 2002, aos 56 anos. Radiologista do Hospital Israelita Albert Einstein, nasceu em Goiás, formou-se na Universidade Federal de Goiânia e fez residência em Radiologia no Hospital do Servidor Público Estadual, de São Paulo. Tempos depois, trabalhou na Amico e em sua clínica particular, onde fazia questão de acompanhar o andamento de cada paciente.

Conciliador, ponderado e sorridente, levou estas características para a SPR, onde ocupou o posto de primeiro secretário da Sociedade entre os anos de 2001 e 2002, na gestão do dr. Renato Adam Mendonça. Além disso, seu nome sempre estava ligado às comissões científicas e à coordenação dos cursos voltados à área. Falava pouco, mas adorava escutar as histórias que os outros à sua volta tinham para contar. Quando resolvia dar algum conselho, o mesmo vinha embalado junto a uma voz amiga e tranquilizante. Desde abril de 2001, passara a auxiliar na edição do Caderno Dois do *Jornal da Imagem*, suplemento onde são publicados os textos científicos. "Todos os meses, impreterivelmente, ele comparecia à SPR na época do fechamento do jornal para revisar os casos enviados pelos residentes e apresentados no Clube Roentgen. Por inúmeras vezes corrigiu, complementou e aprimorou anonimamente o material com o objetivo único de contribuir ao máximo para o aprendizado dos leitores", comentou Priscila Zanolini Figueiredo, na época editora do *Jornal da Imagem*[11]. Ricardo Emile Baaklini, presidente da SPR na gestão 2011-2013, se emociona ao relembrar do amigo. "Nós fizemos uma homenagem a ele e à família dele durante a Jornada Paulista de Radiologia de 2003, criando a Praça Pinheiro Neto no local do evento. Foi algo que fizemos de coração! Ele e o Jorge Issamu Kavakama foram colaboradores de intensa importância para a SPR", afirmou doutor Baaklini.

Jorge Issamu Kavakama, a quem Baaklini se refere, tinha como ponto forte a pesquisa científica aliada às explicações claras, concisas e bem-humoradas. Suas aulas, sempre lotadas, contavam com preciosos ensinamentos, laureados sempre com suaves pitadas de humor, sendo considerado por muitos o "papa" da radiologia torácica brasileira. Formado em 1978 pela FMUSP, fez residência dentro do

11. JORNAL DA IMAGEM. Outubro de 2002, n. 209, p. 28

HC e, um ano depois, foi convidado para supervisionar o Grupo de Tórax dentro do Departamento de Radiologia. Entre os vários cargos que ocupou estão o de médico assistente do Departamento de Radiologia HC/FMUSP, a chefia do Serviço de Tomografia Computadorizada da Divisão de Diagnóstico por Imagem do Instituto do Coração (InCor) e a vice-presidência do Departamento de Imagem da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia.

Entusiasta nato, adorava ensinar. Por isso, sempre liderou dentro da vida associativa iniciativas que promovessem a difusão do conhecimento. Quando faleceu, em 1º de dezembro de 2005, uma quinta-feira, estava em Chicago (EUA), participando a 91ª Assembleia Científica e Encontro Anual da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA). Ali, em terras norte-americanas, teve um dos momentos que listou entre os mais importantes de sua vida: estar em um clube de *blues*, em Chicago, ao lado de seus amigos. "Acredito que ele tenha sido coroado com o dom da infância. Uma espécie de estigma por alguns carregado por toda a vida e que, plenamente desenvolvido e cultivado, faz desabrochar quase todo o resto de que qualquer adulto necessita. Dono de um sorriso e de um comportamento solar, o 'moleque' Jorge atraía quase todos porque era a essência do professor Jorge. Também exalava carisma, conjunto de criança, professor e ator", descreveu o dr. Augusto César de Macedo Neto[12].

12. JORNAL DA IMAGEM. Janeiro de 2006, n. 329, p. 7

O dr. Pinheiro Neto colaborou com o *Jornal da Imagem* de abril de 2001 até a sua morte, em setembro de 2002. Na foto, encontra-se na companhia de Lázaro do Amaral, da Med Imagem

Dentro da SPR, Kavakama foi segundo secretário (1992-1993), segundo vice-presidente (1994-1995) e membro da Comissão Cientifica, além de integrar a presidência do Clube Roentgen (1992-1993). Alguns julgam inesquecível a participação dele durante a Gincana de Casos, na JPR de 1992. Sem adiantar a ninguém o que tinha em mente, só apareceu na hora da abertura do evento, em 2 de maio, e já em cima do palco do teatro do Maksoud Plaza, devidamente caracterizado de samurai. "Foram duas horas de descontração, exibindo divertimento associado a conteúdo científico", descreveu o dr. Jaime Barbosa, de Presidente Prudente. Sua fala faz coro com a dra. Cláudia Figueiredo. "Eu nunca tinha visto alguém dar aula com tanta paixão. Inesquecível. Eu fiz radiologia por sua causa, e me especializei em tórax também por sua causa. Na residência, todos queriam estar à sua volta. As futuras gerações de radiologistas nem podem ter ideia do que perderam, como professor e como amigo"[13].

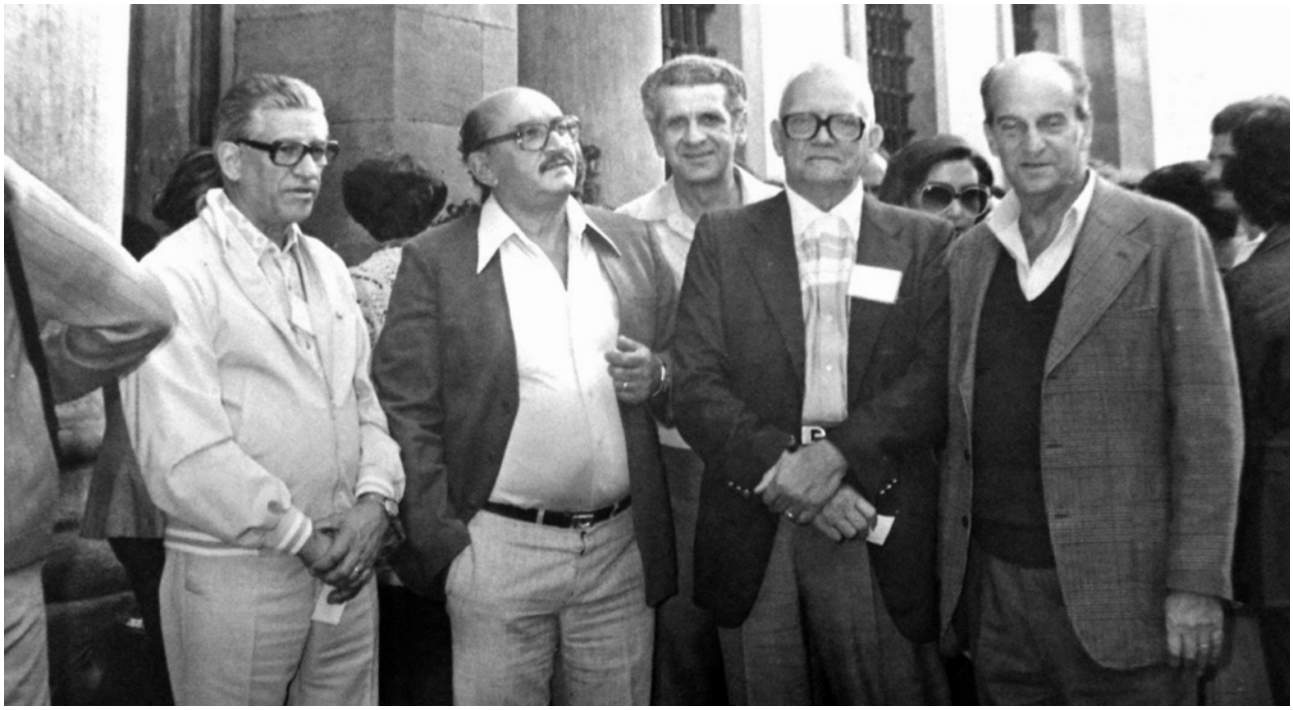
Enfim, perdem-se todos. Foram-se Kavakama, Pinheirinho, Marcelo, Savastano, Cabello Campos, Apparício, Droctóvio, Trentini e tantos outros que contribuíram para o desenvolvimento da radiologista paulista e cuja memória, se não cuidada, vai se dissipando com os anos. Cada um a seu tempo soube levar adiante o conhecimento que um dia recebeu. Cada uma dessas baixas significou uma lacuna que não pôde ser preenchida. Cada um deles marcou pelo trabalho e pelas ações que desenvolveram, engrandecendo a especialidade e merecendo a saudade que doravante se celebra.

---

13. JORNAL DA IMAGEM. Janeiro de 2006, n. 329, p. 7

O irreverente Jorge Kavakama entre Ricardo Flores (primeiro à esquerda), Helio Yamashita, Pedro Dalto e Ricardo Pires

Jorge Kavakama em uma de suas concorridas aulas no Clube Roentgen, quando ainda era no Livorno



Pedro Brandão, Sidney de Souza Almeida, Jarbas Gomes da Cunha e Feres Secaf prestigiam a II Jornada Mineira de Radiologia, que aconteceu em junho de 1980, em Belo Horizonte (MG)

Capítulo 9
Os passos em direção ao futuro

"Temos imposto um desafio muito grande de transpor as fronteiras, não apenas do Estado de São Paulo, pois a gente já fez isso, tornando a JPR um evento nacional."

Antonio José da Rocha, sobre a meta de fazer da JPR uma referência internacional.

AO LONGO DE SUA história, a Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR) se deparou com uma série de situações que foram obstáculos a seus projetos de crescimento. Ainda assim, sobreviveu à ditadura, ao racionamento de combustível, a planos econômicos inesperados e a uma grande crise financeira global, nascida em 2008 e que ainda se faz sentir nestes dias de 2013. Dessa forma, superou uma infância pobre entre as décadas de 1960 e 1970; uma puberdade adversa (anos 1980); uma juventude promissora (1990) para, a partir do século XXI, atingir uma maturidade invejável.

À medida que "cresce e aparece" maiores também vão se tornando os desafios a serem enfrentados. Difícil é prevê-los, sendo que a única certeza que se tem é que eles vão se impondo ao longo do tempo, exigindo interferências vigorosas e decisões rápidas e inteligentes para sobrepujá-los. De certo é que cíclicas são as crises econômicas; habituais, as questões relacionadas à defesa da profissão; e perene, o debate em torno da necessidade de expansão da entidade e de sua Jornada Paulista de Radiologia (JPR).

Uma das questões que continuará na pauta das próximas diretorias é como fazer com que o principal evento da Sociedade, a JPR, continue se expandindo. Para isso, alguns acreditam que será necessário o aperfeiçoamento do seu modelo de internacionalização. E o principal parâmetro

é o do Congresso da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA), simplesmente o maior evento mundial do setor, que reúne cerca de 60 mil participantes (metade deles radiologistas) a cada edição, sendo que cerca de 45% destes profissionais vêm de outros países.

No caso da JPR pode-se dizer que o processo de globalização está muito bem desenvolvido quando o assunto é a participação de professores estrangeiros. Nas últimas edições, o número tem batido a casa dos 100 e a tendência, com as próximas parcerias internacionais, é que continue a crescer. No entanto, quando o tema é presença de congressistas de fora do Brasil, esse é um processo que ainda tem muito que se desenvolver. Para isso, a busca de novas parcerias é fundamental e, nessa direção, já se avista no horizonte a Península Ibérica e a América Latina.

Na opinião do dr. Antonio José da Rocha, em âmbito nacional, a Jornada cresceu muito e se aproxima do seu teto, uma vez que o número de radiologistas é finito. Daí a necessidade de expandir além das fronteiras do País. "Temos imposto um desafio muito grande de transpor as fronteiras, não apenas do Estado de São Paulo, pois a gente já fez isso, tornando a JPR um evento nacional", diz. A solução imediata, complementa o presidente da SPR no biênio 2013-2015, é começar a atrair em número maior os colegas das nações vizinhas.

"Temos condição e *know-how* de trazer os radiologistas latino-americanos para um congraçamento dentro da nossa jornada e para oferecer a eles uma oportunidade de educação continuada com um evento de alto nível científico e um comercial atraente, com muitos lançamentos e novidades tecnológicas. Este é o desafio que está na pauta desta e das próximas gestões", enfatiza, revelando o projeto de fazer da JPR uma referência continental.

De acordo com Ricardo Emile Baaklini, as crises econômicas continuarão a assolar o planeta em nível nacional ou global e as organizações não estão imunes às suas consequências. No entanto, acredita, é o confronto com este tipo de adversidade que marca uma gestão. "É na crise que tem de se mostrar a cara. Passamos por esses períodos com solidificação e internacionalização da Jornada, com o fechamento de parcerias importantes, estabilidade da Sociedade e crescimento de nossa sede. Saímos de uma pequena sala, para duas, para quatro e, hoje, ocupamos sete salas. Tudo muito moderno e com toda a parte de computação e tecnologia da informação muito avançada. Aí alguns olham e falam: 'Nessa crise vocês conseguiram fazer isso?'", pondera.

Com crises ou não, a preocupação com a educação e a formação dos radiologistas continuará sob a mira nos próximos anos. Pelo menos até 2015, quando se encerrará a gestão Antonio José da Rocha. Essa é uma das bandeiras que esse médico mineiro vem levantando há algum tempo, o que inclusive ajudou a fazer dele presidente do Clube Roentgen. "O grande viés da minha atuação até hoje foi a promoção educacional, o foco no interesse científico da profissão, da Radiologia. Acredito que a minha contribuição mais efetiva será esta", destaca.

Historicamente, a SPR esteve sempre muito ligada ao residente, como provam os Clubes Roentgen e Manoel de Abreu e os demais grupos criados depois, que sempre atraíram ou eram explicitamente voltados ao médico em formação. E esse vínculo deve continuar estreito, segundo o dr. Adelson André Martins. "São muitos os cursos promovidos pela SPR voltados para o residente. O residente de hoje é o radiologista de amanhã e a Sociedade vê isso com muito carinho e trabalha para que ele cresça e sinta que tem ao seu lado toda uma estrutura administrativa, de defesa profissional e de trabalho em grupo. Isso é muito importante", assegura o atual vice-presidente por São Paulo no Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR).

Ele também acredita que a SPR deve se fortalecer no aspecto de defesa profissional voltando a brigar junto com o CBR pelos interesses dos radiologistas, uma vez que ambos vêm se colocando do mesmo lado da trincheira nas principais batalhas em favor dos seus associados. "Defesa profissional é algo muito difícil de fazer, mas a SPR sempre esteve do lado do CBR pela melhoria das condições do radiologista", diz. E não faltam questões a serem debatidas. Uma delas é o histórico problema de má remuneração. "A nossa tabela vem sendo mal remunerada há muito tempo. E para se ter uma tabela melhor, para se quebrar esse ciclo é muito difícil, porque a própria Medicina ficou muito complexa", assegura Adelson, lembrando ainda de outro problema mais atual e que merece igualmente atenção: a má formação dos novos profissionais. "A qualidade *é sine qua non* para qualquer atividade", afirma.

Já o dr. Aldemir Humberto Soares enfatiza a briga que se travará entre o conteúdo oferecido na Jornada e aquele já disponível na Internet. Na opinião deste radiologista, a JPR precisa manter seu status de essencial ao radiologista nacional. Esse ponto é ainda mais desafiador uma vez que quase tudo que é apresentado no congresso já se encontra disponível na rede mundial de computadores. "É preciso ganhar da Internet e só se consegue isso com a confiabilidade. A mensagem deve ser clara: 'O que estou pondo aqui é confiável', 'Você não precisa perder tempo na Internet para descobrir se aquilo é confiável ou não porque a gente está oferecendo esta informação que é a correta'", salienta.

Outro caminho, apontado pelo médico Rubens Prado Schwartz é justamente o de se apropriar das novas tecnologias para fazer com que as informações geradas nos diversos eventos realizados pela SPR cheguem a um maior número de profissionais. "Há a necessidade dos cursos serem transmitidos via Internet num padrão excelente (tipo Netflix). Já estamos atrasados neste aspecto. A necessidade de evoluir com novos processos e linguagens é que nos manterá vivos", prognostica o tesoureiro geral do biênio 2011-2013. Segundo ele, que durante mais de 15 anos trabalhou ao lado do dr. Feres Secaf, tal ferramenta ajudaria a mitigar o problema de mobilidade na capital paulista e o alto custo para o deslocamento das pessoas de outras cidades e Estados.

Preocupação com a educação e com a formação dos radiologistas segue na pauta da SPR

"O residente de hoje é o radiologista de amanhã e a SPR vê isso com muito carinho e trabalha para que ele cresça e sinta que tem ao seu lado toda uma estrutura administrativa, de defesa profissional e de trabalho em grupo. Isso é muito importante."

Adelson André Martins, sobre a relação da SPR com os residentes.

E, como tudo indica que a Radiologia continuará a crescer e a se fortalecer nos próximos anos e décadas, caberá à SPR, como representante de um significativo número de profissionais de um Estado que ocupa a vanguarda nacional, aproveitar o momento e seguir esses mesmos passos. A especialidade mudou de patamar, ganhou importância, principalmente nos serviços de emergência. Além disso, longe dos tempos em que o radiologista era o desconhecido que trabalhava em um porão de um estabelecimento hospitalar, hoje esse profissional é uma das estrelas da equipe, por sua importância e utilidade. Não é à toa que, conforme lembra dr. Adelson, "qualquer hospital que tem um nível de atendimento bom tem uma radiologia forte". É a essa categoria cada vez mais essencial que a SPR deve desde já mostrar o seu valor, sua utilidade. Trabalho não vai faltar. Mas já vem sendo feito com sucesso, desde 3 de março de 1968, quando 25 médicos reunidos em Jaú aceitaram o desafio de executá-lo.

Em pé: Celso Hiram de Araújo Freitas, José Michel Kalaf, Henrique Carrete Júnior, Lázaro Luiz Faria do Amaral, Antonio Soares Souza, Marcus Vinicius Valentin, Rubens Prado Schwartz, Cássio Ruas de Moraes, Clóvis Simão Trad e Jaime Ribeiro Barbosa; agachados: Gustavo Kalaf, Romeu José Santini, José Alves da Luz, Renato Adam Mendonça, Ricardo Emile Baaklini, Antonio José da Rocha, Pablo Rydz Pinheiro Santana e Mauro José Brandão da Costa, durante reunião em São Carlos, que elegeu a nova diretoria para o biênio 2013-2015

Os presidentes da SPR

1968-1969 ❖ 1969-1970

Jarbas Gomes da Cunha

"A RADIOLOGIA FOI A GRANDE paixão da vida dele". Com esta frase, Maria Luíza Gomes Porto, filha do dr. Jarbas Gomes da Cunha, resume o que significava a especialidade na vida do pai, que foi o primeiro presidente da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR). Natural de Uberaba (MG), graduou-se em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1934, aos 21 anos. Recém-formado, passou pela Santa Casa de Belo Horizonte por alguns meses, até ser convidado, por um amigo de internato, a ir para Teófilo Otoni (MG) e trabalhar no Hospital Santa Rosália. Ali, em condições precárias, fez um pouco de tudo – de exames clínicos a partos, durante mais de cinco anos. É quando o Governo Federal encaminha ao hospital um aparelho de raios X (o primeiro da região) e Jarbas, prontamente, se coloca à disposição para assumir o serviço. "Minha primeira providência foi escrever para o dr. Manoel de Abreu Campanário, um antigo colega de faculdade e um dos mais competentes radiologistas da capital paulista. Ele então me convidou para fazer estágio com ele", recordou Jarbas, em antiga entrevista concedida ao *Jornal da Imagem*.

Inicialmente, o médico mineiro passa quatro meses na capital paulista, frequentando diariamente o serviço da Santa Casa de São Paulo, onde o amigo Campanário trabalhava. Porém,

disposto a inteirar-se cada vez mais do novo ofício, volta à cidade sempre que pode (principalmente em seus períodos de férias). Sua dedicação e empenho chamam a atenção de Campanário, que o convida para trabalhar em São Paulo, ao que aceita prontamente. Um ano e meio depois, porém, Jarbas recebe duas propostas: trabalhar em Uberaba ou, a convite do dr. Alípio Correia Neto, ir para a Santa Casa de Santos. Optou pela segunda opção e não se arrependeu. E ali, na nova cidade, também montou uma clínica particular na região central. Em pouco tempo, o local ganhou fama, clientela e mudou de endereço, passando para a Avenida Ana Costa, onde até hoje se mantém, como uma das mais conceituadas da cidade.

Muito estudioso, frequentou diversos congressos nacionais e internacionais, além de muitas reuniões dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu (CMA), até ser eleito presidente da SPR, durante a reunião de oficialização da entidade, em 3 de março de 1968. Comandou a 4ª Jornada Paulista de Radiologia (a primeira pós-fundação), foi reeleito por unanimidade em 1969 e assumiu, posteriormente, vários cargos na diretoria do CMA. Em 1978, recebeu a Medalha do Mérito Médico, no Paço Municipal de Santos. Casado com Tarsila Pinto Gomes da Cunha, o casal teve dois filhos: Márcio (que por muitos anos cuidou da parte técnica e administrativa da clínica) e Maria Luíza, casada com o médico Mário Ferrario Porto, que também é radiologista. "Comecei a trabalhar com o dr. Jarbas em 1º de março de 1965 e aprendi Radiologia com o meu sogro", afirma o dr. Mário, que ainda atua na clínica. Amante de música clássica, o doutor Jarbas costumava trabalhar em casa, dando laudos, ouvindo Chopin, seu preferido. Além disso, era torcedor ávido do Santos Futebol Clube e fã das escritas de Júlio Verne. Faleceu em 4 de setembro de 2002, em decorrência de um tumor na bexiga.

1970-1971 ❖ 1975-1978

Feres Secaf

Visionário, empreendedor e pioneiro. Para o dr. Feres Secaf não havia barreiras para a difusão do conhecimento radiológico. Nascido em Ribeirão Preto (SP), em 20 de abril de 1916, cursou a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre os anos de 1939 e 1944 e conseguiu, um ano após a graduação, passar em primeiro lugar no concurso do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), onde ficou até 1947. Em 1952, iniciou sua trajetória na Escola Paulista de Medicina (atual Unifesp), vínculo que manteria até a sua morte. Atuante, passou pelos cargos de assistente da Segunda Cadeira de Clínica Médica, professor adjunto do Ensino Superior e Professor Titular de Radiologia. Em 1954, abriu seu consultório próprio na Rua Barão de Itapetininga, a Unidade Radiológica Paulista (URP), e faz sociedade com o dr. Antonio dos Santos Clemente Filho.

Posteriormente, leva a clínica para a Avenida Paulista e a equipa com uma máquina reveladora automática Kodak, a primeira de o todo Hemisfério Sul. Foi também pelas mãos de Secaf que o Brasil recebeu um dos primeiros tomógrafos, em 1977, na época instalado no Hospital Sírio

Libanês. Antes disso, em 1966, se tornou o primeiro chefe do Serviço de Radiodiagnóstico da EPM, que foi transformado em disciplina do Departamento de Medicina. Segundo Marcelo Secaf, filho do radiologista, um de seus maiores orgulhos foi ter batalhado para conseguir transformar a cadeira de Radiologia em um departamento dentro daquela universidade.

Além da docência, participou ativamente das reuniões dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu, tendo papel fundamental na formação da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), entidade que presidiu em dois momentos: entre 1970-1971 e 1975-1978. Também foi presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e vice-presidente do Colégio Interamericano de Radiologia. Em 1981, em parceria com o dr. Rogelio Moncada, da Loyola University, dos EUA, passou a realizar o "Curso de Diagnóstico por Imagem". A iniciativa foi tão bem-sucedida que o evento não parou mais de acontecer. Em 1994, a pedido do próprio Feres, o curso ganhou nova direção, estando desde então aos cuidados da SPR, quando passou a chamar "Curso de Diagnóstico por Imagem Prof. Dr. Feres Secaf".

1971-1972

Romeu Santini

Foi na cidade de São Carlos, interior paulista, que o médico Romeu Santini nasceu e estabeleceu a vida pessoal e profissional. Filho de imigrantes italianos, formou-se em 1937, na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, iniciando-se na profissão já no ano seguinte. Em 1940, adquire o primeiro aparelho de raios X de linha aberta, comprado de um amigo, o dr. Ernesto Pereira Lopes, e rapidamente se firma na profissão, tornando-se referência em São Carlos graças à sua competência e presteza frente aos atendimentos. Neste mesmo ano casa-se com Nair, com quem teve sete filhos: Pedro, Roberto, Kilmes, Irene, Cibele, Heloísa e Romeu José Santini. Cinco anos depois, em 1945, importa dos Estados Unidos o aparelho de última geração na época, um GE de 500 mA, já automatizado, e que até hoje, encontra-se nas dependências do Instituto de Diagnósticos Romeu Santini.

Sempre ligado às causas humanitárias e no desenvolvimento da região onde morava, foi presidente do Centro de Ação Social, do Aeroclube de São Carlos, da Sociedade Médica, presidente fundador da Telefônica Central Paulista e do Conselho Deliberativo do São Carlos Clube. Por

conta disso, gozava de alto conceito e tarimba em São Carlos. Tanto que, em 18 de outubro de 1984, durante as comemorações do Dia do Médico promovidas pela Associação Paulista de Medicina local, Santini recebeu o título de "Médico do Ano". "Busquei sempre servir indistintamente a todos com a mesma igualdade, sem discriminação de credo, raça ou fortuna", ressaltou na ocasião, quando também relembrou os nomes dos doutores Ernesto Pereira Lopes, Samuel Valentie de Oliveira e Alderico Vieira Perdigão. "Foram pessoas que me prestigiaram e estenderam as mãos", diria, emocionado. Mas esta não foi a única homenagem prestada na cidade ao médico Romeu Santini. Ainda hoje, o município conta com um bairro que leva o nome do radiologista, que, nas horas vagas, adorava esportes e a vida no campo. Por isso, sempre que podia, praticava natação, jogava futebol e arranjava um tempo para pescar.

Considerado um dos fundadores do Clube Manoel de Abreu e, posteriormente, da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), Santini foi o terceiro presidente da SPR, entre 1971 e 1972. Durante a gestão comandou, na cidade natal, a 5ª Jornada Paulista de Radiologia (segunda após a fundação da SPR), entre os dias 29 de março e 1º de abril de 1972. Faleceu em 15 de dezembro de 1991.

1972-1975

José Marcos Pires de Oliveira

O dr. José Marcos Pires de Oliveira sempre se caracterizou por ser um líder nato. Ainda estudante, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, integrou o centro acadêmico e era o orador da turma. Ali se formou em 1963, partindo em seguida para o Rio de Janeiro, onde se especializou em Radiologia com ninguém menos que o médico Nicola Caminha.

Durante os dois anos em que esteve na Cidade Maravilhosa, trabalhou em duas instituições: o Hospital Universitário Pedro Ernesto e o Hospital Geral do Rio de Janeiro, onde chegou a ser tenente do Exército Brasileiro. À noite, despendia seu tempo para estudar Radiologia. Tanta dedicação valeu a pena. Em 1965, durante um congresso realizado no Hotel Glória, no Rio, foi convidado pelo dr. Rubens Savastano para trabalhar em São José dos Campos (SP), onde ficou por dois anos. No entanto, durante uma viagem para visitar os pais, em São Simão (SP), entrou em Rio Claro para conhecer a cidade. Gostou tanto do que viu que, após passar pela Santa Casa local e constatar que o hospital não dispunha de radiologista, se ofereceu para o cargo, o que foi aceito de imediato. Fixou morada na cidade e, posteriormente, montou a sua própria clínica.

Frequentador assíduo das reuniões do Clube Manoel de Abreu (CMA), ocupou a presidência do clube entre os anos de 1971 e 1972. Depois disso, seria eleito presidente da Sociedade Paulista de Radiologia por dois mandatos, entre 1972 e 1975. No mesmo período (entre 1973 e 1975), foi secretário-geral do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e criou o *Jornal de Radiologia*, órgão oficial do CMA, que durou apenas três edições. Em 1976, estreou na vida política em grande estilo, como o vereador mais votado de Rio Claro.

Também foi fundador do PMDB local, ocupando o cargo de presidência por 11 anos, e, nas eleições de 1982, recebeu 32.027 votos como candidato a deputado estadual. Fez grande amizade com Ulysses Guimarães e foi, por muitos anos, representante do Ministério da Previdência Social, além de dono do *Jornal Cidade de Rio Claro*. Anos depois, voltou à Radiologia, assumindo sua clínica e a Santa Casa. Mas a queda de uma escada na chácara onde morava o deixou tetraplégico e interrompeu prematuramente seus planos. Faleceu nove meses depois, em 2001, mas exerceu a Radiologia até seus últimos momentos. "Um dia, quando meu pai já estava doente, teve de se submeter a um exame de raios X e não perdeu a chance de orientar o técnico sobre como fazer aquele procedimento", relembra a filha Marcela Pires.

1978-1979 ❖ 1980-1981

Sidney de Souza Almeida

ENFRENTAR DIFICULDADES NUNCA FOI problema para o dr. Sidney de Souza Almeida. Natural de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), de 5 de fevereiro de 1927, Sidney aprendeu, desde cedo, que para toda conquista é necessário empenho e muito trabalho. Foi assim quando começou a Faculdade Fluminense de Medicina, em Niterói, onde se graduou em dezembro de 1952. Para conseguir pagar a mensalidade e ajudar nas despesas, trabalhava como entregador de uma quitanda, unindo esforços com o pai, que na época era empregado de uma metalúrgica, e a avó, que fazia peças de crochê para vender. A partir de 1953, já formado, percorreu quase todo o Estado de São Paulo com um jipe, chefiando 20 equipes do Serviço Estadual de Vacinação contra a Febre Amarela. No meio do caminho, encontrou o distrito de Nova Odessa e, naquele mesmo 1953, fixou morada. Casou-se com Clara Fernandes, teve os filhos Elisabete e Sidney Júnior e, como o único médico da região, fez um pouco de tudo, trabalhando como clínico geral, pediatra, cirurgião e obstetra. Dez anos depois, por conta de divergências políticas, segue com a família para Americana, abre sua clínica e funda, junto com outros três médicos, a Clínica São Lucas.

Neste momento, percebeu que não havia radiologistas na região e resolveu se especializar na área, sob os ensinamentos do médico José Marcos Pires de Oliveira, da Santa Casa de Rio Claro.

É por intermédio do dr. Pires que Sidney toma contato com o Clube Manoel de Abreu e mostra a todos, com seu jeito comunicativo e empreendedor, que tem potencial para liderar. Com esses predicativos, acabaria presidente do clube, de 1976 a 1978. Iria mais longe em 2 de abril de 1978, quando, depois de ser indicado por Feres Secaf, é aclamado presidente da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR). Seria reeleito em 1979 e prolongaria sua gestão até 1981. Neste período, proporcionou à entidade uma série de benesses, como a compra da sede própria e os lançamentos do *Jornal da Imagem* e da *Revista da Imagem*. Graças ao árduo trabalho na área, chega à presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia (1985-1987) e, posteriormente, à do Colégio Interamericano de Radiologia (1990-1992). Além disso, é homenageado, em várias ocasiões, por importantes entidades internacionais, como a Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA), Colégio Americano de Radiologia (ACR) e a Sociedade Internacional de Radiologia (ISR), levando o nome da Radiologia brasileira para outras fronteiras. A trajetória intensa, porém, nunca tirou de Sidney outro de seus talentos: o de cronista. Além dos muitos textos que escreveu para o *Jornal da Imagem* e o *Boletim do CBR*, retratou o cotidiano nos livros *Radiografias do meu universo* e *Se eu não fosse de circo*. Atuou até o final de sua vida em um projeto audacioso de resgate da memória da Radiologia. Morreu em 29 de dezembro de 2001, deixando em *stand by* um de seus maiores sonhos: a criação do Museu da Radiologia.

1981-1983 ❖ 1983-1985

Luiz Karpovas

QUANDO PERGUNTAVAM AO PEQUENO Luiz Karpovas, na época com cinco anos, o que ele seria quando crescesse, a resposta era automática: "Vou ser médico!". Filho de imigrantes lituanos e poloneses, Karpovas, que nasceu em 2 de dezembro de 1942, na cidade de São Paulo, passou toda a infância e adolescência no bairro do Carandiru, Zona Norte da capital paulista, e nunca deixou que aquele antigo desejo fosse esquecido. Tanto que, assim que terminou o ginásio, passou a frequentar assiduamente o curso preparatório para o vestibular de Medicina. Porém, em 1961, já com 18 anos, foi obrigado a retardar em um ano seus planos. Tudo porque foi convocado pelo Exército para servir no Quartel de Quitaúna, em Osasco (SP). Ali, trabalhou na Infantaria e foi surpreendido, em 25 de agosto de 1961, com a renúncia do então presidente Jânio Quadros. Isso fez com que ele e todo regimento fossem enviados para Jacupiranga (SP), sem que fosse dada qualquer informação aos familiares. "Minha sogra, Sabina, conta que ele desapareceu e ficou confinado por lá uns 20 dias", relembra Mina Karpovas, esposa do radiologista.

De volta à vida normal, Karpovas conseguiu, em 1963, entrar na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde, além de estudar, participava ativamente do grêmio estudantil. A opção por Radiologia surge no sexto ano, escolha que causou controvérsias familiares. "O pai dele ficou muito bravo: 'Como que você entra na faculdade de Medicina para ser fotógrafo?' Ele não entendia bem o que era um radiologista", frisa Mina. Em 1968, já formado e tendo feito a residência médica no Hospital das Clínicas da FMUSP, com o prof. Paulo de Almeida Toledo, é aprovado como médico assistente na Santa Casa, onde ficou por dez anos.

Por esta ocasião, em 1978, recebe do médico Antonio Cavalcanti, velho amigo desde os tempos da faculdade, a notícia de que fora escolhido para ser tesoureiro da SPR. Apesar do susto inicial, Karpovas aceita o desafio e desempenha a função com louvor. E, em 1981, é aclamado presidente da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), cargo que ocuparia por dois mandatos, até 1985. Nesta condição lutou ativamente pelos interesses da classe radiológica. Seu empenho o levou ainda às presidências do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR) e do Colégio Interamericano de Radiologia (CIR), além de cargos de confiança na Associação Médica Brasileira (AMB). Faleceu em 14 de fevereiro de 2005, cerca de dois meses depois de ter ido a Chicago participar do congresso da RSNA.

1985-1987

José Michel Kalaf

PROVENIENTE DA SÉTIMA TURMA da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), o dr. José Michel Kalaf acompanhou a história da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) desde os seus primórdios. Natural de Araguari (MG), nascido em 28 de maio de 1939, fez o curso científico em Uberaba (MG) e de lá partiu para Ribeirão Preto (SP), onde se graduou em 1963 e fez residência médica em Radiologia, tendo como chefe do serviço o médico Clarimundo Alves de Souza Filho; subchefe, o dr. Kanji Kamata; e chefe da residência, o dr. Clóvis Simão Trad. "Nesta época iniciavam-se as atividades do Clube Manoel de Abreu (CMA). Foi o doutor Clóvis Simão Trad que levou a mim e ao doutor Joaquim Francisco Neto, ambos residentes, a uma reunião de São José do Rio Preto (de oficialização do CMA)", recorda Kalaf.

Este era só o começo de uma longa trajetória. Assíduo frequentador das reuniões do CMA, presenciou os debates para a formação da SPR e foi, durante a oficialização da Sociedade, escolhido para ser o primeiro-secretário da primeira diretoria da entidade, em 3 de março de 1968, diretoria esta que

seria reeleita em 1969. "Sempre procurei estar próximo dos colegas que se aglutinavam em torno da estruturação da SPR. Foi algo muito natural e acabei adquirindo sólida amizade com todos esses colegas. Acho que eu era o elo entre os mais novos e os mais antigos do que eu", afirma o radiologista, que galgou todos os passos até se tornar presidente da entidade entre os anos de 1985 e 1987.

"Procurei dar seguimento àquilo que tinha recebido, do ponto de vista cultural, científico, empresarial. Foi algo natural, feito de forma consolidada", explica Kalaf, que posteriormente chegou à vice-presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR). Apesar da modéstia, foi precursor em várias ocasiões. Na época da FMRP foi o primeiro residente de Radiologia que padronizou a técnica da linfografia com uma característica própria dentro do serviço. "Procurei sempre trabalhar como formador de opinião no sentido do aprendizado científico, ministrando aulas, participando de reuniões, seminários e congressos nacionais e internacionais", completa o especialista, que, há pelo menos 20 anos, é coordenador da área de mamografia da SPR.

"No interior do Estado de São Paulo fui precursor da linfografia, trabalhei sistematicamente para o aprimoramento de técnicas da flebografia dinâmica do membro inferior, broncografia, laringografia, colangiografia endovenosa por infusão, mamografia convencional, xeromamografia, mamografia digital de campo total, ressonância magnética mamária, diagnóstico multimodalidade em imaginologia mamária e atualmente com tomossíntese mamária", completa.

1987-1989

Giovanni Guido Cerri

SEMPRE QUE PASSAVA PELA Avenida Dr. Arnaldo, na altura do número 455, e olhava o majestoso prédio que comporta a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), no bairro de Cerqueira César, o hoje dr. Giovanni Guido Cerri pensava consigo mesmo: "Um dia eu vou estudar nessa faculdade!" Não só realizou o desejo, como também se tornou um dos radiologistas brasileiros mais respeitados dentro e fora do País. Nascido em Milão, na Itália, em 9 de outubro de 1953, dr. Giovanni veio com a família para o Brasil em 1955, na época com dois anos de idade. Inicialmente, passou uns tempos no Rio de Janeiro para, em 1960, aportar de vez em São Paulo. Na capital paulista, estudou nos colégios Rio Branco e São Luís, tradicionais instituições de ensino da cidade, e, em 1971, ingressou na FMUSP, onde se formou em 1976. A escolha por Radiologia, porém, só ocorreu no final do curso. "Senti que esta poderia ser a especialidade do futuro", explica. A residência médica na área ocorreu no HC-FMUSP.

Realizou especializações na França e EUA, obtendo o título de Doutor em Medicina pela FMUSP em 1984, com a tese *Contribuição da ultrassonografia no diagnóstico da forma hepato-esplênica da*

esquistossomose mansônica, ganhando reconhecimento internacional e sendo convidado para ser consultor da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 1986 tornou-se professor livre docente da FMUSP e, em 1996, professor titular de Radiologia da mesma instituição, quando passou a dirigir o Instituto de Radiologia (InRad) do HC-FMUSP. Entre 2002 e 2006 foi diretor da Faculdade de Medicina da USP, quando promoveu o restauro do prédio histórico desta faculdade. Presidiu o Conselho Deliberativo do HC e também foi seu diretor clínico. Em 2010 criou o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp), que, no segundo ano de funcionamento, foi considerado pelos usuários a melhor instituição do Estado para atendimento dos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Presidente da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) entre 1987 e 1989, primou pela intensificação das atividades científicas, investiu na compra de um novo imóvel para instalar a videoteca (projeto em parceria com o CBR) e realizou a reforma gráfica e editorial na *Revista da Imagem*. Foi também presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia, da Federação Latino-Americana de Ultrassonografia (Flaus) e da World Federation of Ultrasound in Medicine and Biology (WFUMB), no período de 2006 a 2009. Foi também diretor científico da Associação Médica Brasileira (AMB) e desde 2011 é secretário de Estado da Saúde de São Paulo. Em dezembro de 2012, se tornou o segundo brasileiro a receber o título de Membro Honorário da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA) e o primeiro brasileiro a receber o título de Membro Honorário da Sociedade Europeia de Radiologia.

1989-1991

Luiz Antonio Nunes de Oliveira

Foi na Faculdade de Medicina de Sorocaba, interior paulista, que o dr. Luiz Antonio Nunes de Oliveira deu seus primeiros passos rumo à Radiologia. Ali optou pela especialidade graças à influência dos médicos Walter Bonfim Pontes e Gladston Oliveira Machado. Formado em 1973, fez residência médica na especialidade no Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual de São Paulo (Iamspe) até 1976. Naquele mesmo ano, passa a atuar como radiologista e diretor do Serviço de Radiologia dos hospitais Heliópolis (1976-1988) e do Servidor Público Estadual (1976-2000). Em busca de constante atualização científica, ingressa em importantes sociedades médicas nacionais e internacionais.

Já a partir de 1978, seu nome começa a figurar em vários cargos da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR). Além de Membro da Comissão de Programação Social e Companheirismo (1978), foi secretário, vice-presidente e presidente por duas vezes do Clube Roentgen, entre os anos de 1979 e 1985. Por esta época, o clube ganhou uma nova dinâmica, com a implantação de radiologistas convidados, o que motivou a discussão dos casos selecionados. Na diretoria da SPR, foi 1º

secretário (1981), vice-presidente da comissão organizadora da 14º JPR (1984), 2º vice-presidente (1985-1987) e presidente entre os anos de 1989-1991. Durante sua gestão, a SPR viveu um de seus maiores desafios: realizar a Jornada Paulista de Radiologia (JPR) em meio à crise econômica gerada no Brasil por conta do Plano Collor.

Natural de Promissão (SP), Luiz nasceu em 28 de novembro de 1949 e, desde 1997, é chefe do Serviço de Diagnóstico por Imagem do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Em seu currículo também constam a presidência da Comissão de Padronização dos Meios de Contraste e Medicamentos do CBR (1998), o cargo de membro do Conselho Editorial da revista *Radiologia Brasileira*, do CBR (1995), duas especializações em Tomografia Computadorizada (feitas no Hospital das Clínicas da FMUSP, em 1988, e no Hôpital des Quinze-Vingts, na França), além de outra em Ressonância Magnética, concluída em 1992 no Hospital Moinho de Vento, em Porto Alegre (RS).

1991-1993

Jaime Ribeiro Barbosa

FILHO DE PAI PORTUGUÊS e mãe brasileira, o dr. Jaime Ribeiro Barbosa vem de uma família de seis filhos, sendo duas mulheres e quatro homens, dos quais três se tornaram médicos. Nascido em Martinópolis (SP), mudou-se para Presidente Prudente (SP) aos dez anos. Formado na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, fez a residência médica no Rio de Janeiro, no Hospital dos Servidores do Estado (Ipase) entre 1972 e 1973, no serviço do professor Nicola Caminha, um dos mais conceituados da época. "Tive a sorte de pegar um serviço bem organizado e com grandes radiologistas, como os médicos Waldir Maymone (que foi muito importante na minha formação como radiologista), Armando Amoedo (um dos primeiros radiologistas em Pediatria no País), e Hermilo Guerreiro, Alberto Álvares, Kalil e Rodolfo Roca", diz.

Terminada a residência, Jaime retornou a Presidente Prudente e passou a atuar no Instituto de Radiologia, onde já trabalhava o irmão, o dr. Nelson Ribeiro Barbosa, além do médico Domingos Milano Filho. Neste ínterim, passou a frequentar as reuniões do Clube Manoel de

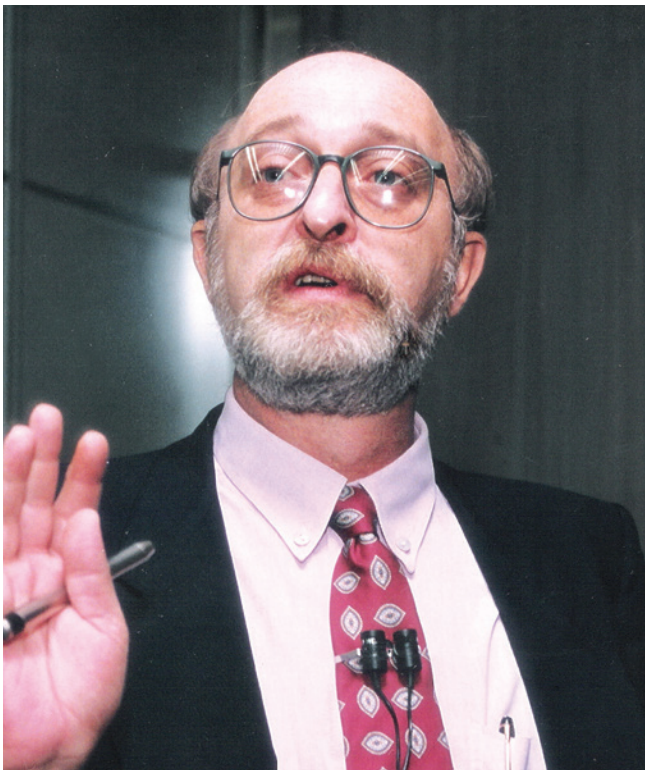
Abreu (CMA), onde começou como secretário geral e chegou à presidência. "Criamos as aulas no sábado, inicialmente no período da tarde, e a seguir o futechope, com barril na beira do campo. O primeiro foi realizado na cidade de Ourinhos", recorda o médico.

Sempre presente nas Jornadas Paulistas de Radiologia (JPR) e nos cursos que a Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) realizava em São Paulo, Jaime foi vice-presidente (1989-1991) e presidente (1991-1993) da entidade. "Junto com minha diretoria, para valorizar mais a JPR, criamos a venda da parte comercial em metro quadrado (em dólar devido à inflação), para a utilização de estandes para as firmas patrocinadoras, um modelo igualitário para todos, que persiste até hoje. Também criamos o curso do Residente em Radiologia, com importante colaboração dos drs. Jorge Kavakama e Ricardo Pires, e reestruturamos o *Jornal da Imagem* com editoriais e introdução do 'caderno científico', onde todos os mestres colaboraram na época, sobretudo o médico Waldir Maymone", esclarece Jaime.

Defensor dos interesses da classe radiológica, também foi aclamado presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR), onde realizou grandes feitos, tais como a reformulação do *Boletim do CBR*, a reforma estrutural e informatização da sede, a continuidade do projeto do anfiteatro Sidney de Souza Almeida e a reestruturação da tabela de honorários, trabalho com apoio do dr. Alfredo Walbach (diretor de defesa profissional) junto a AMB.

1993-1995

Nestor de Barros



ASSIM QUE COMPLETOU **18** anos, o paulistano Nestor de Barros decidiu: sairia de Santo André (SP), onde morava com a família, e faria o ensino superior na capital paulista. Incerto sob qual profissão escolher, optou por Medicina na hora de prestar o vestibular. A escolha foi acertada e a aprovação o levou à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), local que, apesar de ainda não saber, passaria grande parte de sua vida profissional. Graduado em 1972, teve toda a sua formação realizada no Hospital das Clínicas. Foi também nas dependências da FMUSP que realizou a sua residência e defendeu sua tese de doutorado, em 1997, tendo como orientador o prof. dr. Giovanni Guido Cerri e dissertando sobre o tema "Manifestações radiológicas da doença de Crohn do cólon". Seu contato com a Sociedade Paulista de Radiologia remete à década de 1970. Tesoureiro da SPR durante a gestão do dr. Sidney de Souza Almeida, participou das negociações que levariam à compra da sede, em 1978. "Havia dinheiro em caixa e o restante o Sidney conseguiu levantar junto às firmas. Ele era bom de levantar dinheiro", rememora. Participante ativo da Sociedade, foi aclamado presidente em 1993. "Na minha diretoria algumas coisas foram pioneiras:

foi na minha gestão que se iniciou um evento maior na área das jornadas, visto que foi em 1993 que fizemos a passagem do Maksoud Plaza para o Anhembi. E, o primeiro contato com o RSNA foi feito na minha gestão, quando eu, o Nelson Caserta e o Feres Secaf fomos a Chicago", explica Nestor que também já foi secretário e tesoureiro do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR). Atualmente, ele mantém uma rotina agitada. Membro do Departamento de Radiologia da FMUSP, dirige o Setor de Mama do Instituto de Radiologia (InRad) e mantém uma clínica própria em São Bernardo do Campo. Nas horas de folga aproveita para ficar com a família, cuidar de plantas e pescar nas águas do Araguaia, um de seus *hobbies* favoritos.

1995-1997

Aldemir Humberto Soares

PARA O AVÔ DO dr. Aldemir Humberto Soares não havia dúvidas: o neto seria o médico da família. Dizia com tanta convicção que acabou persuadindo aqueles que estavam à sua volta, inclusive o próprio Aldemir. "Não era uma imposição dele, mas acabei gostando da ideia e nunca pensei em outra possibilidade", recorda o radiologista. Nascido em Leópolis (PR), em 6 de fevereiro de 1953, cursou Medicina na Universidade do Vale do Sapucai (Univas), de Pouso Alegre (MG), onde formou-se em 1978. Já sua residência em Radiologia foi feita dentro Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (HSPE). Inicialmente, a ideia era voltar para a terra natal assim que a especialização acabasse. No entanto, um convite inesperado, surgido no último mês de preparação, mudou tais planos. "Fui convidado para montar o Serviço de Radiologia do Serviço Social da Construção Civil do Estado de São Paulo (Seconci-SP) e resolvi ficar na capital por mais um tempo. Em seguida, fui aprovado no concurso para o HSPE e não saí mais daqui", afirma o profissional, que foi diretor daquele serviço

de 2001 a 2010, quando retornou ao cargo de diretor técnico do Serviço de Radiologia do Hospital Heliópolis, cargo este que já ocupara de 1988 a 2001.

"Não cheguei a trabalhar em clínicas. A minha vida profissional sempre foi dentro de hospitais", explica Aldemir, que já atuou no Santa Cruz, São Camilo (unidades Ipiranga e Santana), Hospital Geral de Itapecerica da Serra, Hospital Geral de Cotia e Hospital Infantil Márcia Braido (São Caetano do Sul). Atualmente é responsável pelos serviços de tomografia e ressonância do Hospital Dr. Christóvão da Gama (Santo André). E foram nessas idas e vindas que conheceu o dr. Luiz Antonio Nunes de Oliveira, seu preceptor no Hospital do Servidor e que o convidou, em 1989, para ser tesoureiro da SPR. Nesta condição enfrentaria seu maior desafio dentro da entidade: o Plano Collor. Sua vida associativa além da presidência da SPR (biênio 1995-1997) inclui os cargos de presidente do CBR por dois mandatos (1999-2005), secretário-geral da Associação Médica Brasileira (AMB) até 2014 e conselheiro federal efetivo do Conselho Federal de Medicina (CFM). Tanto engajamento lhe valeu, em 2007, o recebimento da Medalha de Ouro da Radiologia Nacional e, em 2008, da Medalha de Ouro do Colégio Interamericano de Radiologia (CIR).

1997-1999

Celso Hiram de Araújo Freitas

FOI DURANTE O QUINTO ano na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, no Noroeste paulista, que Celso Hiram de Araújo Freitas resolveu abraçar a Radiologia e fazer dela a sua especialidade. Por isso, na época, passou 30 dias no Serviço de Radiologia da instituição para, em 1965, cursar um estágio optativo de seis meses. "Era uma residência nova, recém-instalada na faculdade e o nosso professor era o dr. Clarimundo Alves de Souza Filho", relembra Hiram. Assim que terminou a especialização, Hiram foi para Franca (SP), mas não ficou por lá muito tempo. Acabou partindo para Andradina (SP), onde ficou por aproximadamente oito meses para, só então, retornar ao seu destino inicial. Fundador do Serviço de Radiologia dos hospitais de Franca e de Ituverava, ambas em São Paulo, presenciou, dentro das reuniões do Clube Manoel de Abreu, as negociações que culminaram com o surgimento da SPR, em 1968.

Natural de Correntes (PE), de 23 de novembro de 1938, Hiram veio juntamente com a família para Presidente Prudente (SP), quando tinha apenas seis meses de idade.

Atualmente reside em Franca, e há cerca de 50 anos mantém como *hobby* a pintura, tendo os cavalos como seus modelos favoritos. Presidente da SPR no biênio 1997-1999, sua gestão trouxe à entidade uma grande reforma administrativa. "Quinze dias depois de eu ter assumido contratei um auditor contábil (Vanderley Aparecido Meleti) e um auditor jurídico (Jorge Luiz Fanan). Nada era assinado sem antes ter passado pelas mãos dos dois. Também, a partir daquele momento, tudo o que seria feito na JPR tinha que ter contrato legalmente assinado e registrado", explica Hiram. Neste período, buscou a aproximação com a direção da RSNA e mudou o local das reuniões do Clube Roentgen, que saiu da pizzaria Livorno para o Paulista Wall Street. "Achamos que este seria o caminho que se teria de ser seguido, montar a SPR como uma empresa, pois sua estrutura vinha num crescente impressionante", resumiu.

1999-2002

Renato Adam Mendonça

Filho de João Mário Virgolino Scholz de Mendonça e Dalila Amália Adam de Mendonça, o dr. Renato Adam Mendonça nasceu em União da Vitória (PR), em 19 de outubro de 1953, e cursou Medicina na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Formado em 1976, fez residência em Radiologia Geral no Hospital das Clínicas da UFPR entre os anos de 1977 e 1978, sendo, oficialmente, um dos primeiros residentes da instituição nesta área. Aliás, foi neste período que manteve contato com os médicos Dirceu Rodrigues, Sebastião Orlando Leão de Carvalho e Carlos Norberto Aranha Pacheco, grandes mestres na área.

Visando a uma oportunidade de trabalho na UFPR, foi para São Paulo fazer Neurorradiologia e estagiar durante um ano com o dr. Sergio Santos Lima, que, na época, trabalhava nos hospitais Sírio Libanês e Albert Einstein. A ideia era terminar o estágio e retornar a Curitiba. Porém, uma proposta de trabalho mudou repentinamente os planos do jovem médico. "Foi-me oferecida uma oportunidade para trabalhar na Med Imagem, uma clínica na Avenida Rebouças que contava com um dos primeiros tomógrafos que existiam em São Paulo. Fiquei ali cerca de 30 anos,

inicialmente na Rebouças e também, tempos depois, quando ela foi comprada pela Beneficência Portuguesa", explica o radiologista, que, desde 2009, trabalha no grupo Dasa e, atualmente, é membro da Sociedade Internacional de Radiologia (ISR).

Sua chegada à Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) ocorreu em 1991, durante a presidência do dr. Jaime Ribeiro Barbosa, quando passou a fazer parte da comissão científica, para, em 1997, tornar-se vice-presidente na gestão de Celso Hiram de Araújo Freitas. "O Hiram foi a pessoa que inovou totalmente a SPR. Ele é um marco na sociedade do ponto de vista administrativo e aprendi muito com ele", recorda. Aclamado presidente em 1999, foi o único que usufruiu de um mandato de três anos. Durante sua gestão, a Jornada Paulista de Radiologia saiu do Anhembi para o ITM-Expo e o processo de profissionalização se intensificou. Além de sua trajetória na SPR, Renato Adam também já foi vice-presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR).

2003-2005

Adelson André Martins

Foi a paixão da irmã pela Medicina que despertou em Adelson André Martins a vontade de ser médico. Nascido em Marília, em 28 de abril de 1952, é formado pela Faculdade de Medicina de Marília (Fanema). Sua residência em Radiologia foi feita dentro do Hospital do Servidor Público Estadual do Estado de São Paulo, entre os anos de 1977 e 1978. Com o término da especialização, partiu para Presidente Prudente (SP) onde, em 1979, começou a trabalhar no Instituto de Radiologia Presidente Prudente (IRPP), que já tinha Domingos Milano Filho, Nelson Ribeiro Barbosa e Jaime Ribeiro Barbosa. "Hoje sou radiologista geral, mas trabalho mais com tomografia e ressonância, mais na parte de imagenologia do abdome e do tórax", detalha Adelson, que também fez estágio em Massachusetts, no General Hospital, que é parte da Harvard Medical School.

Do seu tempo de residência, guarda as lembranças das reuniões do Clube Roentgen. Quando mudou de endereço, voltou-se aos encontros do Clube Manoel de Abreu (CMA), onde, posteriormente, ocupou os cargos de secretário, vice-presidente e presidente. Em 1997, conquistou seu primeiro cargo de diretoria na Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) como tesoureiro na

gestão do dr. Celso Hiram de Araújo Freitas, até chegar à presidência da entidade, entre os anos de 2003 e 2005. Sua gestão foi marcada por mudanças estatutárias importantes, que incluiu a redução do mandato da diretoria de três para dois anos. Isso acabou levando ao encurtamento da sua gestão em seis meses.

"Quando assumimos achamos por bem reduzir o mandato de três para dois anos. Também achamos mais lógico e mais justo que a posse fosse durante a JPR, que é o maior evento da entidade, onde se pode apresentar o presidente para toda a comunidade radiológica", explica o médico, em cuja gestão o processo de internacionalização da JPR ganhou força e forma e que, até 2015, representará São Paulo na vice-presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR).

2005-2007

André Scatigno Neto

JÁ ESTAVA TUDO CERTO: prestes a se formar, o dr. André Scatigno Neto havia decidido especializar-se em Cirurgia Vascular. Porém a visita inesperada de um primo de sua mãe, o radiologista brasileiro Raphael Caccese, mudou por completo todos os seus planos futuros. Caccese era o mesmo que se especializara nos Estados Unidos em companhia do amigo dr. Rubens Marcondes Pereira e que, juntos, trouxeram ao Brasil a ideia dos clubes de radiologia. Por isso, quando ficou sabendo da escolha do seu primo, usou toda a sua lábia para fazê-lo mudar de ideia. E, na mesma semana, foi, junto com Scatigno, percorrer o Setor de Radiologia do Hospital das Clínicas. "Chegamos ao HC umas sete e meia da manhã e ele me fez conhecer pessoas que, para mim, eram ídolos: Paulo de Almeida Toledo, Apparício de Mello, Murilo Viotti... Aí eu conclui: 'vou fazer Radiologia!' Não foi uma decisão de carreira, foi casual, foi o destino", explica.

Formado em 1975, o paulistano André Scatigno Neto, que nasceu em 27 de março de 1950, fez residência em Radiologia no Hospital das Clínicas e está vinculado como médico assistente da instituição desde 1978. Ali defendeu a tese de doutorado, em 1996, e hoje atua como coordenador clínico

do Instituto de Radiologia (InRad). Em 1995, a convite do médico Aldemir Humberto Soares, passou a integrar a diretoria da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) como vice-presidente de Pediatria. Em 1997, durante a gestão do dr. Celso Hiram de Araújo Freitas, ocupou o posto de secretário geral. E assim, continuamente, foi galgando postos até chegar à presidência da SPR, em 2005.

"Durante a minha gestão, a Jornada Paulista de Radiologia (JPR) saiu do ITM-Expo e foi para o Transamérica Expo Center, onde continua até hoje. Isso foi um grande desafio", relata Scatigno, que também foi uma peça importante no processo de internacionalização da JPR. "Da gestão do Renato até hoje, fizemos várias ações para divulgar internacionalmente a JPR. Primeiro na América Latina e depois no congresso da RSNA e no Mundial de Radiologia. Quando penso como era e como é hoje, é como comparar a SPR ao crescimento da cidade de São Paulo, que expandiu em todos os sentidos", completa.

2007-2009

Marcelo D'Andrea Rossi

A opção pela Radiologia foi algo muito fácil para Marcelo D'Andrea Rossi. Filho do médico Renato Rossi, um dos 25 que se reuniram em Jaú para fundar a SPR, em 1968, bastou se espelhar no pai na hora de escolher a profissão. "O meu gosto pela Radiologia já nasceu acho que intraútero. Nasci, cresci e vivi sempre escutando assuntos relacionados à especialidade. Mirei no sucesso do meu pai, algo genético", enfatiza. Nascido em Campinas, em 1º de maio de 1964, formou-se em 1989 pela Faculdade de Medicina de Marília (Fanema), fazendo residência na Ultra-X Diagnóstico por Imagem (de São José do Rio Preto), com complemento de formação no serviço da Beneficência Portuguesa. Em 1997, partiu para os Estados Unidos onde fez *fellowship* em neurorradiologia com o médico Samir Noujaim, no Hospital William Beaumont, na cidade de Royal Oak (Estado de Michigan), localizada na região de Detroit.

No Beneficência se aproximou do dr. Renato Adam Mendonça e, juntos a outros sócios, fundaram em 2002 a Maximagem, da qual se tornaria diretor clínico. O empreendimento cresceu e foi vendido

seis anos depois para a Diagnósticos da América (Dasa), quando já dispunha de oito unidades. Desde então, Marcelo mantém vínculo com o grupo comprador, sendo atualmente coordenador de toda a área de Medicina Diagnóstica por Imagem do Delboni e Lavoisier (marcas pertencentes a Dasa) na cidade de São Paulo. Na SPR, iniciou sua jornada associativa na gestão do dr. Renato Adam Mendonça (1999-2002) e, a partir daí, assumiu os cargos de primeiro-tesoureiro, tesoureiro geral, vice-presidente até chegar à presidência, no biênio 2007-2009.

Com ele à frente da diretoria, o Curso Feres Secaf ganhou novo impulso, os grupos de estudos se solidificaram e o Congresso França-América Latina, que ocorreu dentro da 39ª JPR (2009), aproximou franceses e brasileiros. "Acreditamos que todos os investimentos em jornadas, congressos, reuniões e cursos realizados em São Paulo acabam por refletir nas mais diferentes regiões do País", escreveu, em abril de 2009. E essa forma de pensar continua ecoando a cada nova diretoria que assume a SPR.

2009-2011

Tufik Bauab Júnior

PARA A MÃE, Tufik Bauab Júnior seria padre. Para o pai, juiz de direito. Não atendeu nem a um, nem a outro, entrando para a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, onde se diplomou em dezembro de 1974. Ele queria mesmo era ser pneumologista e já tinha tudo muito bem encaminhado para uma bolsa de estudos na Califórnia. Mas, um convite do dr. Leonardo Lania para que fizesse um bico como plantonista de raios X daria novo rumo à sua vida, que incluía residência no Ultra-X Diagnóstico por Imagem (da mesma São José do Rio Preto) e *fellowship* na University of Alabama at Birmingham. "Comecei minha formação em Radiologia em 1975, por influência de Leonardo Lania e Crescêncio Centola. No ano seguinte, fui para a Universidade do Alabama, onde trabalhei sob as ordens de David Witten. Estes três médicos formaram o alicerce científico e, em grande parte, também moral da minha vida", destacou Tufik, em entrevista ao *Jornal da Imagem*.

Em 1985, voltou aos Estados Unidos, desta vez para um *scholarship* na State University of New York, onde trocou sua formação inicial em Radiologia Geral pela área de Imagem do Abdome. Nascido em 11 de maio de 1950, na cidade de Nova Granada (no extremo Norte paulista, na região

de São José do Rio Preto), Tufik se associou à SPR em 1988. Antes disso já frequentava o Manoel de Abreu, clube do qual seria presidente entre 2002 e 2005. A partir daí, trilhou naturalmente o caminho para a presidência da Sociedade, sendo eleito em 21 de março de 2009, durante a reunião do CMA de São Carlos. "A vida te leva a caminhos que você nunca imaginou trilhar. Mas isso não pode destruir aqueles valores intrínsecos sem os quais é impossível ser um bom médico: compaixão, honestidade, generosidade, senso de justiça", disse à época.

À frente da SPR, viu o número de sócios duplicar, a aproximação da entidade paulista com outras sociedades estrangeiras e a assinatura do decreto nº 55.555, que permitia a permuta do valor do ICMS cobrado na aquisição de equipamentos médicos importados sem similares nacionais.

2011-2013

Ricardo Emile Baaklini

SER RADIOLOGISTA SEMPRE ESTEVE em primeiro plano na vida do médico e professor Ricardo Emile Baaklini. No início da década de 1970, mais precisamente em 1972, ele saiu de Marília, onde nasceu em 12 de outubro de 1951, e partiu para São Paulo. Na Capital, cursaria Medicina e faria residência em Radiologia na renomada Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo. Integrante da décima turma (graduada em 1978) bebeu da fonte dos drs. Yeochua Avritchir e Marcelo de Almeida Toledo, que foram, em momentos diferentes, chefes do serviço da instituição paulistana. No começo dos anos 1980, depois da especialização, partiu para Araçatuba (SP), onde permaneceu por quatro anos, para, posteriormente, voltar para Marília, onde fixou morada e construiu sua carreira.

Além de montar o consultório próprio, Baaklini iniciou sua trajetória como docente da Faculdade de Medicina de Marília (Fanema), onde permanece até hoje. A vida associativa do radiologista de ascendência libanesa iniciou oficialmente em 1985, quando, após frequentar muitas reuniões dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu (CMA), foi convidado para organizar uma reunião do CMA em Marília. "Foi um orgulho muito grande. Fizemos algo bonito, bem trabalhado, uma grande festa.

A partir daí não larguei mais", recorda com saudosismo. Depois de ocupar vários cargos de confiança no clube, em 1992 recebeu um novo convite: fazer parte da diretoria da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR), na época sob o comando de Jaime Ribeiro Barbosa.

Em 2011, foi aclamado presidente da entidade e teve de lidar com duas situações distintas: a crise mundial e o engrandecimento da SPR. "Minha gestão enxugou ao máximo o que a gente gasta aqui na Sociedade e fizemos algumas transformações que vão refletir de maneira muito grande na próxima gestão. Uma delas é o organograma de quem é quem, quem faz o que", esclarece. Sua passagem pela presidência também foi marcada pela internacionalização científica da SPR, com eventos importantes como os Congressos Mundial de Radiologia e Mundial de Ultrassonografia, e pela oficialização da parceria com a Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA). Outro ponto importante foi o investimento na área cultural, com o patrocínio dos livros *O Mestre das Sombras – um raio X histórico de Manoel de Abreu* e *História da Sociedade Paulista de Radiologia – uma jornada em construção*.

2013-2015

Antonio José da Rocha

Mineiro de Pocrane, o dr. Antonio José da Rocha tem grande parte de sua vida atrelada ao estudo e ensino contínuo da Radiologia. Formado em 1992 pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), partiu no ano seguinte para a capital paulista, onde fez residência em Radiologia na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Tendo como área de estudo a neurorradiologia, concluiu o doutorado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde obteve o título em 2002. "Durante o período da pós-graduação (em meados de 1998) voltei à Santa Casa de São Paulo para montar e estruturar o setor de neurorradiologia. Já em 1996, havia sido contratado pelo Fleury Medicina e Saúde para trabalhar como Neurorradiologista, onde estou até hoje. Então tenho passagem em poucos locais e, por muito tempo, uma vinculação bastante longa com os locais onde trabalho", afirma dr. Antonio. Além do Fleury, hoje também atua como professor adjunto do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Frequentador assíduo das reuniões do Clube Roentgen, foi convidado pelo médico Adelson André Martins para organizar a videoteca da Sociedade Paulista de Radiologia (SPR). "Ela é

gigantesca, e hoje totalmente digital. Já naquela época tínhamos tudo em fitas VHS. Então fizemos um inventário e separamos por áreas. Ali tinha muitos temas repetidos e as fitas que não eram mais aproveitáveis foram desprezadas por motivos óbvios", relembra. Neste processo, que durou vários meses, conheceu a estrutura e as pessoas que compõem a SPR.

E assim, gradualmente, ocupou cargos de diretoria na entidade, bem como a presidência do Clube Roentgen e fez parte da comissão científica da Jornada Paulista de Radiologia (JPR). Em 2013, aos 43 anos, assume a presidência da SPR como um dos profissionais mais jovens a conquistar esse cargo. "Vejo a minha contribuição dentro desse processo dinâmico mais focada naquilo que apurei em toda a minha vida profissional, que é a parte educacional", frisa Antonio, que, em sua gestão, traçou como um dos objetivos atrair mais radiologistas latino-americanos para fazer com que a JPR continue se expandindo.

Cronologia

ÍNICIO DOS ANOS 1950

Médicos formados no Rio de Janeiro iniciam processo de migração para o interior do Estado de São Paulo.

1953

Os drs. Raphael Caccese e Rubens Marcondes Pereira embarcam para Buffalo (EUA), onde conseguiram uma bolsa de estudo para cirurgia. Mudam os planos e se especializam em Radiologia, retornando a São Paulo em 1957.

1955

É fundado pelos drs. Crescêncio Centola e José Custódio Correia o Instituto de Radiodiagnóstico de São José do Rio Preto. Em 1957, o dr. Leonardo Lania substitui Custódio na sociedade.

1958

Raphael Caccese, Rubens Marcondes Pereira, Francisco Lanari do Val, Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães e Afonso Vitule Filho iniciam informalmente as reuniões que dão origem ao Clube Roentgen.

1959

4 DE DEZEMBRO: é formalizado na Cantina Piemontese o Clube Roentgen, tendo Francisco Lanari do Val como primeiro presidente.

1960

30 DE SETEMBRO: Raphael Penteado de Barros é homenageado com o título de sócio-honorário do Clube Roentgen.

1961

Droctóvio Estevam de Lima Filho apresenta a Seth-Hur Cardoso a ideia de um clube que congregue os radiologistas do interior paulista. A primeira reunião acontece em Barretos.

O dr. Antonio dos Santos Clemente Filho ajuda a fundar a Apae, depois do nascimento do segundo filho, Zeca, portador de síndrome de Down.

1962

15 a 18 de novembro: acontece em Araraquara, na Faculdade de Farmácia e Odontologia, a I Jornada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo.

1963

30 e 31 DE MARÇO: é realizada na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto a I Rodada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo.

1965

2 DE MAIO: oficializado na sala de laudos do Instituto de Radiodiagnósticos de São José do Rio Preto o Clube Manoel de Abreu. Crescêncio Centola é escolhido presidente.

1966

A Radiologia Clínica se torna uma disciplina do departamento de Medicina da EPM, depois de 18 anos de luta de Feres Secaf.

1967

O médico Sidney de Souza Almeida começa a estudar radiologia com o dr. José Marcos Pires de Oliveira na Santa Casa de Rio Claro.

1968

3 DE MARÇO: fundada a Sociedade Paulista de Radiologia, a partir da união dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu. Jarbas Gomes da Cunha é o primeiro presidente.

12 DE ABRIL: a SPR se filia ao Colégio Brasileiro de Radiologia durante evento realizado no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

13 A 17 DE NOVEMBRO: o salão nobre da Faculdade de Medicina da USP é palco para a 4ª Jornada Paulista de Radiologia, a primeira pós-fundação da SPR

1969

9 DE MARÇO: a primeira diretoria da Sociedade Paulista de Radiologia é reeleita por unanimidade em reunião do Clube Manoel de Abreu e Jarbas Gomes da Cunha permanece presidente.

1970

O dr. Feres Secaf se torna o segundo presidente da SPR, cumprindo o mandato de um ano. Voltaria ao cargo em 1975, ficando até 1978.

1971

Romeu Santini assume o comando da Sociedade Paulista de Radiologia, após passar pela presidência do Clube Manoel de Abreu entre 1969 e 1970.

1972

29 DE MARÇO A 1º DE ABRIL: é realizada em São Carlos a 5ª Jornada Paulista de Radiologia.

Paulistano radicado em Rio Claro, José Marcos Pires de Oliveira assume a presidência da Sociedade Paulista de Radiologia, ocupando o cargo por dois mandatos, até 1975.

Godfrey Newbold Hounsfield apresenta a primeira geração de tomógrafos.

1973

Rubens Marcondes Pereira assume a presidência do Colégio Brasileiro de Radiologia.

1974

Tem início na FMUSP o curso de pós-graduação em Neurorradiologia.

1975

É regularizada a profissão de Técnico em Radiologia.

A GE apresenta a terceira geração de tomógrafos.

1976

29 A 31 DE MARÇO: São Carlos recebe a 6ª Jornada Paulista de Radiologia, promovida pela SPR.

John Keyes desenvolve a primeira gamacâmara para a tomografia computadorizada por emissão de fóton único (Spect).

1977

FEVEREIRO: O hospital Beneficência Portuguesa inaugura o primeiro tomógrafo do Brasil. Foi seguido pelo Hospital Nove de Julho, que apresentou o seu em outubro.

A cidade de Águas de Lindoia recebe a 7ª Jornada Paulista de Radiologia.

1978

2 DE ABRIL: Sidney de Souza Almeida é eleito presidente da SPR durante reunião do Clube Manoel de Abreu em Campinas, com 48 radiologistas presentes.

31 DE MAIO A 2 DE JUNHO: acontece em Águas de Lindoia a 8ª JPR, com as presenças de Rogelio Moncada e Ramon Ruenes Fernandez. Os estatutos sofrem a primeira modificação e os Clubes Roentgen e Manoel de Abreu são transformados em departamentos científicos.

AGOSTO: sai a primeira edição do *Jornal da Imagem*.

10 DE NOVEMBRO: é inaugurada a sede própria da SPR, localizada no terceiro andar do edifício Santa Emília, na Avenida Paulista, 491.

1979

28 DE OUTUBRO: O dr. Sidney de Souza Almeida é reeleito durante encontro em Americana. Walter Bonfim Pontes é escolhido como vice.

Luiz Antonio Nunes de Oliveira é eleito presidente do Clube Roentgen, mantendo-se no cargo até 1985.

ABRIL: durante a 9ª jornada, em Águas de São Pedro, é lançada a *Revista da Imagem*.

1980

27 A 29 DE MARÇO: acontece o 1º Congresso Brasileiro de Tomografia Computadorizada, no Hilton Hotel, com organização da Sociedade Brasileira de Tomografia Computadorizada.

1981

Instituído o Prêmio Científico Revista da Imagem-Sakura, outorgado ao melhor trabalho publicado durante o ano na *Revista da Imagem*.

JANEIRO: Dr. Sidney de Souza Almeida cria para o Dr. Feres Secaf o cargo de diretor de patrimônio da SPR.

FEVEREIRO: Secretário da Saúde Adib Jatene recebe membros da SPR e concorda em reestudar decreto nº 12.660, de 10/11/1978, que aborda as normas básicas de proteção contra radiação e riscos elétricos.

8 DE MARÇO: o Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconheceu o Curso de Pós-Graduação da Disciplina de Radiologia Clínica da EPM, que se tornou o primeiro em nível de doutorado no Brasil.

24 a 29 DE MARÇO: XI JPR tem como presidente de honra Paulo Maluf, que na época era governador de São Paulo. O evento ocorre no Grande Hotel, em Águas de São Pedro

MAIO: Feres Secaf, titular da Disciplina de Radiologia Clínica da Escola Paulista de Medicina, é homenageado pela instituição, que dá ao novo ambulatório de Radiologia o nome do especialista.

JUNHO: O deputado e médico Fauze Carlos ganha o título de sócio-honorário da SPR. O especialista atuou ativamente para que a SPR fosse considerada uma entidade de utilidade pública.

JUNHO: Paulo Marsíglio, de Pirassununga, aposenta-se da Radiologia e ganha, da SPR o título de sócio-hononário.

JUNHO: A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo inaugura tomógrafo e o dr. Chien Yi Wang, diretor do Departamento de Radiologia do hospital, faz a primeira demonstração aos presentes.

JUNHO: Hospital Mount Sinal, de Miami, oferece, por intermédio da SPR, residência em Radiologia com duração de três anos e bolsa no valor de US$ 18.000 anuais, com início em 1982 ou 1983.

12 A 14 DE JUNHO: o Instituto de Radiodiagnóstico Rio Preto dá início à série de "Cursos de Revisão em Radiologia Diagnóstica", contando com as presenças dos professores norte-americanos David Witten e Robert Lebowitz.

1982

Reconhecidos os cursos de pós-graduação em radiologia clínica da EPM, que se tornam os primeiros em nível de doutorado do Brasil. Os primeiros médicos a conseguir o título foram os doutores Vanildo Ozelame e Antonio Barbieri Filho, em 1984.

21 a 24 DE ABRIL: a Jornada Paulista de Radiologia chega a capital paulista. A 12ª JPR acontece no São Paulo Hilton Hotel e tem como patrono Seth-Hur Cardoso. Trezentos radiologistas comparecem ao evento.

21 A 24 DE ABRIL: Décio Prando é o ganhador do primeiro Prêmio Revista da Imagem-Sakura.

23 DE AGOSTO: Nelson Olavo de Mello é aprovado no Mestrado da Faculdade de Medicina de Sorocaba com o trabalho "Ginecomastia na Hanseníase".

OUTUBRO: Morre Paulo Marsiglio, de Pirassununga, um dos fundadores e mais antigos membros do Clube Manoel de Abreu

DEZEMBRO: Morre o Professor José Maria Cabello Campos, um dos nomes mais reverenciados da Radiologia nacional.

1983

20 A 23 DE ABRIL: a JPR acontece pela segunda vez no Hilton Hotel e atrai 120 empresas expositoras.

25 DE JUNHO: a SPR convoca uma assembleia com o objetivo de aprovar um protocolo de intenção para o cumprimento da tabela mínima de remuneração do exame radiológico do CBR.

8 DE AGOSTO: Escola Paulista de Medicina inaugura equipamento de gamacâmara que permite a obtenção de tomografias de emissão.

28 DE AGOSTO A 1º DE SETEMBRO: Dr. Rubens Savastano é empossado conselheiro do Capítulo Brasileiro do Colégio Interamericano de Radiologia, durante o XIII CIR, realizado em Guadalajara (México).

19 DE NOVEMBRO: Luiz Karpovas é reeleito presidente da SPR, durante reunião do Clube Manoel de Abreu, realizada em São José do Rio Preto.

15 A 17 de DEZEMBRO: acontece, no Hilton Hotel, em São Paulo, o I Curso de Diagnóstico por Imagem, parceria entre a Loyola University-Unidade Radiológica Paulista (URP), com as presenças dos professores Rogelio Moncada, Benjamin Felson, Lee Rogers, Arnold Skolinck, Walfrido Castagneda, e Richard Friedberg.

21 DE DEZEMBRO: é promulgada na Assembleia Legislativa de São Paulo a lei nº 3.698, que declara de utilidade pública a SPR, graças ao apoio do deputado Fauze Carlos, que apresentou o Projeto de Lei nº 404/1983 com este fim.

1984

Vanildo Ozelame e Antonio Barbieri Filho se tornam os primeiros médicos a conseguir o título de doutor no curso de pós-graduação da EPM.

1984

Dr. Giovanni Guido Cerri defende a tese para doutoramento "Contribuição da ultrassonografia no diagnóstico da forma hepato-esplênica da esquistossomose mansônica", na FMUSP, sendo aprovado com distinção. O trabalho teve orientação do prof. Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães.

14 DE MARÇO: o Clube Roentgen, sob a presidência do dr. Luiz Antonio Nunes de Oliveira, se reúne pela primeira vez na Pizzaria Zia Rosa, tendo como destaque a participação do professor Gladston Machado, de Sorocaba.

18 A 21 DE ABRIL: a JPR acontece pela primeira vez no Maksoud Plaza, sendo homenageados Manoel de Abreu Campanário, com o título de sócio honorário da SPR, e Álvaro Eduardo Almeida Magalhães, como patrono do evento.

3 DE JUNHO: acontece no Centro Cultural Rebouças o I Curso de Atualização em Ultrassom, organizado pelas dras. Lucy Kerr de Mendonça e Elisabete de Almeida Ruegger. O evento, que reuniu 400 participantes, teve o dr. José Michel Kalaf como patrono.

8 DE JUNHO: acontece pela primeira vez, no Hospital das Clínicas, uma reunião do Clube dos Residentes de Radiologia, com profissionais do HC-FMUSP, Santa Casa, Hospital São Paulo e Hospital do Servidor Público Estadual. O projeto foi idealizado por Feres Secaf e Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães.

SETEMBRO: Henrique Manoel Lederman embarca para os Estados Unidos para ocupar o cargo do prof. Scott Dunbar, na direção do Departamento de Radiologia Pediátrica do Children's Hospital Medical Center, de Cincinatti (Ohio).

1985

27 E 28 DE FEVEREIRO: a Secretaria de Segurança e Medicina do Trabalho do Ministério do Trabalho debateu a abolição da abreugrafia como método obrigatório no exame admissional.

3 DE ABRIL: na abertura da 15ª JPR, a SPR lança o nome de Sidney de Souza Almeida para presidente do CBR.

18 DE MAIO: Em evento comemorativo ao 20º aniversário do Clube Manoel de Abreu, em Ourinhos e é lançado oficialmente o nome de José Michel Kalaf para presidência da SPR, ideia que nasceu na reunião de março, em São Carlos.

6 A 8 DE JUNHO: é promovida a I Rodada de Diagnóstico por Imagem de Ribeirão Preto, simultaneamente à reunião do CMA, com organização dos drs. Clóvis Simão Trad e Antonio Secaf.

18 DE AGOSTO: Sidney de Almeida é eleito presidente do CBR, por ocasião do XX Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em Belo Horizonte (MG).

OUTUBRO: criado o departamento autônomo de Diagnóstico por Imagem da EPM, chefiado por Feres Secaf.

4 DE OUTUBRO: em um de seus últimos atos como presidente da SPR, Karpovas inaugura nova sede da entidade.

26 DE OUTUBRO: nova diretoria é eleita na chácara Tutameia, em Americana, com Kalaf presidente.

DEZEMBRO: Gladston Oliveira Machado faz defesa de sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina de Sorocaba.

1986

ABRIL: Cristovam Lysandro de Albernaz assume controle total da Sakura e empresa muda o nome para Companhia Brasileira de Fotossensíveis (Braf).

17 A 21 DE ABRIL: única jornada sob o comando de José Michel Kalaf, a 16ª JPR ocorre no Maksoud Plaza e traz 90 aulas programadas e 714 médicos inscritos.

18 DE MAIO: aposentado compulsoriamente por atingir idade limite, Feres Secaf dá sua última aula na EPM, durante evento organizado pelo amigo Antonio dos Santos Clemente Filho.

11 DE JULHO: General Eletric traz ao Brasil o físico norte-americano David McFiggen para falar sobre a importância do novo método de diagnóstico batizado de ressonância magnética. Na plateia, Sidney de Souza Almeida, Feres Secaf, Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães e Nelson Olavo de Mello.

AGOSTO: Siemens lança na Alemanha um eletrocardiógrafo portátil, pesando um quilo, do tamanho de "uma caixa de bombom" e com memória para guardar 20 eletrocardiogramas de 10 segundos de duração.

AGOSTO: SPR adquire seu primeiro computador e entra na Era Digital.

28 A 29 DE NOVEMBRO: Romeu Santini, Apparício de Mello e Seth-Hur Cardoso são homenageados durante reunião do Clube Manoel de Abreu, na Casa do Médico de São Carlos.

DEZEMBRO: *Jornal da Imagem* chega à sua 100ª edição.

10 A 12 DE DEZEMBRO: Giovanni Guido Cerri é aprovado em concurso de livre docência em radiodiagnóstico realizada na FMUSP, defendendo a tese "Contribuição de ultrassonografia para o diagnóstico dos tumores malignos de vias biliares".

1987

FEVEREIRO: Marcelo de Almeida Toledo toma posse como diretor do Departamento de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia.

FEVEREIRO: Antonio dos Santos Clemente Filho é aprovado em concurso para professor titular da EPM, ocupando a chefia do Departamento de Diagnóstico por Imagem.

1º DE MARÇO: a Golden Cross aceita finalmente adotar a tabela de honorários da Associação Médica Brasileira (AMB), depois de demorada negociação com a SPR.

10 DE MARÇO: General Eletric, naquele momento a maior fabricante mundial de sistemas de diagnósticos por imagem, inaugura em São Paulo seu escritório matriz para a América Latina.

ABRIL: Morre em Curitiba Domingos Milano Filho, que iniciou suas atividades em 1961, na cidade de Presidente Prudente.

16 DE ABRIL: Falece no Rio de Janeiro Christovam Lysandro de Albernaz, presidente da Companhia Brasileira de Fotossensíveis (Braf). Grande parceiro da radiologia brasileira, foi laureado pela SPR com o título de sócio benemérito.

7 DE MAIO: Jacob Szejnfeld é aprovado em concurso para professor auxiliar do Departamento de Diagnóstico por Imagem da EPM. Na ocasião proferiu a aula "O uso do ultrassom no acompanhamento de transplantes renais".

1987

27 DE SETEMBRO: SPR elege, em Americana, nova diretoria, tendo Giovanni Guido Cerri como presidente e Luiz Antonio Nunes de Oliveira como vice.

13 DE SETEMBRO: Acidente com o Césio-137 em Goiânia (GO).

1988

12 DE ABRIL: O professor Eschwege, do Instituto Gustave-Roussy, da França, visita a sede da SPR. Aproveitou para divulgar o 17º Congresso Internacional de Radiologia (ICR), que aconteceria em julho de 1989, em Paris.

26 DE MAIO: Feres Secaf, Antonio dos Santos Clemente Filho, Sidney de Souza Almeida e Walter Bonfim Pontes são homenageados durante a 13ª JPR.

JUNHO: Morre, aos 72 anos, o radiologista Jacyr Quadros, importante colaborador da SPR e frequentador assíduo dos seus eventos como conferencista.

1 A 3 DE JULHO: Romeu Santini é homenageado por seus 50 anos de atividade durante reunião do CMA em São Carlos.

19 A 21 DE AGOSTO: Acontece o I Encontro São Paulo-Rio de Janeiro-Minas Gerais de Radiologia, em Campos do Jordão.

AGOSTO: a SPR adquire o apartamento 51 do Edifício Santa Emília onde seria posteriormente alocada a videoteca, em parceria com o CBR.

18 DE OUTUBRO: Feres Secaf é agraciado pelo ministro da Saúde Borges da Silveira com a Ordem do Mérito Médico, classe oficial.

1989

3 DE MARÇO: acontece a primeira reunião do Clube do Sistema Musculoesquelético (futuro Germe), nascido do bem-sucedido Curso sobre Osso, que tinha à frente o dr. Xavier Stump.

14 A 17 DE ABRIL: Rubens Savastano é homenageado como patrono da 19ª JPR, realizada no Maksoud Plaza. Neste evento é superada, pela primeira vez, a marca de mil inscritos.

1 A 8 DE JULHO: durante o Congresso Internacional de Radiologia (ICR), em Paris, é lançado o nome de Sidney de Souza Almeida para presidência do Colégio Interamericano de Radiologia (CIR).

AGOSTO: morre Apparício de Mello, presente na história da SPR deste os tempos da fundação dos Clubes Roentgen e Manoel de Abreu.

22 DE OUTUBRO: em Americana, Giovanni Guido Cerri passa a presidência da SPR para Luiz Antonio Nunes de Oliveira.

1990

Sidney de Souza Almeida assume a presidência do Colégio Interamericano de Radiologia.

Morre Paulo de Almeida Toledo.

1990

16 DE MARÇO: instituído o Plano Collor, que atingiria negativamente diversos setores da economia, inclusive a Radiologia.

9 DE SETEMBRO: a Clínica Radiológica do Hospital das Clínicas inaugura o primeiro aparelho de ressonância magnética do Brasil, um GE 1,5 tesla.

12 A 14 DE NOVEMBRO: é realizado o I Congresso Brasileiro de Educação em Radiologia, no Rio de Janeiro.

1991

MARÇO: Giovanni Guido Cerri é empossado presidente da Federação Latino-Americana de Ultrassom (Flaus), durante o V congresso latino-americano da especialidade.

MAIO: Antonio dos Santos Clemente Filho assume o cargo de editor da *Revista da Imagem* no lugar do dr. Renan Uflacker.

14 DE OUTUBRO: Jaime Ribeiro Barbosa é aclamado presidente da SPR, durante 21ª JPR, que aconteceu simultaneamente ao XXIII Congresso Brasileiro de Radiologia, entre os dias 11 e 15. Na mesma oportunidade, Hilton Koch foi eleito presidente do CBR.

OUTUBRO: O dr. Henrique Manoel Lederman assume o cargo de professor titular de Radiologia da EPM.

OUTUBRO: Morre o radiologista Cláudio de Jesus Curti, de Araraquara, um dos fundadores do Clube Manoel de Abreu.

DEZEMBRO: Morre Romeu Santini, terceiro presidente da SPR e, desde a década de 1960, um dos motores da radiologia paulista.

1994

Criado o Instituto de Radiologia (InRad) do Hospital das Clínicas da FMUSP.

21 A 24 DE ABRIL: o Anhembi passa a ser o local da JPR e continuaria a ser até 2000.

1995

Jaime Ribeiro Barbosa é eleito presidente do CBR.

29 DE ABRIL: a Sessão Solene de Abertura da JPR é realizada no Memorial da América Latina.

21 DE OUTUBRO: Aldemir é aclamado presidente da SPR em reunião do CMA de São Carlos.

DEZEMBRO: Ocorre pela primeira vez um encontro oficial entre as diretorias da Sociedade Norte-Americana de Radiologia (RSNA) com o CBR e a SPR.

1996

Fusão do Curso de Atualização em Ultrassom e Tomografia Computadorizada e do Curso de Diagnóstico por Imagem Prof. Dr. Feres Secaf.

1996

2 A 5 DE MAIO: pela primeira vez, todos os Estados brasileiros tiveram representantes na JPR.

24 DE SETEMBRO: Morre o dr. Feres Secaf.

DEZEMBRO: Durante o congresso da RSNA foi fechado um acordo entre SPR e o Instituto de Patologia das Forças Armadas (Afip), que resultou em um curso da entidade norte-americana na JPR.

1997

MARÇO: Celso Hiram de Araújo Freitas assume a presidência da SPR.

11 DE OUTUBRO: na reunião do Clube Manoel de Abreu, no Grande Hotel de Águas de São Pedro, é referendado o nome de Celso Hiram para presidente da SPR.

DEZEMBRO: foi montado pela primeira vez no congresso da RSNA o estande próprio CBR/SPR. Naquele ano, 480 brasileiros participaram do evento.

1998

Tem início, durante a JPR, os cursos do Afip e os residentes Alessandra Vanessa de Albuquerque e Rubens Dario de Moura ganham estágio de seis semanas na sede da instituição, nos EUA.

5 DE NOVEMBRO: Waldir Maymone é eleito para a Academia Nacional de Medicina (ANM) a partir da indicação do professor Waldemar Kischinhevsky.

1999

Acontece pela primeira vez o Curso de Assistência à Vida dentro da JPR. A ideia nasceu em 1995 dentro do Curso Feres Secaf, quando aconteceu uma mesa redonda sobre o tema.

Aldemir Humberto Soares é eleito presidente do CBR.

MARÇO: Renato Adam Mendonça assume a SPR para um mandato de três anos, ficando até 2002.

2000

Sidney de Souza Almeida recebe a medalha Béclère, durante o Congresso Internacional de Radiologia (ICR), e se torna membro honorário a RSNA.

2001

FEVEREIRO: é lançado o site da SPR.

11 A 14 DE ABRIL: O ITM-Expo passa a ser o local da JPR e continuaria a ser até 2006. Os painéis digitais são exibidos pela primeira no evento. Em 2001, foram 10; em 2012, 512.

29 DE DEZEMBRO: Morre Sidney de Souza Almeida.

2002

27 A 30 DE ABRIL: é realizada pela primeira vez na JPR a exposição educacional SI3 (Sistema Integrado de Informação e Imagem).

2 DE SETEMBRO: Morre o radiologista Benedito Pinheiro de Abreu Neto.

4 DE SETEMBRO: Morre o mineiro Jarbas Gomes da Cunha, presidente da SPR por dois mandatos, entre 1968 e 1970.

12 A 16 DE OUTUBRO: Luiz Karpovas assume a presidência do Colégio Interamericano de Radiologia (CIR), que aconteceu em Cartagena (Colômbia).

25 DE OUTUBRO: durante o XXXI CBR foi mudada a razão social da SPR, que passou a se chamar Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem.

2003

JANEIRO: Adelson André Martins toma posse da SPR e, entre outras mudanças, promove a redução do mandato de presidente da entidade de três para dois anos.

MARÇO: o conteúdo da *Revista da Imagem* passa a estar disponível na Internet.

É criada a Praça Pinheiro Neto na jornada deste ano, em homenagem ao radiologista, falecido no ano anterior.

2004

21 A 24 DE ABRIL: foi introduzida na JPR a tradução simultânea para o inglês das aulas ministradas por brasileiros nos Cursos de Neurorradiologia e de Musculoesquelético.

2005

14 DE FEVEREIRO: Morre Luiz Karpovas, de infarto.

21 A 24 DE ABRIL: pela primeira uma diretoria da SPR toma posse na JPR, tendo André Scatigno Neto e Marcelo D'Andrea Rossi como presidente e vice, respectivamente.

1º DE DEZEMBRO: morre Jorge Kavakama, durante o congresso da RSNA, evento do qual estava participando.

É veiculado pela primeira vez o *Diário JPR*, sob a coordenação do jornalista Marco Murta. A publicação, lançada na gestão do dr. André Scatigno Neto, chegou a ser publicada em três idiomas: português, inglês e espanhol, sempre durante as Jornadas.

2006

Giovanni Guido Cerri é eleito presidente da World Federation for Ultrasound in Medicina and Biology (WFFUMB).

ABRIL: a JPR se despede do ITM com 10 mil pessoas circulando pelo centro de exposição.

10 DE JUNHO: a SPR promove o I Curso de Informática em Radiologia.

2006

9 E 10 DE SETEMBRO: realizada, no hotel Paulista Plaza, a I Jornada de Radiologia dr. Jorge Issamu Kavakama, em homenagem ao médico morto no ano anterior.

2007

12 A 15 DE ABRIL: o Transamérica Expo Center passa a receber a JPR. André Scatigno Neto passa, na abertura do evento, a presidência para Marcelo D'Andrea Rossi.

10 DE MAIO: Lançados os Grupos de Estudo de Neurorradiologia (Gene), do Tórax (Geto) e Cardio (radiologia cardiovascular), com reuniões no Paulista Plaza.

Na gestão Marcelo Rossi, a *Revista da Imagem* abandona em definitivo o formato papel e passa a existir apenas no formato digital, disponível na Internet.

2008

ABRIL: Acontece durante a JPR o Seminário Ibus, iniciativa conjunta da SPR com a renomada International Breast Ultrasound School (Ibus).

15 DE OUTUBRO: Morre Rubens Savastano, de São José dos Campos, importante nome da radiologia paulista.

2009

21 DE MARÇO: eleita a nova diretoria da SPR, com Tufik Bauab Júnior presidente.

30 DE ABRIL A 3 DE MAIO: acontece o Congresso França-América Latina dentro da JPR, que faz parte das comemorações do "Ano da França no Brasil".

2010

Começam os preparativos para a realização do Congresso Internacional de Radiologia simultaneamente à JPR 2012.

12 DE MARÇO: publicado o decreto nº 55.555, que permitia a permuta do valor do ICMS na aquisição de equipamentos médico-hospitalares sem similar produzido no Brasil.

Parceria entre a SPR e a Sociedade Italiana de Radiologia Médica (Sirm).

2011

26 DE MARÇO: Ricardo Baaklini é eleito presidente da SPR na tradicional reunião do CMA de São Carlos.

ABRIL: é realizado simultaneamente à JPR o 1º Congresso Brasil-Chile de Radiologia.

Pela primeira vez, a JPR apresenta o Curso da Flaus (Federação Latino-Americana das Sociedades de Ultrassom).

2012

8 DE JANEIRO: Morre de insuficiência cardíaca, aos 91 anos, o dr. Antonio dos Santos Clemente Filho.

3 A 6 DE MAIO: o 27º Congresso Internacional de Radiologia (ICR 2012) acontece simultaneamente à JPR, que, pela primeira vez, tem uma mulher, Selma de Pace Bauab, como presidente de honra.

NOVEMBRO: Giovanni Guido Cerri é nomeado membro honorário do RSNA. Até então, o único brasileiro a conseguir tal honra foi Sidney de Souza Almeida.

2013

MARÇO: Antonio José da Rocha é eleito presidente da SPR para o biênio 2013-2015.

2 A 5 DE MAIO: acontece simultaneamente à JPR o 14º Congresso Mundial de Ultrassonografia e o 16º Congresso da Flaus.

Crédito das Imagens

Acervo familiar Cássio Clemente

Acervo familiar Francisco Trentini Júnior

Acervo familiar Gentil Isidoro Nepomuceno

Acervo familiar José Michel Kalaf

Acervo familiar Leonardo Lania

Acervo familiar Marcelo e Eduardo Secaf

Acervo familiar Maria Helena Pires de Oliveira

Acervo familiar Maria Luíza Gomes Porto

Acervo familiar Mina e Bety Karpovas

Acervo familiar Roberto Salomão Uchôa

Acervo familiar Sidney de Souza Almeida Júnior

Babi Carvalho/Farol

CBR

Divulgação

Marco Murta

Mariana Raphael/Farol

Patrícia Morgado

Rodrigo Godoi/SPR

SPR

Valéria Almeida/Farol

Vanessa Lemos/SPR

Tadeu Brunelli

Bibliografia

ALMEIDA, Sidney de Souza. *Radiografias do meu universo: histórias e confissões de um médico brasileiro*. Americana (SP): Caminho Editorial, 1998.

_____. *Se eu não fosse de circo... e outras histórias de um médico brasileiro*. Americana (SP): Caminho Editorial, 2000.

BOLETIM DO CBR (edição especial). *Radiologia brasileira perde Sidney de Souza Almeida*. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, nº 167,janeiro, 2002.

COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIOLOGIA E DIAGNÓSTICO POR IMAGEM 60 ANOS. São Paulo: Galpão Cultural, 2008.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. *Petreluzzi acredita que funcionários colaboraram para fuga*. Disponível em http://www.dgabc.com.br/News/90000201339/petreluzzi-acredita-que-funcionarios-colaboraram-para-fuga.aspx?ref=history. Acesso em 10 de janeiro de 2013.

HISTÓRIAS DE RADIOLOGISTAS. 1º vol. Rio de Janeiro: CSP Gravações e Serviços Gráficos Ltda, 1990.

KARPOVAS, Luiz. *E a vida me ensinou*. São Paulo: CBR, 2005.

LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da medicina brasileira.* São Paulo: Editora Helicon, 1963.

_____.*Temas da medicina: biografias, doenças e problemas sociais*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

OLIVEIRA, Oldair. *O mestre das sombras – um raio X histórico de Manoel de Abreu*. São Paulo: SPR, 2012.

RADIOLOGIA BRASILEIRA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.1/2, 1968/1969.

RADIOLOGIA BRASILEIRA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.3/4, 1970/1971.

RADIOLOGIA BRASILEIRA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.5/6, 1972/1973.

RADIOLOGIA BRASILEIRA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.7/8, 1974/1975.

REVISTA BRASILEIRA DE RADIOLOGIA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.1/2, 1958/1959.

REVISTA BRASILEIRA DE RADIOLOGIA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.3/4, 1960/1961.

REVISTA BRASILEIRA DE RADIOLOGIA. São Paulo, Colégio Brasileiro de Radiologia, v.5/6, 1962/1963.

RODRIGUES, João Maurício. *A radiologia no Rio*. Rio de Janeiro: Gráfica JB, s.d.TUOTO, E. A. História da tomografia computadorizada. In: *História da Medicina byDrElvio A. Tuoto* (Internet). Brasil, 2011.

Disponível em:http://historyofmedicine.blogspot.com/2011/09/historia-da-tomografia-computadorizada.html. Acesso em 2 jan. 2013.

VAL, Francisco Lanari do. *Manual de técnica radiográfica*. Barueri: Editora Manole, 2006.

XAVIER STUMP. *Entrevista ao Dr. Lafayete Lage no programa Medicina de Ponta*. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=gYbr0kWZkEU. Acesso em 2 jan. 2013.

Outras fontes de consulta:

Acervo do Boletim do CBR, de 1957 a 1972.
Acervo Jornal da Imagem, de 1978 a 2013.
Acervo Revista da Imagem, de 1979 a 2013.
Acervo particular de Sidney de Souza Almeida Júnior
Acervo particular de Maria Luísa Gomes Porto (filha do dr. Jarbas Gomes da Cunha)
Acervo particular de Maria Helena Pires (viúva de José Marcos Pires de Oliveira)
Acervo particular de Cássio Clemente (filho do dr. Antonio dos Santos Clemente Filho)
Acervo particular de Eduardo e Marcelo Secaf
Acervo particular de Francisco Trentini Filho
Acervo particular de Gentil Isidoro Nepomuceno
Acervo particular de José Michel Kalaf
Acervo particular de Mina e Bety Karpovas
Acervo particular de Roberto Salomão Uchôa

Lista de entrevistados

Adelson André Martins
Aldemir Humberto Soares
Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães
André Scatigno Neto
Antonio José da Rocha
Bety Karpovas
Cássio Clemente
Cassio Ruas
Celso Hiram de Araújo Freitas
Clóvis Simão Trad
Eduardo Secaf
Francisco Lanari do Val
Francisco Trentini Filho

Gentil Isidoro Nepomuceno
Gilson Soares de Faria
Giovanni Guido Cerri
Ilsa Coelho Duarte
Jaime Ribeiro Barbosa (por e-mail)
José Michel Kalaf
Leonardo Lania
Luiz Antonio Nunes de Oliveira (informalmente)
Luiz Carlos de Almeida
Marcelo Secaf
Marcela Pires
Marcelo D'Andrea Rossi
Maria Helena Pires
Maria Luísa Gomes Porto
Mario João Ferrario Porto
Mina Karpovas
Nelson Olavo de Mello
Nestor de Barros
Priscila Zanolini Figueiredo
Renato Adam Mendonça
Ricardo Emile Baaklini
Roberto Salomão Uchôa (por e-mail)
Romeu Santini Júnior (por e-mail)
Rubens Schwartz (por e-mail)
Sidney de Souza Almeida Júnior